

CRISTIANO FELIPE BORBA DO NASCIMENTO

O Edifício Gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais: o caso dos estádios de futebol

O Edifício Gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais: o caso dos estádios de futebol



RECIFE
2013

CRISTIANO FELIPE BORBA DO NASCIMENTO

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O Edifício Gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais: o caso dos estádios de futebol

RECIFE
2013

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O Edifício Gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais: o caso dos estádios de futebol

Tese apresentada como exigência à obtenção do grau de Doutorado na linha de pesquisa de Projeto do Edifício e da Cidade do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Luiz Manuel do Eirado Amorim, PhD,

RECIFE
2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

N244e Nascimento, Cristiano Felipe Borba do
O edifício Gadget - Da relação entre função, espaço e forma em tipos
arquitetônicos contemporâneos globais: o caso dos estádios de futebol /
Cristiano Felipe Borba do Nascimento. – Recife: O Autor, 2013.
339 p.: il.

Orientador: Luiz Manuel do Eirado Amorim
Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco,
CAC. Desenvolvimento Urbano, 2013.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Arquitetura moderna. 2. Estádios. I. Amorim, Luiz Manuel do
Eirado. (Orientador). II. Título.

724 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2013-57)



Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de tese em Desenvolvimento Urbano do doutorando Cristiano Felipe Borba do Nascimento.

Às 14:30 horas do dia 22 de abril de 2013 reuniu-se na sala de aula do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Centro de Artes e Comunicação, a Comissão Examinadora de tese, composta pelos seguintes professores: Luiz Manuel do Eirado Amorim (Orientador), Josimar Jorge Ventura De Moraes, Hugo Massaki Segawa e Gentil Alfredo Magalhães Porto Filho (examinadores externos), José de Souza Brandão Neto e Fernando Diniz Moreira (examinadores internos), para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **“O EDIFÍCIO GADGET. DA RELAÇÃO ENTRE FUNÇÃO, ESPAÇO E FORMA EM TIPOS ARQUITETÔNICOS CONTEMPORÂNEOS GLOBAIS: O CASO DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL”**, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Prof. Luiz Manuel do Eirado Amorim, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, o candidato foi considerado _____. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Renata de Albuquerque Silva, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos membros participantes da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 22 de abril de 2013.

- Indicação da Banca para publicação ()

Luiz Manuel do Eirado Amorim
Orientador

Josimar Jorge Ventura De Moraes
Examinador Externo/ Sociologia/ UFPE

Hugo Massaki Segawa
Examinador Externo/ Arquitetura e Urbanismo/USP

José de Souza Brandão Neto
Examinador Interno/PPGDU/UFPE

Gentil Alfredo Magalhães Porto Filho
Examinador Externo/Design/UFPE

Fernando Diniz Moreira
Examinador Interno/PPGDU/UFPE

Renata de Albuquerque Silva
Secretária do PPGDU

Cristiano Felipe Borba do Nascimento
Candidato

Para

Tereza e Cristovam

AGRADECIMENTOS

Esta tese, e enorme parte do que a precedeu, nunca teria existido sem a participação do seu orientador: Luiz Amorim. Para além da amizade, da admiração e da confiança, a ele, os mais especiais agradecimentos, por todos esses anos.

Também importantes contribuições vieram da disponibilidade dos professores: Zeca Brandão, Sonia Marques, Jorge Ventura, Gentil Porto, Fernando Diniz, Claudia Loureiro, Lúcia Leitão, Tomás Lapa, Guilah Naslavsky. Especial menção ao apoio de Giba Mota e a todos no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol.

Agradecimentos sinceros aos colegas da Fundação Joaquim Nabuco, por compartilharem experiências e dedicarem tempo, atenção ou interesse durante o percurso deste trabalho: Cibele Barbosa, Lúcia Gaspar, Virgínia, Sylvia Couceiro, Rita Araújo, Allan Monteiro, Henrique Cruz, Moacir dos Anjos, Rúbia Campelo, Alexandre Zarias, Cynthia Campos, Silvana Meireles, Gerlando Parisi, Ronaldo L'amour, Antonio Montenegro, Ana Marques, Paulo Gustavo e, principalmente, Túlio Velho Barreto.

Satisfação ainda dividida com os camaradas de vida, da cidade, da arquitetura e das ciências: Luiz Marcos, Bruno Firmino, Luís Henrique, Fernando, Leon, Maísa, Neto, Caio, Julien, Marcio, Julieta, Elisa, Vera, Múcio, Livia, Carol, Maysa, Mateus, Maria Luiza, Leonardo, Cristina, Liana, Nadja, Lucas, Ana Paula, Josivan.

Caríssimas reverências àqueles tão sempre, ou tão recentemente, companheiros, parceiros e presentes: Chico, Zé, Diego, Guilherme, Bárbara, Isabella, Ana, Anderson, Igor, Leo – e as mais carinhosas delas a Leila, chegando em tão boa hora.

Por fim, agradecimentos a todos que dividiram alguns dos momentos de suas vidas nesses últimos quatro anos com este autor.

*I floated through my finals as if I had been anaesthetised
with a benign, idiocy-inducing drug.*

Nick Hornby

*Muitas vezes, é a falta de carácter que decide uma partida.
Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos...*

Nelson Rodrigues

Futebol é muito simples: quem tem a bola, ataca; quem não tem, defende.

Neném Prancha

RESUMO

Defende-se que a arquitetura desenvolvida para instituições com mercados de alcance global é caracterizável pela produção de *edifícios gadget*: exemplares com notável diferenciação nos aspectos formais de suas superfícies externas visíveis – constituindo-se em eficientes imagens simbólicas para sua identificação com valores culturais particularizados – mas que, também, paradoxalmente, e ao mesmo tempo, reproduzem modelos de estruturas espaciais genéricas, elaboradas independentemente do *habitus* local pré-existente. A identificação de tal fenômeno emerge de um estudo que tem por objetivo compreender como se dá a relação entre função, espaço e forma na arquitetura contemporânea, e é desenvolvida por meio da análise tipológica das propriedades socioespaciais e formais dos estádios de futebol concebidos para competições internacionais oficiais da FIFA – especificamente, os doze projetos para a Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Tal análise demonstra como aspectos ligados ao uso e à expressão formal e plástica da arquitetura são instrumentalizados pelas instituições e empresas interessadas em viabilizar e potencializar a publicidade e a venda de variados produtos ligados ao mercado global do esporte – ao passo que, deliberadamente, associam a instalação de um novo exemplar de *gadget* a um pretenso ganho de *status* para os clubes e os grupos sociais locais. Todavia, essa tendência leva ao constante risco de se constituírem edifícios tão efemeramente desejáveis e tão rapidamente depreciáveis quanto aconteceria com qualquer aparelho eletrônico da indústria de consumo mundial.

Palavras-chave: Arquitetura Contemporânea. Tipo Edifício. Forma. Imagem. Estádios de Futebol.

ABSTRACT

It is argued that architecture developed for global range market institutions is characterizable by the production of *gadget buildings*: exemplars of notable differentiation in formal aspects of their external visible surfaces – being constituted as efficient symbolic images for their identification with particularized cultural values – but also, paradoxically and simultaneously, they reproduce generic spatial structures models elaborated independently from the pre-existing local *habitus*. The identification of that phenomenon emerges from a study that aims to understand how the relationship between function, space and form is operated in contemporary architecture, and is developed through a typological analysis of socio-spatial and formal properties of football stadia designed for FIFA international competitions – specifically, all the twelve projects for the 2014 World Cup in Brazil. That analysis demonstrates how aspects related to use and to formal and plastic expression of architecture are exploited by institutions and companies interested in facilitating and enhancing publicity and sale of varied products related to football global Market – while they deliberately associate the installation of a new *gadget* exemplar to a alleged *status* gain for clubs and local social groups. However, that tendency leads to a constant risk of constituting buildings so ephemerally desirable and so soon depreciable as would happen to any electronic device of worldwide consumption industry.

Keywords: Contemporary Architecture. Building Type. Form. Image. Football Stadia.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estádio Soccer City, Johannesburg, África do Sul, 2010	29
Figura 2– Estádio da Luz, Lisboa, Portugal, 2004	29
Figura 3– Robin Hood Gardens, Alison e Peter Smithson, Londres, 1972	44
Figura 4 – Glass House, Philip Johnson (exterior), New Canaan, USA, 1949	44
Figura 5 – Torre de Cápsulas Nakagin , Kisho Kurokawa, Ginza , Japão, 1970-72	47
Figura 6– imagem do projeto Walking City, Archigram, 1964	47
Figura 7 – Vanna Venturi House, Robert Venturi, Philadelphia, EUA, 1962	48
Figura 8– Bonnefantenmuseum, Aldo Rossi, Maastricht, Holanda, 1984	48
Figura 9– imagem representativa do grid no livro Delirious New York, de Rem Koolhaas, 1978	51
Figura 10– Aronoff Center do College of Design, Art, Architecture and Planning, University of Cincinnati, Peter Eisenman, 1988-1993	51
Figura 11– Educatorium da Universidade de Utrecht, Holanda, OMA, 1997	56
Figura 12– gráfico de topografias artificiais no livro Farmax, MVRDV, 1998	56
Figura 13– The Villa – edifício cívico para centro comunitário. FAT, Hoogvliet, Holanda, 2009	59
Figura 14 – Casa Azuma, Tadao Ando, Osaka, Japão, 1976	59
Figura 15 – Museu Judaico de Berlim, Daniel Libeskind, 1988 – 1999	60
Figura 16 – Burj al Arab, Tom Wright/ WS Atkins PLC, Dubai, 1994 – 1999	60
Figura 17 – Central de Televisão da China, OMA/AMO, Pequim, 2008	61
Figura 18 – BIG, Kimball Art Center, Utah, EUA, 2012	61
Figura 19– rotação e translação de sistemas no projeto da Casa Guardiola, Peter Eisenman,	70
Figura 20 – Museu Guggenheim de Bilbao, Frank Gehry, Espanha, 1992–1997	70
Figura 21– Zaha Hadid, projeto do Dongdaemun Design Park & Plaza, Seul, Coreia do Sul, 2007.	73
Figura 22– maquete gerada por prototipagem tridimensional a partir de modelagem digital	73
Figura 23– MVRDV, corte no projeto do Pavilhão da Holanda em Hannover, Alemanha, 2000	76
Figura 24 – Foster + Partners, London City Hall (prefeitura de Londres), Inglaterra, 1998–2002	76
Figura 25– Esquema gráfico da ideia de um edifício elementar	104
Figura 26 – Exemplo dado por Markus da relação entre uma tabela de classificação de indivíduos com patologias mentais (um texto prescritivo) e a sua transposição para a estrutura espacial de um “asilo para lunáticos” de inícios do século XIX	107
Figura 27– planta baixa do Museu de Bilbao, Frank Gehry, 1997	131
Figura 28– torcedores do Boca Junior no estádio “La Bombonera”, Buenos Aires, Argentina	141
Figura 29 – torcedores do Arsenal, Inglaterra	141
Figura 30 – vista externa do Stade de France, Paris, França	151
Figura 31– vista interna do Stade de France durante uma partida, Paris, França	152
Figura 32 – estádio Alvalade, Lisboa, Portugal	153
Figura 33 – variação na iluminação da pele exterior da Allianz Arena, Munique, Alemanha	153
Figura 34 – Estádio Olímpico de Pequim – “ninho de pássaro” –	154
Figura 35 – indicações para o campo de jogo	157
Figura 36 – indicações de distâncias máximas de	157
Figura 37 – esquema de locação e situação geral	158
Figura 38 – esquema de locação e situação geral do estádio,	158
Figura 39 – indicações de layout para organização espacial dos ambientes de vestiários	159
Figura 40 – esquema da relação de acesso e distância	161

Figura 41 – esquema de orientação do estádio	162
Figura 42 – esquema de distribuição dos setores de cadeiras do estádio	162
Figura 43 – esquema de fluxo dos jogadores	163
Figura 44– esquema de organização espacial destinada a jogadores, comissão técnica e o contato com a imprensa (entrevista coletiva e zona mista) sob o setor de cadeiras Oeste	164
Figura 45 – esquema de leiaute da zona mista	164
Figura 46 – esquema de fluxos da imprensa e da geradora oficial de imagens no estádio	165
Figura 47 – esquema de distribuição de câmeras no estádio	166
Figura 48– esquema de distribuição de postos da tribuna de imprensa	166
Figura 49 – esquema de fluxos dos públicos VIP e VVIP no estádio	167
Figura 50 – esquema de organização espacial dos ambientes destinados aos públicos VIP e VVIP no estádio	168
Figura 51 – área VIP com skybox em estádio Green Point, Cidade do Cabo, África do Sul	168
Figura 52 – esquema de fluxos do público de convidados no estádio	169
Figura 53 e Figura 54 – imagens dos corredores de acesso às cadeiras do estádio Soccer City, Johannesburg, África do Sul, entre a pele de revestimento externo (o envelope) e as estruturas de suporte das arquibancadas, com equipamentos de apoio (bares) e circulações verticais (rampa)	170
Figura 55 – Representação do padrão espacial pela teoria dos grafos: (1) planta do edifício; (2) representação dos espaços por nós; (3) representação de conexões entre os nós por linhas – geração do grafo do sistema convexo; (4) o grafo justificado	176
Figura 56 – Alguns exemplos simples do uso de grafos justificados para a representação das configurações dos padrões espaciais de edifícios	176
Figura 57 – Possibilidades de representações dos padrões espaciais.	178
Figura 58 – Simplificação da representação do sistema convexo pelos grafos justificados. Os “n” espaços conectados ao cut vertex “C” (1) se tornam um único setor espacial “Cn” (2)	179
Figura 59– Aplicação dos procedimentos de representação do sistema de espaços convexos com exposição dos respectivos valores de profundidade dos espaços para cada configuração. Alguns arranjos identificáveis nas conformações dos grafos justificados: (a) conformação de arbusto; (b) conformação de diamante; (c) conformação de arbusto com anéis; (d) conformação em árvore	181
Figura 60 – grafo setorial da configuração espacial exigida para um estádio pela FIFA justificado a partir do exterior	183
Figura 61 – estádio Vasco da Gama (São Januário), Rio de Janeiro, de 1927	187
Figura 62 –estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) antes da reforma para a Copa de 2014, Belo Horizonte, Minas Gerais, de 1965	187
Figura 63 – estádio do Pacaembu, São Paulo, de 1940	189
Figura 64 – estádio José Américo de Almeida Filho (Almeidão), João Pessoa, Paraíba, de 1975	189
Figura 65 – localização dos três principais estádios do Recife sobre imagem de satélite	197
Figura 66 – destaque para a localização do estádio dos Aflitos	199
Figura 67 – destaque para a localização do estádio do Arruda	200
Figura 68 – destaque para a localização do estádio da Ilha do Retiro	201
Figura 69– torcida do Clube Náutico Capibaribe nas arquibancadas do Estádio Eládio de Barros Carvalho (Aflitos)	203
Figura 70– torcida do Santa Cruz Futebol Clube nas arquibancadas do Estádio José do Rego Maciel (Arruda)	203

Figura 71– torcida do Sport Clube do Recife nas arquibancadas do Estádio Ademar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro)	203
Figura 72 – estádio dos Aflitos e entorno urbano imediato	204
Figura 73 – estádio dos Aflitos. Indicação dos setores	204
Figura 74– grafo setorial da configuração espacial do estádio Eládio de Barros Carvalho (Aflitos) justificado a partir do exterior (comparado ao grafo da configuração espacial de um estádio FIFA)	205
Figura 75 – faixa de protesto na arquibancada frontal no estádio dos Aflitos,.	208
Figura 76 – faixa de protesto em edifício vizinho ao estádio dos Aflitos	208
Figura 77 – representação previsiva das possíveis variações na geometria da planimetria horizontal dos estádios contemporâneos a partir da organização dos setores de arquibancadas e das circulações verticais	211
Figura 78 – representação previsiva de seções das possíveis variações na geometria da planimetria vertical dos estádios contemporâneos a partir da relação entre as arquibancadas e os seus possíveis meios de acesso	212
Figura 79 – representação previsiva de seções das possíveis variações na geometria da planimetria vertical dos estádios contemporâneos a partir da relação entre os envelopes e as cobertas	213
Figura 80– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Fortaleza	215
Figura 81– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Fortaleza	215
Figura 82– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Fortaleza	215
Figura 83, Figura 84 e Figura 85– imagens do projeto de Fortaleza, Ceará, para o estádio Castelão, Vigliecca Associados	218
Figura 86 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Brasília	219
Figura 87 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Brasília	219
Figura 88 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Brasília	219
Figura 89, Figura 90 e Figura 91– imagens do projeto de Brasília, Distrito Federal, para o estádio do Nacional Mané Garrincha, Castro Mello Arquitetura Esportiva	221
Figura 92 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Belo Horizonte	223
Figura 93 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Belo Horizonte	223
Figura 94 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Belo Horizonte	223
Figura 95, Figura 96 e Figura 97– imagens do projeto de Belo Horizonte, Minas Gerais, para o estádio do Mineirão, BCMF Arquitetos	224
Figura 98– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Curitiba	225
Figura 99– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Curitiba	225
Figura 100 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Curitiba	225
Figura 101, Figura 102 e Figura 103– imagens do projeto de Curitiba, Paraná, para o estádio da Arena da Baixada, Carlos Arcos Arquite(C)tura	227
Figura 104– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar do Rio de Janeiro	229
Figura 105 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar do Rio de Janeiro	229
Figura 106– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar do Rio de Janeiro	229

Figura 107, Figura 108 e Figura 109– imagens do projeto do Rio de Janeiro para o estádio do Maracanã, Emop e Schlaich Bergermann und Partner (SBP)	231
Figura 110– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Porto Alegre	232
Figura 111– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Porto Alegre	232
Figura 112– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Porto Alegre	232
Figura 113, Figura 114 e Figura 115– imagens do projeto de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para o estádio Arena Beira-Rio, Hyoe Arquitetos	233
Figura 116– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Manaus	234
Figura 117– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Manaus	234
Figura 118– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Manaus	234
Figura 119, Figura 120 e Figura 121– imagens do projeto de Manaus, Amazonas, para o estádio da Arena Amazônia, GMP	236
Figura 122 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Salvador	237
Figura 123 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Salvador	237
Figura 124 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Salvador	237
Figura 125, Figura 126 e Figura 127– imagens do projeto de Salvador para o estádio Arena Fonte Nova, Schultz+Partner Architekten	239
Figura 128 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Cuiabá	240
Figura 129 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Cuiabá	240
Figura 130 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Cuiabá	240
Figura 131, Figura 132 e Figura 133– imagens do projeto de Cuiabá, Mato Grosso, para o estádio arena Pantanal, GCP Arquitetos	242
Figura 134 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar do Recife	243
Figura 135 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar do Recife	243
Figura 136 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar do Recife	243
Figura 137, Figura 138 e Figura 139– imagens do projeto do Recife, Pernambuco, para o estádio Arena Pernambuco, Fernandes Arquitetos	245
Figura 140 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Natal	246
Figura 141 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Natal	246
Figura 142 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Natal	246
Figura 143, Figura 144, Figura 145– imagens do projeto de Natal, Rio Grande do Norte, para o estádio da Arena das Dunas, Populous Architects	248
Figura 146 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de São Paulo	249
Figura 147 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de São Paulo	249
Figura 148 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de São Paulo	249
Figura 149, Figura 150 e Figura 151– imagens do projeto de São Paulo para o estádio do Corinthians, CDCArquitetos	250
Figura 152 – indicação de codificação para os padrões de planimetria	252
Figura 153 – indicação de codificação para os padrões de planimetria	252
Figura 154 – indicação de codificação para os padrões de planimetria	253

Figura 155– indicação de codificação para os padrões de planimetria vertical das relações entre envelopes e cobertas e arquibancadas	253
Figura 156 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena da Baixada, de Curitiba.	266
Figura 157 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena Pantanal, de Cuiabá	266
Figura 158– esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope do Estádio Nacional Mané Garrincha, de Brasília	267
Figura 159 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena Pernambuco, do Recife	267
Figura 160 – esquemas gráficos das planimetrias verticais de cada estádio FIFA para a Copa do Mundo de 2014 com a representação das combinações entre as implantações/acessos, envelopes e cobertas	270
Figura 161 – RKW Rhode Kellermann Wawrowsky, PGE Arena de Gdansk, Polônia, 2011	275
Figura 162– RKW Rhode Kellermann Wawrowsky, PGE Arena de Gdansk, Polônia, 2011	275
Figura 163– Donbass Arena, Arup Sport, Donetsk, Ucrânia, 2011	275
Figura 164 –, Donbass Arena com iluminação noturna, Arup Sport, Donetsk, Ucrânia ,2011	275
Figura 165– Allianz Arena.	276
Figura 166– Estádio Municipal de Braga	276
Figura 167– Nova Arena da Baixada	276
Figura 168 e Figura 169 – cadeiras do estádio José Alvalade, Lisboa, Portugal (fotos do autor)	278
Figura 170 – Moses Mabhida, em Durban, África do Sul, 2010	279
Figura 171 – Estádio Olímpico de Berlim, 2002	279
Figura 172 e Figura 173 – público de partidas FIFA da Suécia e no Brasil	297
Figura 174 – capas (envelopes) para aparelhos de celular	304
Figura 175 – torcida do Cruzeiro na inauguração do novo estádio Mineirão	310
Figura 176 – Guarda-corpo quebrado pela torcida na Arena do Grêmio	310
Figura 177 – estádio de Kaohsiung, em Taiwan, Toyo Ito, 2009	318
Figura 178 – projeto para o novo estádio Camp Nou, do FC Barcelona, Foster + Partners, 2007	318
Figura 179 – projeto do novo Estádio Nacional de Tóquio, Zaha Hadid Architects, 2012	318

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – Síntese comparativa entre os dados e as características dos projetos de estádios FIFA para a Copa do Mundo de Futebol de 2014	255
--	-----

QUADRO 2 – Combinatória das codificações dos elementos de morfologia nos estádios FIFA para a Copa do Mundo de 2014 (na sequência, a codificação indica, respectivamente: capacidade de público aproximada em mil pessoas, planimetria horizontal do arranjo de arquibancadas, planimetria horizontal do envelope, planimetria vertical da implantação/acessos, planimetria vertical da relação envelope-coberta-arquibancadas)	268
---	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO:	
FUNÇÃO, ESPAÇO E FORMA DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA	16
1.1 Objeto e objetivos	25
1.2 Estrutura da tese	31

PARTE I

Fundamentos

2 DAS EXPRESSÕES E MOTIVAÇÕES DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA	35
2.1 Dos discursos e das linguagens	36
2.1.1 <i>Derrubando dogmas formais</i>	41
2.1.2 <i>A vitória da liberdade e do pluralismo</i>	49
2.2 Dos processos e dos paradigmas aos produtos	62
2.2.1 <i>Descrição, análise e reflexão</i>	66
2.2.2 <i>Novos sistemas de representação, novas possibilidades de execução</i>	68
2.2.3 <i>A sustentabilidade como novo paradigma global</i>	75
2.2.4 <i>Profissionais globais para edifícios icônicos locais</i>	78
3 DA NOÇÃO DE TIPO	84
3.1 Do termo aos conceitos	85
3.1.1 <i>Das origens enciclopédicas aos “objetos-tipo” modernistas</i>	88
3.1.3 <i>Dos conjuntos urbanos às prescrições pós-modernistas</i>	94
3.1.3 <i>Sobre o tipo hoje</i>	101
3.2 O tipo como princípio epistemológico, operativo e descritivo-analítico da arquitetura	111
3.3.1 <i>O tipo como ferramenta no processo do projeto do edifício</i>	118
3.3.2 <i>Descrição e classificação antes de invenção</i>	122
3.3.3 <i>Tipos de propriedades socioespaciais dos edifícios – emergência, adequação e permanência de discursos e espaços</i>	124
3.3.4 <i>Tipo e forma</i>	127

PARTE II

Estudos e Reflexões

4 O ESTÁDIO DE FUTEBOL CONTEMPORÂNEO	134
4.1 Vida social do tipo – o futebol como fenômeno sócio-econômico global e o <i>habitus</i> futebolístico local	136
4.2 Vida espacial do tipo – a espacialização do <i>habitus</i> futebolístico	143
4.2.1 <i>Transformações da vida espacial – emergência e consagração do estádio contemporâneo</i>	146
4.3 O padrão espacial do tipo – por um <i>habitus</i> especializado mundial para o estádio contemporâneo	171
4.3.1 <i>Descrevendo e analisando o padrão espacial FIFA</i>	173
 5 OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL FIFA NO BRASIL	 185
5.1 Futebol e estádios de futebol no Brasil	186
5.1.1 <i>Vida social do futebol no Recife</i>	193
5.1.2 <i>Vida espacial e os espaços do futebol no Recife</i>	197
5.2 Os projetos para o Brasil	209
5.2.1 <i>Novos estádios a partir de adaptações de edifícios pré-existentes</i>	214
5.2.2 <i>Novos edifícios para novos estádios</i>	234
5.3 Da definição da forma	251
5.3.1 <i>Quanto às capacidades de público e arranjos das arquibancadas</i>	254
5.3.2 <i>Quanto aos fechamentos – envelopes e cobertas</i>	257
5.3.3 <i>Sobre a implantação e os acessos</i>	261
5.3.4 <i>Palavras, plástica e símbolos</i>	263
5.4 Quanto às combinações dos elementos da forma	265

6 O ESTÁDIO CONTEMPORÂNEO COMO DISPOSITIVO E COMO PRODUTO O EDIFÍCIO GADGET	271
6.2 Entre a função, o espaço, a forma e a imagem	271
6.2.1 <i>Edifícios de consumo: produção e reprodução de estádios como objetos de desejo</i>	281
6.2.2 <i>Objetos de uma economia de trocas simbólicas</i>	283
6.2.3 <i>Substituição do habitus, compensação pela imagem</i>	289
6.3 O edifício gadget	299
6.3.1 <i>Função, espaço e forma do estádio FIFA como edifício gadget: uma síntese e algumas novas questões</i>	305
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDENTIFICAÇÃO DE LIMITES E POSSÍVEIS AMPLIAÇÕES	312

REFERÊNCIAS

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO: FUNÇÃO, ESPAÇO E FORMA DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Esta tese defende que a produção contemporânea da arquitetura de edifícios institucionais complexos¹ é marcada por aquilo que aqui se denomina *edifício gadget* – sugerindo uma comparação direta entre certo grupo de exemplares arquitetônicos e os dispositivos eletrônicos que se tornam objetos de desejo do mercado consumidor globalizado.

No início da década de 1960, Sigfried Giedion revisava a sua mais prestigiada obra – *Espaço, Tempo e Arquitetura (Raum, zeit und Architektur)* – e defendia que, àquela época, apesar de alguns conflitos conceituais já identificáveis, apontava-se para uma “nova tradição” no fazer arquitetônico, envolvendo tanto a produção dos edifícios como das cidades², e que seria baseada numa noção de espaço e tempo “contemporânea”.

Giedion (1969) via nas premissas do movimento moderno – nascido das vanguardas das primeiras décadas do século XX, após a Primeira Guerra Mundial – a culminância de um caminho que vinha sendo trilhado pelos arquitetos desde a Renascença, pelo menos. O autor suíço justificava seu discurso procurando demonstrar como, ao longo de cinco séculos, era constante a busca pela coerência entre as expectativas de uso lançadas sobre um edifício – a sua função, a tecnologia disponível (dominada e escolhida para a sua execução), os seus espaços e a sua expressão formal.

Essa intenção, compartilhada por tantos outros autores-arquitetos ao longo de tanto tempo, seria a base para a constituição de um saber – e de uma linguagem – essencialmente universais, dotados de uma coesão tal que, mesmo com as variações regionais, resguardariam a filiação ao

¹ O conceito de “edifícios complexos”, do inglês *complex buildings*, é de uso corrente em certa vertente da morfologia edilícia que tem por base estudos sobre a constituição das estruturas espaciais dos edifícios e suas relações com a lógica social que as subjaz. Conforme consagrado pelos textos de autores como Hillier e Hanson (1984) e Hillier (1996), edifícios complexos são uma categoria mais geral de exemplares em que o programa de utilização é reconhecido e prevê precisamente como diferentes categorias de usuários deverão circular e se distribuir - se encontrar ou se isolar - no sistema de espaços do ambiente edificado, reduzindo possibilidades de usos aleatórios ou não programados. No decorrer da tese, será desenvolvido um maior aprofundamento nesta concepção teórica.

² As novas cidades, como Chandigarh e Brasília, principalmente.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

movimento original, já institucionalizado globalmente nas escolas e nos seus congressos internacionais (os CIAM's).

Mas, desde a década de 1950, considerando já o período imediato ao pós-Segunda Guerra Mundial – sabe-se que toda uma geração de arquitetos viria a contrariar tal assertiva. As críticas ao tom dogmático do movimento moderno e às suas produções ao redor do mundo – consideradas pelos críticos, no mínimo, repetitivas e descontextualizadas – somaram-se a uma forte tendência à valorização das individualidades autorais em detrimento àquela busca de outrora por uma tônica comum.

Daquilo que pôde ser percebido até a década de 1990, um conjunto de ideias críticas e revisionistas foi aglutinado por Kate Nesbitt (2006) em outro trabalho referencial, que – cerca de trinta anos depois de Giedion – já era chamado de *Uma nova agenda para a arquitetura*. Comparando o proposto no livro de Nesbitt ao discurso da obra de Giedion, pode-se entender que o que se buscou, conceitualmente, nesses últimos cinquenta anos, foi a aniquilação de qualquer possibilidade de vinculação à tradição, e não o estabelecimento de uma nova.

17

Chegando ao ano em que se apresenta esta tese – 2013 – pode-se já dizer que essa tendência, durante as primeiras décadas seguintes do século XXI, desencadeou um cenário em que se alardeia a extrema liberdade e pluralismo de concepções e linguagens arquitetônicas. Tal percepção se confirma quando se nota que o tema proposto pela mais recente Bienal de Veneza, do ano de 2012, foi o de *Common Ground* para a produção contemporânea – na falta de um único paradigma unificante, foi-se em busca do seu terreno, ou chão, comum.

Dirigida pelo arquiteto britânico David Chipperfield, a mostra procurava, como sempre, construir um panorama do que os críticos e projetistas dos sessenta e nove países participantes estavam discutindo com suas obras no momento presente, embora fosse particularizado com a curiosa prerrogativa de todos serem compartilhantes de um mesmo ou lastro conceitual.

Dentre intervenções de clara associação com a arte contemporânea e a vídeo-arte, exibição de maquetes produzidas por tecnologia de prototipagem a laser e instalações interativas, a preocupação com a sustentabilidade ambiental, a busca pela correção de equívocos urbanísticos

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

por meio do desenho urbano e estudos sobre ocupações espontâneas de estruturas abandonadas, desponta em meio aos trabalhos expostos, também, recorrentemente, certo retorno à produção de mestres modernos.

As exposições nos pavilhões da Finlândia e da Noruega (mostrando a continuidade da tradição no uso da madeira), do Brasil (retomando a exposição proposta por Lúcio Costa em 1964), de escritórios como o OMA/AMO (apresentando obras modernas de arquitetos do funcionalismo público) e de Robert Burghardt (um projeto chamado “monumento ao modernismo”, formado pela justaposição de representações de vários detalhes construtivos modernistas consagrados em escala real) são exemplos que evidenciam tal tendência (BIENNALE DI VENEZIA, 2012).

Desta feita, a liberdade contemporânea é tal que, mesmo o movimento moderno – que poucas décadas atrás era objeto de crítica e negação – hoje, passa a ser, também, paradoxalmente, tido como nova possibilidade de pesquisa projetiva. Esse retorno pode ser interpretado como o tal *common ground* – mesmo que, agora, a busca seja mais por uma referência mais conceitual (ligadas à ética ou à responsabilidade social) ou compositiva (ainda que puramente retórica) que pela aceitação dos dogmas do movimento. E é essa condição presente da prática da arquitetura – representada por escritórios de alcance internacional, como expõe a Bienal – que dá margem a se defender que nem a proposta de uma nova tradição de Giedion, nem de uma nova agenda de Nesbitt, são mais suficientes para se compreender a arquitetura da contemporaneidade.

18

Embora se saiba que nem todos os indivíduos de dada época se conscientizem e ajam segundo os mesmos termos, só a percepção de alguma distinção como fenômeno notável em meio a diversos grupos sociais, de diversos países e contextos, já justifica a defesa de uma condição contemporânea e definível para a aparente falta de unidade da produção arquitetônica recente.

Arthur Danto (2010) explica bem a aparente fragmentação conceitual contemporânea. O autor diz que há os que rompem individualmente e os que se mantêm fiéis à tradição de práticas já estabelecidas, não importando, neste caso, se isso se dá de modo consciente ou inconsciente – desde que todos convivam na mesma época. Esse descompasso gera um momento de fricção entre as distintas visões de mundo, que, quando percebido, traz sentido à percepção do deslocamento do imediato, da condição de ser contemporâneo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A percepção de uma condição contemporânea ao indivíduo, descolando-o do que percebe como traços do passado ainda visíveis no presente, dos outros ao seu redor, ressaltando a referida impressão de constante paradoxo, pode ser explicada segundo Giorgio Agamben (AGAMBEN, 2009, p. 58 - 59).

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais o que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, *essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (itálicos originais)

Mas seria possível também se atribuir tal oscilação de bases conceituais da arquitetura recente a uma pretensa crise da arquitetura como campo de produção no mundo contemporâneo – em que sobriariam ideias, mas faltaria a necessidade concreta da produção de tantos novos edifícios. Esse raciocínio não é vago nem particular a este trabalho, mas é matéria do próprio pensamento filosófico mais recente sobre o papel da arquitetura.

19

No início da década de 1980, o filósofo e arquiteto Paul Virilio,, sempre preocupado em discutir a produção do espaço, lança uma densa crítica ao modo de se conceber as cidades – e, consequentemente, os edifícios – até então vigente. Para o autor, todo o avanço das redes de comunicação (embora o texto seja ainda anterior à popularização da Internet) e na mídia levam a novas relações entre indivíduos, no que concerne à noção de tempo e espaço, e que começam a fragilizar a tradicional necessidade do elemento construído – pois os encontros poderiam se dar à distância e de modo quase instantâneo. A contemporaneidade, enfim, levaria a uma crise dos objetos construídos – os edifícios – e do próprio papel do arquiteto. Para Virilio (1993), portanto, toda a arquitetura da contemporaneidade precisaria ser revista.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas a compreensão, tanto da pretensa crise como do cenário mais amplo em que se insere a arquitetura do tempo presente, passa pela própria compreensão do que se entende sobre a contemporaneidade enquanto fenômeno socioeconômico e cultural: a distinção entre a condição contemporânea da sociedade em que hoje se vive, na acepção do termo, e as características da época que a precede – hábitos e práticas já reconhecidos como do passado (OAKESHOTT, 2003).

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que, por definição, o contemporâneo é uma condição absolutamente relativa ao tempo de quem a utiliza. Pode-se ser contemporâneo a qualquer tempo, sendo o contemporâneo a determinado sujeito tudo aquilo que compartilha com ele o mesmo momento de existência, havendo imprecisão, também, na duração deste momento dada a própria dinâmica da percepção do “agora” a qualquer indivíduo (AGAMBEN, 2009; DANTO, 2010).

E é consenso entre vários autores que uma ruptura na concepção de mundo se estabeleceu após o rearranjo da ordem sócio-econômico-político-tecnológico-cultural que a sociedade ocidental terminou por viver a partir de finais da década de 1940 – após a Segunda Guerra – e ao longo da década de 1950 com o estabelecimento da Guerra Fria – e um novo paradigma para a percepção do tempo e do espaço se cristalizou, demarcando um momento de reflexão e contestação a concepções vigentes. Construía-se uma nova percepção de passado, que coincidia com tudo o que antecedia a Segunda Guerra – ou seja, a primeira metade do século XX, justamente a fase de emergência e estabelecimento do movimento moderno.

Por isso, já nos anos de 1960 e nas décadas imediatamente seguintes de 1970 e 1980, parecia claro para os pensadores sociais que a modernidade estava superada, assim como “tudo que é sólido desmancha no ar”, citando Marshall Berman (1982) que, por sua vez, citava Marx e Engels, em referência ao momento histórico em que estes viviam. Entretanto, afirmar a superação da modernidade é também assumir a sua existência. Daí o uso da expressão “pós-moderno” e “pós-modernidade” por autores como David Harvey (1992) – nas ciências humanas e sociais – e Charles Jencks (1977) – na arquitetura – quando procuravam descrever e explicar as inquietações da crise de identidade que viviam os intelectuais e pensadores naquela época.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Alguns destes pensadores, como Jean Baudrillard (1991), assumiram uma postura niilista, e defenderam que a sociedade ocidental, montada nos preceitos construídos no século XX, havia chegado a um momento diferente de todo o seu passado, vivendo à base de imagens e ilusões sobre si mesma, com valores completamente perdidos na sucessão de simulações e simulacros de si próprios.

Mas, com o aprofundamento da discussão e o passar do tempo, a própria noção de superação do moderno, com uma condição “pós-moderna”, se enfraquece – o termo “pós-moderno” perde sentido. Para Bruno Latour (2011), por exemplo, aquele projeto moderno, de tendência racionalista e positivista, como pensado e defendido no início do século XX, nunca foi consumado plenamente, de modo que o mundo contemporâneo é uma sobreposição de conceitos e saberes mais diversos que confluentes, conformando campos híbridos, “amodernos” por natureza, embora não se tenha consciência disso.

Mas o pós-Segunda Guerra ainda traria uma revolução nos meios de comunicação que seria impensável na década de 1940 e que só se popularizaria e estabeleceria na década de 1990. A Internet, ferramenta de comunicação montada sobre uma rede de computadores de potencial abrangência mundial, nascida da Guerra Fria, vem fazendo com os meios de comunicação anteriores – escrita, rádio, televisão – sejam potencializados até a capacidade de ruptura com as noções de tempo e espaço até então vigentes.

E foi justamente na década de 1990 que o distanciamento histórico daquela primeira crise de identidade permitiu que outras interpretações da contemporaneidade se apresentassem. Giddens (2002) defende que a condição contemporânea, na verdade, é o amadurecimento máximo da modernidade, com a absorção de novos paradigmas e o descarte de outros. Para o autor, vive-se, hoje, na “alta-modernidade”, uma época em que a noção de espaço-tempo se transforma e uma incontável ansiedade pelo que há de vir no futuro, dada a velocidade e a possibilidade do imediato – motivo daquela crise inicial – é um sentimento compartilhado para além das fronteiras geopolíticas, pois é o tom que rege a vida dos indivíduos.

Essa ruptura é gradativa, mas, atualmente, se mostra como irrevogável. Para o autor, que termina sendo confluyente com Virilio (1993), deve-se, sobretudo, a novas possibilidades de comunicação

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

e interação entre os indivíduos de todo o mundo – e daí surge a sua noção de globalização: a difusão compartilhada, irrestrita e imediata de ideias.

Na alta modernidade, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum. A mídia impressa e eletrônica obviamente desempenha um papel central. A experiência canalizada pelos meios de comunicação, desde a primeira experiência escrita, tem influenciado tanto a auto-identidade quanto a organização das relações sociais. Com o desenvolvimento da comunicação de massa, particularmente a comunicação eletrônica, a interpenetração do autodesenvolvimento e do desenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se torna cada vez mais pronunciada. O “mundo” em que agora vivemos, assim, é em certos aspectos profundos muito diferente daquele habitado pelos homens em períodos anteriores da história. É de muitas maneiras um mundo único, com um quadro de experiência unitário (por exemplo, em relação aos eixos básicos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão. Um universo de atividade social em que a mídia eletrônica tem um papel central e constitutivo [...] (GIDDENS, 2002, p. 12).

Neste primeiro momento, é possível se obter notícias e fazer contatos em tempo quase real com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo. Como se não bastasse o contato indivíduo-indivíduo, a popularização dos meios de comunicação e divulgação de ideias se tornou acessível, de modo que a relação entre indivíduo e meios de comunicação se tornou difusa e aberta.

22

Qualquer um pode repassar informações a meios de comunicação instituídos – jornais, redes de televisão, agências de imagens ou de notícias – sem necessariamente depender de entraves burocráticos ou institucionais. Mais ainda, meios de comunicação abertos a qualquer usuário, como blogs, fazem com que todo indivíduo se torne uma fonte e um veículo de informação em potencial (CASTELLS, 2011).

Além disso, os contatos entre indivíduos e indivíduos passam a ser intermediados de modo muito menos rígido. A emergência de redes sociais – *myspace, youtube, vimeo, twitter, facebook* e *LinkedIn*, majoritariamente – coloca grupos de pessoas em contato permanente uns com os outros independentemente de suas localizações espaciais, fazendo com a informação lançada por um, por mais banal que seja, seja rapidamente difundida e repassada, sem maiores filtros.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Também se pode apontar a banalização, vulgarização dos suportes – áudio, vídeo, e imagem. Os chamados *gadgets* são agora pares multifuncionais: ao mesmo tempo desempenham as funções de telefones, câmeras fotográficas e de vídeo e terminais de acesso à Internet sem fio, fazendo com que a captação e transmissão de informação se tornem móveis. A imagem se banaliza, está acessível para a geração, a difusão e o acesso (JOLY, 1994).

Essa exacerbação da capacidade de comunicação e de ruptura da noção de espaço-tempo é apontada por alguns autores como a construção de uma realidade alterada, uma hiper-realidade (BAUDRILLARD, 1991). Ou mesmo como Giddens (2002) concebe: uma ruptura também na noção do “eu” (*self*), da identidade e a emergência de uma era da ansiedade generalizada. A velocidade de resposta é sempre tão rápida que qualquer demora maior no padrão de obtenção de informações ou de respostas gera a ansiedade e o medo.

Por isso, o risco é um dado da ordem mundial contemporânea. Não só a presença do risco, mas a sua consciência, a sua gestão, o que gera medo e ansiedade. É uma sociedade voltada para o futuro, que é de difícil planejamento ou previsão, mas que é percebido como um tempo sempre, e cada vez mais, próximo do presente (GIDDENS, 2002).

23

Ao mesmo tempo, a opção de pertencimento a um espaço mais amplo, uma comunidade global, que extrapola as fronteiras geopolíticas tradicionais se estabelece. A necessidade do indivíduo de se situar nessa rede de comunicação homogeneizadora o leva a se voltar para suas referências históricas e culturais mais próximas, ou ao acúmulo de um capital cultural que o diferencie dos demais, como um mecanismo de construção de identidade e de diferenciação – ou distinção, como prefere Pierre Bourdieu (1979).

Informações, hábitos e condutas culturais, tecnologia, arte e posturas políticas discutidas e circulantes nos meios de comunicação dos países centrais atuais – em princípio, Europa Centro-Ocidental, Estados Unidos e Japão – se difunde junto com fenômenos locais que também se globalizam, ou invertem a lógica natural de sentido de difusão centro-periferia – Anthony Giddens cita, por exemplo, as novelas de televisão latino-americanas assistidas na Europa como um processo de retro-colonização cultural (GIDDENS, 2002). Esse arrebatamento à hiper-

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

realidade constrói uma crise de identidade, e a busca pela identidade termina por provocar o recurso à volta às origens, ao tradicional, ao caseiro, ao local.

O apelo às identidades locais, apesar das influências globais, seria um dado daquela alta modernidade defendida por Giddens (2002). A convivência entre as duas tendências – o apelo da cultura global homogeneizante e a necessidade de distinção local pela heteroginização de identidades – são as bases para o conceito de *Glocalismo*³ (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2006; KUMAR, 2006), termo originalmente japonês cada vez mais aplicável e aplicado, desde as ciências sociais à economia e até em indústrias de entretenimento ou no futebol – ou seja, tudo aquilo que chega a dada cultura em escala global e adquire nuances locais a um só tempo.

A pluralidade de referências e informações obtidas e distribuídas – compartilhadas – ao tempo quase do instantâneo, portanto, provoca uma sobreposição de possibilidades e visões de mundo que não permite mais a prevalência de uma linha de pensamento dominante. E a arquitetura, como produto social, econômico e cultural imediato de tal contexto, e como exercício de constante síntese e de natureza essencialmente positivista – pois todo projeto é sempre a afirmação bem definida de uma suposta verdade – não haveria de se manifestar nesse cenário de modo coeso e nitidamente coerente como Sigfried Giedion (1969) um dia imaginou.

24

Ainda mais, a despeito da facilidade de comunicação e de certas previsões de “desmaterialização dos ambientes de trabalho” e da crise oriunda da dúvida sobre a necessidade da existência dos edifícios – como anunciado de modo pretensiosamente profético por Virilio (1993) – o que se percebe é que edifícios de alta complexidade programática – sejam públicos ou para empresas e corporações – são ainda necessários para viabilizar o funcionamento das estruturas institucionais e suas economias, e correspondem a significativa parcela da produção de novas obras por parte dos arquitetos atuantes no mercado mundial atual.

E, nesse bojo, apesar dos discursos e as práticas do campo da arquitetura normalmente serem balizados por grandes estrelas de repercussão internacional – chamados *starchitects* (MACNEILL, 2009), ou arquitetos-estrela – atenta-se para um fenômeno contemporâneo um tanto quanto

³ O termo é tido como “antipático” por Kumar (2006 p. 26), mas seu uso corrente e o poder de síntese que carrega o fazem útil. Além disso, existem estudos apontando o fenômeno especificamente no futebol, sendo retomado mais adiante, já dentro das análises do estudo de caso da tese.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

diverso: é provável que os edifícios recentes mais populares, em escala mundial, não sejam as obras primas dessas grandes estrelas, mas sim exemplares ligados a usos igualmente populares, de ampla difusão e penetração internacional e intercultural.

Sendo equipamentos onde se aplicam experiências construtivas com tecnologias recentes e sendo novos, atendendo a normas mundiais de segurança e responsabilidade ambiental, enquadram-se, enfim, como representantes de um modo de se fazer arquitetura erudita, mesmo que esta não seja exatamente vanguardista ou com assinatura de autores tão famosos. E, sendo assim, para se aproximarem do seu público-alvo, não necessariamente conhecedor ou sensível a um discurso de vanguarda, qualquer expressão plástica de compreensão e apelo mais imediato é válido. E é nesse ponto que se encontra a essência do que motiva a existência do *edifícios gadget*.

1.1 Objeto e objetivos

Assume-se que a proposta da tese é realizar uma reflexão sobre uma questão eminentemente teórica sobre a formulação da arquitetura em si, partindo-se da relação das variáveis “forma”, “função” e “espaço” – conforme propostas por Markus (1993) – na definição de tipos edilícios contemporâneos.

25

Compreende-se *forma* como os elementos materiais que se caracterizam tanto pelas propriedades físicas naturais (volume, superfície, delimitação espacial, percepções sensoriais) como pela possível associação dessas propriedades a outros significados de determinada cultura que os percebe e identifica, assumindo assim o caráter de elementos de comunicação simbólica mais imediata do objeto arquitetônico com o indivíduo. Adrian Forty (2000) afirma que a palavra forma ainda carrega em si uma ambiguidade essencial para a capacidade de cognição humana, pois, ao mesmo tempo em que se refere ao perfil ou feitio dos entes concretos e materiais, ainda se refere, também, às ideias e às maneiras de compreensão de sentido que permeiam o universo da percepção humana.

Forma é algo que tanto tem a ver com as propriedades físicas das coisas como com o modo pelo qual elas são reconhecidas pelas mentes dos sujeitos. A forma, portanto, seria um artifício para o desenvolvimento de um pensamento, sendo essencial não só para a arquitetura e as artes, mas

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

para toda a cultura; diferenciações essenciais e mais primárias do sistema de percepção humano recorrem a ela quando é necessário entender se uma determinada porção de matéria é uma rocha ou um automóvel, uma árvore ou uma coluna dórica.

Forty (2000) diz que a *função* na arquitetura, até antes do século XX, era resumida às propriedades mecânicas dos seus elementos físicos estruturais e como eles se comportavam uns em relação aos outros na obtenção do artefato edificado. Na origem do termo, designava o resultado da ação de certa quantidade de entes sobre outros. Modernamente, passou a ser associada às ações de pessoas sobre outras pessoas, adquirindo a conotação de fato social que depois veio a repercutir na interpretação dada pela arquitetura moderna – de responder às necessidades de realização de atos pelos usuários dos edifícios. Para Markus (1987; 1993), a função é parte componente da arquitetura, pois é a sua primeira razão de existir, sendo a arquitetura um fato, antes de tudo, social. A identificação de um determinado edifício ocorre, inclusive, quando existe, nele, uma função reconhecível socialmente: edifício escolar – escola, edifício industrial – indústria, edifício religioso – templo, etc.

As funções podem até existir antes da concepção de um edifício específico que as comporte – um edifício projetado para determinado fim pode estar sendo usado para outro. No momento em que a função ganha autonomia, e um edifício a ela correspondente e particularmente adequado, este também passa a ser reconhecível e autônomo, sendo então o momento em que se desfazem as ambiguidades quanto à percepção do uso que pode ou deve ser dado à arquitetura.

26

Forty (2000) compreende que *espaço* é um conceito de mais difícil consenso, principalmente no meio arquitetônico. Para além das possíveis definições da física, espaço é uma propriedade desenvolvida pela mente do sujeito para que ele tanto possa perceber o mundo como ser percebido nele – é uma construção mental para reconhecê-lo. Embora mesmo que alguns autores não-arquitetos, do campo da filosofia (Gaston Bachelard, Henri Lefebvre, Evaldo Coutinho, entre outros) tenham feito relações entre a possibilidade de manipulação desta (in)matéria pela arquitetura (ou pelos arquitetos) como aspecto essencial e definidor do fazer arquitetônico, este estudo sempre irá avaliar o espaço como um fato social bem definido. Ele surge da necessidade social de organização e controle hierárquico das relações e atividades (HILLIER; HANSON,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

1984), sendo esses os definidores tanto das atividades sociais como da existência, distribuição e definição do espaço.

O entendimento da arquitetura segundo estas dimensões é discutida com menor complexidade por outros estudiosos da arquitetura, e, eventualmente, o uso de terminologias baseadas em analogias mais simples facilitam ou complementam o discurso anterior. Bernard Tschumi (2003), por exemplo, entende que o edifício é formado por dois componentes: o elemento envolvente – que se percebe enquanto aspecto visível e mais exterior da sua forma – e os movimentos no seu interior – regidos pela função que se quer desenvolver, nos espaços. O autor chama o primeiro de *envelope*, e os segundos de *vetores*. A associação entre os dois permite uma compreensão do sentido do edifício desde o exterior até a exploração do seu interior pelas possibilidades de percurso que ele possui.

Mas, uma vez que se sabe que a relação entre função e espaço em edifícios complexos é um objeto já bastante estudado na literatura especializada⁴, admite-se a forma como a propriedade a ser compreendida, a motivadora das questões mais específicas da relação entre os três aspectos arquitetônicos que se deseja estudar.

27

Essa problemática do papel desempenhado pela forma na arquitetura contemporânea, por sua vez, aparece como interesse do estudo por ser, certamente, a propriedade que recebe mais destaque imediato quando se compara a produção mais recente de arquitetura mundial com o conjunto da produção da primeira metade do século XX, ligado aos preceitos do movimento moderno.

Contudo, como meio de verificar evidências que suportem as argumentações, a investigação será desenvolvida sobre exemplares recentemente concebidos – dentro do recorte da arquitetura contemporânea e de uma produção realizada a partir da primeira década dos anos 2000 – sejam eles existentes ou em projeto – em que a problemática sugerida seja percebida de modo mais evidente: a relação entre a filiação a soluções espaciais de caráter global em conflito com soluções formais de notável pluralidade.

⁴ No Capítulo 3, seção 3.2, são indicados alguns desses estudos.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Para discutir o fenômeno da arquitetura contemporânea nesses termos, então, considerou-se importante ao escopo do trabalho partir da escolha de um tipo edilício em particular. O objetivo geral da tese, assim, é de se utilizar do tipo escolhido como meio de compreender e caracterizar o papel desempenhado pela forma em relação à função e ao espaço na constituição de edifícios institucionais complexos contemporâneos – sendo a caracterização desse tipo, nos seus aspectos funcionais, espaciais e formais os objetivos específicos que o complementam.

De tal modo, propõe-se discutir propriedades socioespaciais e formais de um tipo edilício popular na produção arquitetônica internacional do século XXI, tanto do ponto de vista programático quanto do apelo no meio profissional da prática da arquitetura desta época. No trabalho, especificamente, faz-se uso do estudo de um caso que se apresenta como um de seus exemplos mais expressivos para a construção do argumento: os estádios de futebol voltados a competições internacionais oficiais.

O tipo em questão é relevante porque apresenta características em acordo com os interesses da discussão. É verdade que é um tipo que surge ainda na modernidade do século XIX, sendo desenvolvido posteriormente à revolução industrial – quando tanto o futebol como os edifícios voltados à sua prática surgem e se consolidam, ainda que fossem estruturas muito simples, apenas separando o público espectador-torcedor do campo de jogo.

28

Entretanto, defende-se que os estádios dispõem de evidente destaque contemporâneo porque desenvolvem sua complexidade programática durante a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI, ligando-se estreitamente aos meios de comunicação em massa, ao mercado financeiro internacional e à publicidade em escala global (BALE, 1993).

Destaca-se que, conforme a delimitação defendida para o que se pode considerar como produção de arquitetura contemporânea em um cenário globalizado, a pesquisa se interessa pelo período mais recente da produção do tipo – pois os estádios são compreendidos, hoje, não só como praças de jogos, torneios e competições, mas também agregam, diversas outras atividades e serviços) e possuem um caráter universal (exemplares pautados em convenções de funcionamento bem definidas, precisamente registradas e reproduzíveis, indiferentemente do local em que se inserem) (NIXDORF, 2005; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Além disso, alguns estádios vêm assumindo papéis simbólicos de grande destaque na cultura global contemporânea (BALE, 1993; BAUDRILLARD, 1970; MASCARENHAS, 2005), pois têm servido como representação das identidades culturais de programas de desenvolvimento urbano em diversas cidades do mundo – quando se constituem em verdadeiros empreendimentos-âncora em processos de especulação/valorização imobiliária (BALE, 1993; FAVERO, 2009; SHEARD, 2005).

Estas funções e características são percebidas na realização de eventos internacionais recentes, como os jogos olímpicos e os campeonatos de futebol – casos de cidades como Barcelona, Atenas, Pequim e Londres (Olimpíadas) e Rio de Janeiro (Jogos Panamericanos) ou de países como África do Sul, Alemanha, Japão e Coreia do Sul (copas do mundo de futebol) e Polônia, Ucrânia, Áustria, Suíça e Portugal (campeonatos europeus de futebol) (FAVERO, 2009) (FIGs 1 e 2).



Figura 1 – Estádio Soccer City, Johannesburg, África do Sul, 2010 (fonte: Steve Evans, disponível em <<http://en.wikipedia.org/wiki/>>).



Figura 2– Estádio da Luz, Lisboa, Portugal, 2004 (disponível em <<http://beirario2014>.

Estima-se que o papel de destaque dos edifícios do futebol deverá se intensificar nos próximos eventos programados, como sugerem os planejamentos do Brasil para a Copa do Mundo da FIFA (sigla para o original em francês *Fédération Internationale de Football Association*) de 2014. Neste, não só a arquitetura das praças desportivas, mas também fatores ligados à dinâmica econômica local gerada pela instalação das praças são temas que suscitam desde já o interesse da opinião pública nacional em geral (SHEARD, 2005).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Percebe-se, portanto, que, muito além de um esporte, o futebol é uma instituição globalizada com uma base social complexa que precisa ser compreendida para que se compreendam seus edifícios. Dada a persistência e força das culturas locais do futebol – cada país tem não só as suas seleções nacionais, mas os seus ídolos associados a modos e técnicas particulares de jogo, além de uma cultura visual e um *habitus* social⁵ próprio, ligados a escalas tão locais quanto os bairros. Sendo assim, enquanto discurso e imagem, esses produtos, os estádios, tendem a assumir referências a fatores culturais absolutamente locais, como estratégia de apelo à identificação das cidades e de seus usuários com este modelo global – algo ligado ao fenômeno do glocal, como anteriormente citado.

Além disso, em países como o Brasil, por exemplo, a cultura local do futebol, nas suas mais variadas manifestações regionais, é componente integrante da própria identidade do país e de suas cidades (RATTON; MORAIS, 2011). Tal condição de contraposição entre o global e o contexto local, absolutamente contemporânea, reforça o interesse imediato sobre tal tipo edilício.

Têm-se, ainda, o fato de que, no Brasil, serão construídos doze novos estádios para o torneio mundial de 2014, seguindo estritamente o seu padrão mais recente. A relação com o cenário brasileiro, como supracitado, leva ao interesse de analisar o tipo a partir dos projetos para os exemplares nacionais. Em complementação, inclusive, propõe-se aprofundar o estudo em um contexto específico para que se possa compreender a relação da arquitetura oferecida pelos novos edifícios e a cultura futebolística local tradicional⁶.

O contexto da Copa do Mundo no Brasil possui, ainda, interesses particulares e enriquecedores ao estudo: dentro de um mesmo regime nacional, sob as mesmas exigências de uso, têm-se tanto a construção de estádios completamente novos como também a adequação de outros mais antigos. Sendo assim, enquanto uns se baseiam por completo, desde antes de suas concepções, nos parâmetros mais recentes ligados ao tipo, outros tendem a sofrer certas adequações para que se chegue à máxima aproximação do que seria exigido do seu estágio contemporâneo.

⁵ A noção de *habitus* aqui utilizada é a consagrada nos textos e estudos de Bourdieu (2006; 2011) e será oportunamente aprofundada em capítulos seguintes desta tese.

⁶ Conforme será apresentado e justificado no Capítulo 5, esse aprofundamento será feito, neste trabalho, com o caso da Cidade do Recife.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Por tais peculiaridades, portanto, é que se compreende o estádio FIFA como um forte exemplo de *edifício gadget*: exemplares de alta complexidade demandados e utilizados por instituições de caráter global – ou seja, oferecem o mesmo serviço, de modo padronizado, em qualquer lugar do mundo – e que apresentam uma vasta diferenciação no que se refere aos aspectos formais de suas superfícies – fazendo uso de forte apelo visual baseado na constituição de imagens-símbolos de valores culturais específicos ao contexto em que se insere.

É fato, contudo, que trabalhar com casos tão recentes – na verdade, ainda em processo de construção no decorrer do período de desenvolvimento da tese – acarreta em algumas dificuldades. A literatura disponível é escassa, sendo necessário recorrer a outros estudos e artigos tão hodiernos quanto a própria tese ou a informações pouco sistematizadas ou de difícil sistematização para se constituírem em referenciais formais – como notícias veiculadas em redes de televisão, sem previsibilidade ou registro garantido.

Também se trata do estudo de projetos com acesso restrito à informação. Os escritórios que os desenvolvem assinam termo de compromisso com os organizadores do evento de 2014 que exige sigilo quanto à disponibilização do material gráfico, sendo possível de se utilizar neste trabalho apenas o material cedido à divulgação pública, de caráter quase publicitário. Entretanto, tal restrição não se constitui em um problema à proposta da tese, uma vez que os aspectos de forma abordados pelo estudo se interessam sobremaneira por tal viés imagético.

31

Por outro lado, aspectos de funcionamento dos edifícios e de sua concepção espacial são precisamente apresentados pelo documento oficial da FIFA que serve de guia à elaboração dos estádios que servem às suas competições, sendo esse um material acessível e disponível na Internet.

1.2 Estrutura da tese

Postas a introdução e todas as suas considerações, antecipa-se a seguinte organização de conteúdos da tese nos capítulos subsequentes que a desenvolvem, divididas em duas partes principais:

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A **Parte I** da tese é denominada **Fundamentos**, e é concernente à apresentação do referencial teórico, epistemológico e metodológico adotado, promovendo uma revisão de literatura sobre as ideias mais gerais que embasam a abordagem descritiva e analítica do objeto. A Parte I se divide nos capítulos 2 e 3, com os seguintes conteúdos:

- O **Capítulo 2** apresenta um primeiro momento de aproximação ao contexto mais geral do objeto em estudo, portanto, uma ampla revisão de literatura para que se delimite o que deve se entender por “arquitetura da contemporaneidade” – ou “arquitetura contemporânea”. Trata-se do conteúdo mais difuso e de maior dificuldade de síntese, pois é um terreno conceitual sempre eivado de visões plurais e, por vezes, antagônicas. A proposta é de construir um panorama de como novos discursos foram emergindo no cenário global da arquitetura a partir do final da Segunda Guerra Mundial e levaram a uma noção de superação das doutrinas formais modernistas com a extrema liberdade de expressões da contemporaneidade. Além disso, propõe algumas bases gerais – processos e paradigmas – que, defende-se, norteiam os processos e produtos da prática contemporânea global como um todo.
- O **Capítulo 3** lança as bases epistemológicas e metodológicas para a abordagem descritiva e analítica do objeto, defendendo que a relação entre função e espaço e forma no estudo de caso seria de domínio mais imediato por meio do princípio de “tipos edilícios”. Como reconhecido contemporaneamente, tal princípio é apresentado segundo as propriedades socioespaciais da arquitetura. O aprofundamento na problemática do tipo parte de uma revisitação à discussão do conteúdo validado por este autor em estudos anteriores, passando agora por revisões e complementações, principalmente no que se refere ao uso do princípio como instrumento da prática do projeto dos edifícios e nas questões relativas à forma – uma vez que o interesse é por entender o papel desempenhado por esta na constituição do tipo edifício contemporâneo escolhido como caso de análise.

A **Parte II** do trabalho recebe o título de **Estudos e Reflexões**, e desenvolve a apresentação do objeto estudo a partir do estudo de caso escolhido, aplicando procedimentos operacionais de descrição e análise dos exemplares do universo delimitado até se chegar às conclusões últimas da tese, e se distribui por três capítulos – 4, 5 e 6 – com os seguintes destaques:

- O **Capítulo 4** desenvolve o conhecimento sobre o estádio de futebol como tipo edilício global, caracterizando aspectos ligados a sua morfologia e à cultura do futebol como um todo. A descrição e análise do tipo “estádio de futebol contemporâneo” nas suas propriedades socioespaciais é realizada sobre o modelo exigido pelo documento da FIFA e conforme o arcabouço teórico-metodológico proposto pelo capítulo anterior.
- O **Capítulo 5** complementa o conteúdo ao trazer a abordagem para o caso brasileiro, por ocasião da Copa do Mundo FIFA de 2014. Como anteriormente, são discutidos aspectos da cultura do futebol no Brasil, tomando, em particular, o caso da Cidade do Recife como exemplo representativo ao interesse da discussão. São analisados, a princípio, alguns dos seus estádios tradicionais e as suas relações com os clubes locais, de modo a se revelar o contexto em que se dará a inserção do novo modelo FIFA. Logo em sequência, portanto, desenvolve-se, no mesmo capítulo, a descrição e a análise dos novos projetos para 2014 e procura, afinal, construir uma síntese do que seria o estádio de futebol FIFA como tipo contemporâneo: primeiro de modo mais geral e, em sequência, comparações entre os resultados e os dados de ordem cultural-social próprios ao futebol e ao contexto brasileiro.
- O **Capítulo 6**, enfim, parte dos dados obtidos no Capítulo 5 para que se discuta sobre as questões objetivas da tese: da relação entre o espaço, a função e forma no tipo e qual o papel específico desempenhado por esta última contemporaneamente, no tipo em específico. O capítulo culmina com o aporte de alguns conceitos sobre imagem e consumo, chegando, por fim, na caracterização da noção de **edifício gadget**, que abre margem para uma série de conclusões e reflexões sobre a função, o espaço e a forma no tipo e em relação à cultura contemporânea – incluindo o próprio futebol.

Por último, o **Capítulo 7** encerra a tese: discorre sobre o percurso realizado pela tese, tecendo considerações sobre suas dificuldades, limites e possibilidades de generalização. A problemática do papel da forma na arquitetura contemporânea pela compreensão do **edifício gadget** é, então ampliada, e abrem-se possibilidades para estudos futuros.

PARTE I

Fundamentos

2 DAS EXPRESSÕES E MOTIVAÇÕES DA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Esta é uma tese desenvolvida entre os anos de 2009 e 2013. Diferente de toda a tradição arquitetônica pregressa, e até o movimento moderno na primeira metade do século XX – em que se identificavam as figuras de grandes mestres e escolas referenciais que buscavam a coerência na sua produção a partir do que postulavam tratados, manifestos ou manuais – o momento presente da produção da arquitetura erudita no mundo é marcado por uma aparente liberdade total em termos de princípios de concepção de edifícios e de discursos sobre esses princípios. Além disso, esses discursos e princípios hoje versam sobre as mais variadas questões, desde a composição e a sua representação, até a tecnologia e os processos construtivos, passando pelo posicionamento político, filosófico ou sociológico que deve ser adotado ao se pensar um projeto⁷ (NESBITT, 2006).

Os estádios de futebol contemporâneos concebidos para a disputa de competições internacionais enquadram-se justamente nesse mesmo contexto, o que, a priori, explicaria a já mencionada variedade de expressões formais que apresentam. Entretanto, esta não é uma obra da historiografia da arquitetura, mas de teoria – e o enquadramento somente contextual ou cronológico não seria suficiente para responder à questão posta pela tese: de como essas expressões formais se associam a propriedades espaciais e a expectativas de uso na constituição do tipo contemporâneo, ou qual o seu papel nesse processo.

Com o intuito de entender como se chegou a tal condição de plena liberdade e pluralismo de linguagens expressivas para os edifícios, em um primeiro momento, serão discutidos os discursos e processos que subjazem as linguagens simbólicas dos produtos: a manifestação formal e plástica da produção contemporânea. De início, serão apresentados alguns dos vários percursos conceituais que paulatinamente foram substituindo os postulados do movimento moderno –

⁷ Em verdade, essa impressão de ruptura, certamente, se torna mais nítida quando se compara ao momento pré-Segunda Guerra Mundial, em que o modernismo permeava as escolas de variados países do mundo - baseado em alguns poucos autores-arquitetos tidos como mestres - ou mesmo ao século XIX - quando o conhecimento da composição clássica, dominado pelas escolas de belas-artes tradicionais, dava o caráter a ser reproduzido pelos autores dos exemplares edificadas mais destacados.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

certamente o mais importante movimento organizado e de abrangência internacional com a intenção de referenciar princípios da concepção de cidades e edifícios.

Todavia, não se pretende abarcar de modo extensivo todo o registro da produção arquitetônica do período, mas sim destacar alguns fatos, discursos e autores que, entende-se, desempenharam ou desempenham um papel de maior peso na elaboração de discursos que se compreende como fundamentais para a compreensão da arquitetura mais recente.

Na sequência, o capítulo apresenta outro viés das motivações para que a arquitetura contemporânea se apresente de modo tão plural no que concerne à forma e à plástica dos seus produtos: os novos conhecimentos, paradigmas e possibilidades tecnológicas que guiam os processos de produção desses edifícios de alcance internacional. Pretende-se que se perceba como certos aspectos da liberdade formal e plástica que, em princípio, seriam mais próximos da dimensão artística da arquitetura, são também componentes de uma nova pragmática do próprio campo profissional.

O foco do capítulo, portanto, recai tanto sobre as questões de ordem conceitual referentes à concepção da dimensão expressiva da arquitetura – as linguagens representadas pela forma visível nos edifícios e sua variada manifestação em propriedades plásticas – como nos meios – processos de produção, métodos, tecnologias – que as precedem e que são utilizados para materializar essas expressões.

36

2.1 Dos discursos e das linguagens

Embora a década de 1980 tenha se iniciado com uma Bienal em Veneza sob a curadoria de Paolo Portoghesi em que já discutia justamente novas posturas com relação às linguagens formais da produção de novos edifícios e tenha se consagrado como o período de consolidação do que viria a ser conhecido como pós-modernismo, as críticas e revisões aos postulados modernos são bem anteriores – ou seja, começam ainda longe do que se poderia ter por contemporaneidade na arquitetura, atualmente. Entender como se chegou a tal condição conceitual contemporânea, e delimitá-la, portanto, constitui-se em tarefa fundamental para o trabalho.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas a delimitação entre um e outro momento histórico, com predominância de um ou outro modo de se fazer a arquitetura erudita no mundo, tomando por base apenas a aparência formal das obras é sabidamente problemática. Gilles de Bure (2010), na tentativa de explicar ao grande público o que a arquitetura contemporânea mundial, posiciona no mesmo grupo de arquitetos jovens e contemporâneos alguns autores classicamente tidos como modernistas, como Alvar Aalto, Oscar Niemeyer e até mesmo Frank Lloyd Wright⁸. Ainda que Niemeyer possuísse uma produção bastante recente⁹, parece pouco consistente o enquadramento de Wright e Aalto, haja vista que suas produções se encerram nas décadas de 1960 e 1970, momento em que a contestação do modo de se pensar e produzir a arquitetura modernista era ainda recente.

E a imprecisão é ainda mais evidente quando se amplia a literatura. Autores já tidos como clássicos, como Benevolo (1998; 2009), Curtis (2008) e Frampton¹⁰ (2000), tendem a ler toda a arquitetura erudita produzida no século XX como arquitetura moderna – pré-modernista, modernista e pós-modernista, mas sempre de referência moderna. Apesar de toda a variação, entendem que existe uma linha comum que se mantém e que distingue tudo que foi produzido no século XX daquilo que foi feito antes.

37

Já autores italianos como o próprio Rossi (1966), Paolo Portoghesi (1981) e Vittorio Gregotti (1975), e americanos como Venturi, com Denise Scott Brown e Steven Izenour (1977), produziram textos e obras com evidente objetivo de validação das suas práticas projetivas pessoais. Mas, uma vez que discursaram e apresentaram propostas divergentes dos cânones modernistas, eles se validam como autores de ruptura, suas obras são menos análises e mais manifestos supostamente científicos, recaindo em uma prática muito similar à dos modernistas da primeira geração (COLQUHOUN, 1989).

⁸ Tal opção parece ter se baseado na distinção proposta por autores como Bruno Zevi (1948), entre arquitetos de tendência racionalista e arquitetos de tendência organicista. Um olhar mais aprofundado na obra de Zevi, porém, mostrará que não é apenas nos resultados formais em que o autor se baseia para a sua distinção, mas sim no modo de se pensar a produção dos projetos.

⁹ Se diz bastante recente pois se realizou até o ano de 2012, ano do falecimento do arquiteto e ainda época de desenvolvimento desta tese.

¹⁰ Ainda assim, pode-se distinguir a postura de Frampton (2000) dos demais, por este se preocupar com o posicionamento ideológico e/ou político dos autores como motivação para as suas produções. Além de momentos históricos, Frampton agrupa alguns autores-arquitetos considerando as crenças por trás das linguagens plásticas ou das preferências tecnológicas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Outros como Diane Ghirardo (1996), Kate Nesbitt (2006) e Charles Jencks (1977; 2011) tendem a defender que o modernismo foi suplantado, ainda no século XX, por uma outra maneira de se fazer arquitetura, o chamado pós-modernismo, e reafirmam que tal nomenclatura continua válida mesmo em seus trabalhos mais recentes.

Para tais autores, o momento mais recente da arquitetura mundial – tendo em conta que há uma considerável e representativa difusão efetivamente mundial de conceitos e linguagens, que permite uma avaliação com tal grau de generalização – já não é mais atrelada aos princípios que definiam o modernismo.

Enquanto que Ghirardo (1996) faz uma caracterização relativamente simples daquilo que ela considera uma ruptura – dos novos critérios utilizados em projetos urbanos e no tratamento do espaço público e do doméstico por parte dos arquitetos tidos como “contemporaneamente pós-modernos” – o mais eloquente dentre os três, Charles Jencks, repetindo o hábito de outros autores que, em outro momento, foram de tendência ideologicamente favorável ao modernismo¹¹ – assume desde cedo um manifesto interesse pela pretensa ruptura pós-moderna.

38

É Jencks (1977) que traz o termo – antes apenas do campo das ciências humanas e sociais – para o campo da arquitetura, ressaltando a liberdade que a crise conceitual dos anos 1960 traz para a produção dos arquitetos.

O interesse de Jencks pelo rótulo é tal que o autor mantém uma produção constante de obras até os dias mais atuais de reiteração da sua identificação de uma linguagem pós-moderna da arquitetura (2005; 2011). A despeito da insistência no uso do termo, há de se convir que Jencks consegue construir uma leitura eficiente do fenômeno como algo verificável nas obras, indo além dos discursos dos seus projetistas. Ele ressalta o alto grau de variância expressivo das propriedades formais dos edifícios, nas suas mais variadas intenções, a partir da conquista de um desprendimento ideológico daquilo que Bauhaus, CIAM e Le Corbusier, por exemplo, ditavam em suas falas, insistindo em discordar de outros contemporâneos seus que são ainda defensores de certa continuidade ideológica moderna, como Anthony Vidler (2010, p. 54 - 63).

¹¹ Como ressalta Forty (2000), por exemplo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Já Nesbitt (2006) apresenta uma série de novos paradigmas e temas que passam a ser utilizados pelos arquitetos após a crise do modernismo. O trabalho de Nesbitt é bastante abrangente, na tentativa de abarcar toda a variedade e complexidade dos discursos que considera como pós-modernos. Ela aponta cinco paradigmas: a fenomenologia, a estética do sublime (numa nova discussão sobre o belo e sua eficiência expressiva), a teoria linguística (a partir da semiótica, do estruturalismo, do pós-estruturalismo e a desconstrução), o marxismo (retomado, como nos princípios do modernismo) e o feminismo.

Também indica seis temas: a história e o historicismo (atitudes e teorias anti e pró-modernas), o sentido (relação forma/conteúdo, tipo, função e tectônica; representação e historicismo), o lugar (*genius loci*, homem, natureza e arquitetura, conforto, habitação e regionalismo), a teoria urbana (o contextualismo, a leitura urbana, as influências europeias e americanas), as agendas éticas e políticas (ética profissional e ambiental), o corpo (humanismo, relação sujeito e objeto, antropomorfismo e arquitetura clássica).

Entretanto, a produção de Nesbitt (2006) é essencialmente ligada às ideias dos autores-arquitetos dos textos que ela apresenta como uma nova agenda pós-moderna. Há pouca ou nenhuma análise às produções decorrentes dos discursos, dos paradigmas e dos temas que ela identifica e ordena.

39

Já Montaner (2001a), que possui uma produção teórica ainda corrente, prefere um enquadramento mais amplo do contemporâneo. Em obras mais antigas – como *Depois do Movimento Moderno* – o autor tendia a discutir a produção da arquitetura das últimas décadas do século XX ainda de modo semelhante a Frampton (2000), tentando agrupar certas linhagens de arquitetos ao considerar como critério de aproximação a relação entre seus discursos e as tendências à recorrência de suas linguagens plásticas.

Nesta obra, pesar de perceber já algumas transformações nos produtos ainda tidos como modernistas após a Segunda Guerra (tido pelo autor como um momento de crise), Montaner, indica, ainda, certa continuidade com os temas do movimento moderno. Ao analisar a arquitetura produzida na segunda metade do século XX, organiza alguns grandes temas de produção que, salvo aqueles ligados à aproximação à antropologia e à linguística: as discussões conceituais da

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

forma, aproximam-se das vanguardas das décadas de 1920 e 1930: as tendências opostas de retorno ao vernáculo, aproximação à abstração da arte contemporânea e exacerbação da tecnologia em um segundo.

Porém, em suas obras mais recentes, já começa a admitir que o moderno foi “superado” (MONTANER, 2001b), tomando como pressuposto a identificação de uma série de vertentes na produção de arquitetos ainda atuantes – que se mostram diversas das linhagens que ele mesmo havia identificado em seu primeiro estudo – e admite que há uma produção contemporânea que se distingue do *modus operandi* da projeção modernista.

Neste bojo, inclusive, destaca a grande diversidade de princípios e partidos projetivos, percebendo a emergência de novos referenciais ao projeto, como a ecologia e a sustentabilidade e de particularidades em resultados espaciais e formais da produção de arquitetos de países até então tidos como periféricos – dentre eles, o Brasil, com as obras de Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha, principalmente – que passam a fazer parte do cenário mundial com mais destaque, inclusive com vários desses arquitetos sendo premiados internacionalmente em concursos ou pela Hyatt Foundation, com o Pritzker, o chamado “Nobel da arquitetura”¹² (STEVENS, 2003).

40

Sobre tal questão, é interessante observar as colocações de autores latino-americanos sobre o mesmo processo apontado por Montaner. Hugo Segawa (2005) discute a diversidade da produção posterior a 1980 no continente expondo como a sua diversidade cultural e suas questões específicas estão ligadas à diversidade dos discursos e das concepções dos seus arquitetos mais destacados nas últimas décadas. Felipe Hernández (2010) critica a visão de alguns autores clássicos como Max Bill e Sigfried Giedion, dentre outros, que relegam a produção moderna latino-americana a uma categoria inferior a dos países centrais, explicando que a produção dos seus “mestres” locais jamais poderia ter seguido totalmente os pressupostos europeus – e por isso mesmo não podem ser consideradas inferiores – como também há que se perceber que a produção contemporânea latino-americana aprofunda problemas próprios às peculiaridades do seu processo de desenvolvimento e à condição atual das suas grandes cidades,

¹² São exemplos o chinês Wang Shu (2012), os brasileiros Paulo Mendes da Rocha (2006) e Oscar Niemeyer (1988), o australiano Glenn Murcutt (2002) e o mexicano Luís Barragán (1980), como se vê disponível em < <http://www.pritzkerprize.com/laureates/year> > .(Acesso em 24 de fev. 2013).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

indo além das iniciativas do discurso modernista de racionalização, uso de materiais industriais e da sua expressão plástica.

Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein (2010) renegam a tendência à constituição de “grandes narrativas” sobre a arquitetura moderna brasileira e o mito de uma brasilidade arquitetônica genérica como se fez supor no momento de “descoberta” da produção de Costa, Reidy, Niemeyer, Artigas e tantos outros, por volta da década de 1950 (BASTOS, 2007). De modo consonante, Segawa (1998) defende não uma única arquitetura brasileira, ainda presa ao modernismo, como uma visão panorâmica e superficial sobre a produção modernista do Brasil tende a levar a crer, mas ressalta o seu caráter plural (“arquiteturas”) ao longo do século XX.

Para esses autores, as experiências locais de modernidade, e os desenvolvimentos dessas mesmas experiências nos seus contextos locais, em diálogo com o crescimento econômico e a superação dos problemas políticos nacionais fizeram emergir várias maneiras de se manifestar em arquitetura no Brasil, ou seja, mesmo em contextos nacionais, a produção contemporânea é antes diversa que homogênea.

41

Sendo assim, a intenção das seções seguintes é compreender quais as bases de pensamento que justificam e promovem a tal diversidade, que se manifesta ainda antes de ser reconhecida como uma expressão da pós-modernidade e mais recentemente se torna difusa e plural. Para tal, discute-se, primeiro, o momento de questionamento do que se tinha por modernismo nos anos iniciais do pós-Segunda Guerra, inclusive situando alguns dos primeiros autores tidos como pós-modernos em um contexto mais abrangente e precedente.

Logo em sequência, procura-se entender como o rótulo do pós-modernismo perde sentido diante dos variados discursos subjacentes ao tal pluralismo atual, ou por que não há mais espaço para uma única via hegemônica na produção da arquitetura a partir de finais da década de 1990.

2.1.1 Derrubando dogmas formais

Já durante os anos da Segunda Guerra Mundial, com a Europa Central e Estados Unidos diretamente envolvidos na disputa, os discursos modernistas foram absorvidos por arquitetos de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

demaís países que estavam mais distantes do conflito – Península Ibérica, Israel, Brasil, México e colônias na África. Dada a necessidade de adaptação a fatores geográficos locais, os mais destacados arquitetos desses países tenderam a modificar ou revisar alguns dos preceitos modernistas, muitas vezes, inclusive, preferindo utilizar-se de técnicas tradicionais ou princípios da arquitetura vernácula (FRAMPTON, 2000).

Pode-se dizer, também, que revisões teóricas sobre o fazer arquitetônico do modernismo – sem que isso significasse uma contraposição às ideias, mas sim análises e discussões a partir do amadurecimento da produção – já se manifestavam logo após a Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1940 e 1950. O britânico Colin Rowe (1978) escreveu uma série de artigos discorrendo, por exemplo, sobre as relações estreitas entre princípios de composição da arquitetura moderna e do classicismo, demonstrando que o discurso de ruptura, na verdade, nem sempre se apresentava tão sólido nos projetos e nas obras.

Mas, a ruptura intencional e declarada com relação às escolas hegemônicas – especialmente o modernismo – tem seu início após as revisões político-culturais emersas da Segunda Guerra e desenvolvidas durante os mais de trinta anos seguintes da chamada Guerra Fria.

42

Nos Estados Unidos, a chegada de muitos dos arquitetos europeus exilados trouxe ao pujante cenário econômico norte-americano as linhagens plásticas do modernismo original – a opção pelas formas geométricas puras, o gosto pela redução de ornamentos e o uso de materiais como o aço, o vidro e o concreto em profusão (FRAMPTON, 2000).

Entretanto, os princípios ideológicos e tecnológicos que haviam nascido como uma resposta arquitetônica aos difíceis anos imediatamente posteriores à Primeira Guerra Mundial não eram mais as referências à produção, mas sim a distinção formal. Os edifícios institucionais verticais de grandes empresas e corporações, as casas de abastados moradores dos subúrbios ou os novos edifícios de grandes universidades foram adotadas por expoentes como Mies van der Rohe como seus programas mais usuais.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Este afastamento dos mestres de suas escolas e países originais também repercutiu na organização do movimento moderno tal como estabelecido pelos CIAM's¹³ – os congressos ficaram esvaziados de ideias e burocratizados, levando a tentativas, inclusive, de retomadas organizadas dos ideais mais antigos, como no caso da constituição do Team X, com jovens arquitetos (à época) como Pancho Guedes, Jaap Bakema, Georges Candilis, Giancarlo De Carlo, Aldo van Eyck, Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods (FRAMPTON, 2000).

A arquitetura da reconstrução das cidades britânicas, por sua vez, adotou uma postura de reprodução extrema dos princípios modernistas originais, do uso de materiais baratos e adequados à produção em escala industrial. Fazendo emergir uma reafirmação do modernismo – o então chamado brutalismo (ou *New Brutalism*, na Inglaterra), que teve como destaques, inclusive, Alison e Peter Smithson, do Team X – gerando edifícios despidos não somente de ornamentos, mas também até de padrões mínimos de conforto tidos como necessários, como revestimentos nos pisos e paredes (FIG. 3).

Diante da urgência, nada mais eficiente de edifícios produzidos em série, utilizando materiais industriais. A pré-fabricação foi um recurso justificável, assim com as séries de conjuntos habitacionais verticais surgidos nas periferias das grandes e médias cidades da Europa.

43

Enquanto que esta experiência tendeu a ser bem vista pela crítica da época, e o brutalismo tenha sido saudado como uma experiência, ao menos ideologicamente, interessante, a generalização da estética moderna no chamado “estilo internacional” – edifícios genéricos, que de tão alheios a referências culturais ao local serviriam a qualquer local – motivaram uma série de críticas dos historiados e críticos da sua época (FRAMPTON, 2000; MONTANER, 2001a).

Pode-se dizer que duas linhas de pensamento guiaram essas críticas. Uma diz respeito a questões de ordem ideológica: se os princípios que determinavam as soluções plásticas do modernismo – volumetria tendendo ao uso de sólidos geométricos regulares, linhas retas, ausência de aplicação

¹³ Além de uma prática com um conjunto mais ou menos comum de princípios compositivos e tecnológicos, o modernismo se valida intelectualmente, congregando os principais expoentes e fundadores de seus ideias como um movimento organizado. Desde 1928 e até 1959 eram realizados congressos internacionais (os CIAM's, de *Congrès International d'Architecture Moderne*) contando, no início com a presença de nomes como Le Corbusier, Siegfried Giedion, Hannes Meyer e Alvar Aalto, dentre outros (FRAMPTON, 2000).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

de ornamentos figurativos, exposição dos materiais e dos detalhes construtivos – tinham surgido como um princípio de economia e de alinhamento à capacidade de produção industrial, por que tais princípios permaneciam – ou até mesmo eram exacerbados – nos edifícios das ricas corporações americanas?

Ora, a economia fazia sentido quando se tratava de produzir edifícios baratos, em série, para suprir, por exemplo, as demandas por habitação popular em países com economia em recuperação. Mas, o concreto, as alvenarias e as instalações aparentes não eram sempre bem recebidos pelas classes trabalhadoras às quais se destinavam os edifícios. Por isso, a outra linha crítica dizia respeito à ausência de referências de identificação do usuário com a arquitetura.

Essa era justificada pelas apropriações de certos princípios modernistas pelo capital imobiliário, como as vantagens da produção em escala industrial, ou o uso do repertório formal moderno pelas grandes corporações como símbolos mais de poder do que de economia. As soluções genéricas, auto-referentes, que poderiam ser aplicadas a qualquer situação, qualquer lugar, como se questões ambientais e culturais locais não existissem, apareceram como a concretização de um fetiche estético pelo repertório formal moderno (FIG. 4) (FRAMPTON, 2000).

44



Figura 3– Robin Hood Gardens, Alison e Peter Smithson, Londres, 1972 (disponível em <<http://www.oobject.com/18-brutalist-buildings/robin-hood-gardens-london/7952/>>)



Figura 4 – Glass House, Philip Johnson (exterior), New Canaan, USA, 1949 (disponível em <<http://commons.wikimedia.org/>>).

Para os críticos, era como se o movimento – que primava pela ausência de fórmulas prontas, em que a forma deveria seguir a função e se procurar sempre resolver o máximo com o mínimo – passasse a se render ao mercado imobiliário mundial e produzir grandes paralelepípedos urbanos

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

revestidos com vidro descontextualizados que poderiam estar em qualquer cidade (FRAMPTON, 2000; NESBITT, 2006).

Também, dos questionamentos locais, vêm as provocações e as pretensas soluções. Conforme ressalta Kate Nesbitt (2006), inicia-se um período de intensa discussão e revisão de princípios, com novas e personalistas linhas ideológicas sendo anunciadas em paralelo a tentativas de revolução também na prática do projeto: nos modos de se conceber, representar e executar a arquitetura.

Na reconstrução do Japão, no final da década de 1950, por exemplo, desenvolve-se uma particular concepção de arquitetura, plenamente ligada à realidade urbana das suas grandes cidades, como Tóquio e Yokohama – apadrinhados pela influência já nacionalista de Kenzo Tange, os *metabolistas* se apresentavam como a primeira vanguarda organizada posterior à eclosão do movimento moderno e à parte do ambiente europeu (KOOLHAAS; OBRIST, 2011).

Arquitetos como Noriaki (Kisho) Kurokawa e Kiyonari Kikutake propunham uma “arquitetura de inserção” (FRAMPTON, 2000), produzindo edifícios pensados como mega-estruturas desenvolvidas segundo a avançada produção industrial japonesa, que se acoplariam ao contexto urbano existente com grande flexibilidade e até mobilidade de certos elementos do programa arquitetônico – como se fossem grandes eletrodomésticos, como banheiros pré-fabricados (FIG. 5).

No campo das proposições, também surgem questionamentos. No mesmo momento de finais da década de 1950, é montado na Itália (e depois desenvolvido na França) o movimento da Internacional Situacionista, que surge como uma crítica a todo o sistema urbano alicerçado no capitalismo internacional e termina com proposições arquitetônicas utópicas tidas como anti-urbanas, como as de Guy Debord e de Constant para grandes estruturas edificadas móveis ou flutuantes que abrigariam sujeitos absolutamente livres, vagando à deriva, sem tender a qualquer ligação com país, cidade ou regime definido (JACQUES, 2003).

Já os anos 60 do século XX representaram um momento de maior estabilidade política e econômica nos países europeus historicamente dominantes – Inglaterra, França, Alemanha. Os

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

países se recuperaram, a indústria americana era possante como nunca e a produção europeia de ponta voltou a florescer, permitindo, também, que o pensamento pudesse ser restabelecido nos centros de ensino universitário (FRAMPTON, 2000; MONTANER, 2001a).

Por outro lado, movimentos como as ocupações das ruas em 1968, na França, ou a crise de identidade social norte-americana gerada pela derrota na Guerra do Vietnam e pelos levantes internos contra a discriminação racial, as guerras civis de descolonização na África e a emergência de ditaduras militares de nacionalismo truculento em diversos países das Américas do Sul e Central foram acontecimentos influentes nas reflexões dos intelectuais e artistas do período.

Toda a velocidade de desenvolvimento tecnológico e revisão cultural também provocaram questionamentos sobre o modo de fazer e de concretizar a arquitetura modernista, fazendo com que se discutisse a sua permanência, ou a possibilidade de seus dogmas já não serem mais válidos para a nova ordem sócio-econômico-político-tecnológico-cultural então estabelecida – tanto nos países centrais ocidentais, como nos países asiáticos, haja vista consolidação do regime comunista chinês, por exemplo, ainda mais restrito e fechado que o bloco soviético.

46

Somam-se, nesse contexto, os projetos hipotéticos e relacionados à irreverência típica da *pop-art* do grupo inglês Archigram que, no início da década de 1960 propôs estruturas móveis ou grelhas tridimensionais genéricas como solução para a vida contemporânea e futura em negação às cidades existentes (FORTY, 2000; FRAMPTON, 2000) (FIG. 6).

Enfim, tinha-se outra percepção do mundo. As concepções eram questionadas, assim como as ordens sociais reinantes. Neste bojo, toda a produção de arquitetura anterior à Segunda Guerra e aquela feita imediatamente após o seu fim, de modo urgente, em linha de produção, para suprir as baixas e os déficits deixados pelo confronto, eram agora questionados. Tais princípios críticos terminaram por ser absorvidos também pelos arquitetos projetistas do período e não só pelos seus teóricos. Entretanto, no momento em que se opta pela crítica, o arquiteto, como profissional essencialmente propositivo, deveria, também, apresentar suas soluções ao impasse (NESBITT, 2006).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 5 – Torre de Cápsulas Nakagin ,
Kisho Kurokawa, Ginza , Japão, 1970-72
(disponível em
<<http://iffybizness.blogspot.com.br/> >)

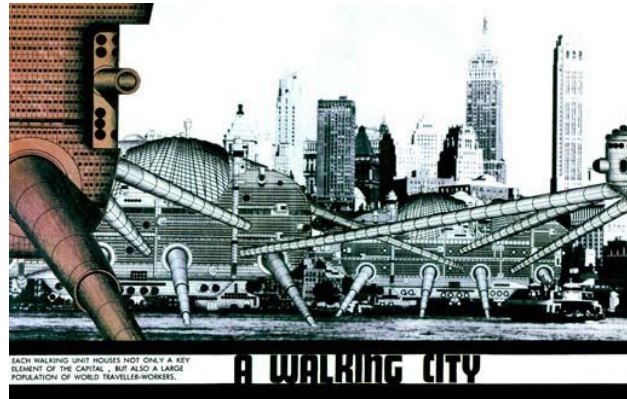


Figura 6– imagem do projeto Walking City,
Archigram,1964 (disponível em
<<http://www.archivitamins.com/archigram/>>).

E é esse questionamento com as mais variadas origens e motivações que faz o modernismo ser finalmente revisado nos círculos da produção do conhecimento arquitetônico, nos escritórios e nas escolas universitárias, chegando-se a anunciar uma arquitetura pós-moderna – quando entendida num contexto mais amplo – ou uma arquitetura pós-modernista – quando relativa especificamente à subversão de aspectos de forma e espaço próprios do que se entendia por modernismo (COLQUHOUN, 1989).

Seguindo tal tendência a um continuísmo histórico, seria o instante de se afirmar que desde que o norte-americano Robert Venturi e o italiano Aldo Rossi lançaram, respectivamente, “Complexidade e Contradição em Arquitetura” e “A Arquitetura da Cidade” em 1966¹⁴, tornou-se evidente a tendência ao desenvolvimento de uma postura crítica aos cânones modernos precedentes de modo mais difuso, pois as duas obras registram e sistematizam certas prescrições de modo mais didático e com um sentido político menos evidente.

Venturi (1966) propunha que o fazer – e o utilizar – de um edifício era algo impossível de ser reduzido a axiomas, fórmulas de economia ou ao resultado do uso de um material. A relação de apreço, identificação e reconhecimento da arquitetura era algo tão cheio de nuances que

¹⁴ Os títulos são as traduções para o português dos seguintes originais, em inglês e italiano, respectivamente: *Complexity and contradiction in architecture* e *L'architettura della città*.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

aparentes contradições na linguagem compositiva eram necessárias, e que, mesmo as melhores obras modernistas eram mais complexas e contraditórias do que o discurso de seus autores conseguia explicar. O figurativismo, o pastiche e a ironia se tornaram recursos aceitáveis – se não, desejáveis – para a produção de uma nova arquitetura, alinhada à sua época e à sua realidade, conforme Venturi (MONEO, 2004) (FIG. 7).

Já Rossi (1966), baseado na história das cidades tradicionais, especialmente no contexto italiano, defendia que a arquitetura de um edifício não podia ser produzida como um fato isolado, mas sim deveria ser entendida como um fato urbano, contextualizado e imbricado de uma responsabilidade histórica, que seria traduzida por uma relação direta com suas precedências do entorno através da retomada de elementos compositivos tradicionais – volumes simples, cúpulas, abóbodas, arcos, o uso de cores (MONEO, 2004).

Para Rossi, a produção do edifício como um objeto resultante de relações geométricas abstratas e materiais nitidamente novos e alienígenas à história do lugar não era desejável para a cidade, porque não se constituía em um elemento possível de ser apropriado pela sua história e por aqueles que a constituem (FIG. 8).

48



Figura 7 – Vanna Venturi House, Robert Venturi, Philadelphia, EUA, 1962 (disponível em <<http://commons.wikimedia.org/>>).



Figura 8– Bonnenfantemuseum, Aldo Rossi, Maastricht, Holanda, 1984 (disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/>>).

As contestações de Venturi e de Rossi tinham a intenção de propor uma maneira diferente de se utilizar a forma como expressão de um discurso. Os seus argumentos ganham forte defesa com incorporação dos estudos de semiótica e fenomenologia ao discurso da prática projetiva de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

outros nomes de grande ascensão nos finais dos anos de 1970 e durante os anos de 1980, como Michael Graves, os irmãos Rob e Léon Krier, Ricardo Boffil, Philip Johnson e tantos outros. Tal conjunto de inquietações e de produção crítica, e essa postura, ligada diretamente ao resultado da percepção do edifício como algo contrário ao seu passado modernista imediato, é o que veio a ser chamado de modo impreciso de pós-modernismo, em uma tentativa de associação com a noção de pós-modernidade das estruturas sociais conforme alguns pensadores sociais e filósofos desta mesma época (NESBITT, 2006).

Com a absorção de suas ideias sendo mais difundida, tornou-se tentador a determinados autores e críticos o seu enquadramento como precursores de um novo estilo. Mas os dois textos, porém, foram seguidos de mais uma série de produções teóricas de discursos semelhantemente críticos e, à primeira vista, solidamente embasados em questões ainda mais amplas do que apenas a negação de um estilo.

Ainda, há de se perceber que tais autores não marcam uma ruptura abrupta, mas acompanham todo um ciclo de discussões precedente. Do mesmo modo, tal ciclo não se encerra com eles, mas tem continuidade e diversificação posterior, conforme apresentado a seguir.

49

2.1.2 A vitória da liberdade e do pluralismo

Após Venturi e Rossi se tornarem conhecidos nas escolas de arquitetura dos mais variados países, parecia que o cenário estava ainda mais propício a revisões no modo de se conceber os edifícios e de como fazê-los se expressar formalmente.

Em 1977, no livro *The Language of Post-modern Architecture*, Charles Jencks defendia a emergência de uma arquitetura pós-moderna como uma superação dos erros do modernismo, mais do que como um estilo. Para o autor, a possibilidade de se fazer uma arquitetura positiva, e não negativa, abria caminho para uma pluralidade de linguagens e uma liberdade de escolhas que seriam suficientes para caracterizar uma ruptura. Ainda assim, Jencks é lembrado por anunciar a morte do modernismo, com hora, data e local – ele escolhe a demolição do conjunto residencial de Pruitt Igoe, projeto de Minoru Iamasaki, em Saint Louis, Estados Unidos, como fato marcante desta morte, dada a antipatia acumulada pelos edifícios em seus moradores.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Em 1978, o holandês Rem Koolhaas, com o seu *Delirious New York* apresentaria uma visão, a princípio, semelhante, ao reafirmar a entrega da arquitetura erudita e vanguardista às inevitabilidades da prática e das exigências dos clientes. Os edifícios de Manhattan, alcançando enormes alturas e ocupando grandes parcelas das quadras das cidades, aparecem, para Koolhaas, como o paradigma de solução de projeto para as demandas urbanas (FIG. 9).

O empilhamento de pisos garantiria uma multiplicidade de usos e um aproveitamento máximo do solo. Uma decisão totalmente racional, regulada pelo traçado em grelha de Manhattan – ou seja, uma vitória plena do artificial sobre o território.

Mas toda a variação, inclusive possíveis efemeridades dos usos, são salvaguardadas de uma eventual perda de identidade do edifício pelo uso de uma superfície envolvente que lhe dá unidade. A repetição modulada de aberturas da superfície envolvente dos arranha-céus garante a identidade do objeto, apesar de toda variação programática e mudanças que se possam processar em seu interior.

50

Na década de 1980, Peter Eisenman¹⁵ tentava articular um discurso contra os princípios clássicos – segundo o próprio – que regiam a arquitetura até então. Citando Gilles Deleuze, um dos filósofos que atacam a manutenção de um modo “moderno” de se perceber o mundo, Eisenman critica a repetição da lógica de projeção que se organiza a partir da ortogonalidade, da organização dos espaços a partir do lançamento de grelhas ortogonais. Para Eisenman, é preciso fazer com que o espaço “dobre”, de modo que não seja percebido apenas visualmente, por contemplação. O ataque ao modo de ler visualmente a arquitetura se baseia na afirmação de que a capacidade de representação moderna estava ainda presa à geometria projetiva, a um modo de enxergar o mundo – e a arquitetura como o próprio mundo – que seria ainda bitolada pela

¹⁵ Apesar de se destacar a produção de Eisenman a partir da década de 1980, cabe situá-lo em um momento anterior, como um dos componentes do grupo chamado *The New York Five* - junto a Michael Graves, Charles Gwathmey, John Hejduk e Richard Meier - que despontou ainda no final da década de 1960 em uma exposição no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Os cinco arquitetos tinham em comum o interesse pela retomada de princípios básicos do racionalismo das décadas de 1920 e 1930 (principalmente a partir de Le Corbusier) por meio de uma abordagem mais exploratória, em que já se percebia a predileção pelo uso de grelhas tridimensionais como referência de composição, por exemplo (EISENMAN et al, 1975). Michael Graves, por outro lado, tornou-se célebre por ter optado depois por um caminho distinto, mais voltado ao apelo visual bidimensional das fachadas e ao pastiche (FRAMPTON, 2000).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

representação da perspectiva, um conhecimento do século XV (EISENMAN, 2006a; 2006b; HERBERT, 1993) (FIG 10).

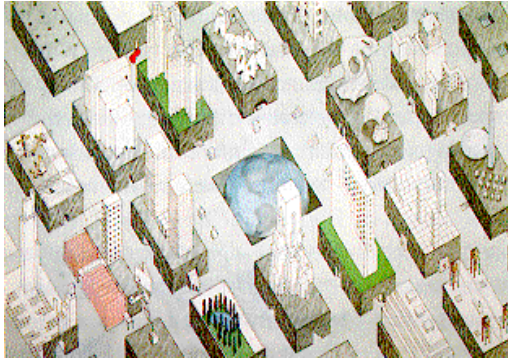


Figura 9– imagem representativa do grid no livro *Delirious New York*, de Rem Koolhaas, 1978 (disponível em <<http://lilystanger.blogspot.com.br>>)



Figura 10– Aronoff Center do College of Design, Art, Architecture and Planning, University of Cincinnati, Peter Eisenman, 1988-1993 (www.disponível em <<http://architecturalmoleskine.blogspot>>.)

A realização de tais dobras no espaço, então, necessitariam de novos princípios de ordenamento e de composição, que levassem a uma percepção mais plena da arquitetura pelos usuários. Como meio de se atingir tal objetivo, o método tradicional de desenho não é mais suficiente, de modo que Eisenman aponta também para a necessidade do desenvolvimento de novos princípios de representação e para modelos matemáticos – algoritmos – de geração de variações nos elementos componentes do edifício, tornando o resultado final mais autônomo, menos subjetivo. Desse modo, o sentido da arquitetura é mais simbólico, experiencial, do que qualquer outro, levando Eisenman à busca por uma abstração formal cada vez maior¹⁶ (EISENMAN, 2006b; HERBERT, 1993).

Embora mais radicais em suas proposições, Koolhaas e Eisenman guardam em comum com Venturi e Rossi a preocupação com a construção de um discurso teórico baseado em evidências extraídas da produção arquitetônica até então vigente – as cidades tradicionais europeias no caso de Rossi, as arquiteturas clássica e moderna no caso de Venturi e Eisenman (um por identificação, o outro por negação) e a cidade de Nova Iorque, no caso de Koolhaas.

¹⁶ Em 1988, Eisenman, junto a outros nomes como Tschumi, Frank Gehry, Zaha Hadid, Coop Himmelb(l)au, Daniel Libeskind e o próprio Koolhaas, expuseram seus projetos no MoMA, de New York, sob o rótulo de *Deconstructivist Architecture*. A fragmentação formal e a irregularidade da geometria dos volumes edificadas levou à classificação de tal tendência, mesmo em produções posteriores, no rótulo do *deconstrutivismo*.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Também são produções teóricas de natureza prescritiva – ou seja, elaboram seus argumentos com o intuito de dizer como deveria ser a produção de arquitetura dali em diante. Entretanto, como fizeram tantos outros autores-arquitetos a eles precedentes (Le Corbusier, inclusive) trata-se, também, da validação das suas próprias concepções de princípios projetivos, aqueles que eles já usavam ou pretendiam usar em suas próprias obras.

O personalismo, justificado por obras escritas pelos próprios arquitetos, portanto, dá o tom da discussão nos anos de 1980, inclusive nas escolas de arquitetura, onde tanto os quatro personagens discutidos – Venturi, Rossi, Eisenman e Koolhaas – eram professores ou palestrantes como também tantos outros, na mesma condição, ainda defendiam e também justificavam uma continuidade do que seria o projeto modernista.

Por outro lado, os anos de 1980 também foram uma década que viu o repertório formal (assim chamado) pós-moderno ser prematuramente contestado. Curiosamente, Magali Larsson (1993) demonstra como, em determinado momento dos Estados Unidos da América, as fronteiras entre os projetos mais nobres e os mais banais começa a ser rompida, trazendo os arquitetos de maior status de inícios da década de 1980 a colocarem sua assinatura em uma grande quantidade de projetos do mercado.

52

Essa relação, entre discurso vanguardista e uma ordem capitalista efetivamente consolidada após a queda do regime comunista do bloco da União Soviética em 1989, leva à reafirmação de uma postura pessimista como base filosófica para a ação de projeto. A negação irrestrita de todo o passado arquitetônico como novo discurso é compreendido por autores como Anthony Vidler) pela interpretação psicologicamente das pressões trazidas pela modernidade, vistas como as provocadoras da tensão, da ansiedade e da sensação de perda e estranhamento que se percebe nas produções de arquitetos como os chamados deconstrutivistas (VIDLER, 2006, p. 619 - 622).

Pautados pelo princípio metalinguístico e metodológico de Jaques Derrida, esses preferem admitir que tudo que foi feito até então, inclusive o modernismo, ainda carregava em si o mesmo espírito clássico de dois mil anos atrás, sendo incapaz de representar o momento em que viviam ou de causar questionamentos ao usuário. Por Peter Eisenman, tal vertente chega, inclusive, a

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

defender o grotesco, a anti-estética, como princípio para subversão dos fundamentos artísticos anteriores (EISENMAN, 2006c).

Mas, muitos dos autores, além de terem escrito, também produziram projetos, dos quais, muitos se tornaram obras, nesse mesmo período. Ou seja, muitos dos discursos tiveram a oportunidade de serem postos em prática, mas também de serem expostos às críticas. Alguns dos autores, hoje, se tornaram os arquitetos de referência para a produção atual, como Michael Graves, Peter Eisenman, Bernard Tschumi, Tadao Ando, Rem Koolhaas e Rafael Moneo.

Efetivamente, nota-se a falta de um paradigma estético comum aos trabalhos dos arquitetos mais recentes, ao menos explicitamente expresso, como antes era mais facilmente perceptível no caso dos modernistas e pós-modernistas, o que faz com que todo o conjunto de projetos e obras produzidos depois da década de 1980 se torne difuso e de difícil enquadramento se observado do ponto de vista puramente formal (COLQUHOUN, 1989).

Por conta de tal cenário, quando Kate Nesbitt (2006) lançou “uma nova agenda para a arquitetura” em 1996, defendeu a tese de que o período posterior à Segunda Guerra Mundial e à consolidação da Guerra Fria, até a época em que o livro era escrito (ano de 1995), algo de diferente se manifestava na produção da arquitetura dos países centrais – Estados Unidos, Inglaterra e Europa Centro-Occidental e Japão.

53

Ao propor uma “nova agenda”, portanto, ao mesmo tempo que a autora assumia a diversidade da produção, evitava repetir um enquadramento generalista da produção em um rótulo como do pós-modernismo. Porém, aceitar a nova agenda proposta por Nesbitt, é também aceitar que, a partir de 1995 viriam ainda mais discussões e posicionamentos, trazendo a noção de contemporaneidade da produção para um marco histórico mais próximo. E o que vai se perceber, a partir de então, é a reafirmação das posturas anteriores em um grau de radicalismo mais exacerbado e levado a uma escala mais ampla.

O próprio Rem Koolhaas vai defender que a capacidade de um edifício servir ao uso urbano e suscitar novas possibilidades de usos à cidade é prioridade, sendo mais importante do que o seu aspecto exterior – tanto que, a mensagem a ser emitida por suas propriedades plásticas é de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

unidade e coesão, como um objeto urbano capaz de ser rapidamente percebido, comportando as variadas atividades que se desenvolvem no seu interior.

A noção “manhattanista” de grandes equipamentos urbanos, preenchidos por atividades diversas e sobrepostas e solucionados plasticamente pela definição de uma superfície envoltória externa unificante – que media a relação do intramuros e o ambiente circundante como uma interface – é então retomado pelo autor. Em seu livro de 1995 “S, M, L, XL”, junto com Bruce Mau, traz uma proposta ainda mais geral, aplicável a qualquer lugar do mundo, sendo traduzida como a necessidade do “bigness”, a grandeza dimensional do edifício corporativo ou institucional contemporâneo.

Ou, como descreveria Bernard Tschumi (2003, p. 64) em sua concepção ainda mais sintética, de “vetores” e “envelopes”¹⁷:

Edifícios, nas suas formas mais simples, são feitos de vetores e envelopes. O modo como alguém adentra um edifício e se move através dele constitui os vetores. O que protege da chuva, do frio, do calor, do barulho e dos ladrões constitui o envelope. Vetores ativam, envelopes definem.¹⁸

54

O rebatimento do discurso de Koolhaas é em sua própria prática da arquitetura, desenvolvida em seu *Office for Metropolitan Architecture* (OMA), e em suas pesquisas e publicações, por meio do *Architecture Media Organisation* (AMO), fazendo com que os princípios sejam não só executados nos edifícios como também vendidos por uma linha editorial bastante atuante (FIG. 11).

A década de 1990, porém, traria algumas obras escritas que dariam um novo tom à discussão, radicalizando um certo niilismo – já vislumbrado em Eisenman e principalmente em Koolhaas – com relação ao papel da arquitetura para a sociedade – reverberando a crise do sentido da arquitetura levantada por Virilio (1993), poucos anos antes. Ela se encaminharia, assim como toda a tecnologia construtiva emergente, de modo pragmático e a-ideológico, formando um conjunto de produções à parte do declarado pós-modernismo e muito mais alinhado às

¹⁷ Ver explicação para as ideias desse autor na Introdução, Capítulo 1 desta tese.

¹⁸ Livre tradução do autor para o original: “Buildings, in their simplest form, are made of vectors and envelopes. How one enters a building and moves through it constitutes the vectors. What keeps out the rain, cold, heat, noise, and burglars constitutes the envelope. Vectors activate; envelopes define”

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

tendências pessimistas de aceitação do fracasso do status do arquiteto como artista e à sensação de ansiedade compartilhada pela sociedade daquele tempo (MONEO, 2004).

Como repercussão do discurso de Koolhaas, pode ser apontada uma série de seguidores, representados por escritórios ligados ao seu discurso – principalmente holandeses – como o Mecanoo, o MVRDV, o UN Studio e o Neutelings-Riedijk Architects, dentre outros que se estabeleceram no início em finais da década de 1980 e início da de 1990. Em comum com Koolhaas e entre si, desenvolvem o princípio de desenvolver pesquisas em paralelo à produção de projetos (PORTO FILHO, 2005; 2006).

O MVRDV, por exemplo, principalmente na figura de um dos seus membros líderes, Winy Mass, complementa a sua atuação com algumas publicações, como o FARMAX (MAAS; RIJS, 1998) e as ideias de *Metacity/Datatown*, em que a tese principal é o desenvolvimento da arquitetura não mais por dogmas de composição ou preocupação com tectônica, mas como resposta a um sistema de informações – de necessidades, de anseios – do cliente e do seu contexto social que podem ser visualizados como imagem desde a origem – como gráficos de densidade, quantidade, frequência ou qualquer representação de medição de dados – e sobrepostos ou justapostos como espaços (GARCÍA, 2010) (FIG. 12).¹⁹

55

Neutelings e Riedijk (1999), por sua vez, recorrem à ironia típica de Koolhaas para afirmar que o arquiteto contemporâneo deve associar sua ambição à preguiça – a capacidade de negar o excesso de trabalho – para que possa desenvolver soluções mais inteligentes e não recair na repetição que a grande disposição ao desenho traz a vários de suas colegas²⁰.

Mas também há aqueles que reafirmam posturas menos pessimistas, retomando uma certa defesa pela responsabilidade social da arquitetura na capacidade de tornar os edifícios mais próximos da capacidade de compreensão de seus usuários.

¹⁹ É curioso perceber que esse discurso do MVRDV, como outros aqui também descritos - de Rem Koolhaas, inclusive - embora agora aparecem de modo deliberadamente eloquente e vanguardista e em associação com princípios mais ligados à informação e à mídia, na verdade, retomam algumas ideias anteriores de inspiração claramente modernista, como os métodos de projeto baseados em matrizes de usos e fluxos nos edifícios da década de 1960, como os relatados por Amorim (1999) ao discutir métodos e sistemáticas de ordenamento do raciocínio projetivo moderno.

²⁰ Embora não declarada, é possível perceber uma aproximação dessa postura à ideia do “ócio criativo”, um princípio defendido para uma nova abordagem ao trabalho pelo sociólogo italiano Domenico De Mais em 1995.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 11– Educatorium da Universidade de Utrecht, Holanda, OMA, 1997 (disponível em <<http://www.postalesinventadas.com/>>)



Figura 12– gráfico de topografias artificiais a partir de dados de densidade no livro Farmax, MVRDV, 1998 (disponível em <<http://www.tributosurbanos.es/en/>>)

Para Charles Jencks, todas as discussões levantadas entre o pós-Segunda Guerra e a década de 1990 levaram à consolidação de uma produção arquitetônica voltada à pluralidade, onde tudo é possível, em termos de forma, desde que certos objetivos sociais sejam atingidos. O somatório desses objetivos, pode-se dizer, reside na máxima distinção do objeto edificado em relação aos demais. Esta distinção pode ser pelo estranhamento, pela mimese, pelo ineditismo ou até mesmo pela repetição, a referência histórica (JENCKS; FAT, 2011).

Embora Jencks insista na utilização da expressão Pós-modernismo – uma vez que foi o termo que promoveu o seu livro de 1977 – o autor descreve bem os resultados de todos estes novos fatores da produção contemporânea. Ele defende que uma nova conjectura mundial levava os arquitetos a se libertarem de dogmas compositivos em prol de mais liberdade, soluções mais complexas e mais variadas, desapegando-se dos manifestos, dos mestres e das escolas. As discussões mais recentes de Jencks (2005; 2011) sobre essa produção posterior ao modernismo – quando também o chama de “late modernism”, como alto-modernismo ou modernismo tardio.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Na contracapa da revista *Architectural Design* de setembro/outubro de 2011, editada por Jencks e pelos arquitetos do escritório inglês FAT (*Fashion Architecture Taste*), por exemplo, defende-se a existência de uma prática de arquitetura erudita e consciente voltada a promover uma deliberada aproximação com o público usuário e discutir os cânones clássicos ou modernos de composição da forma arquitetônica, ampliando a concepção do que seria o pós-modernismo para uma condição contemporânea de radicalismo absoluto quanto à liberdade de expressão formal.

O Pós-Modernismo Radical marca o ressurgimento de uma arquitetura crítica que envolve, de uma forma abrangente, questões de gosto, espaço, caráter e ornamento. Unindo alta e baixa culturas, ele mergulha na era da informação, abrangendo significado e comunicação, enreda-se na política suja do gosto pelo desenho de ideias além dos estreitos limites da arquitetura. É uma categoria multidimensional, amorfa, que é fortemente influenciado pela arte contemporânea, a teoria cultural, a literatura moderna e a vida cotidiana. [...] na era do capitalismo tardio, o Pós-Modernismo Radical pode fornecer uma arquitetura de resistência e relevância contemporâneas, formando um antídoto muito necessário para o culto predominante do Modernismo anódino e da ginástica espacial vazia da chamada vanguarda digital.²¹

Os autores dos textos dessa edição discursam e argumentam por uma produção com uma linguagem formal livre de modelos pré-estabelecidos, apelando às teorias de Michel de Certeau – e, certamente, embora de modo não declarado, também com influências das discussões de Bourdieu (1979) – sobre o gosto e a reprodução de estruturas de status sociais nele baseado para justificar tal liberdade.

57

A principal premissa é de que as idiosincrasias dos sujeitos que farão uso dos edifícios e os contextos socioculturais em que são instalados devem ser itens respondidos de modo direto, com a imagem dos edifícios desempenhando um preponderante papel de agente de comunicação e aproximação do objeto ao sujeito. De tal modo, seria, potencialmente, um recurso de arquitetura mais responsável, uma vez que levaria em conta o bem-estar e a identificação do usuário com o edifício.

²¹ Livre tradução do autor para: “Radical Post-Modernism (RPM) marks the resurgence of a critical architecture that engages in a far-reaching way with issues of taste, space, character and ornament. Bridging high and low cultures, it immerses itself in the age of information, embracing meaning and communication, embroiling itself in the dirty politics of taste by drawing ideas from beyond the narrow confines of architecture. It is a multi-dimensional, amorphous category, which is heavily influenced by contemporary art, cultural theory, modern literature and everyday life. This title of AD demonstrates how, in the age of late capitalism, Radical Post-Modernism can provide an architecture of resistance and contemporary relevance, forming a much needed antidote to the prevailing cult of anodyne Modernism and the vacuous spatial gymnastics of the so-called digital ‘avant-garde’.”

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Tal imagem pode ser mais denotativa, apelando a associações diretas com outros objetos ou ideias ligadas ao contexto ou motivo de existência do edifício ou fazer uso da referência histórica, do pastiche, para se remeter ao imaginário popular e, com isso, provocar a desejável identificação e aceitação do objeto. No texto de Léa-Catherine Szacka (2011), componente da referida edição da *Architectural Design*, a autora se remete à discussão travada na Bienal de Arquitetura de Veneza de 1980, entre o uso do historicismo e de recursos de comunicação como base para uma nova linguagem para a arquitetura, àquela época.

Nítidamente, e de modo assumido, tal defesa é confluyente com o discurso elaborado por Robert Venturi (e reafirmado pelo próprio autor e seus parceiros, como Denise Scott-Brown) nas décadas de 1960 e 1970, o que termina por caracterizar já, e precocemente, um certo revivalismo do que seria o chamado pós-modernismo (FIG. 13).

E é certo que tal arquitetura não é única maneira de se produzir atualmente – até porque a pluralidade e a heterogeneidade, de novo, são determinantes. A incorporação de elementos locais – sejam cores, materiais construtivos ou outras imagens – é sempre permitida.

58

Muitos projetos desenvolvidos por escritórios de arquitetos referenciais, contemporaneamente, em países tão distintos quanto Brasil, Portugal, Suíça ou Japão – falando das obras de Paulo Mendes da Rocha, Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto Moura e Aires Mateus, Peter Zumthor e Gigon & Guyer, Tadao Ando e Toyo Ito, por exemplo – prezam justamente pelo abstrato e pela retração da exacerbação formal em oposição à exposição de associações imagéticas mais imediatas (PORTO FILHO, 2006), e terminam por serem enquadrados, para alguns autores, dentro de um novo e extremo minimalismo (MONTANER, 2001b; 2011) (FIG. 14).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 13– The Villa – edifício cívico para centro comunitário. FAT, Hoogvliet, Holanda, 2009 (disponível em <<http://www.fashionarchitecturetaste.com>>).



Figura 14 – Casa Azuma, Tadao Ando, Osaka, Japão, 1976 (disponível em <<http://www.flickrriver.com/>>)

Todavia, não são esses princípios que atraem, de imediato, as corporações multinacionais ligadas ao mercado globalizado – a abstração e auto-referência, paradoxalmente, princípios mais próximos aos do modernismo anterior, nem sempre são eficientes como símbolos ou marcas empresariais em escala urbana.

Essas intenções reforçam a ideia desenvolvida mais recentemente por Jencks (2005) do “edifício icônico” – *iconic building* – como um desdobramento da sua concepção original de pós-moderno. Esse apelo a uma imagem forte e representativa é chamada por Jencks de “ícone”, sendo que edifícios que prezam por expressar tal efeito seriam “edifícios icônicos”.

Para Jencks, o primeiro desses edifícios é a capela Ronchamp, de Le Corbusier, na fase tardia de produção do mestre modernista. Há uma série de referências e liberdades formais que contradiriam os próprios princípios de Le Corbusier (1923), mas que fazem da capela um ícone reconhecível pela sua identidade, como normalmente não se teria nos edifícios modernos – feitos para a produção em massa, indissociáveis e com objetivos mais imediatos e monofuncionais – ou viver, ou produzir, ou comprar, etc., ou seja: uma função por exemplar (JENCKS, 2005).

São vários os exemplos dados por Jencks (2011) de arquitetos contemporâneos produzindo edifícios claramente apelativos do ponto de vista formal – Daniel Libeskind (o Museu Imperial da

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Guerra, em North Manchester; o Museu Judaico, em Berlim) (FIG. 15), Norman Foster (edifício Swiss Re, em Londres), Frank Gehry (o Guggenheim, de Bilbao; o Walt Disney Concert Hall, em Los Angeles), dentre outros. Mas também poderiam ser enquadrados outros tantos exemplares dos mercados imobiliários de São Paulo, Pequim, Dubai e Abu Dhabi (FIG. 16). Se tal edifício não aparece e representa todo o investimento da corporação que o possui, a própria economia envolvida na sua produção se torna mais frágil (REN, 2011).



Figura 15 – Museu Judaico de Berlim, Daniel Libeskind, 1988 – 1999 (disponível em <<http://archidialog.com/2011/10/08/daniel-libeskind-inspiration-sources-the-crystal-buildings/>>)



Figura 16 – Burj al Arab, Tom Wright/ WS Atkins PLC, Dubai, 1994 – 1999 (disponível em <<http://www.dubaishortstay.com/blog/dubai-landmarks/top-10-tallest-buildings-in-dubai/>>)

A produção extremamente livre formalmente, visual e publicitária dos escritórios holandeses OMA/AMO, capitaneado por (mais uma vez) Rem Koolhaas, e do dinamarquês Bjark Ingels Group (BIG), são, talvez, a prova de que tal tendência é absorvida até mesmo pela vanguarda – pois são escritório com publicações destinadas a explicar e difundir seus próprios projetos e ideias e aqueles dos que mais têm conquistado premiações nos principais concursos internacionais de projeto atualmente.

A série de projetos para a grife Prada proposta por Koolhaas em diversas cidades dos Estados Unidos ou seu edifício para a Central de Televisão da China, em Pequim são exemplos desta postura, assim como os projetos do BIG para o Kimball Art Center, em Utah, Estados Unidos (FIGs 17 e 18).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 17 – Central de Televisão da China, OMA/AMO, Pequim, 2008 (fonte: OMA/AMO, disponível em < <http://www.archiveneue.com/>>).



Figura 18 – BIG, Kimball Art Center, Utah, EUA, 2012 (fonte: BIG, disponível em < <http://www.designboom.com/weblog/cat/9/view/18333/big-architects-kimball-art-center.html>>).

E mesmo Koolhaas demonstra consciência sobre tal fenômeno, como declara em uma entrevista ao próprio Charles Jencks, transcrita no mesmo volume da *Architectural Design* comentado acima, em que defende que a ideia de edifício como construtor de uma imagem ícone é anterior ao próprio pós-modernismo, citando o terminal aeroportuário da TWA em Nova Iorque de Eero Saarinen, ainda em 1966. Koolhaas também admite que trabalha com a noção de construção dessas imagens em seus projetos, citando alguns dos mais recentes, como a Casa da Música, no Porto, Portugal, e o edifício sede da televisão nacional chinesa, concebidos deliberadamente como marcos urbanos (JENCKS; KOOLHAAS, 2011).

Como se percebe, de 1995 até a presente data, somam-se quase vinte anos de intensas transformações na cultura global – tanto na chamada cultura de centro, dominada pelos países mais ricos e desenvolvidos e pelas elites econômicas e intelectuais em geral, como nas culturas periféricas. E, ainda, do mesmo modo que até a década de 1990 pululavam os textos de nítida pretensão propositiva e prescritiva compilados por Nesbitt (2006), muitos outros mais viriam ser propagados desde então, sendo tão ou mais divergentes entre si do que os anos de 1990 puderam presenciar. Ou, como diria Coulhoun (2004, p. 20):

[...] todas as filosofias da ‘desconstrução’ que pretendem mostrar que a filosofia está morta são apresentadas dentro do formato da própria filosofia; elas não aceitam passivamente o relativismo que parecem estar celebrando.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

É esse aparente paradoxo que leva à aceitação temporária do pluralismo contemporâneo na arquitetura e uma profunda preocupação com a ausência de qualquer discurso coerente.

2.2 Dos processos e dos paradigmas aos produtos

Com a preocupação de encontrar algum enquadramento para a imensurável variedade de linhagens discursivas e expressivas atuais, Anthony Vidler (2004) sugere que seriam três os princípios unificadores da arquitetura desse período, que superariam a sua aparente pluralidade e lhe dariam a identidade contemporânea: a ideia de paisagem, a analogia biológica e uma nova noção do que se entende por “programa”.

Todavia, entende-se que tais princípios – ainda muito gerais – não são exclusivos da contemporaneidade, pois ressoam questões já presentes no discurso moderno. Ao mesmo tempo, percebe-se como Nesbitt, Ghirardo, Portoghesi, Montaner e Jencks posicionam-se em definitivo sobre uma visível ruptura entre a produção mais recente da arquitetura e o que se chama de arquitetura modernista.

62

De modo geral, esses autores identificam duas posturas comuns em meio à diversidade contemporânea: a crítica ao alinhamento teórico ideológico e estilístico verificado nas gerações anteriores; e a percepção da absorção de novos campos de conhecimento – como a semiótica, a fenomenologia, a antropologia – e questões políticas – marxismo, feminismo – ao discurso sobre a prática do projeto. Em essência, trata-se do desprendimento do discurso modernista de defesa de uma rígida e direta relação entre forma e função e de uma expressividade que se pretendia “verdadeira” de materiais construtivos.

Contudo, entende-se que o que se chamou de arquitetura pós-moderna – como utilizado nos textos desses autores – era muitas vezes embebida em alguns discursos de ruptura cheios de discussões e propostas estéticas superficiais, não produzindo nenhuma mudança no processo para se conceber a arquitetura em si – sistemas de representação, escolha de tecnologias e execução de obras.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas, como visto, não somente de prescrições de ordem mais filosófica, discursiva e simbólica ou artística se deram o desenvolvimento e os questionamentos sobre o fazer arquitetônico na segunda metade do século XX. Novas questões de ordem ética e ou política emergiram em paralelo a um novo ciclo econômico calcado no capital financeiro internacional e no aprimoramento da ciência da computação e de toda tecnologia ligada à informação e à indústria. Já na arquitetura desenvolvida a partir de finais da década de 1980, por exemplo, percebia-se uma tomada de consciência sobre as novas possibilidades para se conceber e produzir edifícios.

Sobre tais aspectos, até pela idade das obras, são um pouco mais enfáticos e consistentes os discursos de Jencks (2005; 2011) e Montaner (2001b) do que dos demais. Esses autores já identificam que alguns edifícios recentes, de notável arrojo construtivo e apelo visual, são utilizados como dispositivos para a inserção de programas típicos de um capitalismo financeiro onde a comercialização da informação – museus para exposições itinerantes, centros culturais – e a manifestação de grandes feitos, como mudanças políticas ou requalificações urbanas (sendo os casos das cidades espanholas de Barcelona e Bilbao, na década de 1990 exemplos mais característicos) transcendem os seus programas iniciais e retomam um certo peso simbólico de natureza diversa da que se verificava no discurso da economia e da racionalização de meios propagado pelo modernismo (VIDLER, 2010).

63

Produzir mais em menos tempo não deixou de ser um objetivo, mas os valores agregados a tal processo – principalmente os ligados ao uso de matérias-primas não renováveis, à poluição e a degradação ambiental – passaram a ser uma questão relevante nos discursos políticos das economias centrais, terminando também por repercutir em cobranças sobre a responsabilidade da indústria da construção civil – e da arquitetura – como componente desse ciclo mais amplo. O próprio Montaner (2001b), ao reconhecer que atônica da modernidade havia sido superada, identifica na arquitetura voltada a princípios de sustentabilidade uma vertente de peso na produção contemporânea.

O desenvolvimento da computação, por sua vez, também interfere nos processos industriais e, evidentemente, também passa a permear os processos ligados à construção e à concepção de edifícios de modo aparentemente definitivo. Tanto é assim que tais conhecimentos e possibilidades trazidos pelo uso da informática pelos arquitetos não se restringiu aos escritórios,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

mas permitiu a alguns estudiosos buscar representações e medições de aspectos antes tidos como obscuros e subjetivos – como forma, percepção e uso do espaço. A arquitetura se tornou uma matéria de reflexão a partir de instrumentais analíticos que iriam além da pura argumentação a partir da observação, constituindo um caminho teórico para um conhecimento que agora se propõe objetivo e transversal a qualquer escola ou discurso prescritivo.

Considerando, também, que o rótulo de pós-moderno ou pós-modernista foi estabelecido ainda nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, discorda-se que a arquitetura do tempo presente, inícios do século XXI, ainda esteja dependente da contestação do passado moderno para ser identificável.

A produção atual é caracterizada por um novo conjunto de práticas e resultados que a diferenciam tanto deste passado recente como das premissas declaradamente modernistas do início do século XX. Neste caso, o marco de distinção seria até mais evidente que o da arquitetura modernista em relação a seus predecessores – programas, tecnologias, modos de representação e execução e até mesmo os materiais modernos, já existiam antes mesmo do discurso das vanguardas do início dos 1900. Também se poderia dizer que a condição contemporânea seria ainda mais distinta do que era aquela chamada arquitetura pós-moderna – que se manifestava mais como discurso, como revisão de intenções e ajustes ou correções de rota em relação a toda produção modernista anterior.

64

Por isso, defende-se que a arquitetura da contemporaneidade não é mais somente a arte da construção ou um fenômeno social funcional, mas constitui uma realização de alta complexidade, não apenas programática, não apenas tecnológica ou artística, mas serve a propósitos mais abrangentes para o funcionamento da sociedade globalizada contemporânea.

É evidente que, mesmo contemporaneamente, é possível identificar algumas práticas, de alguns autores, que estariam fora deste sistema de produção identificado. É o que Danto (2010) também afirma para arte contemporânea como um todo, e seria um fenômeno normal para qualquer campo de produção. Tal fenômeno justificaria, por exemplo, aquelas distintas visões mesmo entre autores que discutem o contemporâneo, como Jencks (2011)– que ainda se atém ao rótulo

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

do pós-moderno, mesmo sobre a produção contemporânea – e Montaner (2001b) – que defende uma completa superação do moderno.

Entende-se, por outro lado, que o período atual se caracteriza por aquilo que apresenta de mais representativo e distintivo daquilo que era hegemônico em um momento anterior. E é sobre tais predominâncias, certamente verificáveis a partir da segunda metade da década de 1990 até os dias atuais e apresentadas logo acima, que o estudo se estrutura para delimitar o objeto em questão.

Sendo assim, e considerando tal complexidade, entende-se que, além desta compreensão sobre discursos e linguagens que caracterizam a produção contemporânea, faz-se necessário, também, compreender certos pontos menos variáveis – alguns paradigmas comuns – que transpassam as práticas dos vários autores por serem inevitavelmente constituintes do contexto em que eles atuam e caracterizam certas demandas, possibilidades ou processos de produção contemporâneos.

A ideia desta seção, portanto, é apresentar conteúdos ligados ao que o cenário sócio-econômico-cultural-tecnológico atual oferece e exige da arquitetura – e aos processos de produção da arquitetura contemporânea em si – e não só o que os próprios arquitetos ou historiadores e teóricos falam da arquitetura, como se deu na seção anterior.

65

Como matriz norteadora da delimitação do que se pode chamar de uma arquitetura contemporânea como se entende nesta tese, portanto, propõe-se a síntese de uma série de transformações evidenciadas pelos estudos da arquitetura recente discutidos até então, sendo eles:

- (a) uma nova postura reflexiva sobre a própria arquitetura, com princípios e métodos de descrição e análise objetivos dos exemplares;
- (b) uma mudança nos meios de representação gráfica e/ou visual associados ao momento de concepção e ao incremento na capacidade tecnológica de execução das obras;
- (c) a presença de um novo paradigma ou exigência sócio-econômico-cultural abrangente - sendo a noção de sustentabilidade ambiental a mais evidente; e
- (d) as intenções de construção de significados culturais dos edifícios institucionais para a sociedade contemporânea que os exige e utiliza.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Defende-se que estas posturas terminaram por favorecer a emergência não só de edifícios contemporâneos efetivamente distintos em relação aos edifícios modernos ou pós-modernos, não só como produtos, mas como modos de se fazer, de se pensar e de se posicionar sobre a prática do projeto de arquitetura.

As próximas três subseções apresentam alguns argumentos sobre os três primeiros pontos listados acima. A última subseção, concernente ao quarto ponto, porém, apresenta uma primeira inferência sobre os produtos gerados por esses processos, defendendo que eles caracterizam este modo contemporâneo de se produzir edifícios, inclusive, devido a uma particularidade determinante em relação ao modernismo: a ausência de um compromisso ideológico-moral ao se tratar de questões de uso e desempenho de funções programáticas – geradoras dos sistemas de espaços dos edifícios – e a relação destes com as suas expressões formais. Termina-se caracterizando uma ruptura declarada e assumida ante os cânones modernos de forma e função, necessária para a viabilização dos edifícios institucionais complexos de hoje.

66

2.2.1 Descrição, análise e reflexão

Paralelamente à profusão de discursos, linguagens plásticas e sistemas compositivos que vinham sendo revistos desde a década de 1960, as estruturas linguísticas – a gramática, a sintaxe e a semântica – eram também do interesse dos estudos deste período. A pesquisa nas estruturas de raciocínio utilizadas para construir discursos inteligíveis serviu de base tanto para pesquisas sobre a programação de rotinas na computação como sobre a formulação de sentido na arquitetura, fazendo surgir, assim, estudos com um interesse ligado aos métodos de projeto, em uma tentativa de explicar matematicamente por que determinadas escolhas – tidas na prática da profissão como “estéticas” ou subjetivas – eram tomadas em detrimento de outras – e como a sucessão de pequenas escolhas terminavam por criar objetos tidos como únicos, ou, no jargão do senso comum, “criativos”.

William Mitchell (2008) desenvolveu trabalhos no Massachusetts Institute of Technology (MIT) sobre a linguagem computacional da forma na arquitetura, culminando com o seu livro *The Logic of Architecture*. Uma vez que procurava transpor para a lógica sequencial do computador as

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

decisões operadas pelo arquiteto na atividade de projeto, Mitchell terminava por discutir arquitetura através de linguagem computacional, baseada em sequências descritíveis de estabelecimento de parâmetros, protocolos e decisões.

Christopher Alexander (1977), na sua tentativa de mapear padrões – *patterns* – de soluções na produção do espaço construído, sugeriu a existência de uma possível linguagem que os articularia. Ou seja, como uma língua, a arquitetura se utilizaria de entes previamente consagrados e com significado estabelecido – palavras, na língua; *patterns*, na arquitetura – para construir seu significado, para fazer sentido, pragmaticamente, a quem a utiliza. Os princípios de Alexander, de tão matematicamente precisos, terminaram por ter maior permeabilidade nos estudos de linguagem de programação computacional que no meio arquitetônico em si.

Na Universidade de Cambridge, Inglaterra, na mesma época, quando a escola estava sob a direção de Leslie Martin, outro estudioso de princípios de geração da forma, desenvolve-se a chamada *Shape Grammar*, termo cunhado em 1971 por Stiny e Gips (1972) para as regras e mecanismos de geração de forma que podem ser identificados também matemática e computacionalmente para obras arquitetônicas. Estudos e aplicações foram realizadas em projetos – de Palladio a Le Corbusier, passando por Sullivan – de modo que se tornasse possível descrever as equações de formulação dos princípios artísticos da forma construída.

67

Seguidores da escola de Cambridge, como Lionel March e Philip Steadman desdobraram as iniciativas para outros campos da matemática. Steadman (1983) tem sua grande contribuição ao trazer as noções de topologia e de análise configuracional para descrever a forma edificada, permitindo trabalhar com princípios inclusive mais próximos da lógica da prática arquitetônica em si – como a noção de adjacência – e correlacionando tais dados de natureza mais abstrata com fatores do mundo real e da própria atividade de projeto – decisões sobre o posicionamento de espaços a partir da insolação, ventilação ou movimento de usuários (STEADMAN, 1998; 2003).

Um dos desdobramentos seguintes, e ainda ligado a princípios linguísticos e o estruturalismo, foi desenvolvido pelo grupo da Bartlett School de Londres, sob a liderança de Bill Hillier e Julianne Hanson (1984). Tal grupo propôs a existência de uma *lógica social* para a arquitetura subjacente aos produtos construídos, sendo esta entendida a partir das relações topológicas que podem ser

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

estabelecidas entre os espaços de um edifício ou da própria cidade. Compreende-se assim uma *sintaxe espacial*, a estrutura de ordenamento dos entes arquitetônicos primordiais – espaços – de modo a dar sentido à sua existência, antes mesmo que se agregue algum significado artístico a eles – a sintaxe é a estrutura precedente da destinação dada a um edifício, contendo, inclusive aspectos da sua própria semântica. Como os anteriores, faz uso da computação como uma ferramenta de descrição, medição e análise das relações obtidas nos exemplares edilícios ou urbanos.

Sendo um saber produzido essencialmente nas universidades, é natural que, na formação de novos profissionais a partir das décadas de 1970 e 1980, tal conhecimento – ou as possibilidades de sua utilização – comece a ser absorvido também pelos projetistas. Desta feita, o ambiente de pesquisa científica passa a subsidiar discussões sobre os próprios processos de produção da arquitetura, trazendo a possibilidade de maior consciência sobre a prática projetiva, a avaliação e a revisão de conceitos e a possibilidade de se buscar, objetivamente, o melhor desempenho das edificações como produtos utilizáveis pela sociedade – sejam eles hospitais, museus, indústrias ou escritórios e lojas de departamentos.

68

2.2.2 Novos sistemas de representação, novas possibilidades de execução

Dois exemplos de problemas advindos das intenções de concepção e produção de forma e espaço e de sua realização como edifícios construídos demonstram uma transformação significativa nos processos de projeto e execução na contemporaneidade da arquitetura.

Em 1987, destaca-se o projeto de Peter Eisenman – antes reconhecido por ser um revisor do modernismo dentro do bojo da produção pós-modernista²² – para os laboratórios de ciências biológicas da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. O projeto tinha como particularidade uma completa e aparente desordem e independência entre suas partes – estrutura, vedação, coberta e pisos, que, visualmente não se encaixavam nem se apresentavam em prumo, como seria o esperado em um edifício tradicional.

²² Ver nota 15.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Para chegar a esse produto, Eisenman fez uso de algoritmos – regras para sucessões de procedimentos previamente estabelecidos – para atingir um resultado de projeto que fosse menos pessoal – ditado pela vontade do arquiteto – e se tornasse mais imprevisível. A lógica estava em fragmentar o edifício em subsistemas: estrutura portante, piso, coberta, septos de vedação, etc. e encontrar uma nova gramática para o ordenamento lógico dos componentes edilícios conhecidos.

Cada um desses sistemas seria referenciado no espaço e depois movimentado sobre alguns eixos determinados – rotacionados ou deslocados – de modo que os sistemas passassem a ser visivelmente independentes uns dos outros. O produto final deveria nunca apresentar repetição em suas partes, para que a experiência do usuário fosse sempre única quando percorresse os espaços a cada passo. O resultado de tais procedimentos passava a ser menos importante que o processo²³. E o desenho, a representação gráfica, adquiria papel central neste mesmo processo de projeto. Entretanto, as variações sucessivas – e a garantia de imprevisibilidade e da ausência de repetição de situações espaciais no resultado final, o projeto, enfim só poderiam ser garantidas com o uso da matemática computacional (HERBERT, 1993, p. 67) (FIG. 19).

Tal qual no Renascimento, quando o uso da geometria projetiva e da perspectiva permitiram que se tivesse a noção de planejamento, projeção e previsão de um edifício, ao invés da sua construção direta, sem registro ou sem a evidente solução de seu projeto por representação gráfica, softwares passavam a ser desenvolvidos para o desenho ou a modelagem de objetos arquitetônicos com o uso de objetos digitais editáveis.

Entretanto, a simples transposição da geometria descritiva ou projetiva para o ambiente digital não seria o suficiente, uma vez que, se fosse assim, mudariam os suportes, mas os meios, em si, permaneceriam os mesmos.

Poucos anos depois, um outro edifício que terminou por se tornar referencial desse processo de transformação foi o museu Guggenheim de Bilbao, no País Basco, Espanha. Projetado pelo arquiteto norte-americano Frank Gehry em 1992, e executado em 1997, o edifício apresentava o

²³ Tal resultado terminou por caracterizar a linhagem particular da chamada arquitetura desconstrutivista produzida e defendida pelo arquiteto.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

seu espaço principal de exposições delimitado por um conjunto de painéis curvos justapostos de modo irregular (FIG. 20).

As dimensões e padrões de curvatura de cada painel eram variáveis, fazendo com que tivesse o aspecto de uma profusão de superfícies retorcidas, o que alguns chegaram a comparar com uma grande flor. Para ressaltar o seu aspecto insólito, o arquiteto ainda previa o seu revestimento com algo que lembrasse escamas metálicas, fazendo supor que o grau de irregularidade e variância dos painéis maiores se multiplicariam em cada uma dessas escamas que, pragmaticamente, deveriam garantir a estanqueidade do conjunto, algo essencial para o programa de um museu (GEHRY, 2005)²⁴.



Figura 19– rotação e translação de sistemas no projeto da Casa Guardiola, Peter Eisenman, (fonte: Patrick Weber, disponível em <<http://bartlettyear1architecture.blogspot.com.br/2011/05/drawings-peter-eisenman-guardiola-house.html>>).



Figura 20 – Museu Guggenheim de Bilbao, Frank Gehry, Espanha, 1992–1997 (fonte: Michel Chabon, disponível em <<http://fmarcial.files.wordpress.com/2009/05/gehry-bilbao.jpg>>).

²⁴ O processo de concepção de Gehry é mais manual e artesanal que digital. Os princípios de composição do edifício de Bilbao já haviam sido apresentados em um projeto anterior, o Disney Concert Hall, em Los Angeles, de 1987. Entretanto, muitos foram os problemas na execução deste exemplar, que só foi concluído em 2003. A experiência de representação digital e a execução do Guggenheim, sendo anteriores, serviram, inclusive, para solucionar muitos dos problemas encontrados no processo do Disney Concert Hall.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

De início, o escritório de Gehry havia concebido os volumes e espaços de geometria complexa utilizando não o desenho técnico – cortes e elevações – mas diretamente modelando em uma maquete de trabalho, manualmente. A representação pra execução das peças parecia impossível, a não ser que fossem permitidas simplificações da geometria, o que terminaria por reduzir o impacto visual da proposta.

Uma vez que foi produto de um concurso internacional e a ideia de Gehry atendia tanto à fundação Guggenheim como à municipalidade de Bilbao, interessados justamente na ruptura de padrões e criação de um novo referencial para a cidade, o desafio de tornar exequível o projeto foi assumido tanto pelos arquitetos como pela Arup, empresa de engenharia responsável pelo cálculo e pela execução (GEHRY, 2005).

Como solução, foi encontrado um software normalmente utilizado para projetos de aeronáutica militar, conhecido por *CATIA*. Ao invés de desenhar o objeto, partia-se do princípio do mapeamento de pontos das superfícies, diretamente sobre a maquete. Com os pontos referenciados interpolavam-se as superfícies curvas e daí por diante seria possível também se definir as escamas. Como todos os modelos digitais contavam com informações tridimensionais, todas as chapas puderam ser obtidas em máquinas de corte diretamente a partir dos modelos digitais e montadas *in loco* como um mosaico numerado.

71

A intenção plástica do projeto, portanto, só foi possível de ser realizada fisicamente por tecnologias de representação e execução incorporadas ao processo. Plástica, tecnologia e representação mudaram sensivelmente em relação a qualquer prática anterior.

Além disso, o modo de produzir um projeto se sobrepõe aos modos de se produzir um edifício. A decisão pelos resultados formais pode ser tanto artística como matemática, ou tecnológica – produto de simulações túnel de vento ou da modelagem das mãos do autor. Entretanto, este momento de concepção passa estar vinculado às possibilidades de representação e a consciência da sua execução. As tecnologias de construção e de representação terminam por coincidir (ARANTES, 2012).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Tal tendência é reforçada posteriormente pelo desenvolvimento dos sistemas CAD/CAM/BIM²⁵ e de softwares que trabalham com funções de parametrismo, atrelando quaisquer mudanças em partes do projeto, automaticamente, ao seu resultado final (SILVA, 2009).

As superfícies reversas geradas pela modelagem tridimensional digital recebem a sobreposição de diversas camadas de informação, como material e cor. O modelo digital pode ser diretamente modelado fisicamente por máquinas que trabalham com injeção de materiais ou corte a laser, garantindo uma precisão nunca antes pensada. Não se trata mais somente de representação gráfica, ou digital. O raciocínio é da prototipagem digital, que pode rapidamente se converter em modelos em escala reduzida ou na produção industrial dos componentes do edifício em si.

Cada peça é numerada, de modo que, se mesmo que todas forem únicas, diferentes entre si, todo o processo se mantém sob o controle do projetista e da empresa que fará a sua montagem. Os traços dos operários e do artesão são substituídos pela precisão do corte a laser (HENSEL, 2011).

Ainda mais, existem softwares que trabalham o processo de concepção, do projeto arquitetônico propriamente dito, com etapas de avaliação de desempenho, seja de materiais, do uso dos espaços ou do comportamento do edifício em relação a ventos, iluminação, radiação solar e etc. (HENSEL, 2011; LEACH, 2004; LEACH, 2009).

Por isso, tais ferramentas foram desenvolvidas inicialmente para a indústria tecnológica de ponta – automobilística, aeronáutica, engenharia naval – que se baseiam na alta competitividade de mercado e na pressão pelo alto desempenho justificadas por competições esportivas ou motivadas pelo desenvolvimento da indústria bélica – e que prezam por desenvolver produtos de alta complexidade geométrica. O alto desempenho de um veículo depende da aerodinâmica, que muitas vezes exige objetos de geometrias complexas, impossíveis de serem representados – e executados – segundo métodos tradicionais.

²⁵ Siglas para *Computer Aided Design*, *Computer Aided Manufacturing* e *Building Information Modeling*, respectivamente.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Sendo assim, as possibilidades de apoio digital levam, de meados dos anos 1990 em diante, a uma apropriação, inclusive nos ambientes dos ateliês das escolas, à exploração das possibilidades de geração de formas arquitetônicas absolutamente diversas aos princípios anteriores. Analogias com processos biomórficos, casulos, movimentos de cardumes de peixes e termos como “tectônica de enxame” ou “paisagem tectônica” tentavam descrever tais explorações, em que dobras de superfícies que se confundiam com o próprio terreno eram manipulados, também, parametricamente em busca de uma estética do resultado processual (FIGs. 21 e 22) (LEACH, 2004; SILVA, 2009; HENSEL, 2011).

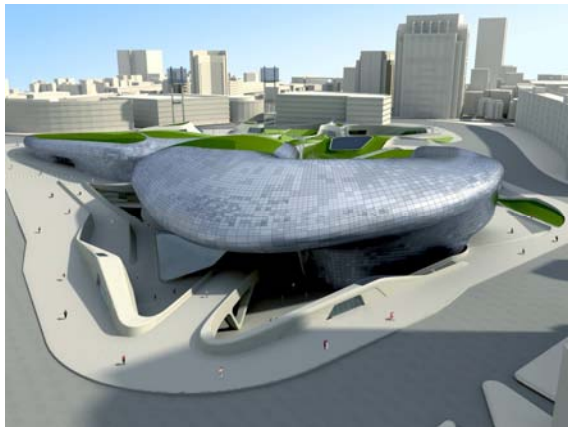


Figura 21– Zaha Hadid, projeto do Dongdaemun Design Park & Plaza, Seul, Coréia do Sul, 2007 (fonte: Zaha Hadid Architects).



Figura 22– maquete gerada por prototipagem tridimensional a partir de modelagem digital (fonte: Architectural association London, disponível em <<http://www.aaschool.ac.uk>>)

Conforme critica Pedro Fiori Arantes (2012), porém, o domínio de tal tecnologia, como ciclo produtivo completo, não é acessível a todo e qualquer escritório. A possibilidade de gerar projetos com e referida complexidade e enquadrá-lo no sistema mais amplo da indústria da construção mais especializada é restrita, ainda, aos escritórios já bem posicionados no mercado internacional – os próprios arquitetos-estrela (MCNEILL, 2009). De tal modo, esse desenvolvimento tecnológico, por um lado, é definidor reproduzidor de uma certa condição de status profissional já estabelecida.

Por outro lado, mesmo que os edifícios em projeto não demandem toda a complexidade possível de ser concebida, desenvolvida e realizada pelos sistemas experimentalmente – nem todos os edifícios são concebidos como obras de arte – toda a prática da indústria da arquitetura passa ser

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

influenciada pelas novas ferramentas. Em verdade, pode-se dizer que, efetivamente, fica estabelecida a integração entre arquitetura e indústria: com os processos favorecem a velocidade e a integração de soluções – pequenos ajustes em uma fachada, por exemplo, não implicam mais em ajustar todas as plantas e cortes, pois todo o modelo funciona parametrizando suas partes uma em relação à outra – passa-se a utilizar tais recursos de modo bastante abrangente na linha de produção de projetos.

Tal inserção, a compatibilização de meios de representação e a agilidade entre concepção e execução, além da facilidade em se realizar quaisquer ajustes de projeto à distância em relação ao local onde está sendo executada a obra, termina por generalizar o meio digital como ferramenta componente e fundamenta do fazer arquitetônico contemporâneo.

Por outro lado, alguns elementos tipicamente industriais, como esquadrias, pré-moldados, terminam por se constituir em blocos digitais que se repetem em vários projetos. Quanto mais dentro de uma “linha de produção” estiver o projeto, mais provável que ele repita algumas soluções – e padrões de integração entre soluções – de outros produzidos na mesma época.

74

Mas, softwares também permitem essa previsibilidade, uma antevisão do resultado final de modo bastante realista – o chamado fotorrealismo. Tal representação deixa de ser um desenho, pensado sobre o conjunto de linhas no suporte gráfico, produzido por traços e manchas. É a produção de uma imagem a partir de objetos digitais, como se esses fossem virtualmente fotografados. Sendo digital, é possível que se tenha o projeto em hiper-realidade de modo muito rápido, sendo imediatamente veiculado em redes de comunicação, como a Internet.

Contudo, como a noção de desenho bidimensional não é mais central, começa a se separar cada vez mais a representação técnica, voltada à realização industrial do objeto, da sua representação imagética ou previsiva, voltada a fazer com que o projeto seja entendido pelo público interessado – clientes, compradores, investidores ou qualquer outro indivíduo ou grupo que tiver alguma relação com o futuro edifício e que não seja arquiteto ou construtor.

Por outro lado, qualquer falha de concepção de projeto pode ser encoberta ao se fazer com que o leigo veja o edifício como se estivesse pronto apenas a partir das suas qualidades. Sendo as

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

imagens bastante convincentes, de modo que muitas vezes se torna até difícil perceber se se trata de uma projeção ou da fotografia já do objeto executado – ainda mais quando a representação se dá pelas fotomontagens digitais sobre realidade preexistentes – o risco é que a qualidade da concepção e o resultado de apresentação visual do projeto se tornem mais dissociadas.

Estabelece-se, assim, mais um marco para a definição da produção contemporânea da arquitetura – aquilo que se entende por uma transformação nas possibilidades de produção dos edifícios trazida pela maior presença dos instrumentos computacionais nas diversas etapas da realização de uma edificação, do projeto à construção e passando pela veiculação de ideias de projeto.

2.2.3 A sustentabilidade como novo paradigma global

Na falta de temas universais mais transversais à multiplicidade cultural atual, o principal paradigma que emerge para a produção da arquitetura contemporânea é da sustentabilidade ambiental – motivada principalmente pelas discussões com relação ao tema da ecologia, amplamente discutido e divulgado desde a década de 1960, mas incorporado a políticas públicas e a tratados internacionais principalmente após conferências para assinaturas de acordos promovidos pelas Nações Unidas, como a Rio 92 (e revisado na Rio+20, de 2012).

75

A percepção de um possível desequilíbrio e consequente colapso dos recursos naturais mundiais (GIDDENS, 2002) levam à incorporação de noções como reuso e reciclagem de materiais, redução de emissões poluentes e economia de energia à pauta das agências de controle das indústrias ao redor do mundo, fazendo com que produtos obtidos por processor reconhecidamente sustentáveis – quer dizer, que conseguem se manter em uso e se perpetuar com integridade – por mais tempo passassem a ser mais valorizados por um público consumidor pretensamente consciente.

Mas a noção de viabilidade econômica e rentabilidade a longo prazo também é um dos vieses da sustentabilidade, quando vista de modo mais abrangente. Consequentemente, o valor agregado se torna também um rótulo relacionado à responsabilidade das empresas e dos consumidores, que passa a ser explorado pela publicidade como um recurso de convencimento à venda.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Na arquitetura, as ações englobam o uso de materiais biodegradáveis, recicláveis ou de baixo consumo de energia e de emissão de carbono para a sua produção, redução do potencial consumo de energia pela edificação e reutilização de água, com tratamento dos seus efluentes e dejetos, etc. – mas também pelas noções de sustentabilidade econômica e social (MCDONOUGH, 2006).

Uma vez que muitos dos projetos, mesmo de grandes dimensões e complexidade – aeroportos, edifícios empresariais, etc. – são desenvolvidos em países centrais – escritórios europeus ou norte-americanos – para serem construídos em países em desenvolvimento, a execução responsável e a baixa manutenção também passam a ser dados componentes do processo de projeção, com menos perdas, custos mais baixos, adaptação à tecnologia disponível, capacidade de fabricação de peças e componentes previamente à instalação no canteiro de obras, mesmo que venham a ser importados de outros mercados produtores. (MONTANER, 2001b)

Na década de 1990, uma série de projetos foi desenvolvida com tais princípios, trazendo, de fato, uma feição pouco arquitetônica – ao menos do ponto de vista tradicional, clássico – aos seus edifícios. O pavilhão da Holanda na Expo de Hannover de 2000, por exemplo, subvertia proporções clássicas para o empilhamento de pavimentos dotados de vegetação e sistemas de geração de energia limpa (FIG. 23).

76

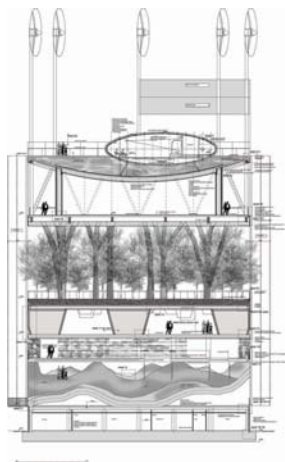


Figura 23– MVRDV, corte no projeto do Pavilhão da Holanda em Hannover, Alemanha, 2000 (fonte: MVRDV, disponível em <morfae.com>).



Figura 24 – Foster + Partners, London City Hall (prefeitura de Londres), Inglaterra, 1998–2002 (fonte: farinaz, disponível em <<http://farinazfalaki.tumblr.com/>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O edifício da prefeitura de Londres, do escritório Foster + Partners, é outro caso típico. A perfilatura do volume monolítico é definido por uma superfície curva e contínua, fugindo a dos demais prédios em seu entorno, evitando a caracterização do volume prismático. Não há a noção clássica de base, corpo, coroamento. Assim como outros casos citados na seção anterior, o edifício surge como um objeto urbano notável pela distinção formal relativa ao seu contexto, desenvolvido a partir de experimentos e desenhado pela curvas visualizadas em testes e simulações (FIG. 24).

A forma final, embora inusitada, não é gratuita – não é definida por uma vontade artística, pelo desejo de se produzir beleza ou de comunicar a partir de arquétipos. Ela é efetivamente resultado de várias funções novas e sobrepostas e só ordenadas mediante o uso de ferramentas de computação de dados auxiliares ao projeto arquitetônico, destinados a sintetizá-los como forma construída – como o uso de túneis de vento e aparelhos de simulação de desgaste, consumo e aproveitamento de energia, insolação e reflexão de luz solar, produção de vapor, gás carbônico e etc. (MONTANER, 2001b).

77

As referências culturais que tais formas podem trazer são hodiernas, e não históricas. Esta tendência de Foster vai se desenvolvendo a ponto da tecnologia ser importada de outros setores – aeroespacial, automobilístico de alto desempenho e soluções de designs ergonômicos de equipamentos eletrônicos (SUDJIC, 2010).

Também, alguns institutos internacionais, como o *International Organization for Standardization* (ISO) desenvolveram selos de certificação de qualidade específicos para os processos produtivos ambientalmente sustentáveis, dando às corporações e instituições a possibilidade de uma validação de suas práticas, o que tende a ser absorvido pela produção de arquitetura como um referencial essencial para o seu enquadramento em um padrão contemporâneo de qualidade.

Outros como o LEED – *Leadership in Energy and Environmental Design* – do concelho norte-americano para “edifícios verdes” são certificados baseados em atendimento a uma série de exigências específicas para o projeto de arquitetura, terminando por servir de base para escritórios também de fora dos Estados Unidos poderem se alinhar no paradigma e assim o manifestarem.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Tanto o ISO como o LEED começam a destinar algumas avaliações específicas para certos programas, como indústria, habitação, comércio. Também surgem algumas publicações voltadas para certificar processos e edificações ligadas a temas de maior impacto contemporâneo, como grandes eventos desportivos. De modo confluyente, grandes instituições internacionais reguladoras dessas práticas, como o Comitê Olímpico internacional ou a FIFA passam a absorver tais indicativos já nas suas exigências para a realização e suporte a esses eventos.

Entretanto, tais exigências nem sempre levam à produção de edifícios novos, como no caso dos projetos de Foster + Partners citado acima. Medidas como a atualização de medidores de energia ou torneiras automáticas já contam pontos para a certificação. De tal modo, existe o outro lado desta tendência, que se caracteriza pela utilização dos selos de certificação de modo mais superficial (MONTANER, 2001b).

Ao contrário dos exemplos em que as noções de economia de energia e água se incorporam ao desenvolvimento de novos materiais e à geometria dos edifícios, o atendimento à lista do LEED, por exemplo, pode servir apenas de validação de uma pretensa responsabilidade ambiental que uma empresa contratante deseja adquirir e incorporar à sua marca (SOBREIRA, 2010). Certamente, tal intenção será repassada aos arquitetos que cuidarão da concepção de seu edifício (ARANTES, 2012).

Sendo assim, o paradigma da sustentabilidade tende a se tornar presente em qualquer instância da produção de edifícios institucionais, seja no desenvolvimento de novas soluções, seja apenas na reprodução de um discurso de alinhamento às exigências de um mercado competitivo.

2.2.4 Profissionais globais para edifícios icônicos locais

Desde o marco final da obra de Nesbitt – 1995 – até esta segunda década dos anos 2000, diversos discursos surgiram nas escolas e nos escritórios de arquitetura ao redor do mundo, fossem eles contrários, distintos ou complementares aos enunciados do modernismo. Portanto, o tom contestador, iconoclasta, não se verifica mais como uma máxima. Uma vez que a Guerra Fria já se tornou passado e a dicotomia político-econômica foi suplantada pela negação das ideologias, a

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

possibilidade de fazer mais, e diferente, parece ser mais importante do que a contestação às experiências pregressas.

Também, a difusão de ideias, principalmente como as propagadas dos discursos dos arquitetos, tem a possibilidade de ocorrer de modo muito mais barato e imediato. A cultura da informação em rede em meio digital permite que imagens, sons e textos se espalhem rapidamente, fazendo com que o conhecimento de dado pensamento, projeto ou obra rompa com a relação espaço X tempo até então vigente. A crítica, do mesmo modo, tem o poder de se tornar imediata e aberta a qualquer interessado, com ou sem formação formal em arquitetura.

Em paralelo a essas possibilidades, é preciso ressaltar que o mercado de um escritório de arquitetura, como uma empresa que realiza produtos inseridos no ciclo da economia da cultura, sempre pode ser ampliado para além das suas fronteiras nacionais, do seu local de residência. Os realinhamentos internacionais posteriores ao final da Guerra Fria tornaram as fronteiras muito mais fluidas para tal tipo de serviço. Empresas de construção estabelecem sedes em países variados, aproveitando-se de momentos de reconstrução econômica – por exemplo, os países produtores de petróleo e da África recém-egressos de guerras civis – fazendo com que arquitetos projetem de modo também mais globalizado.

Países até então periféricos aparecem como palco para obras de arquitetura até então nunca vistas, seja pela dimensão, o custo, a tecnologia empregada ou a popularidade que assumem, conforme aponta Xuefei Ren (2011). China, Índia, Rússia, Brasil e os Emirados Árabes compram projetos dos escritórios dos antigos países centrais, quando não ocorre de eles próprios executarem os seus. O mercado do capital globalizado termina por permitir que materiais e empresas de construção também se globalizem, juntamente com os autores dos projetos. Os contextos são muitos, as referências se multiplicam e, mais uma vez, a relação espaço X tempo é alterada pelas possibilidades de comunicação e de armazenamento e troca de dados digitais.

A cultura dos concursos internacionais – geralmente apoiados pela União Internacional de Arquitetos (UIA) – se estrutura como a principal vitrine para que os profissionais lancem ou reforcem seus discursos projetivos fora dos seus países de origem. Além disso, o acúmulo de conquistas de mais concursos – e o reconhecimento e preferência por premiar as assinaturas

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

arquitetônicas dos escritórios mais renomados, mesmo quando sob condição de anonimato oficial, significa ampliação dos seus capitais simbólicos ante os demais (STEVENS, 2003).

Os maiores escritórios, inclusive, também seguem a tendência da indústria de construção e abrem filiais em mercados emergentes. Tal tendência se verifica tanto em escritórios tidos como de vanguarda, referenciais, como para outros com menores pretensões artísticas, mas plenamente inseridos nos ciclos produtivos da construção.

Sobre o primeiro grupo, Donald McNeill (2009) aponta que apenas vinte ou trinta escritórios de arquitetura – representados reconhecidos na maioria das vezes pela figura dos seus sócios titulares – dominam o chamado mercado dos *starchitects* – ou “arquitetos-estrela” aqueles indivíduos que conseguiram colocar seus nomes em associação a estilos muito pessoais e característicos, consolidando verdadeiras assinaturas arquitetônicas e suplantando o mercado comum – ou seja, são os responsáveis pelas obras emblemáticas, excepcionais e passíveis de reconhecimento mundial.

Eles são coincidentes com muitos dos nomes emersos no cenário mundial da arquitetura após a década de 1980 e já citados neste capítulo, como o OMA de Rem Koolhaas (com subsele em Xangai), Peter Eisenman, Foster + Partners (com subsele em Hong Kong) e mais Daniel Libeskind, Zaha Hadid, Herzog & De Meuron, MVRDV, Tadao Ando e tantos mais – e outros de profissionais mais jovens, por vezes discípulos dos anteriores – sendo o mais destacado, no presente, o Bjark Ingels Group (ou BIG)²⁶.

Segundo Pedro Fiori Arantes (2012), esses arquitetos-estrela são também aqueles dominam as ferramentas digitais de desenvolvimento de projetos e os processos de manufatura mais atuais, além dos contatos mais estreitos com os fornecedores de materiais e os construtores mais qualificados, garantindo um certo monopólio na capacidade de produção de edifícios icônicos excepcionais. Esse monopólio, associado à tal excepcionalidade e dificuldade técnica e de linguagem formal, que geram edifícios cada vez mais caros, são também um fator de inserção

²⁶ É verdade que, com a crise do mercado financeiro deflagrada em 2008, alguns países até então profícuos em produção de edifícios tiveram suas oportunidades reduzidas, obrigando alguns dos escritórios citados a encerrar as atividades de algumas filiais ao redor do mundo, como no caso do Foster + Partners.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

desse tipo de arquitetura em um mercado de capital financeiro que precisa de obras vultosas para se viabilizar.

Assim, domínio da produção de formas complexas e da sua execução é um fator de ampliação de renda em diversos aspectos. A reprodução do sistema de dominação e de manutenção de status profissional, portanto, está assegurado pelo mercado global da construção civil em associação ao interesse das instituições das cidades ao redor do mundo de se expressarem por meio da forma edificada (ARANTES, 2012; HARVEY, 1992; SUDJIC, 2005).

Mas também existem aqueles arquitetos que, de modo semelhante, se inserem no mercado global sem a preocupação de acúmulo do capital simbólico, mas tão somente do capital financeiro. Esses se associam a empresas que trabalham em um mercado mais rotativo, empresas que, de tão fechadas em seus produtos, terminam por reproduzir modelos de edifícios – “produtos espaciais”, conforme Easterling (2005) – que já vêm pré-definidos por arquitetos quase anônimos, mas que garantem que a lógica da empresa se conserva em qualquer lugar do mundo, independentemente de fatores locais, como legislação, inclusive.

81

Sendo instituições mundiais – globais – é normal que procedimentos e padrões de funcionamento se homogeneizem ao redor do mundo, levando também a uma padronização dos ambientes de trabalho. Uma vez que tanto as suas marcas como os profissionais são também globais, a constituição de ambientes reconhecíveis e identificados com o perfil institucional serve tanto a quem trabalha como a quem consome.

Além de estruturas de espaços reconhecíveis por seus clientes – pois repetem cores, marcas e ambiências já consagrados pelas empresas em suas atividades globais – não é raro que certas soluções de detalhamento se repitam – mesmos elementos de coberta, de esquadrias – assim como a preferência por certos materiais – carpetes, cores de parede, revestimentos, tipos de madeira ou pedra. Tal condição é visivelmente reconhecível em corporações que lidam em alta frequência com clientes das mais variadas origens se deslocando para os mais variados destinos – redes hoteleiras internacionais, como a Accor, nitidamente prezam pela manutenção desta impressão. A chamada arquitetura corporativa se amplia, então, além das fronteiras dos países de origem das empresas (EASTERLING, 2005).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Tal tendência também é facilmente observável não só em edifícios de uma mesma empresa/marca, mas também, por exemplo, em instituições que trabalham com padrões de funcionamento e segurança internacionais ou quando seguem modelos consagrados de eficiência. As soluções são genéricas em termos de programa e de estrutura de espaços e com uma amplitude de aplicações que necessitam de pouca ou nenhuma adaptação local. É caso de modelos de resorts, campi de ciência da informação, campos de golfe e equipamentos portuários e aeroportuários (EASTERLING, 2005). Para tais, existem manuais – senão projetos – a serem instalados em qualquer sítio, tornando-se quase que pequenos universos segregados dos contextos em que se situam.

Essa tendência leva à construção e à manutenção de um mercado profissional aberto, principalmente àqueles autores e escritórios que estão menos preocupados com a impressão de uma assinatura pessoal ao edifício e mais com a assiduidade de oportunidades de trabalho, caracterizando o segundo grupo de arquitetos atuantes no mercado global – escritórios de arquitetura com abrangência de mercado também mundial, mas sem a marca de autor dos arquitetos-estrela. Uma arquitetura genérica, portanto, tenderia a ser o nicho de mercado de escritórios também genéricos.

Isso acontece porque, conforme Ghirardo (2006), é uma tendência dos arquitetos com maior capital social em seu campo renegarem esse grau de genericidade que tais empresas impõem.

Como profissão e como disciplina acadêmica, a arquitetura prefere não se associar diretamente com a indústria da construção e com as empresas imobiliárias. Todas essas atividades lidam com a construção e mantêm entre si uma relação simbiótica enormemente vantajosa, e todas têm uma consciência social atrofiada. A arquitetura se diz diferente das outras duas por ser uma ‘arte’ e não um comércio ou negócio e, para tanto, os arquitetos – mediante mecanismos altamente refinados de dissimulação – conspiram para sustentar esse frágil argumento. (GHIRARDO, 2006, p. 417).

Curiosamente, tal argumento termina sendo admitido pelo próprio Koolhaas, certamente o arquiteto-autor com o discurso em que uma pretensa submissão ao capitalismo global se verifica. Ele que diz que embora tenha construído o seu discurso sobre uma certa rendição do fazer arquitetônico ao capitalismo mundial, de forma muitas vezes cínica, os seus principais projetos –

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

mesmo os ditos icônicos – são produzidos para governos, e não para empresas, o que faz notar que a ideia de assinatura de projeto, com um arquiteto-estrela internacional, não é restrito às marcas das corporações – ou, talvez, a fama desses profissionais que seriam a atual vanguarda da produção arquitetônica mundial seja, de fato, dependente de um certo mercado que lhes permite mais liberdade, como os governos, e não exatamente as empresas.

A produção da arquitetura contemporânea de edifícios complexos é influenciada pelo fenômeno na mundialização das instituições, principalmente as de cunho privado, empresas e grandes corporações. Desse modo, o discurso e a prática da arquitetura erudita de meados dos anos 1990 em diante se estabelecem entre a reflexão e aceitação de certas leis de mercado. O arquiteto como profissional da criação não é mais o projetista de um objeto construído – porque a construção pode ser resolvida por outros profissionais de outras especialidades ou outros arquitetos menos “talentosos” – mas sim o responsável pela organização de informações e seus fluxos e pela concepção de uma forte imagem sintética de tal organização.

3 DA NOÇÃO DE TIPO

Defende-se, nesta tese, que a noção de tipo é fundamental para se compreender o seu objeto – a relação entre função, espaço e forma na produção da arquitetura contemporânea. No trabalho, o tipo a ser estudado será representado por edifícios institucionais de caráter global, sendo tal característica influente tanto nos seus processos de concepção e nas suas expectativas de uso, como na notável variedade de expressões formais em suas manifestações plásticas visualmente perceptíveis (JOHNSON, 1994). Especificamente para tal interesse, será abordado, tipologicamente, o caso dos estádios de futebol para competições oficiais internacionais.

Para o estudo, a noção de tipos edilícios é válida e entendida a partir da utilização de soluções recorrentes provenientes do reatamento das expectativas e regras de uso sobre as possibilidades de arranjos dos espaços, emergindo como o conjunto de parâmetros fundamentais para o processo de concepção de edifícios em geral e servindo de base para que se discutam os demais aspectos da produção da arquitetura, inclusive quanto à forma (JOHNSON, 1994; NASCIMENTO, 2008).

Parte considerável do que se desenvolve na primeira seção deste capítulo (3.1) retoma o que foi apresentado na dissertação de mestrado intitulada “Até os limites do tipo: emergência, adequação e permanência das propriedades sócio-espaciais dos edifícios de re-formação” (sic), defendida por Nascimento (2008), e que tem o problema da validação do conceito de tipo como interesse central.

Essa revisitação ao conteúdo do trabalho anterior acontece por se considerar fundamental explicitar as distinções entre o sentido aqui dado ao termo “tipo” e os demais sentidos muitas vezes utilizados ou intuídos pelos leitores de trabalhos de natureza semelhante. Enfim, espera-se que não se permita margem a interpretações equivocadas ou a dificuldades de entendimento, sempre considerando evitar a polissemia inerente ao termo.

Entretanto, o conteúdo apresentado por Nascimento (2008) era direcionado ao estudo da lógica social das estruturas espaciais de edifícios institucionais dos séculos XVIII e XIX, para a construção de uma genealogia de exemplares a partir das possibilidades e restrições impostas

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

pelas suas estruturas espaciais ao movimento e ao controle visual de seus usuários. Agora, o que interesse é delimitar a ideia de tipo contemporaneamente como base científica para estudos sobre a produção da arquitetura.

Por conta disso, ainda que a estrutura argumentativa e boa parte do conteúdo se mantenham, o trabalho foi revisto, sendo reduzido em alguns pontos e complementado em outros. Dado o interesse desta tese pela arquitetura contemporânea, discutir a noção de tipo no modernismo e no presente foi uma ampliação fundamental, mas algumas informações muito específicas ao desenvolvimento histórico da ideia de tipo foram suprimidas.

Já o conteúdo da segunda seção do capítulo (3.2) se utiliza da base conceitual construída na seção precedente para relacionar a noção de tipo à prática do projeto, à sua operacionalidade descritivo-analítica e à noção de forma – fundamental para os interesses anunciados por esta tese.

Por fim, reafirma-se que a utilização do conceito de tipo, para este trabalho, é, de fato, central, pois é utilizado, agora, como um princípio epistemológico da prática e da reflexão sobre a arquitetura. Ele é objetivamente empregado para compreensão da produção contemporânea da arquitetura – em que o conceito é tanto um dado de partida, pois se assume sua validade, mas também é o arcabouço conceitual que referencia a caracterização do objeto de estudo e dá suporte à própria tese proposta.

85

3.1 Do termo aos conceitos

Esta seção procura precisar a noção de tipo para a teoria da arquitetura, e, para tal, revisa os usos do termo e revalida o seu conceito para os interesses desta investigação.

Faz-se isso, pois, vários autores, das mais variadas linhas e com os mais variados interesses, nem sempre utilizam o termo “tipo” para se referir a uma mesma ideia. Mais do que um conceito ambíguo ou controverso, a ideia de tipo é polissêmica, ou seja, possui vários significados e serve a várias interpretações, a depender de quem e com que objetivo o utiliza (COLQUHOUN, 1977; FORTY, 2000; JOHNSON, 1994; MONTANER, 2001b).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mesmo assim, de modo sintético, pode-se afirmar que nos diversos contextos dos diversos autores, nota-se que o termo “tipo” é empregado com um dos seguintes objetivos: (a) servir como uma categoria descritiva e analítica de edifícios; (b) servir como um dado auxiliar à atividade compositiva; ou (c) prestar-se como um recurso bivalente às duas coisas ao mesmo tempo.

Sobre o primeiro dos empregos do conceito de tipo, observa-se que uma das maneiras mais recorrentes de sua utilização se dá sob o ponto de vista da caracterização formal dos edifícios, em que pesam aspectos da plástica como categoria de análise da dimensão física da arquitetura (tipos formais). Fala-se em edifícios em forma de L, edifícios-pátio, edifícios-fita ou edifícios-barra ou remete-se ao tipo a determinados padrões de arranjos geométricos de plantas – planta longitudinal com simetria bilateral / planta central com simetria radial (FORTY, 2000). Muitas vezes, com tal concepção, o tipo é definido pela forma geométrica, volumetria, sem necessariamente existir uma correspondência desta com a utilidade de uso do edifício, mas pelo rebatimento de sua volumetria na definição de espaços urbanos (ARGAN, 1965; PANERAI, CASTEX; DEPAULE, 1997).

86

Outro modo recorrente de utilização do termo é como categoria de classificação edilícia do ponto de vista estritamente funcional. Os edifícios são classificados pela sua destinação a determinada utilização programática. Neste caso, a classificação tipológica confunde-se com o título dado às próprias instituições que fazem uso dos edifícios: hospital, prisão, escola, igreja e tantos outros (FORTY, 2000). O tipo é associado a um rótulo programático-funcional, sendo esta, quiçá, a sua utilização mais generalizada, muitas vezes até se aproximando do emprego dado pelo leigo, uma classificação não intencional ou não consciente, e à parte dos domínios da teoria da arquitetura (PEVSNER, 1997; MONTANER, 2001b).

Também ocorre da utilização dessas duas interpretações ser por sobreposição, o que confirma a imprecisão no uso do termo. O rótulo funcional e algumas características formais se unem em uma classificação composta, na tentativa de tornar mais compreensível a descrição, sendo exemplos as seguintes descrições: templo de planta circular; torre de escritórios e casa-pátio são alguns exemplos de nomenclaturas de bivalência do termo (MONTANER, 2001b).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Em verdade, a palavra tipo vem do grego *typos*, significando matriz – algo próximo de uma lei universal ou princípio (LATHOURI, 2011, p. 24). Mas, é de fato aquele terceiro emprego do conceito de tipo – categoria descritiva e analítica e também ferramenta da prática do projeto – que serve a esta tese. Ao mesmo tempo em que se delimita o universo do estudo a partir da caracterização de um tipo em particular – os estádios de futebol – também se argumenta que a consolidação da ideia de tipo é fundamental para a produção contemporânea de uma arquitetura que é genérica e global quanto à estrutura de espaços, embora seja plural e heterogênea – e ligada a questões culturais mais locais – quanto à forma.

Tal abordagem procura ser complementar à interpretação dada por Peter Carl (2011), que identifica alguns momentos históricos em que o uso do conceito de tipo mereceu destaque e que organizam a distribuição dos conteúdos desta seção do capítulo: (1) no século XVIII, com o contexto das revoluções científicas e as tentativas de sistematização do conceito de tipo de Quatremère de Quincy e dos *Précis* de Durand, na França; (2) na emergência do modernismo, com a estandardização das habitações e a influência da mecanização e da indústria; (3) nos anos das décadas de 1960 e 1970, com as reações ao momento anterior, culminando nos princípios defendidos por Rossi, na Itália; e (4) no presente recente, com o uso de tecnologias digitais e paramétricas ligadas à produção e controle dos projetos.

87

Contudo, tratando-se de um momento anterior à do recorte temporal da tese, os pontos (1) e (2) foram agregados em uma única seção, ressaltando, inclusive, a relação de continuidade que os dois períodos mantêm entre si. Também se entende que o ponto (4) considerado por Carl (2011) está mais ligado à noção de tipo diretamente associada à prática do projeto, e menos no campo das ideias. De tal modo, escolhe-se abordar tal questão – tipo e projeto – em uma seção à parte da discussão sobre a discussão sobre o conceito em si – conforme antecipado na abertura deste capítulo.

Inclusive, as contribuições trazidas por autores críticos da arquitetura produzida pelo movimento moderno, como Venturi (1966) e Rossi (1966) enquadradas no ponto (3) estão ligadas a tal noção, mas são antecipadas em uma seção própria, em que se contextualiza a noção de ruptura com o modernismo que se tentou realizar na Itália, fazendo ligação com algumas discussões promovidas ainda no Capítulo 2 sobre a derrubada dos dogmas formais do modernismo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Por outro lado, sabe-se de estudos mais recentes do campo da morfologia da arquitetura – iniciados na década de 1970, sintetizados em publicações em princípios da década de 1980 e em desenvolvimento ainda no presente – que tratam da noção de tipo do ponto de vista socioespacial e com consistente validade analítica, sendo eles aqueles que serão utilizados como base para se discutir a validade do conceito contemporaneamente para conclusão desta primeira seção.

Um aprofundamento nesse percurso de validação da noção de tipo se desenvolve a seguir.

3.1.1 Das origens enciclopédicas aos “objetos-tipo” modernistas

Na sua origem para a arquitetura – o enciclopedismo francês dos séculos XVIII e XIX – o conceito de tipo apresentava a nítida intenção de tornar os edifícios algo possível de ser classificado – constituindo uma taxonomia, como já possibilitava a biologia – e dotado de leis que poderiam – e deveriam – ser sistematicamente descritas (FORTY, 2000). Mais do que uma representação gráfica ou um princípio construtivo, porém, era um conceito que carregava, antes de tudo, uma forte conotação social, pois falava dos arranjos mínimos para suprir as necessidades mais elementares dos sujeitos (LAVIN, 1992).

88

Têm-se que o primeiro registro textual do termo *tipo* (ou *type* em francês e inglês) aparece na obra do francês Antoine Chrysostôme Quatremère de Quincy (1755–1849), teórico e crítico de arte com elevado prestígio no período revolucionário da França entre os séculos XVIII e XIX.

Quatremère de Quincy publica sua definição de tipo no *Dictionnaire d'Architecture* da *Encyclopédie Méthodique* de 1825²⁷, ficando clara a sua ligação com a referida cultura enciclopedista da intelectualidade iluminista francesa daquele momento. No documento, Quatremère de Quincy afirma que existe uma essência particular à arquitetura dos exemplares edificadas, algo subjacente ao aspecto físico ou à imagem que a obra assume. Existiria uma “regra que precede o modelo” ou a “razão original da coisa” (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832), um conteúdo sem forma

²⁷ O verbete “type” aparece originalmente no tomo III da edição de 1825 da *Encyclopédie méthodique: Architecture*. Neste artigo, porém, referenciam-se os textos que foram republicados no tomo II da edição de 1832 do *Dictionnaire Historique D'architecture* da Librairie d'Adrien Le Clère et C.ie.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

definida, mas plenamente reconhecível – algo como o “espírito do edifício”. Essa ideia é assumidamente aproximada à metafísica, e é, enfim, o que o autor chama de *tipo* na arquitetura.

Quatremère de Quincy procurou fazer também uma distinção entre o tipo e o “modelo”. Enquanto o tipo seria algo “vago”, o modelo seria um produto “preciso”. O modelo seria reprodutível, aquilo que é passível de cópia. Já o tipo, por ser anterior a qualquer imagem realizada, não se permitiria ser detalhadamente copiado. Partindo de um mesmo tipo, então, seria possível de se obter diversos modelos, mas não o contrário (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832).

Mas, apesar do discurso de Quatremère de Quincy sempre sugerir uma visão metafísica sobre os edifícios, ao se aprofundar na construção do seu pensamento, passa-se a perceber como o autor delineia esses espíritos dos edifícios apoiando-se, na verdade, em critérios bastante pragmáticos para a sua existência. Fatores sociais e econômicos que precedem a necessidade humana de edificar um abrigo a uma dada atividade apontavam para a existência de “três tipos principais” – a partir dos quais se originariam os demais, que teriam sido desenvolvidos nos diversos contextos históricos, culturais e econômicos: a *caverna*, a *tenda* e a *cabana*. Cada solução de abrigo primitivo seria produto de uma necessidade social, de hábitos de conduta – sociedades nômades e caçadoras fariam uso de cavernas; as coletoras transportariam tendas portáteis; as sedentárias agrárias construiriam cabanas fixas (LAVIN, 1992).

89

Para Lavin, essas regras determinantes dos tipos principais de Quatremère de Quincy eram justamente os princípios sociais que justificaram cada modo diferente de se produzir as edificações – o estabelecimento dessa noção de tipo demonstra uma conexão entre a definição de características arquitetônicas e os padrões estabelecidos na e pela sociedade (LAVIN, 1992).

O que se nota, afinal, é que o tipo, para Quatremère de Quincy, não seria um dado da dimensão material dos edifícios em si, mas sim, na verdade, uma instituição social – uma solução a demandas relacionais dos indivíduos. Essa função social da arquitetura é entendida como algo tão intrinsecamente natural que o autor chega até a colocá-la em paralelo com a necessidade de produzir e utilizar a linguagem – algo que pode ser percebido em qualquer sociedade – e que termina por antecipar certas construções mais recentes do campo da semiótica (ECO, 1975):

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

E, assim como era possível se estudar um sistema universal de formação das linguagens, o mesmo poderia se dar para a formação das diferentes arquiteturas. Como ambas são definidas em termos sociais e cada sociedade é um sistema em particular, não deveria haver um sistema de interpretação e produção arquitetônica *preferencial* – cada princípio é adequado às regras de geração dos seus contextos originais – na verdade, deve-se tentar encontrar qual seria o seu sistema pretensamente *universal* (LAVIN, 1992, p. 99).

Mas, o que normalmente se afirma, considerando o momento histórico em que aparece, é que a ideia de tipo estaria associada a um dado momento da história intelectual da arquitetura ocidental: o neoclassicismo *beaux-arts* francês. De fato, o período napoleônico na França suscitou a criação de escolas de arquitetura voltadas para o ensino sistemático da profissão. Tanto nas escolas de Belas Artes com nas Politécnicas, o conhecimento sobre a arte de construir precisava ser didática e metodologicamente transmitido – em uma oposição ao que costumava ocorrer nas antigas relações medievais de mestre e aprendiz, em que se aprendia pela reprodução da prática (BENEVOLO, 1998a).

90

A prática da arquitetura erudita da academia, que sempre se concentrou na produção de monumentos, palácios ou templos, era preciso ceder às necessidades de uso que naquele momento emergiam, como os novos programas da sociedade capitalista industrial. No século XVIII, os edifícios se especializam – surgem o hospital, a penitenciária, o hospício, os novos prédios governamentais (FOUCAULT, 1975). Nas escolas, é preciso que sejam elaborados estudos detalhados sobre qual a melhor utilização de ornamentos para as fachadas dos novos edifícios, além da catalogação das soluções de arranjos espaciais das plantas edilícias desenvolvidas para as novas funções (BENEVOLO, 1998b; CURL, 2003).

Embora o pensamento de Quatremère de Quincy aparente total imersão nesse contexto, existem algumas diferenças básicas entre a sua “metafísica da arquitetura” e os métodos de projeto desenvolvidos e ensinados nas escolas. Enquanto que Quatremère de Quincy se preocupava em encontrar um sistema universal para a arquitetura, a predileção neoclássica era pela visualidade da composição e do ornamento, na adaptação dos elementos da arquitetura greco-romana para sua aplicação em novos programas e tecnologias (CURL, 2003). Um dos grandes incentivadores da

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

volta aos sistemas compositivos clássicos como solução para uma organização moderna da prática projetiva foi o *Abbé* Marc-Antoine Laugier (1713–1769), que defendia uma volta aos modelos clássicos como oposição à exuberância e à opulência decorativa do barroco e do rococó da sua época (CURL, 2003).

Laugier também defendeu a existência de edifícios primitivos como princípios arquitetônicos mais gerais, mas por motivos diferentes dos de Quatremère de Quincy. No *Essai sur l'Architecture*, de sua autoria, em 1753, já aparecia a ideia de uma “cabana primitiva” (CURL, 2003; RYKWERT, 2003), mas era notável a diferença entre essa concepção e os tipos principais de Quatremère de Quincy. Para Laugier, a cabana primitiva servia para justificar uma pretensa “evolução” no uso da madeira, que se transformaria em ornamento nas colunas gregas – ou seja, a relação entre material e forma, ou a busca por um sentido para o ornamento. Para Quatremère de Quincy, faziam mais sentido as demandas sociais que determinariam a sua escolha e condicionaram as suas características.

Também o uso das ordens clássicas – estudadas e aplicadas por Laugier e por tantos outros arquitetos neoclássicos de seu tempo – é, por vezes, confundido com o conceito de tipo. Uma ordem é, na verdade, um conjunto de normativas geométricas para obtenção de relações harmônicas entre os elementos dos edifícios, sendo algo diverso à noção de tipo – pois este seria um motivo ou princípio de existência do edifício subjacente à forma geométrica, às proporções, à ornamentação ou dimensionamentos de qualquer natureza.

Segundo Rykwert (2003, p. 34), inclusive, as posições de Quatremère de Quincy – marcadas pela busca pelo subjacente à forma visível dos modelos – foram se tornando pouco úteis para os interesses de objetivação prescritiva e de aplicabilidade imediata da prática projetiva neoclássica, mais interessada na reprodução de soluções e na busca pela afirmação do caráter monumental dos edifícios – e o seu discurso foi se isolando e ficando sem aplicações ou desdobramentos didáticos para a Escola de Belas Artes de Paris.

Outro equívoco comum sobre a relação do tipo de Quatremère de Quincy e a racionalização dos métodos de projeto é verificado ao se atribuir a Jean-Nicolas-Louis Durand (1760–1834) a construção de um método tipológico. Durand foi professor na *École Polytechnique* de Paris e, de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

fato, elaborou uma série de lições sobre como soluções volumétricas compositivas historicamente consagradas poderiam ser utilizadas combinadas a modelos planimétricos para vários programas edilícios (DURAND, 1802; 2000).

Entretanto, Durand nunca empregou em suas obras o termo “tipo” (LAVIN, 1992, p. 62). As lições de Durand²⁸ estariam, portanto, muito mais próximas de uma coleção de modelos bem conhecidos da prática do projeto e reproduzíveis. Vê-se, assim, uma certa previsão do que viria a ser explorado pelo modernismo nas primeiras décadas do século seguinte, pois, embora assumidamente iconoclasta, evitando dar prosseguimento à tradição *Beaux-arts*, “A noção weberiana de ‘tipos ideais’ está no substrato de grande parte das interpretações da arquitetura moderna” (MONTANER, 2001b, p. 111).

E se o uso do termo tipo em si não era um dos pontos centrais do modernismo das décadas de 1920 e 1930, a busca por soluções padrão e a industrialização dos materiais terminou por criar também certos modelos de pretensa aplicabilidade universal (FRAMPTON, 2000; RYKWERT, 2004). As unidades *domin-no* de Corbusier ou os edifícios prismáticos de escritórios de Mies Van Der Rohe podem ser apontados como tipos emersos da arquitetura moderna, ainda que seus autores não o assumam explicitamente (CENIQUEL, 1990).

Esta aproximação, nem sempre declarada, do modernismo ao conceito de tipo foi inevitável, dada a sua base na cultura da máquina e da indústria como redenção à sociedade da sua época.

O historiador modernista Nikolaus Pevsner (2001) demonstra como a arquitetura moderna – mesmo quando ainda não proclamada modernista – se desenrola como um fenômeno consequente do processo de industrialização dos Estados Unidos e da Europa – justamente os centros de maior desenvolvimento logo após a eclosão da revolução industrial. A sociedade urbana e industrializada necessitava de serviços especializados, que terminaram por exigir edifícios igualmente especializados, maiores, mais complexos e mais urgentes do que se estava acostumado a ter. Algo diferente do que ocorria durante toda a Idade Média, em que o conhecimento e a prestação de serviços à comunidade, fossem relativos à saúde ou à religião e à

²⁸ Uma explicação mais detalhada das concepções de Durand são apresentadas na subseção 3.3.2 desta tese, sobre a relação entre tipo e projeto.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

educação eram dominados basicamente pela Igreja e realizada de modo generalista nos espaços dos seus conventos (FOUCAULT, 1975).

Essa crescente busca pela eficiência do desempenho das funções dos edifícios e a economia de meios e de formas da produção arquitetônica do século XIX atingiu o seu auge no início do século seguinte, quando a racionalização do espaço e o uso de materiais industriais foram sendo intencionalmente associados a uma linguagem formal que se queria fazer remeter à máquina e às conquistas tecnológicas (BANHAM, 1960), culminando com o advento das diversas vertentes do movimento moderno (BENEVOLO, 1998b) e a arquitetura que se define na segunda década do século XX nos países centrais da Europa – França, Alemanha e Holanda – posteriormente à Primeira Guerra Mundial e que se chama de modernista, como identificação de um estilo e de um discurso deliberadamente diferente e intencionalmente construído na tentativa de se diferenciar do que se produzia antes (CURTIS, 2008; PEVSNER, 2001).

Com a indústria como referência, os arquitetos modernistas de inícios do século XX procuravam ir além do que, em arte, até a sua época, seria o exercício de disposição de figuras retóricas pré-formuladas ou “grandes blocos de material pré-fabricado”, procurando negar qualquer tendência à repetição de fórmulas pré-concebidas do passado por meio de um direcionamento à abstração – quando “A nova arquitetura da década de 20 procurou banir esses tropos e fórmulas e substituí-los por elementos atômicos que fossem considerados formal e funcionalmente irredutíveis.” (COLQHOUN, 2004, p. 232).

93

Segundo Colquhoun (COLQHOUN, 2004, p. 51):

A principal diferença entre o modernismo e a composição clássica é que naquele existe um alto grau de liberdade nas relações entre as partes e não porque seus próprios elementos sejam infinitos. [...] O que era infinito eram as suas possibilidades de combinação, uma vez que as regras de combinação eram topológicas (elas eram “tipos de” relações). O resto cabia à livre invenção do arquiteto.

Assim, mesmo procurando fugir das fórmulas repetitivas do passado clássico, o modernismo, no século XX, traz as noções de *Typisierung* e *object-type* da indústria, só que agora mais como um resultado do discurso de alinhamento com os processos industriais de produção em massa (COLQHOUN, 2004, p. 234) e a aproximação com o design de produtos – como se daria de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

modo didático e sistemático na própria Bauhaus (LATHOURI, 2011). Idealmente, assim, constrói-se um repertório de soluções prototípicas:

Os protótipos arquitetônicos são produzidos essencialmente durante o movimento moderno, quando os métodos de projeto e construção tomam como referência o mundo mecanicista da produção industrial, e buscam exemplos que passem por bancos de provas similares aos que passam as máquinas repetíveis e articuláveis. Encontramos os casos mais emblemáticos nas propostas de Le Corbusier e Mies van der Rohe. (MONTANER, 2001b, p. 117)

Esta racionalização – que, como paradigma mais amplo, já era uma constante desde a arquitetura clássica, (COULQHOON, 1989; ROWE, 1978) – quando posta como discurso radical, levava, na verdade, à constituição de manuais e metodologias de organização espacial que apresentavam soluções quase padronizadas (como requeria a indústria) (AMORIM, 1999), ao mesmo tempo que arquitetos-autores como Le Corbusier (1923), defendiam as formas típicas perfeitas dos aviões e automóveis, resultantes de uma evolução tecnológica humana.

Conforme lembra Montaner (2001b, p. 114), tais recorrências de concepção levaram Colin Rowe, inspirado em Vincent Scully, a dividir a produção modernista em dois tipos principais e mais genéricos, baseados em edifícios dos dois arquitetos – os exemplares *mégaro* – quando têm a altura definida pelas paredes, como a Casa Citrohan de Corbusier – e os exemplares *sanduíche* – quando definidos por planos horizontais, como os pavilhões de Mies.

E é sobre tal apego a fórmulas consagradas – que passam a ser, também a ser copiadas pelos arquitetos do período, quase como modelos – que boa parte da crítica posterior às premissas modernistas irá se fundamentar.

3.1.3 Dos conjuntos urbanos às prescrições pós-modernistas

A revisão do conceito de tipo, a partir do que havia sido desenvolvido por Quatremère de Quincy (1825) no século XIX, é componente daquela série de críticas ao movimento moderno iniciadas na década de 1950 e comentadas no Capítulo 2.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Ela ocorre porque a noção de reprodutibilidade de soluções de projeto do modernismo – como concepção, discurso e, por vezes, prática – não servia como resposta aos questionamentos de alguns arquitetos que estavam lidando com problemas de reconstrução de cidades históricas no pós-Segunda Guerra, principalmente aquelas em países em condição periférica aos grandes centros que haviam concebido e se acostumado com a arquitetura modernista. A principal acusação era a falta de relação apresentada pelas soluções modernas com a história local, na qual os objetos eram situados (FRAMPTON, 2000).

Um dos países que mais se deparou com tal contexto foi a Itália, onde o processo se inicia com nomes como os de Gustavo Giovannoni e Giuseppe Pagano nas análises territoriais urbanas (MARZOT, 2002) e, no campo da teoria e história da arquitetura, tem seu maior representante em Saverio Muratori (1910-1973) (CATALDI, MAFFEI; VACCARO, 2002; MOUDON, 1997).

Muratori foi um dos fundadores dos estudos morfológicos na Itália, sendo que suas primeiras obras sobre o assunto são o *Studi per una operante storia urbana di Venezia*, de 1959²⁹ e o atlas *Studi per una operante storia urbana di Roma*, de 1963 (CATALDI, MAFFEI; VACCARO, 2002). Tais textos almejavam servir como guias para a compreensão dos valores urbanos inerentes às várias fases da existência das cidades das quais tratavam. Eles tinham um caráter eminentemente descritivo e historiográfico, mas também davam indícios de como lidar com as influências e implicações que novos projetos poderiam ter sobre as malhas urbanas pré-estabelecidas (CATALDI, MAFFEI; VACCARO, 2002, p.4-5).

O método de descrição proposto por Muratori (1960) consistia em fazer uma leitura da cidade como um todo, associando momentos históricos reconhecíveis a certas linguagens formais arquitetônicas identificáveis nos edifícios – que, em conjunto, eram entendidos como componentes fundamentais do organismo da cidade. A então chamada *tipologia edilizia* baseava-se em identificar as características arquitetônicas que se perpetuavam ou modificavam no curso de existência dos exemplares em seu contexto urbano.

²⁹ O estudo aparece originalmente na revista *Palladio*, nº 3-4 de 1959, segundo citação no artigo de Cataldi, Maffei & Vacaro (2002 pp. 3-12). Neste trabalho, a edição consultada e referenciada foi a do livro editado em 1960 pelo *Istituto poligrafico dello Stato, de Roma*.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

As denominações das categorias descritivas contemplavam desde elementos estruturais até o objeto arquitetônico por completo, e os termos utilizados baseavam-se na escolha entre funções de sentidos opostos – *recinto X cobertura; portante X portado; servente X servido; edilícia de base* (a habitação ordinária) *X edilícia especializada* (edifícios institucionais de marcante destaque no conjunto urbano) (MURATORI, 1960; apud STRAPPA, 1995)³⁰.

Esses princípios descritivos concebidos por Muratori para, nas suas palavras, uma “história operante” das cidades, foram, todavia, elevados a uma outra condição de aplicabilidade por seus alunos das escolas de Veneza e Roma. Paolo Maretto, Gianfranco Caniggia e tantos outros assistentes de Muratori foram convidados como professores em diversas escolas de arquitetura da Itália (CATALDI, MAFFEI; VACCARO, 2002; MOUDON, 1997), e a *tipologia edilizia* passou a ganhar o status de disciplina, sendo absorvida nas décadas seguintes como componente curricular normal em muitos dos cursos de arquitetura italianos (CATALDI, MAFFEI; VACCARO, 2002), passando a ser desenvolvido também como método projetivo para edifícios contemporâneos, mesmo em outros contextos urbanos (MARZOT, 2002; SCOLARI, 1985).

Esta seria a noção de *continuità* (continuidade) aos princípios de conformação das cidades, defendida, inclusive posteriormente aos anos de 1950 por compatriotas de Muratori, como Ernesto Rogers, dentre outros. Tal ideia uniria a história ao contexto morfológico urbano e ao tipo edilício como objeto volumétrico edificado, um tripé que seria capaz de permitir entender e intervir sobre as cidades italianas tradicionais sem perder a capacidade de percepção das suas identidades que se construíram ao longo dos anos (FORTY, 2000, p. 308).

Assim, elementos tipicamente encontrados nos estudos históricos sobre o urbano passaram a fazer parte do repertório formal compositivo das disciplinas de projeto, e a linhagem intelectual de Muratori instituiu-se devido, principalmente, ao formato didático que assumiu *a posteriori*. Essa utilização é particularmente explorada por Gianfranco Caniggia (1932-1987) e Gian Luigi Maffei na obra fundamental dessa nova utilização do termo *tipo* na história intelectual da arquitetura: *Composizione architettonica e tipologia edilizia*, que se constituiria em um manual para os cursos de

³⁰ Se visto de modo mais abrangente, esse modo de descrever a arquitetura como um sistema de objetos que desempenham funções de signos e significados pode ser associado à emergência do estruturalismo, calcado principalmente nas bases da semiologia de Ferdinand de Saussure (1857-1913) (COLQUHOUN, 1988 In: COLQUHOUN, 2004 p. 232).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

arquitetura, inclusive fora da Itália. No pensamento de Caniggia e Maffei, o tipo é um conjunto orgânico de conhecimentos que se desenvolve a partir do fazer arquitetônico espontâneo e se consolida na história, havendo tantos tipos quantos forem esses conjuntos de conhecimento passíveis de serem concretizados fisicamente na forma edificada (CANIGGIA; MAFFEI, 1979).

Contudo, outros dois autores italianos, não explicitamente ligados à referida linhagem, também trataram da relação entre cidade e edifícios através do uso de certo conceito de tipo arquitetônico nas suas obras e seriam ainda mais influentes mundialmente: Aldo Rossi (1931-1997) e Giulio Carlo Argan (1909-1992), que se inserem naquele revisionismo de discursos e linguagens formais promovido na década de 1960.

Os dois apresentavam notáveis semelhanças sobre o entendimento da cidade como um objeto artístico; a leitura da arquitetura como elemento formador da cidade e, o mais curioso: faziam pouca referência a Muratori, mas tinham em Quatremère de Quincy a referência para discorrer sobre a necessidade de se falar de tipo arquitetônico (ARGAN, 1965; 1983; ROSSI, 1966).

Argan procura, na revisão do próprio Quatremère de Quincy, meios para compreender possíveis valores absolutos da forma arquitetônica numa visão histórica sobre a formação da cidade. Sua visão, contudo, parte do princípio de que a ideia de tipo tem um viés eminentemente artístico, interpretação que, como já foi visto, não condiz plenamente com o seu sentido original. De qualquer modo, o posicionamento de Argan sobre a ideia de tipo edilício é pontual – serve como complementação a estudos que se propunham mais abrangentes, como a construção de uma história da arte em paralelo a uma história da cidade ou discussões sobre a atividade projetiva. (ARGAN, 1965; 1983).

Dentre os dois, entretanto, a obra de Rossi terminou por adquirir maior popularidade mundial – inclusive maior do que as obras dos demais morfólogos italianos acima citados³¹. Em *A Arquitetura da Cidade* (*L'Architettura della città*), Rossi lança um tratado sobre como compreender a cidade na sua dimensão física³². A pretensão da obra é inaugurar uma ciência urbana – composta

³¹ Ver Capítulo 2, seção 2.1.

³² Embora utilize-se nas citações o texto da edição brasileira de 2001, a primeira edição italiana do livro de Rossi é de 1966 (da editora milanese Marsilio Editori).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

por uma teoria específica sobre os *fatti urbani* (fatos, ou feitos, urbanos) e um método de análise próprio (ROSSI, 2001, p. 3).

Por fatos urbanos, entende-se aquilo que é apreendido sensorialmente pelo usuário da cidade, ou seja, a ênfase está na dimensão física abarcada pela capacidade de percepção visual humana *in situ*. Já o método, consiste na delimitação de uma área de estudo (que deve conter certo grau de homogeneidade) e na descrição das relações que se estabelecem no espaço urbano entre os elementos que o definem – os edifícios.

Neste momento é que Rossi faz uso de uma tipologia que, segundo ele, nasce no conceito de tipo dado por Quatremère de Quincy, mas que é, na verdade, mais fiel a categorias criadas por alguns geógrafos (principalmente Tricart³³) para a análise físico-territorial urbana que aos princípios metafísicos de Quatremère de Quincy: a divisão feita na sua obra é simplesmente entre edifícios habitacionais e não-habitacionais/institucionais. Para Rossi, os primeiros constituem morficamente as *áreas-residência* e os últimos são os *elementos primários* da cidade (ROSSI, 2001).

Essa separação é feita por Rossi a partir das funções originalmente atribuídas aos edifícios, defendendo que a categoria tipológica não varia, mesmo se o uso da estrutura física dos edifícios vier a mudar – uma visão justificada por Rossi pela formulação teórica de Poète e Lavedan (a *teoria das permanências*)³⁴ – o poder de manutenção do sentido da forma física de certos elementos urbanos no decorrer da história da cidade (ROSSI, 2001). E é justamente o caráter mais genérico da sua tipologia o maior responsável pela popularidade das idéias de Rossi. Sendo uma formulação menos apegada à descrição minuciosa do edifício em suas partes, se consolida uma abordagem menos dependente do contexto italiano e de mais imediata aplicação em contextos urbanos de outros países³⁵.

98

³³ Geógrafo com grande contribuição à geomorfologia, Jean Tricart propunha a leitura da cidade a partir do seu conteúdo social, segundo o próprio Rossi (2001 p. 33) além de ter lançado a idéia da *Ecodinâmica* e ter trabalhado a classificação tipológica de elementos geomorfológicos também como elementos de paisagem, em que um dado tipo de elemento se distingue do outro quando há rupturas ou descontinuidades no processo de sua gênese e não só no seu aspecto visual.

³⁴ Como aponta o próprio Rossi (2001 pp. 37-39), primeiro Marcel Poète, e depois Pierre Lavedan, seu seguidor, são pioneiros na interpretação da cidade como um organismo que se desenvolve no tempo. Este organismo partiria de alguns elementos arquitetônicos/urbanos geratrizes e, mesmo no seu desenvolvimento ao longo do tempo, seria possível identificar a persistência do seu plano, que lhe confeririam caráter particular.

³⁵ É notável a aceitação das idéias de Rossi em países como Portugal, Estados Unidos (onde lecionou em diversas universidades) e Brasil, por exemplo - desde a formação nas escolas até a prática profissional posterior.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Aldo Rossi defendia que edifícios deveriam aparecer – ou seja, serem visualmente percebidos – como objetos reconhecíveis, reproduzindo em sua forma elementos já familiares à história e à cultura urbana dos ambientes em que se inserem. De modo independente do programa de uso a que deveriam servir, os materiais e o exterior dos edifícios deveriam se remeter a soluções formais consagradas, elementos clássicos como colunas e frontões e ter uma volumetria partindo de uma geometria que buscasse o simples, os sólidos regulares.

Contudo, percebe-se que, dentro da mesma escola de morfologia urbana e edilícia, as derivações e os conflitos conceituais podem existir. Marzot (2002), por exemplo, aponta a fragilidade no uso de determinados termos – como o próprio *tipo* – dentre as várias escolhas ideológicas dos autores:

[...] Este uso do tipo inevitavelmente leva a uma consistente diminuição na efetividade da interpretação. [...] Este sistema tem um amplo leque de possibilidades porque cada definição de um tipo se refere a uma idéia específica de arquitetura. [...] (MARZOT, 2002, p. 59)³⁶

Deste modo, a definição e o uso do termo *tipo* seguem conveniências ideológicas e terminam por atender somente àquela formulação que se deseja validar.

Scolari³⁷, por sua vez, faz uma crítica mais voltada para as utilizações subseqüentes dos estudos tipológicos empreendidos por Muratori e Caniggia e, em especial, Aldo Rossi (SCOLARI, 1985). Para o autor, o estudo de Muratori, por si, tem validade duvidosa mesmo no seu contexto original – uma descrição de caráter historiográfico-morfológico das cidades italianas. Para Scolari, ao passo que os dados coletados pela pesquisa tipológica vêm a ser utilizados como princípio didático da prática de projeto, há o risco de se cair na simples cópia de modelos históricos, afirmando que:

³⁶Livre tradução do autor para o original: “Such use of type inevitably leads to a consistent diminution in the effectiveness of the interpretation. (...) That system has a wide range of possibilities because every definition of a type refers to a specific idea of architecture (...)” (MARZOT, 2002 p. 59).

³⁷Massimo Scolari, arquiteto, artista plástico e autor de diversos trabalhos sobre história e crítica da arquitetura, nasceu em 1943 também em Milão. Foi assistente e colaborador de Rossi em alguns trabalhos e circulou como professor visitante pelas mesmas escolas de arquitetura norte-americanas que este na segunda metade dos anos 1970.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Este *destino estacionado* sob a pele da projeção já estava implícito na premissa. Os estudos aos quais elas se referiam diretamente eram aqueles desenvolvidos por Saverio Muratori durante os anos cinquenta quando titular da disciplina de 'Caretteri distributivi degli edifici' do Instituto Universitário de arquitetura de Veneza. Representando atualmente um clássico dos estudos urbanos, aqueles estudos não dispunham para si próprios de um verdadeiro método histórico ou de uma 'técnica de investigação' suficientemente clara e autônoma. O próprio título que Muratori deu à sua publicação sobre Veneza é muito significativo: *Studio per una operante história urbana de Venezia*. A sua análise tipo-morfológica tinha um objetivo “operante” (operacional), estabelecendo um discutível evolucionismo entre história e planejamento. Afirmando que 'o juízo histórico é (todavia) já um juízo operativo, programas de ação, plano urbanístico...!', favorecia uma perigosa sobreposição entre linguagens históricas e linguagens projetivas. Nós sabemos, hoje, que nenhuma análise histórica pode possivelmente legitimar ou determinar escolhas projetivas sem perder alguma coisa do seu conteúdo disciplinar, e que a utilidade da história reside justamente na sua alta inutilidade.” (SCOLARI, 1985, p. 42) (itálicos originais)³⁸

Ao se referir especificamente à obra de Rossi, Scolari identifica a tendência à valorização do aspecto puramente formal do edifício, vista como uma maneira do autor justificar teoricamente a sua prática projetiva. Então, quando terceiros se utilizam dessa relação criada por Rossi como método universal de projeção, copiando formalmente os elementos por ele valorizados nos seus projetos, os resultados seriam ainda mais superficiais (SCOLARI, 1985).

100

Ainda, sobre a operacionalidade do método proposto por Rossi e a sua tipologia, Scolari identifica por um lado a vantagem da simplicidade – capaz de grande alcance didático – e, por outro, o risco de se cair em um excessivo simplismo conceitual acerca da utilização do tipo como princípio de arquitetura – baseado tão somente na permanência temporal das características plástico-tectônicas dos edifícios para o espaço urbano.

³⁸ Livre tradução do autor para o original: “Questo *destino bloccato* sotto la pelle della progettazione era del resto implicito nelle premesse. Le ricerche alle quali essi facevano direttamente riferimento erano quelle di Saverio Muratori svolte presso la cattedra di “Caretteri distributivi degli edifici” dell’Istituto Universitário di Architettura di Venezia negli anni Cinquanta. Diventati ormai un classico degli studi urbani, quelle ricerche non si avvalevano di un vero e proprio metodo storico e di una “rilevazione” sufficientemente chiara e autonoma. Lo stesso titolo che Muratori diede alla famosa pubblicazione su Venezia è molto significativo: *Studi per una operante storia urbana di Venezia* (1959). Le sue analisi tipo-morfologiche si ponevano in una porpettiva “operante” stabilendo un discutibile evolucionismo tra storia e pianificazione. Affermando che “il giudizio storico è (dunque) già giudizio operativo, programma d’azione, piano urbanistico...”. avviava un pericoloso inquinamento tra i linguaggi della storia e quelli della progettazione. Oggi sappiamo con maggiore consapevolezza che nessuna analisi storica può legittimare o determinare scelte progettuali senza perdita di disciplina e che l’utilità delle storia risiede proprio nella sua elevata inutilità.” (SCOLARI, 1985 p. 42).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

As posições de Rossi favoreceram uma certa desvalorização do profissionalismo e a recuperação dos elementos locais e autobiográficos, negligenciados pelo estilo internacional. Mas ao mesmo tempo, a ênfase dada à análise urbana e à teoria da arquitetura desvalorizou a disciplina como uma profissão de construtores, ao final, favorecendo mais a composição que o projeto. A própria substituição radical do profissional projeto-construção pelo projeto-teoria impediu que a complexidade teórica correspondesse à complexidade analítico-projetiva. Toda uma geração de estudantes imersa num afilto aforismo político-social foi formada dentro de uma *ideologia da recusa*, obrigada a escolher entre a autonomia da arquitetura e a sua desintegração, em pura política. São problemas que condicionaram muitas das recusas culturais desses anos.” (SCOLARI, 1985, p. 42) (itálicos originais)³⁹

O que se nota, enfim, é que nos escritos de Rossi, tão importantes para a reafirmação de um chamado pós-modernismo, o tipo sofre uma significativa redução no grau de complexidade teórica, servindo como pretexto – assim como no tão criticado modernismo, para a reprodução de fórmulas.

Contudo, tais fragilidades nas concepções mais prescritivas da arquitetura terminam por estimular o aprofundamento em construções teóricas menos preocupadas com a validação de práticas projetivas autorais e mais voltadas à reflexão científica e a critérios objetivos de descrição e análise, como aqueles enumerados na seção 2.2.1 do capítulo anterior – motivando a situação contemporânea da ideia de tipo de acordo com os princípios expostos a seguir.

101

3.1.3 Sobre o tipo hoje

Comparando as ideias de tipo em Quatremère de Quincy, nas concepções modernistas e nos morfólogos italianos (tanto Rossi como os filiados diretamente a Muratori), fica claro que está se utilizando um mesmo termo para se tratar de ideias mais ou menos distintas.

³⁹ Livre tradução do autor para o original: “Le posizioni di Rossi favorirono certo la svalutazione del professionismo e il recupero degli elementi locali e autobiografici, trascurati dall’internazional style. Ma allo stesso tempo, l’enfasi data analisi e alla teoria della architettura porto allà svalutazione della disciplina come professione “costruttiva” ed in definitiva privilegiò la composizione rispetto alla progettazione. E proprio la radicale sostituzione del “professionale” progetto-costruzione con il progetto-teoria impedì che alla complessità delle premesse teoriche corrispondesse una eguale complessità analitico progettuale. Tutta una generazione di studenti immersa in angosciose aporie politico-sociali, venne formata in una ideologia del rifiuto, obbligata a scegliere tra l’autonomia dell’architettura e la sua dissoluzione nera pura politica. Problematiche, queste, che condizionarono molte delle rinunce culturali di quegli anni.” (SCOLARI, 1985 p. 42).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Enquanto que o primeiro tem uma visão especulativa, buscando encontrar fatores quase metafísicos que motivariam a forma edificada, os segundos se voltam para um ideal de eficiência de resultados e os últimos se interessam justamente pela carga histórica e cultural das características físicas construídas, simbolicamente representadas pelos edifícios.

Rossi, Caniggia e os demais da *continuità* partiram do estudo de soluções compositivas consagradas historicamente no contexto particular italiano e, sobre elas, criaram regras de aplicação na prática da leitura urbana e do projeto edilício, ainda que tais regras fossem baseadas na repetição daquelas soluções. Enquanto Quatremère de Quincy buscava construir uma teoria taxonômica, a tipologia *edilizia italiana* terminava por se constituir, com Rossi, em um método prescritivo.

Entretanto, também existem aproximações. Quatremère de Quincy, embora tivesse acesso a uma menor gama e variedade de exemplares de arquitetura, devido às próprias dificuldades da época, procurava por generalizações, leis universais que servissem como base a uma teoria sobre os princípios de produção da arquitetura como um todo, em qualquer situação, expectativa semelhante à lógica industrial modernista.

102

Todavia, há ainda uma questão de importância central que particulariza e provoca um interesse ainda atual nas sugestões de Quatremère de Quincy: a assertiva de que a arquitetura é produto de expectativas sociais. As utilizações da idéia de tipo posteriores a Quatremère de Quincy enquadraram os objetos arquitetônicos na história, mas pouco se preocuparam no que diz respeito aos fatores mais elementares que suscitam a sua produção – pelo contrário, como há um deliberado distanciamento das questões ligadas à função ou ao uso, caracterizando uma simplificação conceitual por parte da escola italiana (SCOLARI, 1985; ROSSI, 2001).

Considerando a primazia de Quatremère de Quincy na publicação e definição da expressão tipo – ele é referência inclusive na obra de Rossi – e a criticada simplificação conceitual oferecida pelo modernismo e pela *tipologia edilizia italiana*, entende-se que é sobre as bases sociais do conceito que uma discussão contemporânea sobre o tipo deve ser efetuada. Para tal, é necessário buscar teorias que aceitem a relevância das motivações sociais na arquitetura e as expectativas de utilização do objeto arquitetônico. Além do mais, convém que essas teorias prezem pelo caráter

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

descritivo-analítico-reflexivo, ou que não tenham a pretensão de prescrever normas e modelos de projeção-reprodução edilícia.

Uma das aplicações contemporâneas do conceito de tipo aparece precisamente formulada na *teoria da lógica social do espaço* (HILLIER; HANSON, 1984). Seus autores, Bill Hillier e Julianne Hanson, oferecem uma interpretação para a origem da arquitetura: constroem um tipo edifício primordial a partir do conceito de um edifício elementar para explicar o aquele mecanismo de produção e funcionamento que eles postulam como o mais primário do espaço edificado – a mediação de relações sociais. A sua estrutura é composta apenas da delimitação de uma unidade espacial⁴⁰, acessível ao ambiente exterior por uma só abertura.

Os elementos físicos que fazem a separação do espaço interior ao edifício do espaço exterior são, na sua interpretação fundamental, barreiras ao acesso de indivíduos; a única abertura para o exterior, por sua vez, é uma permeabilidade.

No modelo, a função essencial do espaço é promover a interface entre aqueles que habitam – portanto controlam – o edifício e aqueles que o visitam – que, primordialmente, seriam os controlados. Os primeiros se situam na zona mais distante em relação ao exterior, e estariam mais segregados espacialmente; os últimos são mantidos nos espaços mais próximos em referência ao exterior, e estariam mais integrados na relação e no sistema como um todo (HILLIER; HANSON, 1984) (FIG. 25).

103

⁴⁰ A unidade espacial depende do que a teoria compreende como as atribuições mínimas e necessárias para a delimitação de um espaço. Inteligibilidade e funcionalidade são propriedades basais de uma “função genérica” do espaço. É ela que, ao mesmo tempo em que restringe a sua aplicabilidade a nem toda e qualquer combinação funcional, também dá sentido e realidade à arquitetura (HILLIER, 1996, pp. 284- 285). O condicionamento do sistema de espaços através das necessidades de controle condiciona consequentemente os usuários - assim como existem espaços controladores e espaços controlados, existem os usuários que controlam e os que são controlados, permitindo então o entendimento da própria arquitetura como um sistema espacial definido por uma configuração específica a cada tipo de função que desempenha, e não como a moldagem de uma porção isolada do vazio criado ao se erigirem paredes.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

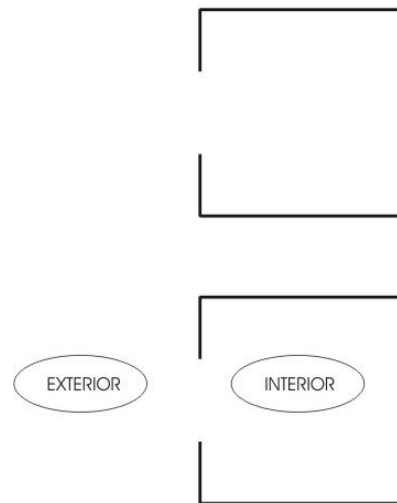


Figura 25– Esquema gráfico da idéia de um edifício elementar
(fonte: NASCIMENTO, 2008, p. 35) (Desenho do autor a partir de Hillier e Hanson - 1984).

Considerando o caráter do evento social que se deseja promover – mais ou menos previsível, mais ou menos controlado – edifícios com mais alto nível de complexidade programática podem subdividir, multiplicar ou mesmo inverter aquele padrão de relação entre usuários do edifício elementar. Sendo assim, dependendo de como e onde ocorrem tais diferenciações, distintos tipos edilícios – socioespacialmente falando – são elaborados. E em correlação ao caráter do evento social comportado e ao aumento do número de espaços e da complexidade do conjunto de relações entre eles, pode-se ter um sistema mais raso, com maiores possibilidades de distribuição, ou mais profundo, com menores possibilidades, num percurso obrigatoriamente sequencial de passos topológicos.

Tomando o exterior como referência, quanto menor for a sua distância topológica – ou seja, relacional – para os demais espaços do sistema, mais rasa é estrutura de espaços. Por outro lado, quanto mais passos topológicos – mais espaços acessados – forem necessários para se passar do exterior para mais espaços do sistema, mais profundo ele é.

O raciocínio dos autores sugere um caminho para que se descreva a arquitetura a partir do conjunto de relações geradas pela organização espacial, não pelo seu aspecto físico-material ou pela geometria (HILLIER; HANSON, 1984; HILLIER, 1996; STEADMAN, 1998).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Complementarmente a Hillier e Hanson, Thomas Markus (1987; 1993) é um autor referencial para o estudo das relações entre forma arquitetônica e sociedade por enxergar, nestas, um princípio tipológico auxiliar ao estudo sobre os motivos da existência e das diferenciações verificadas entre as edificações.

Segundo Markus (1987; 1993), edifícios são produto de uma série de prescrições impostas pela sociedade para tornar possível o funcionamento de algumas instituições. Essas prescrições são a base de uma programação de eventos e atividades que, numa segunda etapa, definem como os edifícios que virão a abrigar tais instituições deverão funcionar ou como serão utilizados pelos indivíduos. Essa programação de eventos, anterior à existência da solução arquitetônica, é denominada por Markus de “texto”⁴¹ (MARKUS, 1987; 1993; MARKUS; CAMERON, 2002).

Markus afirma a existência de uma forte relação entre a arquitetura de um edifício e o seu texto precedente. O argumento é de que existe uma correspondência entre estrutura espacial edilícia e o texto de prescrições de uso que a antecede, sendo necessário abordar o próprio edifício como um discurso social, já que ele carrega em si as informações do texto (MARKUS, 1993; 1987; MARKUS; CAMERON, 2002) (FIG. 26).

105

De tal maneira, embora considere de fundamental importância os programas e as funções exercidas pelos exemplares, o autor enxerga na capacidade de abrigar as relações mais primárias entre os indivíduos o critério mais adequado para discutir as particularidades dos edifícios.

Markus encontra evidências para sustentar seu argumento no estudo de um conjunto de edifícios produzidos durante a Revolução Industrial para abrigar programas funcionais que se criavam àquela época. O autor compreende os edifícios especializados da modernidade como dispositivos capazes de classificar usuários (*classifying devices*) (MARKUS, 1987; 1993) através do ordenamento do espaço. Como dispositivos, os edifícios modernos operam sempre uma relação que parte de dados sociais – as pessoas, essencialmente – e outros temas que a elas interessavam: coisas, conhecimento ou mesmo outras pessoas.

⁴¹ A noção de texto de Markus não se refere necessariamente a prescrições escritas, mas sim a expectativas sociais que se estabelecem e se consolidam e são do conhecimento do projetista. Isso, porém, não quer dizer que as mesmas expectativas e prescrições não venham, eventualmente, a ser efetivamente escritas.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Favorecer as relações entre pessoas e pessoas, pessoas e conhecimento e pessoas e coisas são os critérios básicos utilizados por Markus para identificar os tipos desses dispositivos. A partir da relação entre o texto e o conjunto forma-função-espaço (que determina o caráter geral do edifício) (FORTY, 2000), permite ao autor imprimir uma análise tipológica precisa a esses edifícios-dispositivos. São agrupados os exemplares de características formais, funcionais e espaciais semelhantes com os seus respectivos textos semelhantes. O resultado é um estudo taxonômico extensivo desses edifícios da modernidade (MARKUS, 1993)⁴².

Em última análise, ao aceitar as construções teóricas de tais autores, têm-se que o edifício é um dispositivo espacial concebido pelo projetista para controlar – favorecendo ou restringindo – a emergência de determinados eventos. E, ainda, que tal controle (AMORIM, 1999; CHOI e PEPONIS, 1991; FOULCAUT, 2005; LOUREIRO, 2000; MARKUS, 1993) é exercido pelo estabelecimento de potenciais situações de encontros ou de isolamento entre agentes sociais de distintas classes que venham a fazer uso desse espaço (CHOI e PEPONIS, 1991; ZIMRING e PEATROSS, 1997).

Segundo o argumento de Markus, o estabelecimento de um tipo qualquer deve levar em conta tanto aspectos sociais precedentes como as estruturas de espaços edificadas. Entretanto, tal exercício é algo que dependerá de um sistema de descrição que parta da morfologia espacial dos edifícios, mas que também tenha em vista a sua relação com a conjuntura social em que são produzidos. Mais ainda, é necessário lidar com variáveis e categorias de análise que permitam uma comparação objetiva e eficiente entre os diversos exemplares que se prestarem a uma investigação originada em tais bases.

106

⁴² Markus identifica padrões de recorrência na estrutura espacial de alguns dos casos estudados. Ele divide os exemplares que analisa em tipos que relacionam: (a) pessoas a pessoas – podendo ter objetivos de formação (escolas, conventos, monastérios, orfanatos, etc.), de reformação (asilos, hospitais, penitenciárias, etc.), de limpeza (os banhos e as saunas públicas) ou de recreação (os panoramas e dioramas, clubes, etc.); (b) pessoas a conhecimento – sendo ele material (museus, bibliotecas) ou efêmero (teatros, anfiteatros); e (c) pessoas a coisas – seja em processos de produção (indústrias, manufaturas) ou de troca (bolsas, mercados, etc.) (MARKUS, 1993).

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

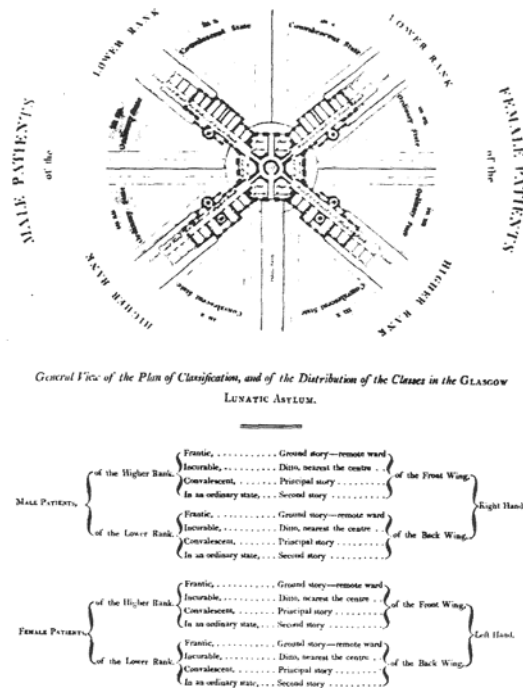


Figura 26 – Exemplo dado por Markus da relação entre uma tabela de classificação de indivíduos com patologias mentais (um texto prescritivo) e a sua transposição para a estrutura espacial de um “asilo para lunáticos” de inícios do século XIX (Fonte: MARKUS, 1983, p. 96).

Para tanto, volta-se a Hillier e Hanson (1984), segundo os quais esse exercício é efetivamente possível, desde que haja compreensão da existência de uma lógica social no espaço edificado. Como visto, em desdobramento ao princípio do edifício elementar, segundo os autores, para cada evento social que se deseja promover, configuram-se uma série de possíveis relações entre os indivíduos que são traduzidas na arquitetura pela delimitação de séries de unidades espaciais e pela permissão ou restrição ao estabelecimento de conexões entre elas.

O controle dessas relações entre unidades espaciais é exercido por elementos físicos: (a) barreiras ou permeabilidades ao movimento; e (b) opacidades ou transparências à visibilidade. Os primeiros dizem respeito às possibilidades de fluxo e acesso de indivíduos entre duas ou mais unidades distintas e adjacentes; os segundos, às possibilidades de percepção visual entre indivíduos posicionados em duas ou mais unidades espaciais distintas, não necessariamente adjacentes.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Barreiras e opacidades impedem a conexão entre as unidades – de movimento ou de contato visual; permeabilidades e transparências estabelecem as conexões – são, portanto, variáveis fundamentais de uma estrutura espacial arquitetônica. Quando essas relações são consideradas para o sistema de espaços, dentro de um mesmo edifício (considerado como um todo, e não parte a parte, espaço a espaço), definem padrões de permeabilidade e de visibilidade, dois sistemas de relações com características que podem ser absolutamente distintas, embora tratem de um só exemplar (AMORIM, 1999; NASCIMENTO, 2008).

Por outro lado, padrões de permeabilidade e visibilidade estão relacionados, respectivamente, a padrões de co-presença (poder ter a presença, simultânea, de outros indivíduos num dado espaço) e co-ciência (poder saber da ou ver a presença, simultânea, de outros indivíduos posicionados no mesmo espaço de referência ou em quaisquer outros espaços do sistema), que são definidos, essencialmente, para cumprir com os requerimentos da função social que foi originalmente atribuído à edificação (AMORIM, 1999; HANSON, 1998; HILLIER; HANSON, 1984; HOLANDA, 2003; 2007; LOUREIRO, 2000).

Em outras palavras, edifícios são formados por sistemas de espaços que guardam algum tipo de relação entre si. Esses sistemas de relações constituem *configurações espaciais*, entendendo-se por configuração as relações entre relações existentes entre as unidades espaciais delimitadas pelas barreiras e opacidades e transparências e permeabilidades. Diferentemente de entender a relação existente apenas entre duas a duas unidades espaciais, a configuração trata da relação de cada duas com um terceira unidade, ou em situações mais complexas, com todas as *n* demais unidades do sistema (HILLIER; HANSON, 1984).

Em síntese, de acordo com Hillier, edifícios são criados a partir de prescrições e programações de uso que atendem a demandas específicas de um grupo social que os utilizará. No seu processo de definição, as regras sociais que motivam a sua elaboração, e que o precedem, influenciam no modo em que potenciais situações de encontros entre agentes tenderão a se dar no seu sistema espacial. Entretanto, posteriormente, os mesmos edifícios têm, também, a capacidade de potencializar e/ou restringir determinadas utilizações – o sistema espacial imprime determinadas condições de uso para os agentes, ou exercem, probabilisticamente, um certo grau de influência

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

sobre o comportamento dos indivíduos, sendo possível, através da sua descrição, estimar certos padrões de uso no edifício.

Markus e Hillier convergem em vários pontos sobre o processo de elaboração do objeto arquitetônico. Aceitam que, antes de se constituir um edifício, a produção da arquitetura é precedida por expectativas da sociedade de se viabilizar como estrutura (GIDDENS, 2003; HOLANDA, 2002). Uma série de regras de funcionamento social está impregnada tanto no indivíduo como no projetista que produz para o indivíduo. São normativas que regem as dinâmicas próprias a qualquer evento humano. Aqueles eventos que necessitam do meio “espaço” para se realizarem têm agregados a si um conjunto próprio de convenções a serem seguidas pelos indivíduos (HILLIER; PENN, 1991).

Como dito antes, Markus associa a ideia dessas convenções a um *texto* – afirma que todo edifício é fruto de um texto que o precede (MARKUS, 1987) – e que, posteriormente, o edifício é ele próprio um discurso onde essas convenções originais podem ser “lidas” (MARKUS; CAMERON, 2002). Para Hillier (HILLIER; PENN, 1991), essas convenções constituem *modelos*⁴³ – afirma que edifícios são precedidos por regras de práticas sociais. Ambos concluem que textos (ou modelos, em Hillier) mais complexos, ou mais longos, produzem edifícios mais carregados de convenções, com tendência a conservar certos padrões de utilização; textos menos complexos, ou mais curtos, produzem edifícios com menos carga de convenções, capazes de gerar várias possibilidades de utilização.

Para os autores, então, um edifício é um fato essencialmente social. A existência do artefato construído é sempre condicionada por uma lógica social, associada a uma estrutura espacial, ambas anteriores às decisões sobre os demais aspectos (HILLIER; HANSON, 1984; HILLIER, 1996; HOLANDA, 2002; 2007; MARKUS, 1993; PEARSON; RICHARDS, 2003).

⁴³ Percebe-se uma diferença no uso da expressão *modelo* em relação à de Quatremère de Quincy. Em Hillier, o modelo ainda precede a forma construída. Em Quatremère de Quincy, o modelo é o próprio objeto concretizado – o modelo é um padrão de relações definido textualmente. A lógica de raciocínio, porém, é equivalente entre os dois. Também cabe a ressalva de que, assim como a noção de “texto” de Markus, os modelos não são necessariamente escritos, mas podem o ser, eventualmente. Nesta tese, para evitar ambiguidades, será utilizado a partir de então a expressão *texto-modelo*.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Sobrepondo os conceitos e os argumentos dos autores, pode-se resumir a ideia da seguinte forma:

- A instituição de um sistema espacial formado por barreiras e opacidades e permeabilidades e transparências é uma tradução dos modelos de convenções sociais; é um sistema de relações entre situações de restrição ou de permissão de atividades de usuários (habitantes e visitantes) (HILLIER; PENN, 1991);
- Modelos ou textos *longos* tendem a produzir sistemas espaciais com uso mais previsível, ou seja, *conservadores* do conhecimento social que os precedem (HILLIER; PENN, 1991).
- Modelos ou textos *curtos* tendem a produzir sistemas espaciais com uso menos previsível, ou seja, *geradores* de experiências sociais com menor grau de programação e controle pelas convenções que os precedem (HILLIER; PENN, 1991).

Seguindo tal raciocínio, naturalmente se chega à conclusão de que semelhantes expectativas sociais tendem a gerar semelhantes sistemas espaciais – ou seja, quanto mais longos são os modelos, mais restritivas e recorrentes tendem a ser as semelhanças entre os edifícios, pois há menos possibilidades para que se realizem eventos sociais não previamente programados (HILLIER; PENN, 1991; MARKUS, 1987).

110

Aceitando-se o argumento, tira-se uma última conclusão desse processo: entre a formulação de modelos baseados nas expectativas de uso e o desempenho final do objeto arquitetônico há um código espacial – um conjunto mínimo de relações básicas responsáveis pela viabilização de algum evento – que funciona como elo entre as duas situações, uma solução típica.

Mas essa noção de identificação de tipicidades de soluções proposta por Nascimento (2008), e aqui aceita e revisitada, não deve ser confundida com solução-tipo, projeto-tipo, e demais variações terminológicas que se referem ao mesmo objeto/processo mental de repetição irrestrita de soluções. Embora o raciocínio subjacente à produção de soluções-tipo possa ter a mesma origem que o tipo arquitetônico baseado nas propriedades socioespaciais dos edifícios, aquelas estão mais próximas, na prática, da ideia dos *modelos* imediatamente reprodutíveis de Quatremère de Quincy, ligando-se, inclusive a aspectos formais e construtivos, como queria Rossi.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Contudo, tanto em Hillier como em Markus, o tipo não é, a priori, determinado pelas características formais ou tectônicas. As soluções no arcabouço físico do edifício são dependentes dos mais diversos fatores, variando de acordo com o contexto em que se inserem (HOLANDA, 2002). Considerar o tipo como um padrão de relações entre indivíduo e espaço e indivíduo com outros indivíduos aparece, para os autores, como um dado universal para a produção de todo e qualquer edifício, além de ser sua motivação original e lhe dar sentido de existência em qualquer cultura ou período histórico.

Mas, de fato, essa concepção não esgota a discussão sobre a produção de edifícios como um todo – e se as proposições modernistas e italianas não atendem à crítica, faz-se necessário o seu desenvolvimento a partir de então. As relações operativas desse princípio contemporâneo do tipo e a prática do projeto – e a produção da forma arquitetônica – são questões igualmente relevantes a este estudo, e precisam ser desenvolvidas adiante.

3.2 O tipo como princípio epistemológico, operativo e descritivo-analítico da arquitetura

111

A proposta de uma concepção contemporânea de tipo baseado nas propriedades socioespaciais dos edifícios leva à constituição de uma consistente base descritiva e analítica para se discutir os princípios que motivam a concepção e influem no uso da arquitetura no seu aspecto mais prático e fundamental – servir à viabilização de atividades humanas dependentes de relações no espaço.

Mas é sabido que a abstração e a aplicação de uma lógica matemática utilizadas para entender a dimensão espacial edilícia podem levar a uma ideia equivocada de que o estabelecimento das configurações espaciais dos edifícios é uma mera atividade de combinatória entre espaços e barreiras, permeabilidades, transparências e opacidades (HILLIER, 1996).

De fato, qualquer espaço, originalmente, detém funções genéricas⁴⁴. Entretanto, o sentido que cada edifício (cada configuração espacial) assume é dependente de restrições próprias à materialidade dos meios de realização da arquitetura (a geometria impõe limitações às possibilidades de arranjo entre dado número de unidades espaciais), às necessidades que os seus

⁴⁴ Sobre função genérica do espaço, ver nota 40.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

usuários almejam ver solucionadas e às possibilidades de co-presença e co-ciência que o sistema das variáveis espaciais apresenta aos indivíduos quando utilizam efetivamente o espaço.

Segundo Hillier (1996), essas restrições que limitam as possibilidades de arranjo entre unidades de uma configuração espacial constituem três conjuntos de leis que subjazem a forma arquitetônica em seus aspectos mais primários. As primeiras são as leis do objeto – referem-se aos princípios geométricos e topológicos que governam e limitam a forma em si e constituem um determinado padrão espacial – por exemplo, as possibilidades de agregação de edifícios entre si para formar uma área urbana ou de células para formar um edifício.

As segundas são leis da sociedade para a forma edificada, referentes às maneiras como os indivíduos usam e adaptam as leis – as limitações – do objeto para viabilizar, no espaço, diferentes tipos de relações sociais – como determinado padrão espacial é escolhido por indivíduos como o mais adequado para ser utilizado para um determinado fim; são os princípios pelos quais categorias sociais podem ser identificadas no uso da forma edificada, caracterizando um padrão de uso do espaço daqueles indivíduos.

112

As terceiras, e últimas, são as leis da forma para a sociedade: de como o sistema espacial edificado tem efeitos posteriores sobre os indivíduos, como aquelas restrições da forma terminam por influenciar no modo como os indivíduos podem utilizá-las – a forma, depois de definida e em utilização, pode ter consequências sociais para além daquelas originalmente programadas ou conscientemente atribuídas pela vida social efetivamente operante (HILLIER, 1996).

Evidentemente, as leis não se aplicam isoladamente, mas os efeitos de uma são causa das outras e vice-versa. O entendimento desses princípios de geração e utilização da forma edificada permite o desdobramento das interpretações até se poderem definir os seguintes níveis analíticos para o estudo das edificações: (a) vida social; (b) vida espacial; e (c) padrões espaciais (HOLANDA, 2002).

De modo sintético, pode-se afirmar que os padrões espaciais podem ser identificados a partir da descrição das configurações de espaços em si, sendo definidos pelo sistema de variáveis de barreiras ou permeabilidades (quando se trata das possibilidades de co-presença) e de opacidades

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

e transparências (quando se trata das possibilidades de co-ciência). Já a vida social é o conjunto de regras sociais que é imposto sobre a utilização do espaço, determinado as expectativas sobre o uso da edificação. E a vida espacial é a própria utilização do espaço edificado, já concretizado, pelos indivíduos, considerando que sua utilização é em certa medida condicionada pelas possibilidades impostas pelas variáveis dos padrões espaciais e verificável por se desenvolverem certos padrões (HOLANDA, 2002).

Tipicidades de vida social, vida espacial e padrões espaciais, em conjunto, caracterizariam tipos edifícios de modo efetivamente consistente, e são categorias analíticas fundamentais para o desenvolvimento da discussão proposta por esta tese.

As confluências teóricas dos autores utilizados como base para esta revisão (Hillier, Hanson e Markus) tornam possível uma interpretação conjunta das suas ideias. Em uma síntese dos instrumentais teóricos e analíticos dos dois autores, pode-se afirmar, finalmente, que:

- um tipo edifício é definido por um modo específico de promover a possibilidade de se realizarem relações entre indivíduos, utilizando-se, para tal, o espaço;
- um tipo é motivado, portanto, por demandas sociais, pela necessidade de indivíduos de certo grupo de poder realizar um evento programático de modo adequado às regras da sua vida social pré-existente.
- esse conjunto de demandas e de regras são traduzidos, primeiramente, em um texto que precede a definição formal do edifício, prescrevendo qual deve ser o seu desempenho para o evento que se deseja realizar;
- essas expectativas são traduzidas em arquitetura, essencialmente, através de um sistema de unidades de espaços que guardam entre si relações de permeabilidade e de visibilidade de modo que, quando entendidas como uma configuração, permitam o atendimento ao texto inicial através do padrão espacial tido como mais adequado;
- quando o edifício já existe como ente realizado, impõe certas condições de uso aos indivíduos, influenciando na vida espacial do grupo;
- finalmente, quando a relação entre a vida social e a vida espacial parece satisfatória, nota-se que o padrão espacial atendeu às expectativas expressas no seu texto, tornando-se uma

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

solução consagrada e recorrente – típica – caracteriza-se, então, o atendimento ao tipo arquitetônico ao qual é filiado.

Contudo, a discussão da arquitetura a partir de relações entre indivíduos, possibilidades ou restrições ao movimento e à visibilidade no uso dos edifícios tende a suscitar um questionamento de cunho epistemológico recorrente na teoria da arquitetura: o determinismo arquitetônico – ou até onde vai a capacidade da arquitetura de interferir no comportamento do indivíduo.

De fato, o referencial utilizado até então afirma que o espaço construído desempenha um papel preponderante para o funcionamento da sociedade. Esta postura, presente nas teorias prescritivas do modernismo, sofreu diversas críticas tanto em relação à ideologia empregada no fazer arquitetônico quanto à forma de se exercer juízo sobre edifícios já existentes. Diante dos estudiosos das ciências humanas e sociais e dos teóricos da arquitetura que delas se aproximaram, tal postura parece ter um viés ainda mais determinista quanto ao poder da arquitetura sobre os hábitos da sociedade (CHOI; PEPONIS, 1991; HOLANDA, 2002; LOUREIRO, 1999).

Os autores discutidos são unânimes quanto ao papel do edifício para com a estrutura social: edifícios são criados a partir de prescrições e programações de uso que atendem a demandas de uma sociedade. Entretanto, afirmam que, posteriormente, edifícios têm, também, a capacidade de atuar como potencializadores ou restritores a determinadas utilizações – exerceriam certo grau de influência sobre o comportamento dos indivíduos.

Mas, esta influência do espaço sobre o indivíduo dá-se em uma etapa posterior, já na apropriação do espaço (dos padrões espaciais dos edifícios) pela sociedade. Nesta segunda etapa da relação edifícios X indivíduos, de acordo com as próprias leis do objeto para a sociedade defendidas por Hillier, podem se manifestar certas utilizações, e consequências dessas utilizações, não necessariamente previstas nas prescrições programáticas originais para o edifício. A forma não impede efetivamente nenhuma vontade humana, mas essas capacidades de apropriação é que seriam efetivamente dependentes das possibilidades oferecidas pelo espaço (a vida espacial) (HILLIER; PENN, 1991; HILLIER, 1996).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Tais assertivas são baseadas em estudos realizados por Hillier (1996) e demais pesquisadores filiados à sua construção teórico-metodológica. Nesses estudos, as premissas da teoria foram aplicadas a casos empíricos, o que tornou possível testar as formulações, levantar novas questões e desenvolver um arcabouço metodológico operacional mais adequado para descrever, analisar e interpretar a arquitetura por meio de uma abordagem configuracional do espaço.

É justamente neste momento que a teoria da lógica social do espaço se torna mais eficiente. Para lidar com estudos empíricos, são elaborados e aprimorados procedimentos analíticos capazes de exprimir numericamente as relações entre unidades espaciais e tratar probabilisticamente as potenciais situações de encontros entre indivíduos no uso do espaço arquitetônico (HILLIER, 1989). Isto se dá através de um aprofundamento nos conceitos matemáticos que subjazem a idéia de configuração, principalmente a topologia.

Como numa configuração o que interessam são as relações e as posições relativas de um espaço com relação a outro e destes para todos os demais, mais importantes do que medições dimensionais são as medições relacionais. A topologia é o ramo da matemática que se detém justamente sobre tais questões – relações entre determinados entes. As distâncias topológicas não são medidas em unidades, mas em número de entes (neste caso, espaços) que intermedeiam a relação entre outros dois – considerando-se, por exemplo, a relação de acessibilidade entre dois espaços, a distância topológica de um para o outro será igual ao número de outros espaços que serão necessariamente acessados para que se vá de um ao outro (FLEGG, 2001).

Quando essas distâncias são tomadas configuracionalmente, surge a noção de centralidade – quanto menores forem as distâncias topológicas de um espaço para todos os outros do sistema, mais central ao sistema ele é. Somam-se à compreensão topológica das estruturas espaciais as análises estatísticas dos resultados e a introdução do estudo e do uso da teoria dos grafos (HILLIER; HANSON, 1984; STEADMAN, 1983). Esta última é de fundamental importância para a operacionalização da descrição topológica proposta por Hillier e Hanson, pois permite a representação gráfica das configurações através de níveis de profundidade: espaços mais centrais, acessíveis sem que seja necessário passar por muitos outros espaços, são mais “rasos”; os menos centrais, acessíveis somente através da passagem por muitos outros, são espaços mais “profundos”.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Dado o caráter matemático e probabilístico, logo nas primeiras séries de experiências desenvolvidas por Hillier (HILLIER; HANSON, 1984), nota-se como foi possível ao autor fazer inferências sobre padrões de utilização do espaço, principalmente no meio urbano. Os resultados apontavam, por exemplo, para uma correlação positiva entre os espaços topologicamente mais centrais e movimento e permanência de usuários. Por vezes, para aqueles que desconhecem as origens dos dados e a lógica analítica, são esses resultados probabilísticos que aparentaram ter o tal teor determinista.

Este conjunto de ferramentas demonstrou sua aplicabilidade em investigações posteriores em diversas escalas de sistemas espaciais, passando a ser conhecido correntemente por *sintaxe espacial*⁴⁵. E tais estudos mostraram que a sintaxe espacial servia como um eficiente meio de discutir a arquitetura associando os padrões socioespaciais, analisados configuracionalmente, a um princípio classificatório – ou tipológico. Especificamente quanto a edifícios institucionais não-habitacionais, regidos por textos prescritivos identificáveis – chamados, nessa literatura, de “edifícios complexos” – podem-se citar alguns trabalhos.

116

Por exemplo, John Peponis (1985) desenvolveu uma pesquisa sobre a configuração espacial das áreas de produção de indústrias, apontando a necessidade de constante supervisão – ou de vigilância-controle – como um dos fatores decisivos na definição das configurações das plantas fabris. Por meio de análises espaciais, o autor demonstra que por trás de um leiaute aparentemente voltado só para a eficiência de produção fabril existem estratégias para reforçar a cultura hierárquica no ambiente de trabalho.

Posteriormente, o mesmo autor, juntamente com Yoon Choi (CHOI; PEPONIS, 1991), sugere uma classificação – que pode ser entendida como uma tipologia – para museus, desenvolvida a partir dos padrões de potenciais situações de co-ciência. Eles identificam dois tipos básicos de estruturas espaciais associadas a concepções de organização espacial museológica: aquelas cujo foco é a exposição da obra, caracterizados por um percurso contínuo, unidirecional; e aquelas em

⁴⁵ Uma descrição mais detalhada do instrumental metodológico da Teoria da lógica social do espaço é dada no subitem 3.4, ao final deste capítulo.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

que o evento de visitação ganha importância, cuja ordem de observação das peças é mais aleatório, e os visitantes enxergam, além das peças, também o próprio edifício e uns aos outros.

O próprio Markus (1993) compõe a já citada obra sobre o problema tipológico em edifícios não-habitacionais utilizando o mesmo instrumental descritivo-analítico de Hillier e Hanson (1984).

Zimring e Peatross (1997), baseados em um estudo sobre os aspectos culturais do controle exercido no espaço de trabalho em organizações japonesas e americanas, mostram como diferentes hábitos corporativos implicam em diferentes organizações espaciais, traduzidas em distintos padrões de visibilidade e acessibilidade.

Loureiro (1999) desenvolve uma tese sobre a formação dos edifícios escolares modernos. A autora identifica nos padrões espaciais alguns tipos de edifícios escolares característicos, afirmando que a arquitetura dos edifícios de ensino está direcionada mais para a aquisição eficiente de habilidades do que para a formação do comportamento e do desenvolvimento sócio-pessoal dos alunos.

117

Na mesma linha do anterior, Griz (2003) apresenta uma análise dos padrões espaciais dos edifícios dos fóruns do estado de Pernambuco, Brasil. A autora compara os exemplares com as premissas exigidas para a sua função e identifica quando as respostas arquitetônicas são condizentes (ou não) com as expectativas de utilização.

Ziad Aazam (2007), por sua vez, desenvolve uma tipologia de mesquitas em várias cidades do mundo islâmico baseando-se nos diferentes padrões socioespaciais que definem as possibilidades de interface entre as diferentes categorias de usuários em correlação aos variados contextos locais dos edifícios.

Ainda mais recentemente, Cai e Zimring (2012) aplicam o arcabouço teórico metodológico da sintaxe espacial para realizar uma revisão da tipologia corrente das estações de enfermagem em unidades de tratamento intensivo com relação à eficiência do serviço de saúde a partir de relações entre as distâncias topológicas a serem vencidas pelos profissionais e a capacidade de co-ciência dos problemas dos pacientes.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O que se percebe de comum entre os estudos citados, porém, é que em nenhuma das abordagens da relação *espaço X sociedade* aponta-se a prevalência de um componente da relação sobre o outro. Na verdade, constrói-se a visão de uma inter-relação contínua, biunívoca e interdependente entre sociedade e espaço arquitetônico. O espaço não é mero cenário das relações sociais, mas desempenha um papel importante sobre elas (HILLIER; HANSON, 1984).

Ampliando para linhas mais recentes da própria sociologia, inclusive, pode-se ainda fazer uma interpretação mais profunda para o entendimento daquela relação: é possível afirmar que o espaço é um elemento constituinte da sociedade e que um não existe sem o outro. A arquitetura nem é um produto isolado nem há viabilização de relações sociais sem a determinação de distintas posições para distintos indivíduos no espaço edificado. Em verdade, o que há é uma eterna dualidade nos papéis desempenhados por um e ou por outro, e não um determinismo direto (GIDDENS, 2003).

3.3.1 O tipo como ferramenta no processo do projeto do edifício

118

Diante do consagrado pluralismo de linguagens formais contemporâneo, a padronização – ou tipificação – das soluções parece ir de encontro a um princípio comumente associado à arquitetura, que é o da invenção, criação, inovação. A existência de soluções consagradas e reprodutíveis pode ser vista, em um primeiro momento, como a antítese de tal princípio, algo que tolhe a capacidade criativa do autor-arquiteto e o limita a resolver apenas a produção dos desenhos, ajustes de dimensionamento e enquadramento de alguns poucos detalhes nas normativas ou exigências legais.

Alguns dos autores-arquitetos discutidos no Capítulo 2, inclusive, demonstraram preocupação com questões relativas à recorrência de soluções e a capacidade de variação em seus projetos.

Robert Venturi (1966) descreveu a arquitetura como uma prática e uma produção complexa e contraditória, em que nem sempre discurso e produção se alinham perfeitamente, muito menos as decisões dos autores sobre soluções espaciais e plásticas, criticando a insistência histórica da arquitetura ocidental em busca de uma coerência entre forma e função, a ponto de defender um

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

tipo arquitetônico voltado a solucionar de modo assumidamente irônico tal dilema: o galpão decorado.

Baseado no que se aproximava de um supermercado americano, e em oposição ao que seria um outro tipo não desejável – o que ele chama de “pato”, ou quando o edifício é suplantado pela representação escultórica de uma imagem⁴⁶ – Venturi entendia que leiautes e plantas, se não vêm já dadas pelo mercado, tendem a ser temporárias, sendo a definição apenas do galpão, como vasto espaço genérico, uma condição inevitável. Toda a necessidade de identificação simbólica, por outro lado, seria posta a cargo da superfície, sendo que até mesmo a decoração – descolada de toda generalidade do espaço interior – era não só aceita, como indicada.

A identificação de Koolhaas da fórmula dos arranha-céus nova-iorquinos (KOOLHAAS, 1978) e sua referência direta quando trata do problema do tamanho no seu “bigness” (KOOLHAAS; MAU, 1995) também poderia ser entendido como uma interpretação de base tipológica à seu sistema propositivo.

De modo mais objetivo, a dupla Neutelings e Riedijk (NEUTELINGS, 1999) discorre sobre a necessidade de se trabalhar com soluções tipológicas de arranjos espaciais já consagradas – assumem que sobre um percentual de invenção bastante reduzindo entre aquilo que é uma solução espacial a um dado programa já pré-existente e a superfície de fechamento do volume edificado, cabendo a eles, enquanto projetistas, se resumirem a tal margem para realizar variações e expressar a inovação que distingue um edifício do outro⁴⁷.

Não se pode esquecer, contudo, que o argumento desta tese se baseia na consolidação de uma estrutura espacial recorrente e rigidamente especificada, com mínimas possibilidades de variação a ponto de definir um tipo de caráter global – os estádios de futebol para competições internacionais. Fala-se, portanto, de um problema próprio do processo de projeto do edifício, e a

⁴⁶ O exemplo dado a este tipo por Venturi é o de quiosques em formato de patos, tentando fazer uma associação direta entre produtos vendidos e edifício. A expressão denotativa termina por ser associado à denominação do edifício “tipo pato”.

⁴⁷ Perceber como a concepção se assemelha à de Coulqhoun (1989), quando este fala do modernismo, como exposto na subseção 3.1.1 desta tese.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

relação entre o conceito de tipo defendido até então e o seu papel, influência e uso na prática do projeto arquitetônico devem ser discutidos de um modo mais aprofundado.

Peter Carl (2011) argumenta que, mais importante do que se compreender o tipo como algo reprodutível e reducionista do processo do projeto, deveria ser a compreensão das tipicidades que o conhecimento da produção da arquitetura em uma perspectiva histórica pode trazer – o conjunto de experiências, a ciência sobre soluções consagradas ou equivocadas anteriormente já testadas.

Michael Hensel (2011), por sua vez, ressalta as possibilidades de revisão desse conhecimento de tipicidades acumuladas pelos projetistas que as tecnologias contemporâneas permitem realizar – simulações, inserção de tipos em sistemas paramétricos para realização de testes ou a construção de variações mais adequadas a novas demandas climáticas, por exemplo.

Mas a relação do tipo com as demandas de uso trazidas por expectativas da sociedade sobre os edifícios é entendida neste estudo como algo ainda anterior a tais questões, sendo as primeiras a chegar ao conhecimento do arquiteto que aceita o problema de projeto.

120

No texto *Breaking the Type*, Karina Zarzar (2003b) também procura apresentar a lógica de funcionamento da mente projetiva do arquiteto em oposição a programas de computação de geração automática de soluções arquitetônicas. Seu argumento central é que a automatização do projeto tende a gerar somente variações de um mesmo tipo de solução para um dado problema, como se se trabalhasse por pura análise combinatória. Para a autora, a repetição de tipos pré-determinados provocaria uma sequência de variações, mas não de inovações, o que levaria à estagnação da qualidade cultural dos edifícios.

Assim, arquitetos têm na memória, e na relação com a própria realidade, uma coleção de exemplos de soluções precedentes, sendo capazes de fazer transferências de um elemento em particular para diferentes contextos, transformando o seu significado em algo inédito (ZARZAR, 2000; 2003b). Ou seja, arquitetos sempre reorganizam precedentes em busca de um objetivo maior, um desempenho ideal, algo considerado como uma estratégia mais eficiente do que se iniciassem um projeto de uma “tabula rasa” intelectual. Sendo assim, a produção criativa e inovadora advém

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

de processos em que arquitetos “quebram” tipos pré-existent e remontam suas partes elaborando algo novo.

Nesta discussão, ainda, nega-se que a produção de edifícios seja um processo de seleção natural, pois não é algo que ocorra num ciclo autônomo e espontâneo, como sugeriria um programa de inteligência artificial. Entretanto, se fosse feita alguma analogia biológica, poderia se afirmar que, na prática de concepção de edifícios dos profissionais projetistas, o processo está mais próximo de uma seleção artificial, em que precedências são deliberadamente perpetuadas em outras soluções e outras são descartadas. O tipo em arquitetura, assim, é diferente da espécie natural, em que o resultado do cruzamento de duas espécies distintas na natureza resulta em uma geração de híbridos. Já o cruzamento de tipos realizado pelo discernimento do arquiteto, resulta um outro modo de linhagem, pois pode resultar em novos produtos “férteis” (ZARZAR, 2003b).

Por tal raciocínio, Zarzar defende que o uso das ditas precedências – linhagens geradas pela quebra de tipos anteriores em projetos arquitetônicos – pode ser identificado em obras paradigmáticas, como a *Unité d'Habitation de Marseille*, de Le Corbusier. Zarzar defende que Le Corbusier consegue dar um salto criativo quando lança a *Unité* – conceber um modelo de edifício completamente novo – mas só consegue tal feito no momento em que realiza uma transferência de propriedades e significados de diversos outros projetos precedentes (*citrohan, dom-ino*) com elementos da arquitetura tradicional mediterrânea.

Ela ressalta, inclusive, o uso que o arquiteto deu ao elemento “pilotis” – que originalmente servia para a segurança das cabanas aborígenes. Corbusier não repete o material nem a função original – ele o utiliza para pressupostos tanto técnicos como estéticos, como meio de livrar os edifícios da umidade do solo, permitir a ventilação, a salubridade, a livre circulação e a ampliação do campo visual do pedestre, integrando-o como um dos seus cinco pontos da nova arquitetura. A ideia de pilotis permaneceu na obra de Corbusier através do tempo, desde os primeiros projetos até o *pilotis* da *Unité de Marseille*, quando a possibilidade de criar um novo tipo a partir de precedências de outros tipos se concretiza no seu máximo. No processo de amadurecimento de significados do *pilotis*, ele conscientemente, parte daquilo que seria como um fenótipo (por ser uma manifestação visível), mas se permite realizar mutações – como se houvesse o domínio, também, de um

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

genótipo subjacente – dando um novo sentido, praticamente autônomo ao elemento (ZARZAR, 2003b).

Ao mesmo tempo, outras referências vão sendo agregadas ao projeto do edifício de Marseille, cada um tendo o seu significado transformado – o convés do navio, as unidades individuais do convento medieval, etc. – de modo que o todo final se constitui em algo com uma unidade própria, advinda da remontagem de diversos outros elementos.

Para a autora, enfim, cabe exclusivamente ao arquiteto, fazer a utilização de forma crítica e equilibrada para que atinja o objetivo de modo consciente e enriquecedor (ZARZAR, 2000; 2003a; 2004).

Tais afirmações devem, ainda, ser lidas no conjunto de argumentações apresentados pela autora em outros trabalhos. O intuito de Zarzar com o seu estudo está em produzir conhecimento e reflexão sobre (e no) processo do projeto arquitetônico, particularmente na sua fase conceitual. Criticando a ideia de cópia, repetição de tipos formais como estratégia de projeto, Zarzar defende que a estratégia ideal para o uso de precedentes em arquitetura, sem que recaia no erro da cópia, seria a experiência de equilibrar continuidade e mudança, repetição e ruptura (ZARZAR, 2000; 2003a; 2004).

122

Zarzar introduz questões próprias dos estudos culturais ao tema do uso da tipologia no processo de projeto, das precedências e da remontagem e transferência de significados. Entretanto, como vai ser visto adiante, esta não é uma idéia nova na teoria da arquitetura nem no estudo de tipos – o que reafirma a sua íntima relação com a atividade projetiva desde os primórdios.

3.3.2 Descrição e classificação antes de invenção

Em 1979, Philip Steadman, desenvolve um estudo sobre os discursos e discussões envolvendo as analogias entre a produção de edifícios, e de design em geral, e princípios típicos da biologia. A análise de Steadman parece apropriada a esta discussão, uma vez que se fala de princípios de seleção de propriedades e precedências e evolução/desenvolvimento de soluções projetivas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Além de analisar a obra de alguns autores em específico (como Christopher Alexander), Steadman procura situar o início de tais analogias e as suas manifestações mais gerais – como a associação de design e genética, ecologia e evolucionismo. Para construir tal cenário, o autor começa por rememorar a própria concepção de Morfologia, utilizada até hoje nos estudos sobre a produção de objetos e edifícios.

Segundo Steadman (2008), tudo começou da necessidade de descrição do meio natural, ainda no século XVIII. Pensadores como Goethe e Lineu foram pioneiros na tentativa de sistematizar a descrição de plantas e, de tal iniciativa, chegaram também à necessidade de classificação .

À medida que o conhecimento sobre os exemplares se desenvolvia, semelhanças e distinções passavam a ser mais perceptíveis, possibilitando a escolha de critérios restritivos para a identificação de recorrências entre as propriedades das espécies. Considerando que, na época, a microscopia ainda não era uma ferramenta avançada, a forma imediatamente visível se consagra como o princípio mais prático para a distinção entre um e outro tipo de vegetal. Assim, da ideia de morfologia como campo de estudo, advém a ideia de tipologias de formas em seu aspecto mais amplo (STEADMAN, 2008).

123

Pois é justamente de tal princípio classificatório que, segundo Steadman, surge a ideia de se organizar o conhecimento sobre edifícios também de acordo com tipologias. Esta necessidade é descoberta a partir do avanço na arqueologia e na história da arquitetura, pois uma vez que os estudiosos se deparavam com a descoberta de mais exemplares antigos, mais ficava evidente a necessidade de se estabelecer uma ordem no conhecimento para que um sistema organizado de raciocínio sobre os edifícios pudesse emergir.

De tal interesse, surgem, em um primeiro momento, os tratados sobre tipos de edifícios, com uma intenção tanto enciclopédica como didática (como visto na seção precedente). Entretanto, ao se tratar de arquitetura, tal atitude taxonômica termina por ganhar uma outra conotação, pois arquitetos precisam produzir novos exemplares, sintetizar soluções e dar respostas a novas solicitações. Sendo assim, estudos como os feitos por Durand (1802; 2000), por exemplo, mesmo sem o cunho tipológico em seu discurso, serviriam, também, como a síntese de um conhecimento prévio de tipos que seria útil como base de referência para problemas novos.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Inclusive, como bem ressalta Steadman, no próprio trabalho de Durand ficava evidente a intenção de divulgar a sua tipologia não declarada, para que, na necessidade de se criar um novo programa, estudantes de arquitetura e arquitetos tivessem à disposição as várias possibilidades de reorganização e justaposição de soluções para responder a novos problemas. A partir da consciência de que existem soluções precedentes, seria possível que se concebessem tipos completamente novos, aumentando a tipologia pré-existente (DURSUN, 2007).

Essa concepção, ainda do século XVIII, anterior à arquitetura moderna de Corbusier, apresenta, de fato, uma utilização mais genérica do tipo – não são os elementos em particular que são vistos como precedências, mas as estruturas espaciais e compositivas como um todo que eram rearranjadas. Entretanto, parece haver apenas uma diferença de escala em relação aos elementos discutidos por Zarzar. Mesmo assim, entende-se que a lógica de alimentação de novos projetos a partir do conhecimento de experiências anteriores continua válida, para um e outro autor.

3.3.3 Tipos de propriedades socioespaciais dos edifícios – emergência, adequação e permanência de discursos e espaços

124

Baseado em autores como Hillier e Hanson (1984) e Markus (1993), é possível trazer a noção de precedência do tipo socioespacial para uma condição até anterior aos projetos dos edifícios: a sociedade cria demandas, que tentam ser supridas pelos edifícios a partir do estabelecimento de configurações espaciais específicas. Quando essas demandas e as suas respectivas configurações se repetem, o tipo edilício torna-se reconhecível e reproduzível. A sua especialização e associação com um rótulo, fazem com que se possa identificar um edifício em relação a outro.

Uma vez que defende que semelhantes expectativas sociais tendem a gerar semelhantes sistemas espaciais, e que quanto mais complexos são os modelos, mais recorrentes tendem a ser as semelhanças entre os edifícios deles resultantes, pois há menos possibilidades para que se realizem eventos sociais não previamente programados (HILLIER; PENN, 1991; MARKUS, 1993). Em outras palavras, similaridades entre os padrões espaciais de diferentes programas não é algo tão improvável nem ocorre pela falta de criatividade do projetista.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Peter Carl (2011) também sugere uma aplicação prática para a investigação tipológica no ato projetivo, até certo ponto semelhante ao que Steadman identifica no sistema de Durand: tipologias arquitetônicas seriam efetivamente formuladas como um instrumental de referência para o método projetivo, e que tipos são esquemas consagrados na prática arquitetônica com recorrência sempre que se torna necessária a solução de um problema de desígnio.

Por outro lado, entende que soluções-tipo – conforme discutido anteriormente neste capítulo – podem ser uma armadilha para projetistas que não disponham de ferramentas de análise e classificação precisas no momento de tratar de novos e mais complexos programas (HILLIER, 1996). Por isso que admite que, em paralelo ao uso de uma tipologia de soluções já testadas, há momentos em que pesam a intuição e o exercício especulativo, que guiam o método de projeto e permitem a emergência de novas soluções – processo responsável pela criação e aprimoramento das possibilidades de modos de se realizarem as relações entre os indivíduos.

No processo de projeto, o arquiteto trabalharia uma relação dialética entre duas formas de abordar o problema com que se depara: existe, de fato, uma memória de soluções espaciais típicas que devem responder às solicitações iniciais do problema de projeto; por outro lado, existe a necessidade de fazer com que esse sistema de relações espaciais já conhecido tenha uma expressão material que responda a uma série de variáveis das mais diversas naturezas – aspectos construtivos, simbólicos, condições de conforto climático, etc. (CENIQUEL, 1990). E, fechando o ciclo, entre um e outro desses momentos, ainda haveria uma etapa de testes, de averiguação do atendimento das soluções estabelecidas às exigências de uso (DURSUN, 2007).

Sendo assim, conclui-se que o tipo é componente fundamental da concepção da arquitetura e um parâmetro na equação do projeto de um dado edifício – padrões de comportamento nos sistemas de relações entre indivíduos guardam maior grau de permanência e recorrência dentro de uma mesma sociedade. Já resoluções plásticas ou tectônicas atuam como variáveis dessa equação, sendo que, no curso da história, estas tendem a apresentar um intervalo de opções igualmente válidas que é cada vez mais amplo.

Entende-se que a concepção de tipo e tipologia, em sua essência, não é nada mais senão a classificação (taxonomia) de padrões identificados na produção da arquitetura anterior ao

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

momento em que tal classificação é elaborada. Ou seja, é uma sistematização de precedências, sejam elas relativas a forma, a tecnologia ou estruturas de espaços.

Porém, justapondo a visão de Zarzar (2003) aos princípios originais da ideia de tipo, tal como apresenta Steadman (2008), e a compreensão da relação entre tipo e projeto dada por Cenicuel (1990), entendeu-se que a abordagem do problema da precedência/inação de soluções de projeto não deveria levar em conta aspectos só formais ou só funcionais da arquitetura: os edifícios deveriam ser tratados como objetos dotados de características morfológicas, mas também de bases sociais profundas que subjazem tais características e que se expressam espacialmente como um sistema independente e mesmo anterior à plástica visível (DURSUN, 2007).

Ainda mais, sabe-se que a prática da utilização de uma base tipológica formal para a elaboração de projetos subsequentes, mesmo em seus primórdios do século XVIII, nunca defendeu a cópia indiscriminada de soluções, mas sim o seu conhecimento para que, no momento em que o projetista se depara com um novo problema, poder recorrer à revisão de várias delas para suprir as necessidades dos novos programas – tanto em termos de função quanto de forma e significado dos edifícios.

126

Uma vez que a criação de conhecimento e artefatos humanos tende a se basear sempre em experiências anteriores, é de se supor que a condição de precedente em arquitetura ocorre de modo semelhante. Sendo assim, pode-se de concordar que a analogia de seleção (artificial) e evolução em termos de produção de edifícios construída por Zarzar pode, enfim, ser aceita como uma útil contribuição ao entendimento teórico do problema.

Ao final, porém, vê-se que os princípios fundamentais de utilidade do tipo permanecem, embora passem a ser entendidos como algo anterior à materialidade de qualquer fenótipo (se se quiser retomar a analogia biológica). Antes de ser algo autônomo aos edifícios – já que estes não são espécies vivas – são os dados de ordem social, em um primeiro momento, e de ordem intelectual do projetista, em um segundo, que são os verdadeiros alvos de seleção, mutação e evolução no decorrer do tempo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

No momento em que o tipo se torna uma estrutura rígida, mais próximo ele fica da “armadilha” ao projeto (HILLIER, 1996): a repetição da estrutura espacial indica que uma mesma expectativa de uso, supostamente imutável, também se repete sobre cada exemplar executado, indicando que se espera, também, uma repetição indefinida de padrões de vida social e de vida espacial.

Se essas duas outras categorias, por algum motivo, não se repetirem, também, é de se supor que o tipo começa a se tornar apenas um modelo (no sentido dado por Quatremère de Quincy), sem maiores compromissos com a maior eficiência e desempenho de uso pelos indivíduos.

Conforme discutido, o tipo chegaria a um limite de desempenho, sendo necessários outros artifícios de ordem a-espacial para que consiga minimizar tal ineficiência – que podem ser desde medidas administrativas de coerção de atividades por normativas, indicações ou intervenção de outros indivíduos-agentes da instituição até mesmo outros recursos, como textos escritos especificando e explicando como se deve utilizar o edifício até a sinalização pictórica ou as próprias propriedades imagéticas do edifício⁴⁸, recaindo no problema da relação com a forma.

127

3.3.4 Tipo e forma

Embora durante todo este capítulo tenha-se discutido a concepção de tipo passando por diversos vieses, conclui-se que a sua definição contemporânea, baseado em princípios teórico-científicos mais recentes, é determinada pela prevalência das propriedades socioespaciais dos edifícios. Isso não significa, porém, que não se possam estabelecer ligações entre tais propriedades e a definição da forma edificada (HEITOR; DUARTE; PINTO, 2003).

O que se entende é que não se pode partir da forma como referencial tipológico principal – dada a maior variedade de possibilidades que esta oferece, portanto, maior grau de variância. Além do mais, dados de natureza socioespacial são preponderantes para se estabelecer a necessidade de existência de um edifício. Aspectos formais nem sempre o são.

⁴⁸ Semelhantes problemas podem se dar quando texto e configuração espacial não guardam uma correlação positiva na concepção do objeto.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Elemento indissociável de qualquer reflexão sobre arquitetura, a forma é muitas vezes tratada pela literatura como um fato autônomo, fruto do desejo dos projetistas de afirmar suas ideologias, terminando por ser abordada de modo independente de uso e espaço (FORTY, 2000). Tal visão da forma, exclusivamente como propriedade estética-compositiva, na verdade, expõe uma fragilidade epistemológica no campo da arquitetura e dificulta o seu estudo mais objetivo.

Contudo, para Adrian Forty, o conceito de forma merece uma interpretação mais profunda. Segundo o autor, a expressão carrega uma dubiedade intrínseca em todas as línguas, exceto no alemão – na qual as primeiras discussões sobre forma foram filosoficamente desenvolvidas através de duas expressões diferentes para se referir às propriedades físicas de um objeto: “gestalt” e “form” (FORTY, 2000, p.149).

O termo gestalt diz respeito aos seus aspectos de apelo sensorial – em arquitetura, as dimensões tectônicas e plásticas⁴⁹ dos edifícios (FRAMPTON, 1995) – a organização perceptiva e o processo de entendimento do todo de um objeto a partir da leitura visual das suas partes. A unificação da sua leitura na percepção dos usuários, portanto, é uma estratégia cognitiva posterior (DONDIS, 2007).

128

Abordagens voltadas para dados representacionais, símbolos, linguagem e as intenções compositivas que existem ou coexistem com a expressão plástica e visual da forma lidam, na verdade, com a “gestalt” da arquitetura.

Já o termo “form”, como apontado por Forty (2000), refere-se a uma noção mais abstrata: a lógica ou princípio de organização da estrutura física – portanto, algo anterior ao resultado visualmente perceptível. Trata-se da compreensão do princípio que rege o arranjo relacional entre suas partes e o todo do resultado volumétrico do objeto edificado – seu resultado estereotômico final (FRAMPTON, 1995).

Assim sendo, propõe-se que a relação entre a definição do sistema de espaços do edifício e a definição da sua forma se dá em pelo menos dois graus.

⁴⁹ Conforme Dondis (2007), são concernentes à plástica aspectos de percepção sensorial das superfícies dos materiais, como textura, opacidade, refletância ou cor. O termo e a ideia serão reforçados logo adiante.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Um primeiro grau diz respeito ao arranjo das unidades componentes do edifício mínimas e necessárias à sua própria existência como ente material – espaços e elementos físicos. É resultado daquilo que necessariamente deverá compor o edificado como massas volumétricas, e estaria ligada à noção de “form” proposta acima.

Existe em um dado edifício a definição de um sistema de espaços e das relações entre eles. Mas a delimitação dos espaços e o estabelecimento das relações– aberturas ou fechamentos– dependem de elementos físicos materiais – septos, cortinas, etc. – e estes ainda podem depender de outros elementos que lhes dê suporte mecânico. Sendo ainda dimensionados adequadamente a necessidades de uso.

Este conjunto de dados, a princípio topológicos, de arranjo de adjacências leva à definição de uma geometria reconhecível que pode ser lida convencionalmente a partir de suas representações parciais – planimetrias horizontais ou verticais – ou como volume delimitado e perceptível como unitário.

129

Tal relação é comprovável. Um estudo de Bafna e Shah (2007) discute inclusive como essa base espacial e topológica – a definição de unidades espaciais e da agregação delas e do estabelecimento de relações entre eles – leva à ortogonalidade dos espaços como meio de viabilizar do modo mais econômico a agregação e, por consequência, todo um arranjo e composição do edifício como um todo a partir dessa ortogonalidade.

Esse seria, portanto, um processo pautado na criação e aprimoramento das possibilidades de modos de se realizarem as relações entre os indivíduos. Aspectos geométricos primordiais são consequências da organização dessas relações nos espaços dos edifícios, portanto, de aspectos topológicos, ou, melhor dizendo, configuracionais.

Nascimento (2008) indica que edifícios concebidos a partir de textos mais longos, com mais exigências e restrições, levam a uma correlação mais imediata entre tipo e forma. O autor tratou dos edifícios de reformação e indicou como exemplo o arranjo circular do Panóptico, de Jeremy Bentham – quando o corredor, até então o meio mais eficiente de promover o isolamento, passa

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

a ser recurvado em torno de uma torre de vigilância, e então o edifício, antes de geometria linear, passa a ser circular.

Philip Steadman (2003) demonstra como necessidades de acesso à iluminação natural – a abertura de janelas – em arranjos de cômodos associada à necessidade de acesso a esses mesmos cômodos – abertura de portas – e às limitações geométricas da ortogonalidade das unidades espaciais levam à organização mais ou menos repetitiva de soluções de edifícios de escritórios.

O mesmo autor, posteriormente, usando o mesmo raciocínio, mostra como aquele mesmo Panóptico terminou se tornando inviável, dada a dificuldade de se garantir certos controles de fluxo e de provimento de salubridade, mostrando como o arranjo radial das prisões ideais americanas do século XIX terminam por se constituir em soluções ao mesmo tempo topológicas e geométricas mais viáveis (STEADMAN, 2007).

Também é verdade que foram utilizados exemplos de tipos baseados em modelos longos, com muitas especificidades de uso. Outros tipos, oriundos de textos mais curtos, podem apresentar uma menor correlação, permitindo mais variação. Como também pode ocorrer de determinados setores de dado tipo de edifício permitam maior variação e outros menos – pois um mesmo sistema espacial pode ter setores com mais restrição e outros com menos.

130

Essas possibilidades de variação possibilitam a criação em arquitetura, a invenção e as transformações que o campo tanto valoriza. Usando-se um exemplo já mencionado nesta tese e que serve à atual discussão é o próprio museu Guggenheim de Bilbao. O setor expositivo apresenta a grande expressividade plástica do edifício. Já os setores administrativos mais restritos são resolvidos de modo mais regular e convencional (FIG. 27).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

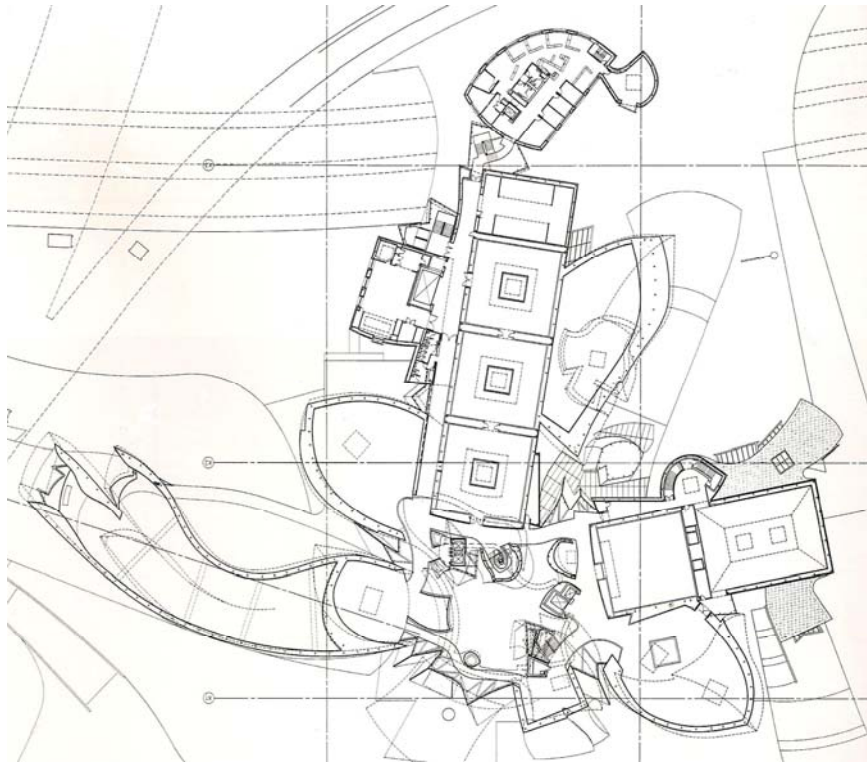


Figura 27– planta baixa do Museu Guggenheim de Bilbao, Frank Gehry, 1997 (disponível em < <http://archidialog.com/tag/guggenheim-museum-in-bilbao/>>)

131

Já um segundo grau de percepção da forma diz respeito às propriedades topoceptivas do objeto edificado – a *Gestalt*. Tais propriedades podem até mesmo ser dependente direto do grau anterior da definição do arranjo espacial, mas se manifesta na superfície visível.

É verdade que dentro de uma lógica de concepção de projeto, a intenção de atingir resultados visuais podem interferir nas definições de arranjos espaciais – pois há uma relação entre eles, como dito acima. Um estudo de Bafna, Antunez, Hyun, Lee e Lu (2009) demonstra como intenções de criar efeitos de leitura visual – marcação de ritmos, modenatura, linhas de perfilatura, etc. – relacionam-se com arranjos espaciais, pois repercutem na disposição das unidades espaciais para que se obtenham os desejáveis resultados volumétricos que virão a ser visualmente percebidos.

Entretanto, quando ocorrer do arranjo ser muito restritivo, como se discutiu anteriormente, intenções de variação e invenção na expressão plástica visível muitas vezes não se associam diretamente aos resultados do arranjo. Pode ocorrer do resultado estereotômico, volumétrico,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

imediatamente resultante do arranjo e de seus elementos materiais definidores ou serem muito repetitivos em todos os exemplares ou não atenderem às expectativas de apreciação visual do projetista ou de seus clientes.

Neste caso, a variação ocorre na superfície, com elementos secundários justapostos ou aplicados sobre a volumetria primeiramente definida – aquilo que tradicionalmente poderia ser chamado de ornamento – que Venturi (1966) atribui a uma decoração, Koolhaas (1978; 1995) percebe como uma superfície de interface ou o que Tschumi (2003) chamaria de envelope. Neste segundo grau, pode-se ainda recorrer a signos plásticos (JOLY, 1994), como cores e texturas, para se expressar determinadas composições de percepção mais bidimensional que volumétrica, multiplicando as possibilidades de informações visuais, a partir de então.

Neste caso, entende-se que o resultado inicial do arranjo não é suficiente para comunicar certos conteúdos culturais. Elementos secundários com referências em uma semiótica reconhecível são aplicados na superfície. Para tal, pode ocorrer de se utilizar como suporte ou os próprios elementos do edifício no primeiro grau da forma – tanto no exterior do exemplar como nas suas superfícies interiores – ou ainda se aplicar outros sobre estes, como se se tratasse de várias camadas de informação visual a partir de suportes físicos, materiais, garantindo a individualidade do objeto ao menos a partir da apreciação das suas superfícies.

A conclusão, assim, é de que a conceituação de tipo edilício apresenta peculiar nível de complexidade como parâmetro teórico investigativo e taxonômico desde a formulação original do seu sentido. Defende-se, porém, a sua validade atual como um princípio epistemológico à arquitetura – como o conhecimento de soluções arquitetônicas tipicamente recorrentes quando da comprovada eficiência no atendimento a expectativas de uso – é um dado indiscutível do projeto de edifícios institucionais complexos, estando além de uma simples redução a padrões compositivos-formais-tectônicos facilmente reproduzíveis como, por vezes, supõe-se.

PARTE II

Estudos e Reflexões

4 O ESTÁDIO DE FUTEBOL CONTEMPORÂNEO

A noção de tipo apresentada no Capítulo 3 é defendida como um conceito fundamental para se compreender a produção do *edifício gadget*, além de se tratar de um princípio metodológico da prática do projeto de arquitetura contemporânea – inclusive na geração da forma edilícia. A partir de então, portanto, a investigação, torna-se de natureza essencialmente tipológica, sendo o estádio de futebol voltado a competições internacionais o tipo edilício contemporâneo a ser descrito e analisado.

Também, de acordo com o que foi estipulado ainda no Capítulo 2, sobre os paradigmas e processos que distinguem a produção recente da arquitetura de rótulos anteriores (como arquitetura moderna/modernista ou pós-moderna/pós-modernista), podem-se enquadrar os estádios de futebol como típicos produtos da contemporaneidade. Como será detalhado a partir deste capítulo, será possível perceber que se trata de um tipo em que influem aqueles conhecimentos mais profundos sobre o funcionamento dos edifícios, com um programa de uso precisamente pré-definido a partir do acúmulo sistemático de dados objetivos. Também resulta em exemplares produzidos por escritórios de atuação internacional especializados, que, muitas vezes, apropriam-se de tecnologias computacionais de representação para geração dos projetos e – certamente – para a sua divulgação publicitária com imagens. Além disso, será percebido que, contemporaneamente, a noção de sustentabilidade – no seu aspecto mais amplo, ou seja, não só ambiental, mas também econômico – é um tema sempre presente quando se trabalha com o tipo.

Portanto, após uma contextualização mais ampla do enquadramento dos estádios no panorama da produção da arquitetura mundial, a caracterização do tipo se dará a partir da descrição das três variáveis definidoras do tipo indicadas no capítulo anterior: (a) vida social; (b) vida espacial; e (c) padrão espacial.

Antecipa-se, porém, que, especificamente sobre o tema dos estádios de futebol como fenômeno de arquitetura, verifica-se que, a priori, são poucos os estudos de caráter reflexivo já produzidos. A discussão sobre a sua morfologia é pouco aprofundada. O material encontrado ou aborda o objeto de maneira secundária – quando o foco são aspectos ligados à tecnologia – ou se atém a

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

seus aspectos estéticos (SHEARD, 2005; SZUCS, MOREAU, ALLARD, 2007; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007).

Por outro lado, existe vasto material técnico (manuais de projeto) sobre as prescrições de uso e indicações técnicas, sendo o *Green Guide* inglês e o caderno de indicações da FIFA apenas alguns dos seus representantes oficiais. Esses são textos que, ainda que indiretamente, refletem a concepção atual sobre os estádios, revelando, portanto, dados substanciais para caracterização contemporânea do tipo trabalhado (FIFA, 2011; GERAINT; SHEARD; VICKERY, 2007; THOMPSON; TOLLOCZKO; CLARKE, 2005) – uma vez que prescrevem, de modo objetivo, diversos aspectos da configuração do sistema espacial dos edifícios, inclusive determinando as possibilidades e restrições a encontros e contatos visuais entre os vários grupos de indivíduos usuários dos edifícios.

Sendo assim, grande parte da construção de conhecimento sobre o objeto será dependente deste próprio estudo proposto, sendo necessário recorrer a um referencial teórico e metodológico que parta de bases bem definidas sobre função, espaço e forma dos edifícios em seus aspectos mais gerais. Então, considerando que, sobre as questões teóricas que envolvem o trabalho, o material disponível é mais vasto, há de se tratar de trabalhos de autores que apresentem abordagens descritivas e analíticas consagradas, com preferência para aqueles que já estabeleceram alguma relação entre os três elementos em questão – mesmo que parciais ou superficiais.

135

Por fim, como dados de natureza empírica, na caracterização do tipo estádio de futebol como um fenômeno global, neste capítulo da tese, serão utilizados:

- I. exemplares advindos das experiências internacionais recentes (últimas edições das Copas do Mundo e demais torneios da FIFA a partir de 1990) que serão analisados e discutidos de modo a servir de referência para as comparações posteriores com o fenômeno local.
- II. os princípios de elaboração de projetos exigidos pelo manual de estádios da FIFA para abrigar suas competições internacionais;

4.1 Vida social do tipo – o futebol como fenômeno sócio-econômico global e o *habitus* futebolístico local

Como fenômeno social contemporâneo, inclusive ressaltando suas tensões entre o seu caráter global e local, há consideráveis estudos sobre aspectos sociais do futebol. Os trabalhos de Richard Giulianotti (2010), na sociologia do Futebol, e de Simon Kuper com Stefan Szymanski (2009), sobre aspectos econômicos e a lógica interna do futebol mundial como atividade socioeconômica, são algumas das referências mais recentes e consistentes.

Arlei Damo, (2007) faz uma distinção entre as várias maneiras – ou matrizes – de se praticar e de conviver com o futebol. O futebol é uma prática incorporado à vida cotidiana de tal modo que se podem ter: (a) uma *matriz escolar* – ligada à educação formal; (b) *matrizes bricoladas* e (c) *comunitárias* – com a prática mais ou menos organizada, mais ou menos espontânea, mas realizada sem a formalização profissional e sem regulação; e (d) a *matriz espetacularizada* – esta sim oficialmente organizada no sistema de federação e confederações, tendo a FIFA como seu órgão regulador máximo e internacional.

Este trabalho se detém justamente sobre esta última matriz, uma vez que a dimensão corporativa e globalizada da FIFA e de seus estádios são componentes do universo de interesse da pesquisa.

Os autores citados reafirmam o futebol profissional como uma atividade complexa e das mais organizadas, com uma coordenação que extrapola as fronteiras geopolíticas e faz dele não só o esporte, mas a atividade global mais popular do mundo. São vários os seus atores e cenários: existem o jogo em si e os seus jogadores, existem os clubes que ordenam as atividades desses jogadores, as empresas que comercializam os direitos dos jogadores, os produtos relacionados aos clubes e aos jogadores, existem os diversos graus de direitos de transmissão e venda de imagem e de marcas e existem, também, os torcedores. Estes últimos, apesar de se aterem às cores e às bandeiras dos clubes, que lhes garantem identidade local, compartilham do entendimento de regras e códigos da prática do esporte que são, também, de caráter universal.

Sobre toda esta estrutura multidimensional – pois a sua complexidade só se sustenta dada a formação de redes e sub-redes altamente coesas e interdependentes entre si – está o poder de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

centralização das regras oficialmente aceitas para ordenamento do esporte da *Fédération Internationale de Football Association* – FIFA, entidade sediada na Suíça, fundada em 1904 e composta por 208 nações associadas⁵⁰.

Embora que, durante certo tempo, as idiossincrasias locais ligadas à prática do futebol tenham resistido à centralização da FIFA, a realização de torneios internacionais organizados pela entidade – sendo a principal a Copa do Mundo, que acontece a cada quatro anos em um diferente país sede desde 1930⁵¹ – e pelas suas confederações continentais subordinadas – Confederação Sul-americana de Futebol, *Union of European Football Associations*, *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*, dentre outras – terminam por conseguir um considerável grau de homogeneização organizacional em seus países membros, ao menos na prática profissional do esporte.

Participar de uma disputa internacional com a chancela da FIFA se torna não só honroso do ponto de vista do status futebolístico de um clube ou de uma seleção, mas é necessário do ponto de vista financeiro – para além das premiações, há as rendas de público, contratos televisivos e patrocínios que pagam tanto mais quanto maior for a exposição da equipe (GIULIANOTTI, 2010; KUPER; SZYMANSKI, 2009).

137

Conforme Giulianotti (2010), o futebol envolve práticas sociais muito bem identificáveis, além de serem absorvidas e reproduzidas geração após geração, de modo semelhante ao que ocorre até mesmo com grupos sociais que professam determinada religião, por exemplo. Tal fenômeno leva à construção de um *habitus* – termo empregado por Pierre Bourdieu (1989) para se referir à construção e à reprodução de práticas sociais características de determinado grupo⁵². Nas palavras do autor:

[...] a noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. (BOURDIEU, 2006, p. 60)

⁵⁰ A título de comparação, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem 193 nações filiadas.

⁵¹ Com a ressalva das Copas de 1942 e 1946 que foram canceladas por causa da Segunda Guerra Mundial.

⁵² A ideia é similar à noção aristotélica de *hexis*, mas Bourdieu prefere a palavra utilizada pela escolástica.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

[...] uma relação de cumplicidade ontológica com o mundo; ou ainda no caso em que – como Mauss, o qual reconhece a dimensão social da *hêxis* como porte ou postura – a noção serve para referir o funcionamento do corpo socializado. (BOURDIEU, 2006, p. 62)

[...] o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital [...] indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para o ‘primado da razão prática’ [...] o “lado ativo” do conhecimento prático [...] (BOURDIEU, 2006, p. 61)

As práticas reproduzidas e cristalizadas no *habitus* terminam, inclusive, por diferenciar dado grupo dos demais, dando-lhe identidade e garantindo-lhes o enquadramento em um certo *locus* no sistema social mais amplo – ora lhe oferecendo status e distinção, ora apenas a percepção de pertencimento a um conjunto de pares na sociedade (BOURDIEU, 1979).

No torcedor, este *habitus* se manifesta primeiramente nas ligações mais básicas que o indivíduo desenvolve com o universo futebolístico, ou seja, sua apresentação a tal universo que, predominantemente, se dá pela escolha, adoção ou imposição cultural de um clube para o qual torcer (BOURDIEU, 1983; 2004; ELIAS; DUNNING, 1992).

138

A individualidade de um clube qualquer ante os demais se dá pela identificação de algumas características que o distingue (BOURDIEU, 1979). As mais imediatas, como as cores e as nomenclaturas se somam à localidade urbana em que se insere – muitos clubes tradicionais são intimamente ligados ao bairro em que se instalam, como por exemplo o Boca Juniors, de Buenos Aires, Argentina, fundado e mantido no bairro de La Boca como verdadeiro patrimônio cultural local. Também se juntam à história de conquistas, a determinado estilo de jogo – clubes que historicamente prezam pela força física ou pela técnica refinada, por posturas defensivas ou ofensivas – até a certos sentimentos, como a noção de “raça” – o empenho e a entrega total do jogador ao objetivo de honrar o clube durante o jogo – e a classe social predominante dos seus torcedores (FIG. 28).

A produção e reprodução das práticas sociais, a consolidação daquilo que autores da sociologia do futebol chamam de *habitus clubístico* (ELIAS; DUNNING, 1992), a identificação de grupos numericamente consideráveis com determinado clube ou seleção nacional, regional ou local se tornam fatores que terminam por permear a vida cotidiana dos indivíduos mais aguerridos.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Segundo Damo (2007), é na matriz espetacularizada que se constrói e se reproduz a paixão clubística. Segundo o autor, os mecanismos de reprodução dão coesão ao campo social, que se manifesta de modo mais ou menos semelhante, apesar dos variados clubes. Tal construção se baseia também no fato de Damo entender o clubismo como o núcleo da relação entre o indivíduo e o futebol, chegando a compará-lo a um totemismo moderno.

Essa relação é defendida por Damo (2007), quando o autor percebe que, embora a identificação com o clube possa se dar, em um primeiro momento, por uma identificação cultural, às vezes circunstancial, história ou geográfica, a sua manutenção depende da transmissão da devoção através das várias gerações, sendo que tal transmissão ocorre, predominantemente, entre os indivíduos masculinos – com a construção de expectativas para a apropriação de valores simbólicos e emocionais que o pai lança sobre seus filhos homens⁵³.

Além disso, são incorporadas noções tipicamente masculinas de honra, lealdade, força, garra. A transmissão do investimento emocional é feito de modo familiar, como uma herança que se perpetua na linhagem. Tais valores, inclusive, tendem a ser repassados aos jogadores, que devem encarnar o “espírito” do clube e se identificar com a sua torcida. Tal reprodução desse *habitus* clubístico pode ser percebido mesmo na formação dos atletas de base, como uma educação de conhecimentos que vai além da técnica de jogo (DAMO, 2007).

Em um primeiro momento, a paixão pelo o que seu o time representa – geralmente, uma representação de valores ligados à sua história, contexto de formação e perfil socioeconômico dos seus fundadores – mais do que apenas o futebol como esporte. Esse investimento emocional é absolutamente necessário ao sentido de existência do clube, segundo Damo (2007), pois nem só de capital financeiro ele se sustenta, mas necessita, também, do acúmulo de capital simbólico para que esse capital financeiro se viabilize.

Ser apenas querido não é o bastante, mas também estar bem ranqueado e participar de competições importantes é essencial para manter o círculo virtuoso de paixão e devoção e

⁵³ Certamente, trata-se de uma predominância, mas o próprio autor admite que a participação feminina na cultura do futebol tem tendido a crescer nas últimas décadas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

conquistas que, direta e de modo consequencial, se traduzem em mais visibilidade, mais capital financeiro captado e acumulado e – de novo – mais sucesso e *status*.

Anthony King (2003), sociólogo inglês, defende que o futebol se equivale a um ritual contemporâneo, compreendendo ritual como uma construção social em que os indivíduos negociariam seus papéis, status e modos de participação no grupo mais amplo. Tradicionalmente, concordando com Damo (2007), diz que esse ritual é predominantemente masculino e arraigado em valores próprios ao gênero, como princípios de lealdade – inclusive, ligando-o à necessidade de afirmação pela imposição de um grupo sobre o outro, mesmo que, por vezes, seja com o uso da violência física.

King traça o perfil de tal ritual tomando por base a Europa, principalmente no seu cenário de tendência à unificação. A força econômica e cultural do futebol na Europa, além de ser a Suíça a sede da FIFA, fazem do continente – principalmente nos seus países centro-ocidentais – o centro do futebol mundial – pois concentra os principais clubes, os principais campeonatos, tem o mercado mais caro e serve de referência a tudo que é ligado ao futebol como organização (KING, 2003).

140

Esse arraigamento poderia ainda ser entendido como um caso de localismo, tal qual King (2003) identifica como presente na Europa nos anos mais recentes, quando o senso de local – e de identidade com símbolos culturais mais próximos da origem cultural do sujeito – começam a se fortalecer em contraposição a uma outra tendência de massificação cultural ou de imposição de uma nova cultura dominante ou mesmo de certa dependência política e/ou econômica em relação a outras nações do continente.

Serve como exemplo o recente caso da partida entre o Real Madrid e o Barcelona, no estádio de Camp Nou, do segundo time, em 7 de outubro de 2012. Nesse dia, a torcida do Barcelona se utilizou não só de bandeiras da Catalunha como gritou em coro pela independência da região em relação à Espanha aos dezessete minutos e catorze segundos de jogo (em referência ao ano de 1714, ligado a um episódio de luta entre a Catalunha e Leão e Castela) – tudo motivado pelo desagrado da população com as políticas econômicas adotadas pelo poder central espanhol em contenção à crise econômica que foi deflagrada na Europa em 2008.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O escritor inglês Nick Hornby, em seu livro “Fever Pitch” (1992) construiu a imagem deste torcedor. Amizades, relações familiares e afetivas, memórias e uma série de referências de sua vida cotidiana são entremeadas por eventos ligados à paixão por seu clube – o Arsenal, da Inglaterra – e por lembranças de dias ou situações de partidas deste clube – ou de outros clubes e seleções, já que o gosto pelo futebol é tão vasto que não se restringe a acompanhar somente o seu clube particular. Futebol e vida se tornam uma coisa só para tal tipo de entusiasta.

O mais curioso nos relatos oferecidos por Hornby, ademais, é que o sucesso do seu clube é algo que se torna quase secundário. O hábito de ir ao estádio e de se congregar socialmente em torno do tema futebol – e da identificação com o clube – é mais importante do que os placares. Existe uma permeação do futebol na vida do sujeito como, em outros momentos e contextos, haveria mesmo da religião, por exemplo (FIG. 29).

A condição extrema de tal devoção é o que se chama de *hooliganismo*. Os *hooligans* são grupos de torcedores tão identificados com os clubes que transpõem a necessidade de supremacia e distinção do esporte para as ruas, usando para isso de violência, depredação de patrimônio e verdadeiras batalhas entre rivais, chegando ao ápice dos times ingleses serem banidos de competições continentais em finais da década de 1980.

141



Figura 28– torcedores do Boca Junior no estádio “La Bombonera”, Buenos Aires, Argentina (fonte: AP Photo/ Daniel Luna, disponível em <<http://www.football-wallpapers.com/la-bombonera-wallpaper-1/>>).



Figura 29 – torcedores do Arsenal, Inglaterra (disponível em <<http://www.epitalk.com/media/2010/01/arsenal-supporters.jpg>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Esta paixão venal incondicional, gerada da identificação cultural e do contexto social, faz com que o consumidor do futebol, em escala mundial, seja um público-alvo bastante interessante do ponto de vista mercadológico. Associar a paixão e a identificação a personagens, objetos e marcas, além de motivá-lo a consumir o produto futebol passa a ser objetivo dos clubes, das federações, da imprensa e de empresas.

Mas o *habitus* da outra parcela de sujeitos envolvidos com o futebol – do jogador e das equipes técnicas profissionais – funciona de modo menos espontâneo. Quando inseridas no mercado global do esporte, terminam por se consolidar como algo que perpassa fronteiras geopolíticas e a tal identificação cultural local. É comum, atualmente, que profissionais do futebol circulem por diversos clubes, tanto dentro de um mesmo país como entre clubes de países diferentes. O jogador identificado com um único clube é algo que vai se tornando cada vez mais raro. Administradores e gestores desportivos terminam por compartilhar de tal fenômeno, assim como a mídia.

Por outro lado, Kuper e Szymanski (2009) fazem questão de ressaltar que o futebol em si – ou seja, quando se raciocina a partir dos clubes como instituições isoladas, senão como empresas – não é efetivamente um negócio lucrativo. Os autores demonstram como até mesmo os maiores clubes do mundo, como equipes inglesas, o Real Madrid e Barcelona na Espanha e o Milan e a Internazionale da Itália, em verdade, não são máquinas geradoras de lucro tão eficientes assim. O que ocorre, dizem os autores, é que se ganha e se produz muito capital em torno do futebol, jogadores, marcas e produtos associados a ele – mas nem sempre o lucro é o mesmo para os clubes em si.

Do mesmo modo, provam como os estádios – mesmo os mais novos, como os construídos para a Copa na África do Sul, em 2010 – não representam um investimento com retorno significativo para as cidades. Por outro lado, e de modo curioso, as cidades que receberam novos estádios tiveram um considerável acréscimo no índice de felicidade dos seus moradores, dando o apoio popular necessário para o aporte dos investimentos.

Em outras palavras, o que sustenta toda a estrutura do futebol internacional ainda é a paixão do torcedor pelo clube ou pela seleção, a mística que envolve os seus símbolos. Mas, para o mercado

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

global do futebol, ou o futebol como instituição internacional global, tal paixão não é um fim, mas sim um meio para dinamizar os seus investimentos e lucros.

4.2 Vida espacial do tipo – a espacialização do *habitus* futebolístico

Além de todo esse conjunto de ações ligadas aos torcedores em relação aos clubes como intuições, há ainda aquelas que se consolidam a partir dessas com relação ao espaço associado ao clube – o estádio.

De tal modo, e partindo-se do pressuposto de que existe uma lógica social subjacente ao espaço edificado (HILLIER; HANSON, 1984), seria possível afirmar que o *habitus* do torcedor, não se restringe apenas a aspectos de sua vida social a-espacial ou a-arquitetônica – o conjunto de regras sociais, rotinas e padrões de relações entre indivíduos, seus rituais. Ele também é composto pela chamada *vida espacial* do torcedor – padrões de utilização do espaço edificado do estádio, considerando que sua utilização é, em certa medida, condicionada pelas possibilidades impostas pelas variáveis dos padrões espaciais, próprios da arquitetura de cada edificação (HOLANDA, 2002). Portanto, pode-se efetivamente falar que o desenvolvimento da relação entre clube e torcedor e os estádios, ao longo da história, consolida um padrão de vida espacial – um *habitus espacializado* – típico a cada estádio e a cada torcida (VELHO BARRETO; NASCIMENTO, 2011).

143

Giulianotti dedica todo um capítulo a discorrer sobre a construção desse *habitus*, descrevendo situações particulares a torcidas de determinados países e, mais ainda, a torcidas de determinados clubes em especial. Tais especificidades vão desde argumentos sobre a *topofilia* (construção de um sentimento de apego e identificação com o lugar e suas características particulares), (TUAN apud GIULIANOTTI, 2010) e catarse coletiva (BAUDRILLARD apud GIULIANOTTI, 2010) até relatos detalhados sobre a posição que determinadas torcidas ocupam nos estádios, reservando determinadas arquibancadas a determinado grupo ou subgrupo de torcedores e até a proximidade destes com os jogadores em campo, as possibilidades de manifestação com uso de bandeiras ou movimentações conjuntas e ordenadas para serem percebidas visualmente, à distância, pelas torcidas adversárias ou mesmo por meio das câmeras de televisão e da captação do som pelos microfones.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Considerando-se a noção de interdependência entre sociedade e espaço, é de se supor, também, que mudanças na sociedade interferiram e interferem no espaço dos estádios tanto quanto mudanças ou variações dos padrões espaciais dos estádios terminam também por interferir no modo dos torcedores se apropriarem deles e se relacionaram com o futebol. A partir de tal noção, é possível se construir até mesmo uma caracterização histórica do tipo, explicando como se chega ao padrão atual e como fatores de transformação desse *habitus espacializado* interferiram nesse percurso.

Para Rod Sheard (2005) – realizador de um dos poucos estudos sistemáticos sobre o tipo estádio – ao longo dos anos, além da padronização das regras e procedimentos internos aos esportes, tem cabido às confederações, também, uma padronização cada vez mais estrita dos ambientes em que eles serão realizados (em termos de dimensões dos edifícios, capacidade de público, serviços de recepção/acomodação de delegações). Tal evidência confirma a ideia de um estádio contemporâneo praticamente universal em termos de função e espaço (GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007).

Segundo Sheard (2005), porém, estádios contemporâneos, especialmente os enquadrados no “padrão FIFA”, compõem o momento culminante do processo de evolução do tipo não só em termos cronológicos, mas também quanto à sua complexidade programática e à sua função social.

Para o autor, o momento atual do tipo estádio seria precedido por outros quatro. O primeiro é representado pelos edifícios mais simples da segunda metade do século XIX, logo após a consolidação da revolução industrial na Inglaterra. Embora admita a existência de praças desportivas desde a Grécia antiga (pelos próprios jogos olímpicos da antiguidade), o autor compreende que o tipo se caracteriza, de fato, quando os esportes modernos são regulamentados – deixam de ser atividades recreativas restritas à nobreza e passam a ser apreciados como espetáculos pelas massas. Neste primeiro momento, as estruturas físicas dos estádios eram voltadas apenas a permitir a atuação dos atletas e a acomodação de expectadores (SHEARD, 2005).

O segundo momento é caracterizado pela adaptação das estruturas às transmissões televisivas, na década de 1950. O processo de especialização programática se intensifica e repercute no conjunto

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

de regras para os edifícios destinados a cada modalidade desportiva. Este momento é representado pela maioria dos estádios ainda existentes no mundo, muitos em processo de obsolescência (ou de adaptação) das suas capacidades de utilização para as exigências atuais dos esportes (BALE, 1993; FAVERO, 2009; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007; SHEARD, 2005).

Já o terceiro momento é notável pela transformação do esporte em um produto cultural, oferecido regularmente por clubes e patrocinadores e comprado por um público cativo de torcedores/expectadores (BAUDRILLARD, 1970; FAVERO, 2009). Nos edifícios, as empresas responsáveis pelos eventos iniciam um processo de padronização programática, com agregações de outros programas, como salas VIP, restaurantes, bares, lojas e equipamentos de lazer não necessariamente vinculados ao momento de realização dos jogos. Estes passam a ser voltados para o público em geral – não só torcedores ou sócios – possuindo acesso mais diversificado e ficando à parte da programação de uso e das restrições típicas ao momento de realização da atividade desportiva propriamente dita. O esforço é destinado a garantir a lucratividade dos edifícios, também, como empreendimentos imobiliários (SHEARD, 2005).

145

O quarto, imediatamente anterior ao atual, define-se quando os esportes passam a ser comercializados em escala global como um produto-evento altamente lucrativo – atletas são associados a marcas e a estilos de vida – e os edifícios passam a ser administrados por corporações especializadas que muitas vezes lhes emprestam seus nomes de fantasia, ao invés de utilizar os nomes dos clubes (SHEARD, 2005), como Allianz Arena (Munique, Alemanha), Emirates Stadium (Londres, Inglaterra) ou Kyocera Arena (como já foi chamado o estádio do clube Atlético Paranaense, de Curitiba).

Diante da dúvida, há de se perguntar, então, como os edifícios, com tal padronização programática, associada a estritos padrões de espaço, adquirem, por meio da forma, algum grau de individualidade entre um e outro edifício e constituem condições de variância ou recorrência dentro do tipo edilício em seu entendimento mais abrangente.

Tal dúvida é própria do objeto escolhido e amplia o interesse na sua utilização como caso a se estudar. A despeito de toda racionalidade envolvida na produção dos equipamentos, as

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

particularidades de seus exemplares, aparentemente manifestos nos aspectos mais imagéticos da forma, é que parecem ser condição necessária para seu sucesso contemporâneo.

O percurso de soluções projetivas até se chegar a tal estágio contemporâneo é detalhado a seguir.

4.2.1 Transformações da vida espacial – emergência e consagração do estádio contemporâneo

O estádio contemporâneo, padrão exigido para a disputa de jogos de Copa do Mundo FIFA, é resultado de algumas experiências ainda recentes.

Da década de 1970 à década de 1980, o futebol trazia, ao redor do mundo, uma imagem de perigo e violência agregada aos dias de jogo. Giulianotti (2010) relata diversas tragédias ligadas a excesso de público, colapso de estruturas edilícias obsoletas ou brigas de torcida em jogos de países tão variados como Grécia, México, Egito e Nigéria.

A Inglaterra, por sua vez, além de antigos estádios sem condições de segurança para públicos exaltados, ainda contava com a cultura do *hooliganismo*. Tal cultura teve seu ponto de inflexão em 1989, no estádio Sheffield Hillsborough, após uma tragédia ocorrida em jogo do Liverpool contra o Nottingham Forest, quando 96 pessoas morreram amontoadas entre os portões de acesso e as grades do campo (GIULIANOTTI, 2010).

Este fato levou à redação de um relatório do governo – chamado *relatório Taylor* – exigindo mudanças radicais na concepção dos estádios e indicando um prazo para suas adequações. As mudanças estavam na adoção de regras, como de que todos os torcedores deveriam estar sentados, com assentos individualizados, numerados e comprados mediante apresentação de documento de identidade e de que as grades deveriam ser abolidas, além da adoção de um rigoroso cálculo de fluxo de pessoas relacionado às dimensões, ao número e à localização dos pontos de acesso e das circulações para os assentos.

A essas medidas somaram-se ações drásticas contra o *hooliganismo*, a vigilância total por câmeras e a dotação de condições de conforto adequadas a um novo tipo de público, mais familiar, afastado

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

até então dos campos pelo medo da violência. O conjunto de tais medidas é sintetizado em uma publicação da *Football Licensing Authority* inglesa, a instituição devotada à regulação dos estádios da Inglaterra, chamada comumente de *Green Guide*⁵⁴.

King (1998) constrói uma narrativa analítica do processo de transformação dos estádios ingleses a partir de 1990. Entretanto, o autor vê as mudanças ancoradas no contexto das transformações do próprio futebol da Inglaterra e a conjuntura política e econômica desse país, coincidindo com o período de consolidação de uma lógica pós-fordista implementada pelo regime neoliberal da primeira-ministra britânica da época, Margareth Thatcher.

King aponta que as mudanças foram de duas ordens: (a) uma dedicada ao controle social autoritário, principalmente focada na vigilância, segregação e até mesmo punição de indivíduos-torcedores que reproduzissem práticas violentas; e (b) outra dedicada à abertura do mercado do futebol como um todo, com a profissionalização de dirigentes, a tendência à implantação de estruturas empresariais nos clubes, encarecimento das condições de acesso e formação de um público mais próximo a clientes e consumidores do que a fanáticos (KING, 1998).

147

As duas linhas de ação, inevitavelmente, passavam pela transformação das estruturas espaciais dos estádios. A exigência por segurança – traduzidas por aquelas medidas, de oferecer um maior número e melhor distribuição de acessos, a obrigatoriedade de contar exclusivamente com assentos numerados e comprados antecipadamente (com a identificação do comprador associada ao número do assento) e a instalação de circuitos internos de televisão, permitiam a identificação de todo e qualquer indivíduo presente em uma partida. Nas palavras de King, quando se remete a Foucault (1975), transformou-se o estádio em uma “arena panóptica” (KING, 1998, p. 99). Na verdade, em termos de espaço e estrutura construída, todo o sistema de assentos termina por se constituir em um grande mapa numerado de indivíduos, rapidamente acessível fisicamente e praticamente instantaneamente acessível visualmente pelas câmeras.

A intenção declarada era dissolver as estruturas das torcidas organizadas masculinas e sua tradicional identificação com o espaço indiferenciado das gerais – *terraces* no título original do

⁵⁴ Como existem outros cadernos tratando de outras questões de licenciamento dos jogos e clubes, cada um recebe um diferente cor de capa. O caderno especificamente ligado a questões de segurança nos estádios possui capa verde, daí o nome *Green Guide*.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

livro (KING, 1998) – e trazer aos estádios um público mais pacato, menos ativo e participativo, mais contemplativo, ou seja, mais familiar.

De tal modo, as intenções de transformação, segundo King, visavam, efetivamente, transformar o *ethos* do futebol no país a partir de uma forçosa transformação do *habitus* espacializado. Na Inglaterra, naquele momento, a responsabilidade pelas transformações foram entregues aos clubes. Inclusive, King (1998) ressalta que a abertura do mercado do futebol e a profissionalização das suas estruturas administrativas vieram – e foram permitidas, reguladas e incentivadas oficialmente – como um meio de viabilizar o custeio dos gastos com os quais os clubes teriam que arcar para a adequação, procurando novos caminhos para sua viabilização econômica.

A relação entre o autoritarismo da medida e a forçosa transformação dos espaços dos estádios e os ajustes de mercado que viriam a converter os clubes em empresas – ou a possibilidade se associar a empresas – portanto, é direta, contando com a participação das instituições a partir de um pacto geral de ajustamento.

148

Em uma última análise, seria possível afirmar que, ainda que o conforto fosse uma meta, com poder de atração do novo público, a aplicação de um poder de vigilância e controle, viabilizado pela nova estrutura espacial, era uma premissa.

No estudo de King (1998), porém, ficou provado que após a implantação das mudanças, de fato houve uma modificação no padrão do torcedor – além de adaptações no modo de frequentar os estádios, por parte daquele público masculino mais fanático – mas sem uma significativa perda de identificação com o time.

Entretanto, é importante ressaltar que as observações de King foram realizadas com a torcida do Manchester United, time que se mantém com o um dos mais bem sucedidos no Mundo, tanto em termos econômicos – sucedendo na incorporação do espírito empresarial e recebendo contribuições de acionistas e patrocinadores multinacionais – como em termos simbólicos –

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

mantendo uma frequência considerável de boas participações nos campeonatos nacionais e internacionais⁵⁵ (KING, 1998).

Sendo diretamente calcado nas bem sucedidas experiências inglesas, portanto, o padrão espacial FIFA carrega em si a intenção de regulação autoritária do comportamento do torcedor, além de todo o seu favorecimento aos patrocinadores e parceiros comerciais (convidados, VIP's e VVIP's) e à universalização das condições espaciais oferecidas aos atletas e à imprensa.

A noção de controle, tão cara às instituições modernas dos séculos XVIII e XIX (MARKUS, 1993), é ainda prevalente nas estruturas espaciais do edifício contemporâneo. Entretanto, se antes a noção de tipo ainda permitia algumas adaptações a um outro exemplar, pode-se dizer que, no estádio contemporâneo, o que se verifica é a imposição de um modelo (no sentido dado por Quatrmère de Quincy) socioespacial deliberadamente e intencionalmente reproduzível para garantir que os aspectos operacionais do ritual “partida de futebol” ocorra do modo mais previsível possível.

Vale lembrar que consta no termo de compromisso assinado pelas cidades que durante a realização dos jogos em competições FIFA, é esta corporação a operadora plena dos edifícios. Nada mais natural, neste caso, do que a exigência de encontrar um equipamento moldado em conformidade com as suas necessidades – como se a própria entidade fosse a proprietária do edifício durante aquele momento efêmero, portanto, precisando que este lhe seja imediatamente familiar, absolutamente semelhante a todos os outros que estão sob seus domínios, em qualquer outro lugar do mundo, para que nenhuma adaptação seja necessária ou que nenhum tempo seja perdido para que seus agentes “se acostumem” a eventuais diferenças locais para a realização dos espetáculos.

O novo padrão de estádio inglês surge na década de 1990 e chama atenção do público e das autoridades do futebol para necessárias questões de conforto e segurança, mas se dá já depois da realização da Copa da Itália, em 1990, onde muitos dos estádios tradicionais ainda foram utilizados nos jogos das seleções internacionais – e mesmo estádios novos à época, construídos

⁵⁵ É possível que o perfil socioeconômico predominante na torcida do clube, e seu próprio *habitus clubístico* precedente, em específico, tenha contribuído para a adaptação.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

para aquele torneio, ainda guardavam características próprias aos tradicionais, como o San Siro/Giuseppe Meazza, de Milão⁵⁶, que não tem visibilidade plena do campo de jogo em todos os seus pontos.

Por outro lado, a próxima Copa do Mundo realizada pela FIFA foi longe dos tradicionais cenários da Europa ou da América Latina. E pode-se dizer que foi quando se realizou a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, que houve uma tomada de consciência por parte da FIFA, e de todas as redes econômicas ligadas ao futebol, de que um torneio internacional pode ser algo planejado para extrapolar o restrito contexto dos torcedores mais aguerridos.

Os Estados Unidos sempre foram tidos como um país de poucos estádios e poucos torcedores para o futebol, onde a maior parte do público ou desconhecia ou considerava o futebol um esporte apenas feminino. Seus esportes mais populares, que utilizavam campos de grama sintética – futebol americano e beisebol – são famosos por terem partidas longas, decididas pela pontuação, sem definição de tempo máximo. Isso fazia com que os torcedores destes esportes passassem muito tempo dentro dos estádios após longas jornadas por autoestradas. Os *bowls* norte-americanos – assim chamados pelo seu aspecto formal de grandes tigelas – eram verdadeiros *shopping centers* que abrigavam um campo de jogo, algo novo para o universo futebolístico, mas certamente inspirador para uma corporação como a FIFA.

150

Mesmo assim, o torneio de 1994 foi o mais lucrativo até então. A eficiente malha de transportes do país, somada à grande quantidade de aeroportos com rotas internacionais distribuídos nas cidades-sede favoreceram a chegada e o trânsito interno de turistas de todas as partes do mundo, estes sim interessados pelo esporte. Além disso, foi um evento realizado com uma organização exemplar, só possível graças à cultura norte-americana de fazer do dia de jogo um evento muito mais amplo, com muito mais circulação de capital com a venda de produtos e serviços paralelos ou correlatos à partida (KUPER; SZYMANSKI, 2009).

⁵⁶ O estádio tem a peculiar característica de servir a dois clubes milaneses rivais, o Milan e a Internazionale, sendo que o seu segundo nome - Giuseppe Meazza - homenageia o atleta italiano, bicampeão mundial com a seleção nacional e jogou em ambos os clubes. Apesar de já trabalhar com separação de acessos e setores de arquibancadas, as curvas de visibilidade, e o padrão de conforto ainda não contavam com o mesmo grau de exigência que seria implantado posteriormente e que será detalhado mais adiante, nesta tese.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Quatro anos depois, na Copa seguinte, na França, o Stade de France, projeto de Michel Régembal, Michel Macary, Aymeric Zublena e Claude Constantini apresentou uma síntese das duas experiências anteriores. Tratava-se de um estádio novo, erguido em uma zona de recente expansão da cidade de Paris, dotado tanto das qualidades exigidas pelo *Green Guide* como da diversidade de usos tipo shopping center dos exemplares norte-americanos.

Os seus elementos estruturais da cobertura eram leves e o edifício ainda tinha inovações de tecnologia, como parte das arquibancadas com possibilidade de recolhimento, ampliando ou reduzindo a capacidade de público para o uso também em competições de atletismo ou concertos musicais (SABBAG, 1998).

Além do esqueleto estrutural visível das arquibancadas, havia um considerável aumento na quantidade de rampas e corredores para dar acesso aos diversos setores de assentos e zonas de imprensa e convidados. Tal profusão de elementos era intencionalmente escondida por trás de uma malha metálica na sua periferia, como uma cortina que dará unidade de leitura do volume principal do edifício (SABBAG, 1998) (FIGs. 30 e 31).

151



Figura 30 – vista externa do Stade de France, Paris, França (disponível em <http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Stade_De_France_copy.JPG>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 31– vista interna do Stade de France durante uma partida, Paris, França (fonte: Pacoviande, disponível em <http://fr.wikipedia.org/wiki/>>).

O tipo de solução dada ao Stade de France seria repetido em vários novos estádios na Copa seguinte, de 2002 no Japão e Coréia do Sul, e alcançaria o seu ponto máximo como um produto de arquitetura de imagem apelativa no Campeonato Europeu de Seleções, em Portugal, em 2004, e na Copa do Mundo de 2006, da Alemanha.

152

De volta ao continente europeu, essas competições motivaram a construção de vários novos estádios em países já detentores de edifícios tradicionais para o futebol. A diferença é que se consolidam algumas empresas especializadas em tal processo – como a portuguesa Lusoarenas – e célebres escritórios de arquitetura contemporânea realizam projetos referenciais, seja pela busca de uma imagem mais próxima do shopping center – como o caso do estádio José Alvalade, do Sporting Lisboa, em Portugal, de Tomás Taveira – pela negação da plástica homogeneizante anunciada pelo Stade de France – como o caso do estádio de Braga, também em Portugal, de Eduardo Souto Moura – ou da exacerbação deste princípio, transformando o estádio em um objeto de volumetria unitária, geometricamente abstrata e plenamente homogênea – como no caso do Allianz Arena, de Munique, na Alemanha, de Herzog & De Meuron (FIGs. 32 e 33).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 32 – estádio Alvalade, Lisboa, Portugal
(disponível em <<http://bancadasul.blogspot.com.br>>)



Figura 33 – variação na iluminação da pele exterior da Allianz Arena, Munique, Alemanha (disponível em <<http://www.interactivearchitecture.org/>>).

Esse último exemplar, inclusive, trazia uma inovação no que concerne à identificação da sua imagem como objeto construído – a possibilidade de mudança de cor de sua superfície envolvente pelo uso de iluminação especial. Assim como ocorreu ao Stade de France oito anos antes, torna-se um ideal a ser seguido, dado seu apelo e identificação com uma certa noção de modernidade.

Curioso observar, ainda, que outro projeto, dos mesmos autores, inaugurado dois anos depois da Copa da Alemanha, para as Olimpíadas de Pequim, torna-se também célebre e paradigmático em um outro sentido – fugindo da abstração formal do anterior, o estádio olímpico, conhecido por “ninho de pássaro”, valia-se da associação direta da sua forma exterior – definida por vários feixes metálicos que aparentemente se entrelaçam de modo irregular – com o elemento natural, algo carregado de simbolismo para a cultura chinesa e marco visual de uma nova China que precisava ser vendida ao conhecimento ocidental (ARANTES, 2012; SUDJIC, 2005) (FIG. 34). Um mesmo escritório global, de arquitetos-estrela, portanto, aponta para duas visões distintas – uma tendendo à abstração, outra a uma direta associação simbólica – e, ao mesmo tempo, referenciais daquilo que seria o aspecto visual do estádio contemporâneo – pois, como será visto mais adiante, embora não se torne uma regra, boa parte da produção mais recente de projetos

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

para estádios para campeonatos internacionais da FIFA tenderá mais a um ou a outro desses paradigmas visuais trazidos por Herzog & De Meuron nessa segunda metade da década de 2000.



Figura 34 – Estádio Olímpico de Pequim – “ninho de pássaro” – Herzog & De Meuron, 2008 (disponível em < <http://beijingbirdsnest.wordpress.com/> >)

Em paralelo, há uma consolidação da economia em torno do futebol também se especializando e se globalizando. O mercado e a gestão federativa dos países atuam em parceria. Campeonatos nacionais (como o inglês, o espanhol e o italiano) são vitrines para os melhores jogadores do mundo, ao mesmo tempo em que trabalham para a divulgação de suas marcas patrocinadoras. A Copa do Mundo FIFA – principalmente a partir da sua edição de 1994, realizada nos Estados Unidos – passou a ser um evento não só voltado para a celebração da esportividade e para a eleição do melhor futebol. Torna-se evidente como os interesses políticos (a escolha do local do mundial) e econômicos (participação de marcas e atletas vinculados às marcas, preço dos ingressos, venda conjunta de ingressos e pacotes turísticos) dominam a realização do evento (FAVERO, 2009).

154

Atualmente, as determinações são guiadas por três eixos fundamentais: (a) segurança – principalmente motivada pelo exemplo dado pelos estádios ingleses, que reduziram seus índices de acidente e vandalismo após uma reforma massiva das condições dos seus edifícios ; (b) lucro – gerar mais visibilidade e, conseqüentemente, mais lucro para o mercado internacional desportivo (as marcas de materiais desportivos, patrocinadores em geral e as próprias “marcas”

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

internacionais das equipes); e (c) conforto – garantir maior padronização em níveis de conforto e de acordo com as responsabilidades das entidades e federações internacionais que regem os esportes e fazer justiça ao preço cobrado pelos ingressos (DE LA CORTE, 2009; FAVERO, 2009; SHEARD, 2005).

A credibilidade para o investimento do público em um ingresso cada vez mais caro ocorre ao mesmo tempo em que se procura garantir a presença cada vez maior dos patrocinadores. Em paralelo, têm-se a presença do poder da imprensa internacional, que dá visibilidade aos atletas, às marcas e à própria instituição promotora. A partir da geração de imagens oficiais, redes de televisão de todos os países compram os direitos de transmissão – ou seja, tornam-se, também, clientes do evento.

E assim, a recepção em condições adequadas e o controle das atividades jornalísticas na transmissão dos jogos, então, se estabelecem como aquilo que seria um quarto eixo do “produto futebol” contemporâneo, paralelo aos de segurança, conforto e lucratividade.

Certamente de modo mais evidente do que nos casos tradicionais, os estádios contemporâneos são dispositivos desenvolvidos para participar do ciclo produtivo do futebol internacional (KALTENBACH, 2005). Preocupada com a adequação a todas essas demandas, a FIFA (2007; 2011) publica, de modo sempre atualizado, seu caderno de encargos, definindo o que deve constar em cada edifício. Assim como o *Green Guide* usado na Inglaterra como guia oficial, o caderno compõe um documento de caráter prescritivo e regulador, com a intenção de servir de base para os projetos dos novos estádios e, ao mesmo tempo, o marco referencial para a sua avaliação – a definição, por parte da instituição, se o edifício é mesmo adequado ou não a receber os seus jogos.

A compreensão do que estabelece o caderno é importante por tanto representar, formalmente e por escrito (MARKUS; CAMERON, 2002), o texto-modelo longo que prescreve a utilização dos estádios como também vai mais além, e já estipula uma série de decisões ligadas à configuração espacial dos edifícios. Além do mais, é a síntese mais evidente da ligação estreita entre a instituição dominante sobre o futebol internacional (a própria FIFA) e a espacialização das suas demandas sociais.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A versão mais recente do documento – intitulado *Football Stadiums: Technical recommendations and requirements* – é de 2011, portanto, já posterior à Copa do Mundo da África do Sul de 2010. A precisão de informações trazida pelo volume é diretamente ligada à experiência de realização do torneio em um país emergente, onde todos os estádios foram fruto de obras civis caras e complexas – quanto mais direcionadas as informações e as solicitações da entidade, portanto, menores os riscos de desvios em relação aos seus objetivos de organização e eficiência do evento.

São doze as seções do documento: (1) decisões pré-construção; (2) segurança e defesa; (3) orientação e estacionamento; (4) área de jogo; (5) jogadores e oficiais da partida; (6) espectadores; (7) hospitalidade; (8) mídia; (9) iluminação e suprimento de energia; (10) comunicação e áreas adicionais; (11) futsal e futebol de areia (esta, um seção voltada às derivações do esporte de campo); e (12) equipamentos temporários (à parte do edifício do estádio).

De tal maneira, os encargos vão desde definições e determinações de caráter desportivo – dimensões do campo (FIG. 35) e dos componentes do jogo – passando por questões de conforto ligadas à visualização da partida, como a as distâncias máximas e mínimas das cadeiras para o gramado (FIG. 36), até recomendações de viés mais indireto, como a manutenção da grama e estratégias para garantir a sustentabilidade econômica do equipamento (daí a tendência às arenas multiuso).

Esquemas de organização espacial, como a relação entre os vestiários das equipes e dos árbitros, a sala de exame antidoping e a zona mista são precisamente indicados, inclusive com as dimensões mínimas exigidas (FIG. 39) (FIFA, 2011).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

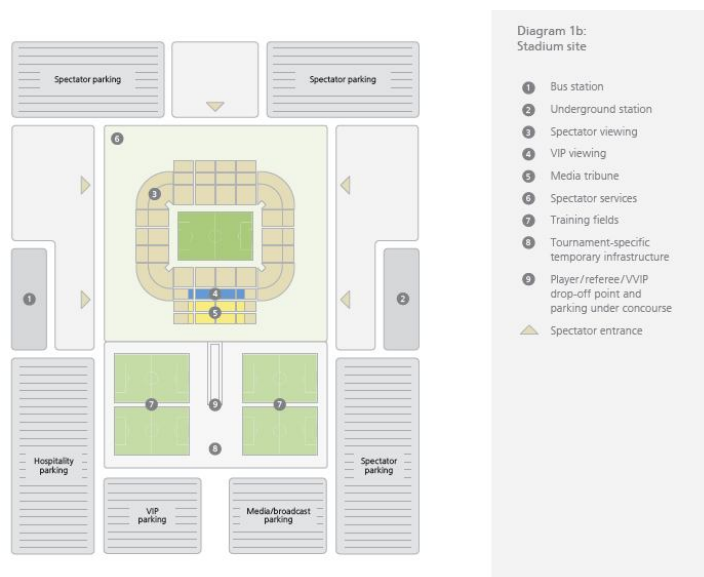


Figura 37 – esquema de locação e situação geral do estádio, acessos e estacionamento (fonte: FIFA, 2011, p.34)

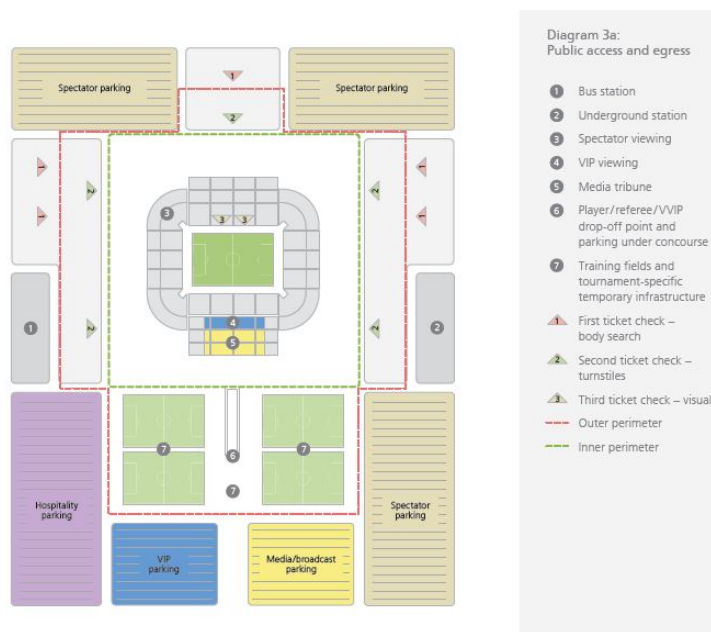


Figura 38 – esquema de locação e situação geral do estádio, acessos e estacionamento com distinção das categorias de usuários (fonte: FIFA, 2011, p.57)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Há uma nítida categorização de grupos de indivíduos: jogadores e profissionais do futebol (comissão técnica, árbitros), equipe de oficiais da partida (pessoal da própria FIFA, seguranças, técnicos), imprensa (uma equipe da empresa transmissora oficial, exclusiva do contrato com a FIFA, e mais as equipes de televisão, rádio, mídia impressa e eletrônica, jornalistas, repórteres, fotógrafos e equipes técnicas) e espectadores (FIGs 37 e 38).



Figura 39 – indicações de leiaute para organização espacial dos ambientes de vestiários (superior esquerda), sala de árbitros (superior direita), atendimento médico (inferior esquerda) e controle de doping (inferior direita) (fonte: FIFA, 2011, p. 98; 102; 104)

Sobre estes últimos, a categorização é ainda mais rígida, e percebida em uma leitura mais aprofundada do documento. Existem, pelo menos, quatro categorias de espectadores: os comuns, os convidados (funcionários dos governos locais ou de empresas ligadas a patrocínios, pessoas da mídia, artistas, etc.), os VIP's – *very importante people* – (políticos, executivos das empresas) e os VVIP's – *very very importante people* – (governantes, presidentes das confederações ou da própria FIFA).

E o controle sobre o espectador, inclusive, é um dos pontos com mais detalhamento quanto à organização espacial e às informações de utilização desses espaços. Ele é muito mais rígido que nos tempos pregressos da história do tipo. Hoje existem vários momentos de filtragem, que dirigem o visitante-espectador para seu respectivo assento, sempre comprado com antecedência. O controle de bilhetes e ou credenciais – o código que define não só a posição do indivíduo

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

dentro do edifício como sua categoria e o status – é feita já a uma grande distância do edifício (até 500m) (FIGs. 37, 38 e 42).

O direcionamento é executado pela empresa gestora do edifício no dia do jogo, que distribui grupos de indivíduos para outros pontos de verificação de credenciais e bilhetes mais próximos das entradas, que, por fim, dirigem o espectador para o seu respectivo setor (FIFA, 2011; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007).

Pelas soluções dos estádios FIFA conhecidos, sabe-se que há uma preferência para que os acessos às arquibancadas se deem por portões dispostos em uma altura média em relação à sua altura total – coincidindo com a faixa destinada às zonas VIP e VVIP, nos setores em que essas existem, ou com um ponto de acesso intermediário aos lanços de arquibancadas superiores e inferiores, que são os portões de cada setor identificado. A partir daí, por meio dos próprios degraus das arquibancadas, se processa o acesso às cadeiras específicas (ou por sistemas internos e de menor escala, como elevadores e escadas rolantes, no caso das zonas VIP e VVIP).

Complementarmente a esse controle de acesso, são espalhados pelos diversos espaços do edifício indivíduos com poder de vigilância e repressão a atos indesejáveis – os seguranças oficiais do evento. Tal grupo, munido de técnicas de contenção física (com ou sem armas), possui também um alto *status* dentro do edifício, fazendo a fiscalização das atividades, movimentos e intenções dos demais grupos pela vigilância ostensiva associada à identificação simbólica visual do seu *status*, com o uso de fardamento distinto.

160

Por isso, é comum que se veja nos momentos de realização das partidas um verdadeiro cordão de seguranças enfileirados ao redor do campo de jogo e voltados para as arquibancadas, numa nítida intenção de se prever e se antecipar a qualquer atitude que vá de encontro ao ritual previsto para a partida, seja uma mudança não autorizada de torcedores de uma cadeira para outra até tentativas de invasão de campo (FIFA, 2011).

Em termos de arranjo dos espaços do edifício, a visibilidade do campo de jogo é recorrente como uma das questões mais valorizadas nos encargos da FIFA. Esta é definida desde a determinação

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

da orientação do edifício até a escolha do setor de arquibancadas mais privilegiado (FIGs 36 e 40).

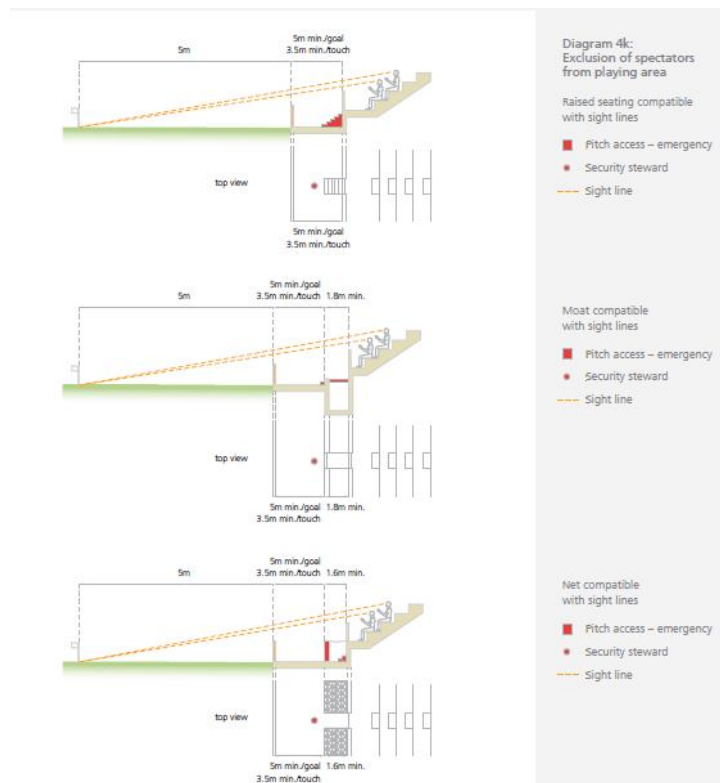


Figura 40 – esquema da relação de acesso e distância entre as cadeiras e o gramado (fonte: FIFA, 2011, p.89)

Com relação ao primeiro ponto, o estádio deve ter os maiores lados do campo de jogo no sentido Norte – Sul, para evitar diferenças de incidência do Sol ou projeção de sombras sobre os campos de defesa dos times, sem correr o risco de favorecimentos na visualização da bola em jogo (FIG. 41).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

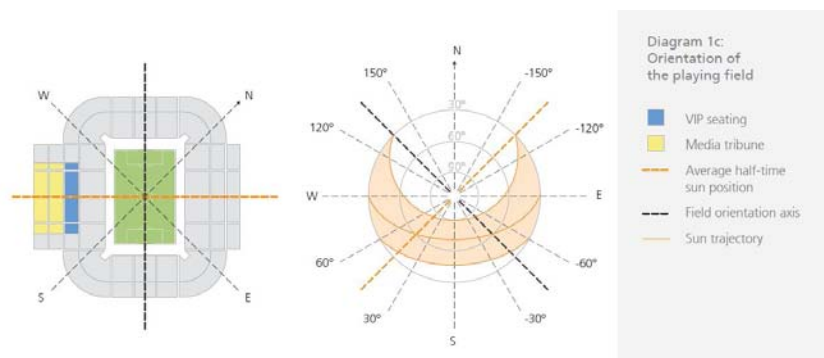


Figura 41 – esquema de orientação do estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.35)

Mas, uma vez que o preço pago pelo público deve ser proporcional à capacidade de apreciação do esporte – os preços podem até variar de acordo com a proximidade do campo. A localização e o dimensionamento de áreas VIP, VVIP e de imprensa estarão sempre localizadas nos pontos de melhor visibilidade dos estádios e aparecem com especial destaque no caderno, ficando tais grupos sempre posicionados no setor de cadeiras Oeste. Ou seja, os torcedores de maior *status* ficarão sempre voltados para Leste e, uma vez que os jogos sempre realizam à tarde ou à noite, nunca sofrerão com a incidência do Sol nos seus olhos, além de poderem ver a entrada dos atletas e o jogo do mesmo modo que o telespectador da televisão veria (FIFA, 2011; NIXDORF, 2005) (FIG. 42).

162



Figura 42 – esquema de distribuição dos setores de cadeiras do estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.35)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Em termos do funcionamento desportivo propriamente dito, a programação de uso prevê todos os fluxos, restrições e direcionamentos das diferentes categorias de usuários em dias de jogo.

Atletas, comissões técnicas e árbitros – ou seja, aqueles que entram no campo de jogo – chegam e circulam por ambientes isolados, inclusive da imprensa. Os profissionais de imprensa têm acesso direto aos atletas apenas na chamada “zona mista” – um amplo salão entre os vestiários e a saída do edifício ordenado por um leiaute pré-definido que se utiliza do enfileiramento de guarda-corpos móveis distribuídos de modo a formar uma sequência de *chicanes* que direcionam o movimento dos atletas em fila e os resguardam do contato físico direto com os jornalistas – ou na sala de entrevista coletiva, sem possibilidade de invasão dos espaços daquele grupo (campo ou vestiários) fora dos momentos programados.

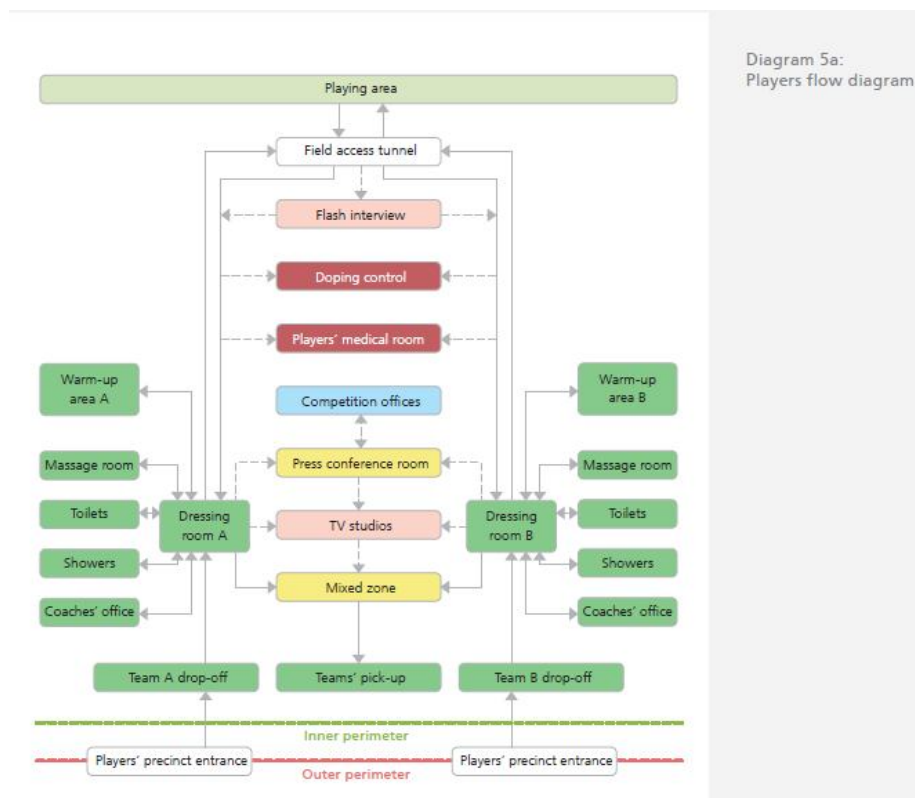


Figura 43 – esquema de fluxo dos jogadores
(fonte: FIFA, 2011, p.96)

Sobre a “zona mista”, é curioso observar que ela é a saída obrigatória dos atletas após o jogo, a passagem pelos vestiários e mesmo pela sala de imprensa. Ou seja, os atletas entram por um acesso isolado, mas, ao deixarem o estádio, o fazem por outro ponto de contato com exterior específico, obrigando-os a trilhar o percurso estabelecido. A zona mista possui uma indicação

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

muito clara de leiaute segundo o manual, definindo como posicionar as barreiras para que os jogadores andem serpenteando e passem por grupos distintos da imprensa – fotógrafos, repórteres de televisão e de rádio – que ficam posicionados em pontos pré-determinados deste percurso induzido (FIGs. 43, 44, 45 e 46) (FIFA, 2011).

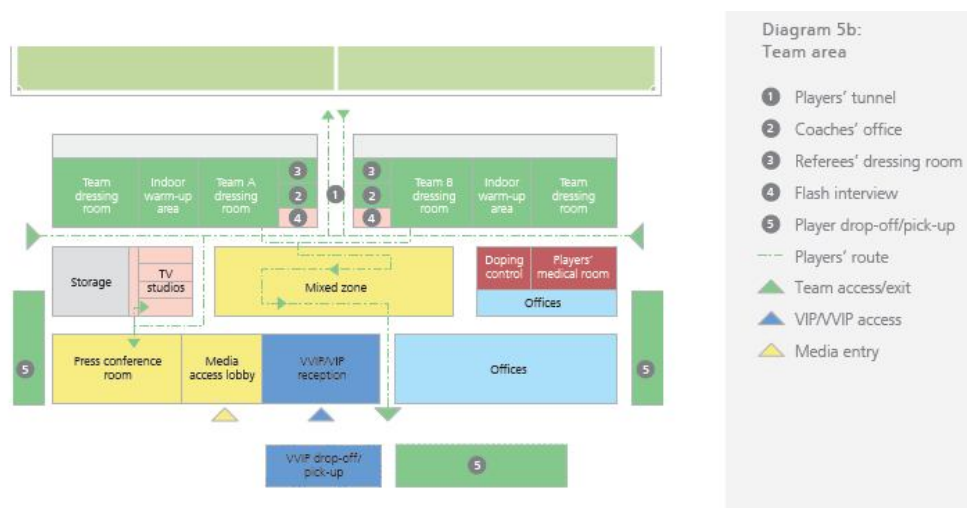


Figura 44– esquema de organização espacial destinada a jogadores, comissão técnica e o contato com a imprensa (entrevista coletiva e zona mista) sob o setor de cadeiras Oeste (fonte: FIFA, 2011, p.97)

164

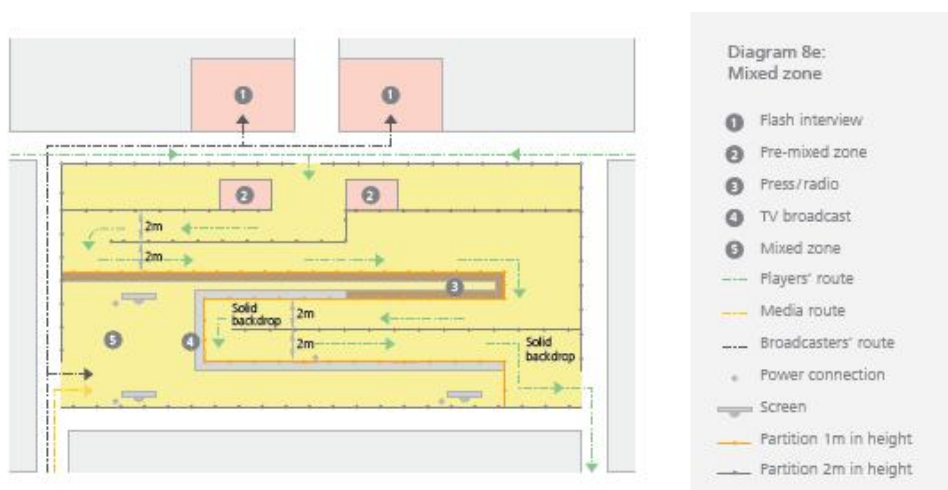


Figura 45 – esquema de leiaute da zona mista (fonte: FIFA, 2011, p.155)

Já as imagens transmitidas são padronizadas pela geradora oficial da FIFA, que também é a única que tem o direito de fazer as entrevistas com os atletas imediatamente após a saída destes do

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

campo – a chamada *flash interview* – em um ambiente específico, onde sempre aparecem as marcas patrocinadoras ao fundo (FIFA, 2011; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007) (FIGs. 44, 45 e 46).

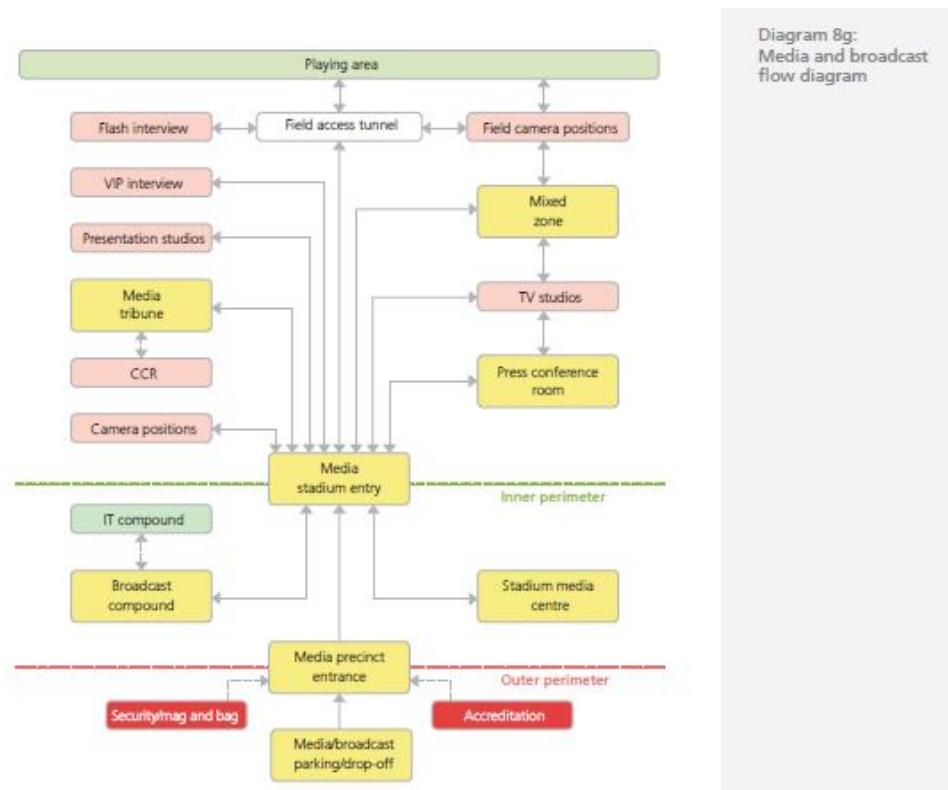


Figura 46 – esquema de fluxos da imprensa e da geradora oficial de imagens no estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.157)

A produção de imagens dos atletas é tão importante quanto a transmissão do jogo do ponto de vista de exposição de patrocinadores – já que alguns deles também representam marcas e têm seus rostos a elas associados. Além de transmitidas ao vivo e registradas em detalhes para recuperações em câmera-lenta ou para análises de jogadas, é também repassada em tempo real para grandes telas de alta definição que devem ficar espalhadas no interior do estádio. Ver nas telas alguns momentos do jogo, *close ups* de jogadores ou mesmo a captura de alguns membros da plateia é uma informação visual paralela e complementar ao espetáculo do jogo. Isso significa que, além de ver, o ser visto também é um evento componente do evento (FIG. 47).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

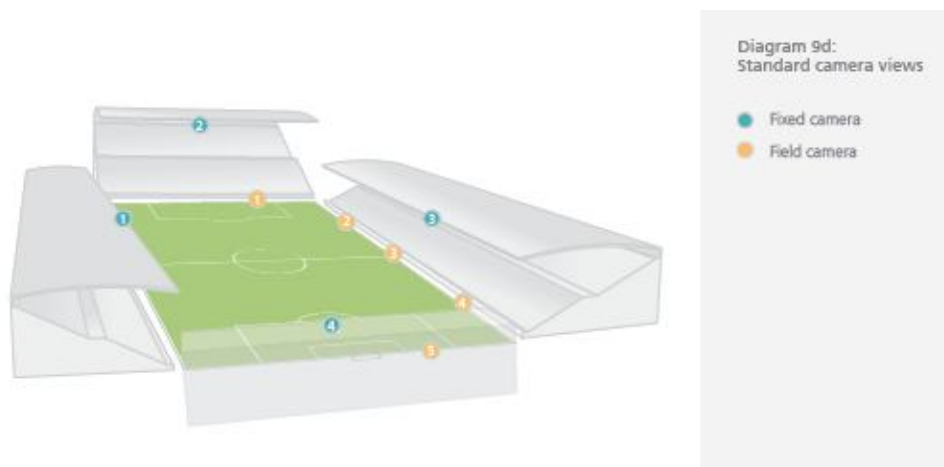


Figura 47 – esquema de distribuição de câmeras no estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.171)

Imprensa, atletas, árbitros e comissão técnica, VIP's e VVIP's são grupos destacados pelo manual. Como antecipado nesta seção, é exigido que tenham acessos independentes dos demais e entre si, e que ocupem os melhores lugares do edifício quanto à visibilidade do campo, sempre na ala de cadeiras Oeste, aquela que oposta à visada oficial de transmissão dos jogos, onde se posicionam as câmeras principais – embora existam muitas outras câmeras onde também se localizam as cabines de imprensa e a tribuna de honra – onde, eventualmente, os atletas recebem troféus e medalhas (FIGs. 48 e 49).

166

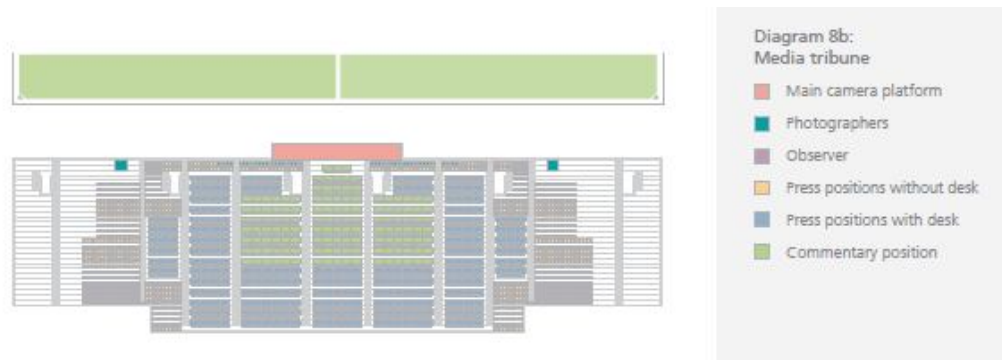


Figura 48– esquema de distribuição de postos da tribuna de imprensa
(fonte: FIFA, 2011, p.150)

A distribuição de assentos, claramente, é diretamente ligada à capacidade de evacuação do estádio, reforçando a preponderância de vários pontos de circulação vertical internos. Os externos devem ser providos quando não houver acesso direto do exterior ao nível das arquibancadas (normalmente rampas, pois permitem o movimento de pedestres de modo mais

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

fácil e seguro que as escadas), além da segregação dos corredores comuns em relação aos corredores VIP's – e destes dos VVIP's (que são grupos com sistemas de circulação vertical mais local, interiorizado e exclusivo, com elevadores e escadas rolantes) (FIGs. 49 e 50).

Além disso, em contato com os corredores de maior *status* – de convidados, VIP's e VVIP's – existem halls e ambientes com vista panorâmica – os *skyboxes* – onde se localizam salas de eventos, de conferências e restaurantes (FIGs. 49, 50, 51 e 52).

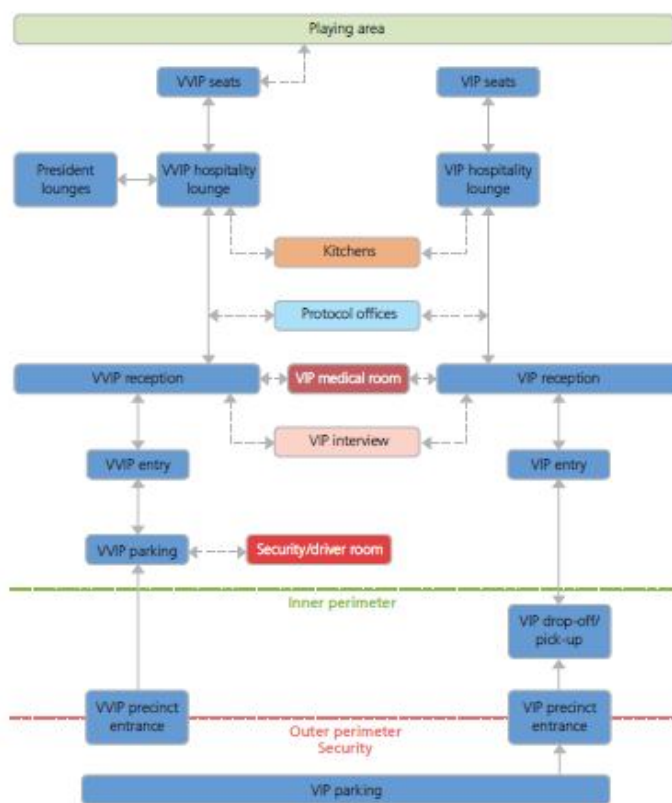


Diagram 7a:
VVIP/VIP flow diagram

Figura 49 – esquema de fluxos dos públicos VIP e VVIP no estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.135)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

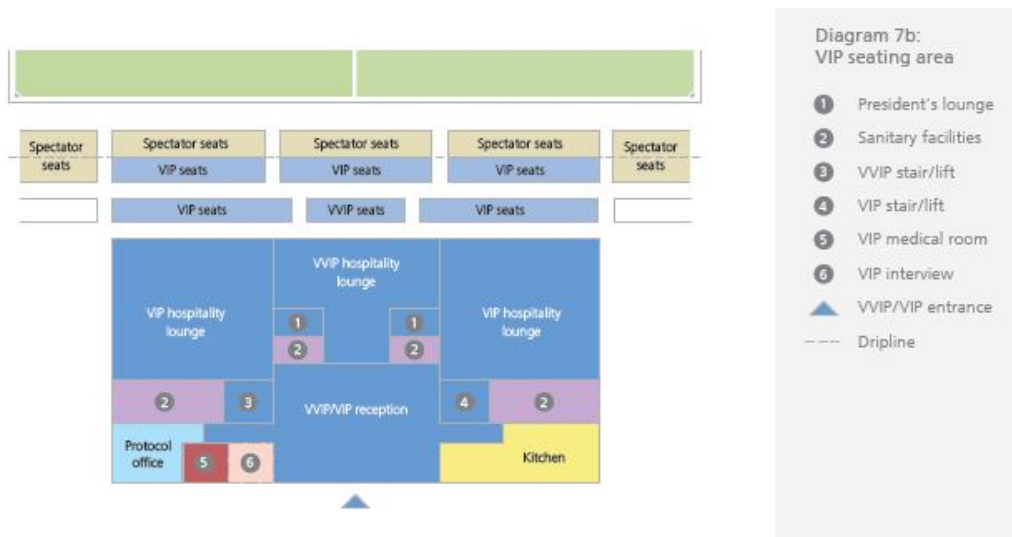


Figura 50 – esquema de organização espacial dos ambientes destinados aos públicos VIP e VVIP no estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.136)

Mesmo para os assentos comuns, são garantidas zonas de descanso e circulação por trás das arquibancadas. O torcedor circula e descansa, tem acesso os sanitários ou os bares e lanchonetes sem interferir na capacidade apreciação do evento desportivo dos demais que preferirem continuar nos setores de assentos (FIFA, 2011; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007).

168

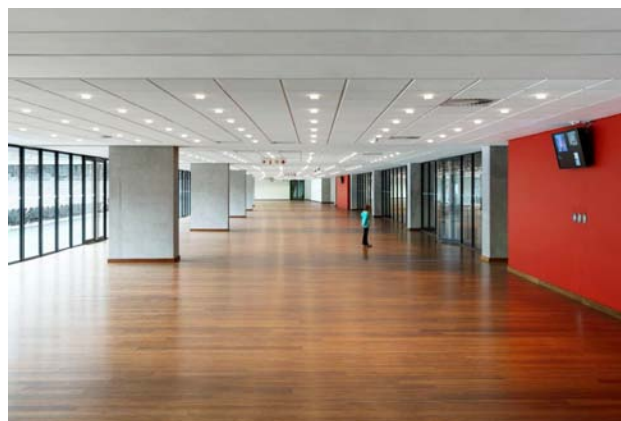


Figura 51 – área VIP com skybox em estádio Green Point, Cidade do Cabo, África do Sul (disponível em <<http://housevariety.blogspot.com.br/2010/12/fifa-world-cup-2010-green-point-stadium.html#.UA9APLRfGzl>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

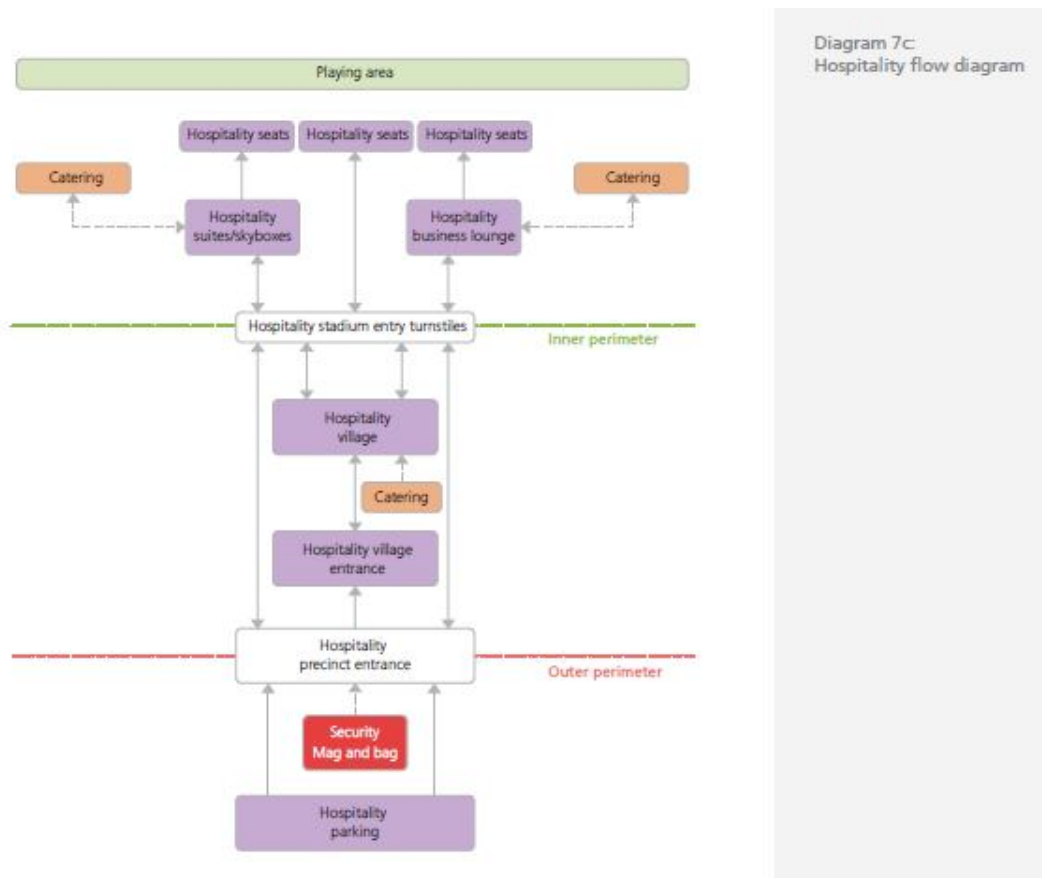


Figura 52 – esquema de fluxos do público de convidados no estádio
(fonte: FIFA, 2011, p.140)

A existência e exigência dessas salas e corredores, ambientes comerciais e de reunião, fazem o estádio se tornar um edifício com diversos níveis de circulação, vertical e horizontal. As indicações reforçam o interesse em contar com espaços com atividades paralelas ao evento esportivo, como lojas, bares, cafés, restaurantes e demais equipamentos de entretenimento, assumindo a alcunha de “arenas multiuso” (FIGs. 53e 54).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

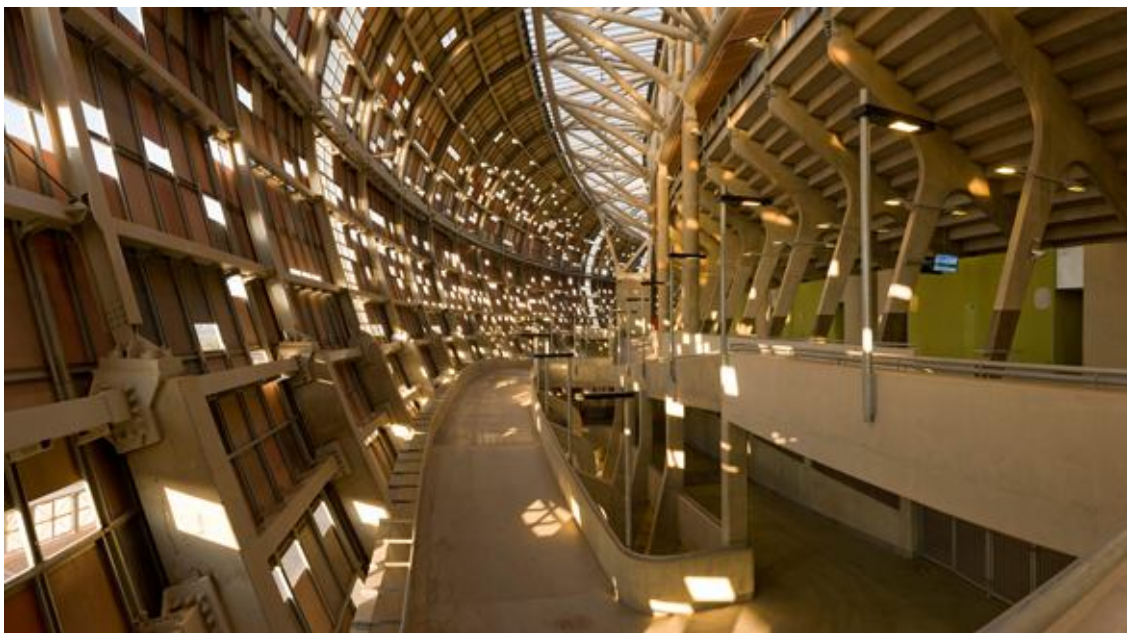


Figura 53 e Figura 54 – imagens dos corredores de acesso às cadeiras do estádio Soccer City, Johannesburg, África do Sul, entre a pele de revestimento externo (o envelope) e as estruturas de suporte das arquibancadas, com equipamentos de apoio (bares) e circulações verticais (rampa) (fonte: Boogertman + Partners and Leon Krige, disponível em <http://designmagazine.co/wordpress/2011/07/27/excellence-by-design-soccer-city-stadium/>).

Em paralelo, a ideia de sustentabilidade, inclusive econômica – interesse direto das cidades que deverão receber os jogos – passa a ser um paradigma para a concepção dos projetos. A manutenção do equipamento – respeitando-se os padrões de segurança e conforto, além das

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

próprias condições do gramado – é de alto custo. O empreendimento, portanto, precisa ser rentável mesmo quando não estiver recebendo as partidas – ou seja, acredita-se que o futebol não é suficiente para o equipamento. Sendo assim, o modelo contemporâneo da "arena multiuso" é o preferido porque contempla outros programas complementares que ajudariam a gerar renda para a manutenção do equipamento.

Tal tendência vem fazendo com que o programa desportivo se hibridize com características espaciais de todos os demais programas agregados (como o de arenas de eventos musicais, por exemplo), constituindo praticamente uma derivação contemporânea do tipo original.

Mas, na verdade, a arquitetura de estádios “padrão FIFA”, mesmo tão rígida, hoje, é item mandatório para que qualquer cidade, clube ou empresa faça parte do círculo econômico do futebol internacional atual e possa pleitear, quiçá, a sua inclusão como uma subsede de uma copa do mundo ou outro torneio internacional (FAVERO, 2009; THOMPSON; TOLLOCZKO; CLARKE, 2005).

171

4.3 O padrão espacial do tipo – por um *habitus* especializado mundial para o estádio contemporâneo

Como se sabe, é exigência para a participação de uma cidade em uma Copa do Mundo de Futebol a presença de um estádio adequado aos padrões contemporâneos registrados no caderno guia para estádios da própria FIFA. O intuito é para que se atinja um modelo nivelado ao dos melhores e mais modernos exemplares do cenário internacional – o chamado “padrão FIFA”.

Sabe-se, contudo, também, que, nos países em que tal padrão se tornou usual para os novos estádios, foi verificada uma mudança forçada no comportamento do torcedor, tanto em campo como fora dele – e ainda nos deslocamentos nas cidades até o estádio.

Uma vez que o futebol, tradicionalmente, tem uma forte relação entre o clube e a área da cidade em que se localiza (por exemplo, os clubes ingleses e italianos ou o Boca Juniors, da Argentina), maioria dos seus torcedores se localiza, também, no seu bairro original (GIULIANOTTI, 2010).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Embora exista o planejamento de dotação de transporte público para os locais dos novos estádios, a relação do deslocamento local, a pé, será perdida.

Considerando a faixa de renda dos torcedores que podem pagar pelos ingressos, é provável que o percurso de se dê de carro. Por outro lado, ao mesmo tempo, não se pode garantir que os moradores da nova localização dos novos estádios será identificada com o clube detentor do campo. A cidade substituirá uma dinâmica urbana tradicional por uma dinâmica rodoviária ou metroviária para os dias de jogo.

Mas, interessa como uma questão complementar ao argumento posto nesta tese, a possibilidade de se discutir as mudanças no padrão da utilização dos edifícios em si, os estádios, interfaces últimas entre o público e o clube e seus representantes, o motivo de uma série de padrões de interações sociais tão caros à identidade da cidade. Essa questão vem à luz justamente por caracterizar um momento de potencial conflito entre a imposição de um padrão de comportamento globalizado a culturas futebolísticas locais bem consolidadas (MASCARENHAS, 2002; 2005; VELHO BARRETO; NASCIMENTO, 2011).

172

Sobre tais diferenças, em primeiro lugar, destaca-se uma que é fundamental entre os estádios FIFA e os exemplares tradicionais: o fim das arquibancadas e das gerais. Os novos estádios são dotados exclusivamente de cadeiras, assentos que são numerados e comprados antecipadamente. A característica principal das arquibancadas tradicionais e das gerais era a indiferenciação de *status* entre os indivíduos (nas gerais, inclusive, se assistia aos jogos de pé). Como não há programação de posicionamento, os encontros entre usuários se tornam mais aleatórios. Não há um ordenamento previsível de permanência ou de movimento.

Certas manifestações espontâneas, típicas das torcidas tradicionais, tendem a não poderem mais se desenvolver. Tende-se a se ter um público mais contemplativo que participativo. Esta tendência, já verificada em jogos de seleções – principalmente nas Copas do Mundo – podem se repetir nas partidas dos clubes locais.

Além disso, o torcedor que vai ao estádio contemporâneo não é só espectador. Ele também é constantemente visto e vigiado, seja por indivíduos investidos do poder da segurança – policiais

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

ou agentes privados – seja por câmeras de circuito fechado de televisionamento ou pelas próprias câmeras da imprensa.

Sendo que o ver e ser visto no estádio de futebol é uma constante, e visibilidade, sendo tão importante para a sua viabilização como produto, tais propriedades são determinantes da sua forma e da maneira dos diversos grupos de indivíduos se portarem. O estádio tradicional, menos vigiado, era também mais permissivo a atos de depredação e violência entre torcidas. O estádio contemporâneo, completamente vigiável, é um inibidor desse tipo de ação. Como ressaltou King (1998), a “arena panóptica” une aspectos mais genéricos da relação entre a atuação de um certo grupo (jogadores) e a apreciação dessa atuação por um grupo de espectadores ao mesmo tempo em que favorece o monitoramento remoto desses mesmos dois grupos por um terceiro, responsável pela gestão do espetáculo⁵⁷.

Tal controle de grupos sociais dentro do estádio, porém, é um dado que se torna mais evidente ao se tratar da configuração espacial do tipo, descrita e analisada a seguir a partir da lógica de organização setorial da edificação. A partir da análise sintática do modelo proposto pela FIFA, de acordo com os procedimentos oferecidos pela *Teoria da Lógica Social do Espaço*, conforme proposto no capítulo anterior, apresenta-se uma síntese da correlação das normativas que regem as condições de organização das atividades e categorias de usuários e a estrutura de espaços definida pelo caderno de encargos da FIFA (2011).

173

4.3.1 Descrevendo e analisando o padrão espacial FIFA

Nesta seção do capítulo, apresenta-se o instrumental analítico tido como o mais adequado aos propósitos do trabalho após se considerar as argumentações e evidências anteriores. Tal instrumental, conhecido como *sintaxe espacial* (HILLIER; HANSON, 1984), permite discutir, a partir de uma linguagem comum, questões relacionadas à descrição, quantificação e interpretação da forma arquitetônica e aos aspectos sociais a ela relacionados.

⁵⁷ Embora com menor rebatimento espacial, sabe-se da implantação de outra prática social ligada à vigilância e a potenciais punições (FOUCAULT, 1978) desenvolvidas no contexto do estádio contemporâneo: a possibilidade de, anonimamente, um dado torcedor, ao se sentir incomodado pela manifestação de outros, enviar uma mensagem de texto por meio de aparelho celular para a central de segurança do evento, indicando a posição do assento de quem o incomoda para uma identificação e a uma atuação coercitiva mais rápida da equipe responsável.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Na verdade, tal instrumental é um desdobramento direto da Teoria da Lógica Social do Espaço, estando de acordo com o paradigma aceito até então: características da forma arquitetônica, definidas pelo estabelecimento de relações de permeabilidade e visibilidade entre as suas unidades espaciais não constituem um fenômeno independente das prerrogativas sociais, mas, na verdade, estão a elas associadas – não de forma direta, determinística, mas de modo sistêmico e dualista (GIDDENS, 2003).

A seguir, descrevem-se as ferramentas de análise espacial que serão utilizadas sobre o modelo exigido pela FIFA, inicialmente explicando as bases de obtenção de dados – o processo de representação do sistema espacial, suas medidas e seus significados – e, finalmente, relatando os procedimentos metodológicos empregados para que tais dados sejam obtidos, no formato de um instrumental analítico bem desenvolvido e exaustivamente testado em estudos de natureza semelhante à deste trabalho (HILLIER; HANSON, 1984; HILLIER, 1989; 1996).

Avaliar empiricamente a configuração espacial de uma edificação suscita, antes de tudo, poder realizar objetivamente a descrição das suas unidades componentes e das relações entre elas. Essas relações podem ser medidas através das suas variáveis constituintes – barreiras e permeabilidades; opacidades e transparências – por meio dos procedimentos metodológicos de análise de morfologia espacial elaborados por Hillier e Hanson (1984).

174

Segundo os autores, ainda que a representação gráfica da arquitetura seja baseada nas geometrias (euclidiana, mongeana, analítica, etc.), o espaço é concebido e compreendido de modo configuracional, e não exatamente geométrico. As posições relativas entre os espaços e os padrões de inter-relação entre eles precedem definições dimensionais (AMORIM, 1999; HILLIER; HANSON, 1984; STEADMAN, 1983).

De modo simplificado, entre dois espaços há duas condições possíveis: são acessíveis entre si ou não são acessíveis entre si. Trazendo essa relação para questões efetivamente arquitetônicas, pode-se complementar os critérios para o estabelecimento das relações espaço-espaço ao se considerar a acessibilidade tanto do ponto de vista da possibilidade de co-presença entre indivíduos, assim como de co-ciência. Em outras palavras, quando dois espaços são acessíveis

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

entre si, significa dizer que entre eles existe uma permeabilidade ao movimento ou uma transparência ao contato visual; quando não são acessíveis, existem entre eles, respectivamente, barreiras ao movimento ou opacidades à visibilidade (podendo existir, porém, situações em que não se pode transpor a barreira, mesmo quando existe transparência ao contato visual, como no caso de uma superfície de vidro ou uma grade, por exemplo).

Essa noção relacional, e não exatamente dimensional, como ressaltado anteriormente, é do território da topologia, mais do que da geometria, sendo que é nessa vertente da matemática que a sintaxe espacial se baseia para descrever e extrair dados manipuláveis das estruturas espaciais edificadas.

De modo complementar, a noção de distância topológica entre espaços fica claramente representada através da geração de *grafos justificados*, apropriando-se da compreensão matemática da *Teoria dos Grafos* (STEADMAN, 1983). Um grafo é uma representação auxiliar, no qual cada espaço do sistema é identificado como um nó e a relação entre eles por uma linha. O grafo pode ser justificado⁵⁸ a partir da escolha de um nó (representando um espaço) qualquer do sistema; esse nó tomado como referência passa a ser raiz do grafo; e os demais nós são então organizados em níveis de profundidade considerando a sua distância topológica para aquele que foi tomado como raiz (HANSON, 1998; HILLIER; HANSON, 1984; HILLIER, 1996) (FIGs. 55 e 56).

Cria-se, portanto, um modelo analítico que permite sair do plano da apreciação subjetiva e da análise discursiva de uma edificação para uma descrição da arquitetura abstrata, e, portanto, objetiva. A estrutura de espaços de um edifício transforma-se numa estrutura topológica, na qual cada unidade espacial é um ente que se relaciona com os demais a partir daquela variável básica elementar: a acessibilidade.

⁵⁸ A teoria dos grafos, em princípio, prescinde do procedimento de justificação. Quando organizado em níveis, portanto, justificado, o grafo passa a ser chamado de *y-graph* ou *gamma graph* (HILLIER & HANSON, 1984).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

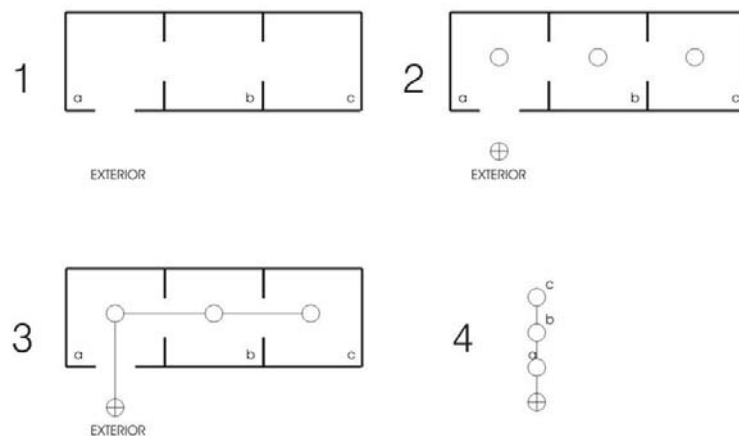


Figura 55 – Representação do padrão espacial pela teoria dos grafos: (1) planta do edifício; (2) representação dos espaços por nós; (3) representação de conexões entre os nós por linhas – geração do grafo do sistema convexo; (4) o grafo justificado (fonte: NASCIMENTO, 2008, p. 55). (Desenho do autor a partir de Hillier e Hanson -1984).

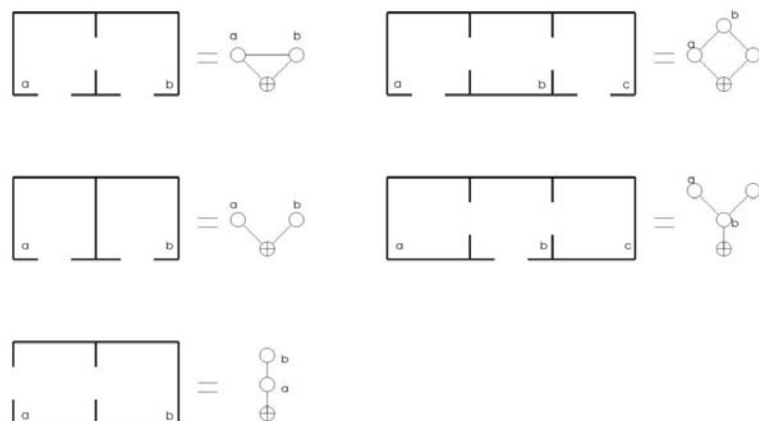


Figura 56 – Alguns exemplos simples do uso de grafos justificados para a representação das configurações dos padrões espaciais de edifícios (fonte: NASCIMENTO - 2008, p. 56) (Desenhos do autor a partir de Hillier e Hanson - 1984).

A leitura da estrutura espacial edilícia a partir dessas variáveis relacionais faz emergir a sintaxe subjacente aos aspectos plásticos da forma edificada, chamada por Hillier e Hanson (1984) de uma *linguagem mórfica*. Topologicamente, e não geometricamente, essa sintaxe pode ser medida e expressa através de valores.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A medida sintática mais elementar é a *profundidade*. A profundidade relativa entre dois espaços é expressa pelo valor da distância topológica entre eles, podendo ser tomada para as relações de permeabilidade ou de visibilidade entre as unidades espaciais. Quando se considera um dado espaço como ponto de partida para a contagem da profundidade de todo o sistema, diz-se que o sistema terá n níveis de profundidade tantos quanto forem os “passos” topológicos necessários para que se acessem todos os seus espaços. Por passos, entende-se o número de espaços pelos quais um indivíduo que está naquele espaço de referência precisaria passar para chegar até um outro qualquer.

Operacionalmente, para a descrição em escala local das unidades espaciais dos edifícios, é considerada a dimensão convexa do espaço. Identificam-se *espaços convexos* do edifício sobre as plantas-baixas dos pavimentos de um edifício ao se considerar os maiores e mais largos (nas duas dimensões) polígonos convexos⁵⁹ possíveis de se delimitar entre os seus limites físicos (*edges*; paredes ou obstáculos ao acesso). De modo abstrato, os espaços são simplificados e entendidos como entes bidimensionais.

Um *mapa convexo* é a representação do conjunto de espaços convexos que compõem o sistema espacial do edifício (de permeabilidades ou de contato visual) e é montado ao se conectar aqueles espaços convexos que guardem relação de acessibilidade entre si, dois a dois, através de permeabilidades ou transparências (conexões). No caso da permeabilidade, as conexões existem entre espaços que sejam adjacentes entre si. Para visibilidade, as conexões podem atravessar espaços, tanto os adjacentes como os não-adjacentes, com distâncias até mesmo superiores a dois níveis de acessibilidade (FIG. 57).

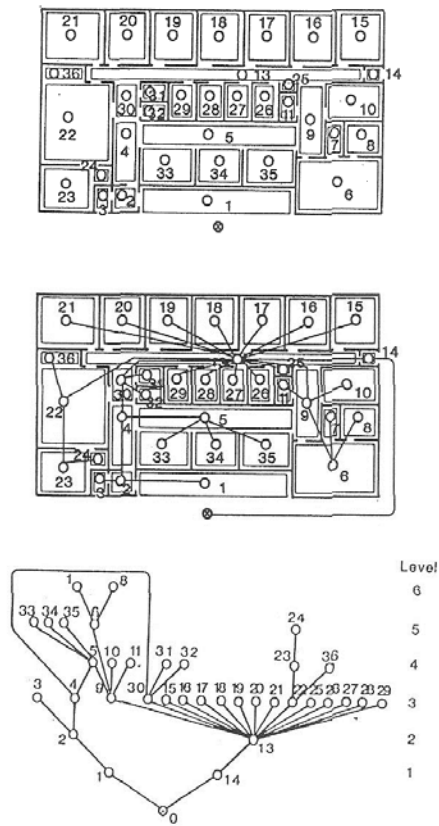
177

⁵⁹ Por definição, polígonos convexos são aqueles em que qualquer segmento de reta tomado entre dois pontos quaisquer da região por ele delimitada terá, necessariamente, todos os seus pontos também contidos nesta região.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



fragmentação do sistema de espaços em polígonos convexos, representando-se o mapa convexo;

identificação da existência de conexões entre os espaços convexos (permeabilidades ou transparências), definindo-se um mapa de acessibilidade no sistema convexo;

representação do sistema convexo por um grafo justificado

Figura 57 – Possibilidades de representações dos padrões espaciais. (Fonte: MARKUS, 1993, p. 14).

Com os sistemas espaciais devidamente descritos, estabelece-se a possibilidade de se interpretar propriedades que interessam especificamente a este estudo, como a *profundidade* dos espaços do sistema e as relações de isolamento ou conexão entre seus espaços componentes, que ficam claramente expostas por meio do recurso de justificação dos grafos, obtidos a partir de qualquer espaço que se deseje ter como raiz na análise.

Cada grafo, por sua vez, pode ser simplificado para uma descrição setorial. A partir da representação da estrutura espacial do sistema como um todo, pode ocorrer de um conjunto de várias unidades apresentar uma mesma medida de profundidade e de integração e pertencer a um mesmo “ramo” do grafo (STEADMAN, 1983).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Algumas unidades espaciais que cumprem com uma determinada função programática comum podem, ainda, aparecer em repetição (como um conjunto de celas ou de quartos de um hospital). Quando estão isoladas dos demais setores do sistema por um espaço *mediador funcional*, podem ser agrupados como pertencentes a um mesmo *setor funcional*, obtendo-se um *grafo setorial funcional* (AMORIM, 1999) (FIG. 58).

Setores poderão ser isolados ou acessíveis entre si, existindo, portanto, diferentes limites ou fronteiras setoriais. As mais fluidas, seguem os modelos curtos. As mais definidas terão setores conectados ao tronco do grafo por meio de um espaço – chamado na literatura da teoria dos grafos de *cut vertex*⁶⁰ – caracterizando a existência de um *setor espacial* no sistema (STEADMAN, 1983). Quando existem, no conjunto de espaços, mediadores que são vértices de corte, os sistemas atendem a regras mais rigorosas de separação categórica, ou a modelos mais longos, portanto.

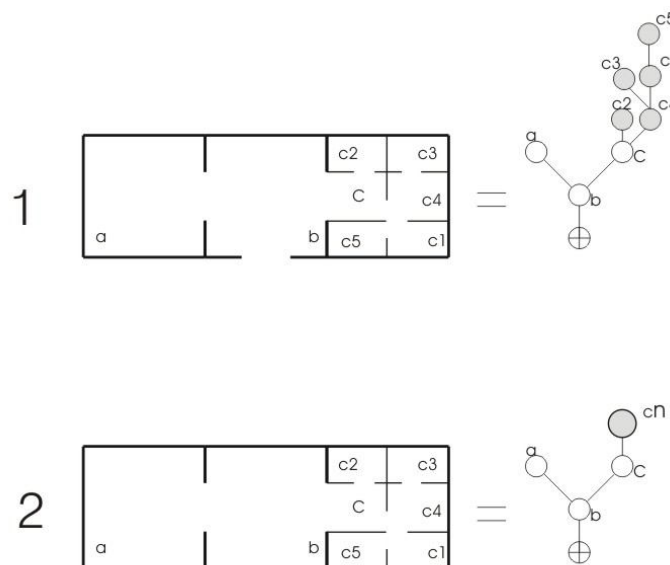


Figura 58 – Simplificação da representação do sistema convexo pelos grafos justificados. Os “n” espaços conectados ao cut vertex “C” (1) se tornam um único setor espacial “Cn” (2) (fonte: NASCIMENTO, 2008, p.59) (Desenho do autor).

⁶⁰ O *cut vertex*, ou vértice de corte, é um tipo particular de vértice cuja propriedade principal é separar ramos de distintos grafos caso uma de suas arestas seja eliminada. Neste caso, trata-se de uma propriedade geral dos grafos trazida ao contexto da arquitetura e explorada com profundidade neste sentido no estudo de Amorim (1999).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Por meio da leitura de grafos justificados pode-se, também, tirar conclusões a respeito dos aspectos relativos à conformação das configurações espaciais dos edifícios. Por exemplo, um grafo pode assumir visualmente um aspecto mais simétrico ou assimétrico; apresentar uma conformação gráfica mais assemelhada a uma árvore, um arbusto ou a um diamante.

Grafos assemelhados a árvores tendem a ser mais profundos, com maior número de níveis e com mais espaços terminais e não-distributivos no sistema (com apenas uma possibilidade de acesso) – ver FIG. 59 (d). Grafos assemelhados a diamantes possuem mais “anéis”, ou seja, maior número de espaços distributivos, com várias possibilidades de acesso. Tendem a ser mais rasos – ver FIG. 59 (b). Situações intermediárias podem resultar em grafos com conformação de arbusto, com ou sem anéis – ver FIG. 59 (a) e FIG. 60 (c), indicando sistemas de maior complexidade, em que alguns setores prezam pelo isolamento e outros pela distributividade, ou pela associação de determinada situação em caráter mais local a outra, oposta, em caráter mais global.

Como se observa nas figuras reproduzidas a partir do caderno de encargos da FIFA, a representação esquemática – embora bastante direcionada e informativa – da organização espacial do edifício e de seus setores já é bem próxima do que se esperaria após a representação da fragmentação convexa do sistema de espaços, sendo fácil e diretamente associável à representação dos nós do grafo.

180

Uma vez que o caderno apresenta os setores já detalhados e apresentados de forma fragmentada, como capítulos do volume, os nós/setores ou espaços foram representados considerando também as descrições textuais existentes, que indicam as conexões ou separações entre categorias e narram, com previsibilidade, os percursos dos grupos e categorias de indivíduos localmente – como devem utilizar cada setor – e globalmente – em relação ao edifício como um todo e as articulações entre os setores.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

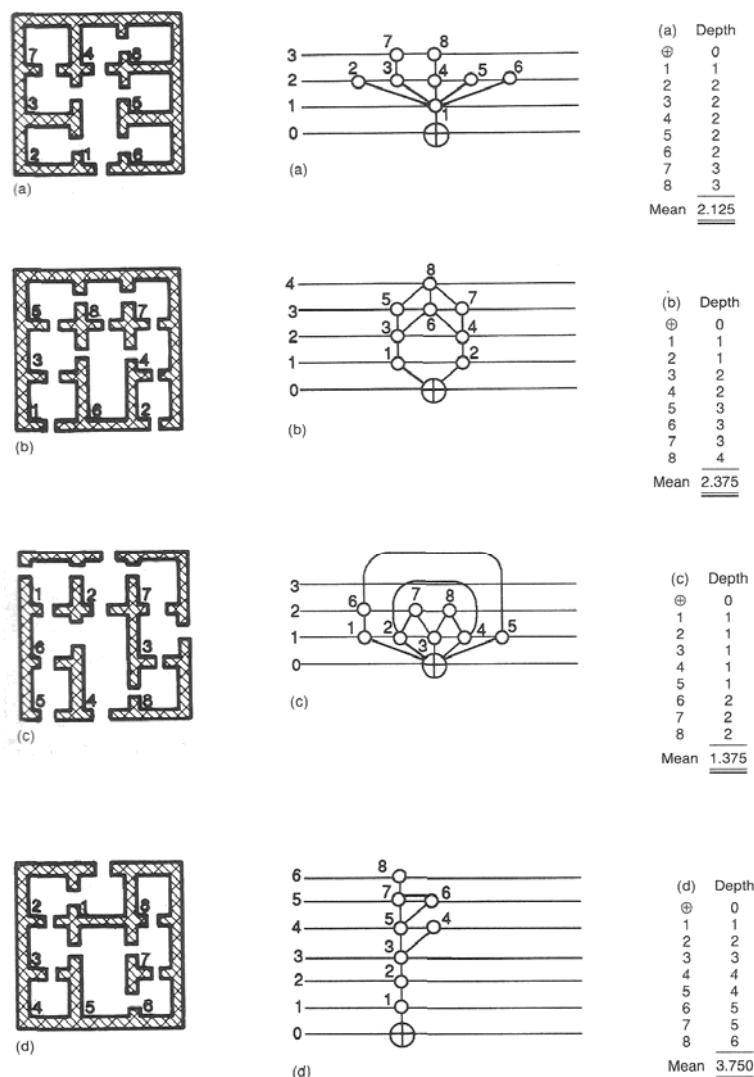


Figura 59– Aplicação dos procedimentos de representação do sistema de espaços convexos com exposição dos respectivos valores de profundidade dos espaços para cada configuração. Alguns arranjos identificáveis nas conformações dos grafos justificados: (a) conformação de arbusto; (b) conformação de diamante; (c) conformação de arbusto com anéis; (d) conformação em árvore (Fonte: MARKUS, 1993, p. 13).

Sendo assim, da análise da configuração espacial do “estádio FIFA”, tal como preconizado pelo seu manual de projetos para novos estádios, pode-se concluir que o sistema, quando representado como grafo e justificado a partir do exterior (FIG. 60), assume a conformação de arbusto, com várias ramificações partindo de *cut-vertices* bem definidos, caracterizando setores funcionais precisos, mas sem tantos níveis de profundidade (seis). Os anéis não se dão em instância local, mas sim global ao sistema, sendo que espaços como a zona mista e o campo de jogo são aqueles destinados a articular mais os setores entre si.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A estrutura de espaços é concebida para separar classes de sujeitos usuários de forma muito clara. As várias ramificações logo a partir do primeiro nível de profundidade do grafo justificado a partir do exterior expressam como a separação se dá já nos acessos ao edifício.

Também se observa que são poucas as possibilidades de passagem de um setor de espaços para outro, sem que se passe por outros espaços de alta concentração de atenções, como o campo ou a zona mista – mais facilmente vigiáveis.

É ainda interessante observar como os setores em que se concentram os espaços destinados ao público VIP e VVIP possuem mais subdivisões, reforçando a diferenciação de status de modo mais preciso mesmo internamente aos grupos de indivíduos.

Por outro lado, os espaços destinados aos jogadores, comissão técnica e árbitros se situam de modo bastante raso em relação ao sistema. Os seus usuários entram e saem do edifício sem maiores riscos de encontros ou de cruzamento com outros públicos.

182

Tais encontros se dão de modo programado apenas nos espaços mais centrais ao sistema, como o campo e a zona mista, uma vez que, aí, as diversas categorias de usuários devem se encontrar para viabilizar ou a prática esportiva em si ou a concessão de entrevistas às empresas de mídia.

Ainda assim, as autoridades instituídas no campo de jogo – árbitros, agentes da FIFA e seguranças – representam o controle que o espaço, em si, não propiciaria.

Já na zona mista, o leiaute especializado indica como os grupos devem se comportar, definindo percursos, separações e encontros visuais controlados entre o grupo mais protegido – atletas – e o mais interessado – jornalistas.

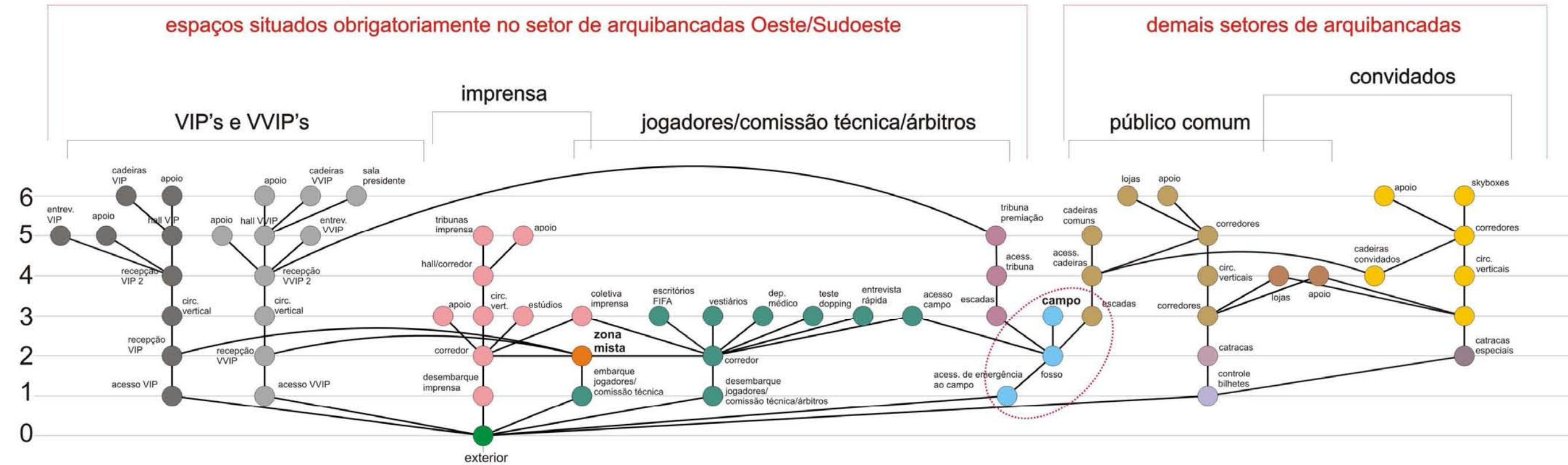


Figura 60 – grafo setorial da configuração espacial exigida para um estádio pela FIFA justificado a partir do exterior (desenho do autor)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Também ficam evidentes duas situações: uma de controle e segregação quase absoluta – destinada ao público em geral (mesmo os convidados) que vão às cadeiras; e outra o público VIP e VVIP, que circula em separado dos grupos precedentes, mas que possui acesso privilegiado à zona mista e a alguns espaços de destaque, como a tribuna de premiação.

É ainda curioso observar como o sistema de espaços do setor de assentos Oeste é muito mais complexo do que os demais. Toda a diferenciação de entradas e públicos mais exclusivos se concentra neste setor – VIP's e VVIP's, imprensa, atletas. A zona mista e o acesso ao campo, por parte dos jogadores e árbitros, estão sob os lanços de cadeiras de tal setor. Por sua vez, os demais setores, com menor diferenciação por compartimentação espacial, abriga a maior parte do público, ainda que seja um público de caráter menos exclusivo.

Por outro lado, se se considera a visibilidade do conjunto, todos os espaços voltados ao campo de jogo tendem a dar a impressão de um sistema plenamente acessível, onde o espetáculo do esporte, nas suas particularidades de aleatoriedade intrínseca, pode ser observado. Em oposição a tal impressão, o sistema de permeabilidade ao movimento e de restrição às permanências que ficam ao redor do campo garantem a classificação intencional de usuários de modo pleno.

184

Diante de um sistema socioespacial tão rigidamente definido e tão intencionalmente genérico – para que seja globalmente reproduzido – pode-se afirmar que o momento contemporâneo do tipo estádio FIFA, portanto, é da constituição de um dispositivo para delimitar não só o funcionamento mais eficiente do futebol como corporação mundializada, mas também um novo padrão de torcedor e um novo produto global.

Mas, uma vez que – para além da função e o espaço – esta tese se interessa por entender como tais propriedades se relacionam à forma edificada, compreender como os projetos optam por uma ou outra possibilidade de variação da forma e como tal característica é um definidor do tipo são questões que exigem um aprofundamento ainda maior no objeto de estudo. Considerando o momento e o contexto favoráveis a tal discussão, como já apresentados anteriormente na Introdução, o trabalho se desenvolve estudando, na sequência, os casos dos estádios brasileiros concebidos por ocasião da Copa do Mundo de 2014.

5 OS ESTÁDIOS DE FUTEBOL FIFA NO BRASIL

Entre 2007 e 2008, a organização da Copa do Mundo FIFA no Brasil escolheu doze subsedes (doze capitais de estados) para a realização dos jogos de 2014, tendo em conta as suas condições macroestruturais para receber o público (capacidade de atração turística, infraestrutura urbana, tradição em realização de grandes eventos, segurança pública, transporte, etc.).

Entretanto – e obviamente – cada uma das subsedes também deveria contar com um estádio adequado às demandas contemporâneas para o futebol da FIFA, embora nenhuma efetivamente os possuísse até então (DE LA CORTE, 2009). Imediatamente, portanto, foram exigidas urgentes reformas – ou mesmo substituições dos antigos equipamentos por outros novos – para que fosse atingido o padrão contemporâneo internacional exigido dos equipamentos.

Além das idiosincrasias locais próprias ao futebol no Brasil, essa característica particular ao processo brasileiro de implantação dos estádios também dá margem para uma discussão em paralelo sobre a importância da forma para a constituição do tipo. Sabendo-se que alguns exemplares nacionais existentes sofrerão reformas substanciais nas suas estruturas espaciais, torna-se importante compreender como suas propriedades formais se manifestarão após as alterações para o sentido social do edifício como um todo.

Este capítulo desenvolve uma análise sobre os aspectos da vida social e da vida espacial do futebol do Brasil e das propriedades formais dos seus projetos de edifícios para a Copa do Mundo FIFA de 2014 – com especial atenção ao caso do Recife, haja vista a particular relação entre sociedade e futebol que se verifica nessa cidade, além da própria aproximação do autor com tal universo.

O universo de análise, por sua vez, é delimitado em complementação ao do capítulo anterior. Serão utilizadas, portanto, as seguintes bases empíricas para a discussão:

- I. o conjunto de obras e projetos brasileiros para os eventos internacionais da Copa do Mundo de Futebol – entendidos como um conjunto formado por dois grupos: um

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

primeiro, (a) representado pelos edifícios completamente novos; e um segundo, (b) representado pelos edifícios pré-existentes adaptados aos padrões contemporâneos;

II. relatos de cunho historiográfico, jornalístico, literário ou audiovisual sobre a cultura futebolística local, nacional e global⁶¹;

III. a experiência prática e assistemática acumulada pelo autor a partir da imersão na cultura futebolística brasileira – e, especialmente, do Recife – a partir de visitas a estádios e clubes de futebol na ocasião, ou não, de partidas e observações de campo dos costumes e hábitos do torcedor nacional e do recifense.⁶²

5.1 Futebol e estádios de futebol no Brasil

No caso específico do Brasil, verifica-se uma situação especial e distante do ideal global da FIFA: a maior parte dos estádios brasileiros é voltada exclusivamente para a prática futebolística ou compõem aquilo que se costuma chamar de ginásios polidesportivos. Também, a maioria dos exemplares ainda é remanescente dos padrões de estádios surgidos entre o primeiro e segundo momentos históricos descritos por Sheard (2005), ou seja, ainda encontram-se nas condições de cerca 50 anos atrás.

De fato, a maioria dos estádios de futebol brasileiros são edifícios surgidos num intervalo de cerca de trinta anos, entre as décadas de 1940 (os mais antigos, do Rio de Janeiro e São Paulo) e 1970 (FERREIRA, 2008; MALHANO; MALHANO, 2002). Quando surgiram, o rádio já era um veículo de mídia importante, mas a televisão ainda não – embora tenham se tornado célebres as

⁶¹ Em se tratando de fatos que se desdobram ainda no presente, muitas das informações recentes sobre os edifícios e o contexto atual brasileiro tenham sido incorporadas pelo autor de modo informal, terminando por serem apresentadas, também, sem a sistematização que seria desejável. Uma revisão historiográfica de tais fontes e informações deverá ser alvo de trabalhos imediatamente subsequentes a esta tese.

⁶² A condição ideal de obtenção de tais informações seria a realização de registros etnográficos formais. Dada a incapacidade de lidar com tal produção e cumprir com os objetivos mais centrais à tese, as inferências sobre tais questões procurarão ser acompanhadas de referências a datas e locais onde foram presenciados ou acompanhados de imagens que ilustrem o que se afirma. Posteriores estudos historiográficos e etnográficos, como dito na nota precedente, deverão complementar e confirmar o que aqui se expõe. No entanto, uma série de registros documentais audiovisuais está disponível e acessível na Internet (de reportagens a gravações de som e imagem realizadas pelos clubes ou por torcedores), principalmente na rede *youtube.com*. Muitos deles ilustram bem os argumentos aqui utilizados e serão indicados no decorrer do texto.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

coberturas cinematográficas dos jogos de futebol nas décadas de 40 e 50 pelo chamado Canal 100, a cultura da transmissão do futebol no Brasil nasce e se perpetua através do rádio – meio que sempre demandou menos aparatos infra-estruturais dos edifícios (DE LA CORTE, 2009) mas que, por outro lado, trouxe um novo modo de engajamento à partida, por meio da audição da voz do locutor com suas interpretações e emoções destacadas. Sendo assim, para que se pudesse ver o futebol e conhecer pessoalmente os atletas, o estilo de jogo e mesmo o padrão dos uniformes, era necessário ir presencialmente ao estádio. Em princípio, considerando as dificuldades de deslocamento por transporte público na época, quanto mais próximo da casa do potencial torcedor, ou mais identificação com a sua área de vizinhança, mais provável seria a sua identificação com o clube.

Os estádios que surgem nas décadas de 1960 e 1970 são os que começam a apresentar espaços próprios para os equipamentos de televisionamento. Entretanto, com exceção dos grandes centros de Rio e São Paulo, nesta época, apenas algumas poucas cidades apresentavam uma estrutura de fomento ao esporte de caráter mais profissional – como Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife e Belém. A organização da partida, portanto, ainda estava próxima o amadorismo, havendo uma permissividade maior entre público, imprensa e atletas (DE LA CORTE, 2009) (FIGs. 61 e 62).

187



Figura 61 – estádio Vasco da Gama (São Januário), Rio de Janeiro, de 1927 (reformado em 2006) (disponível em <http://www.paixaovascao.com.br/sao_januário_meu_caldeirão-fotos_do_vasco_da_gama-igfpo-2711961.htm>).



Figura 62 – Eduardo Mendes Guimarães Júnior e Gaspar Garreto, estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) antes da reforma para a Copa de 2014, Belo Horizonte, Minas Gerais, de 1965 (disponível em <<http://prascabecas.blogspot.com.br/2010/06/o-velho-mineirão.html>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Em descompasso com a profissionalização, tanto do futebol como da imprensa desportiva, as normas de segurança não eram específicas para a atividade. Tal condição faz surgir certos hábitos próprios do esporte brasileiro. Uma vez que nem a educação do público era satisfatória e nem a segurança pública sabia lidar com multidões, desenvolvem-se estruturas espaciais de segregação entre os espectadores e o evento esportivo, como a existência de cercas ou fossos para separar público de atletas e deixar mais definidas as restrições de acesso e as separações de grupos de visitantes (DE LA CORTE, 2009).

O que se entende é que, até então, as instalações e a estrutura de espaços para o futebol, no Brasil, era pouco especializada, fazendo com que o estádio fosse basicamente dividido entre: (a) assentos para o público; (b) campo de jogo; (c) vestiários; (d) cabines de imprensa. Não havendo maior separação de fluxos, menor era a quantidade de circulações e maior a necessidade de se instalarem barreiras improvisadas, como os alambrados, para que a hierarquia entre usuários fosse definida⁶³.

A visibilidade também não era especialmente projetada, o que fazia com que a simples acomodação do maior número de torcedores possível fosse suficiente. Curvas de visibilidade e subdivisão de grupos de assentos em relação a áreas de acesso e de escape não eram claramente percebidos – dificilmente se torna possível ao torcedor assistir aos jogos sentado ou, mesmo quando há assentos, estes se tornam de pouca utilidade, pois os torcedores tendem a permanecer de pé (até mesmo de pé sobre os assentos).

Segundo De La Corte (2009) – pesquisador brasileiro interessado nos aspectos técnicos e construtivos dos estádios nacionais – a visibilidade de alguns dos principais estádios brasileiros, como o Pacaembu e o Morumbi em São Paulo, o Mineirão em Belo Horizonte e o Maracanã no Rio de Janeiro, sofrem de algum tipo de obstrução visual às suas fileiras de assentos. Respectivamente, 65%, 63%, 49% e 60% das fileiras desses estádios, hoje, sofrem tais obstruções. Se convertidos a um padrão contemporâneo, inevitavelmente sofreriam redução nas suas capacidades de público (perdas entre 30% e 40% nestes estádios citados). Considerando que estes

⁶³ Embora o uso de alambrados não seja uma exclusividade brasileira, pois perdurou na Grã-Bretanha até os anos da década de 1990 e ainda existe em estádios latino-americanos, por exemplo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

são edifícios voltados aos torneios mais importantes e ricos do país (paulista, carioca e mineiro), a situação só tende a piorar nos demais estados (SOUZA, 2004).

Outro fato chama a atenção. Também não havia coberta em grande parte das arquibancadas dos estádios, indicando certo descaso com as condições climáticas regionais. No Pacaembu, em São Paulo, inaugurado em 1940, todos os lugares são descobertos. Por outro lado, os estádios que foram construídos tendo como modelo o Maracanã, como o Morumbi, o Mineirão (de Belo Horizonte), o estádio do Arruda (do Recife) ou o Almeidão (de João Pessoa) têm apenas a ala nobre dos assentos – com cadeiras alugadas, vendidas ou reservadas a sócios e personalidades de maior status social – com cobertura, reforçando a tendência segregacionista da época (FIGs. 63 e 64).

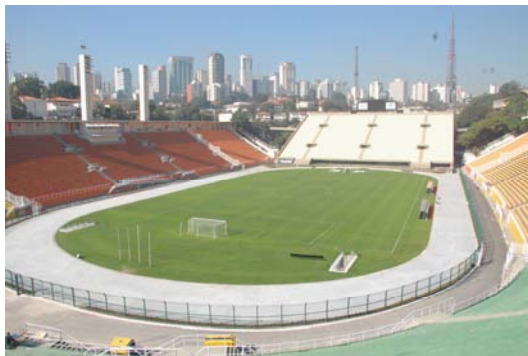


Figura 63 – estádio do Pacaembu, São Paulo, de 1940 (disponível em <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/noticias/?p=20892>>).



Figura 64 – estádio José Américo de Almeida Filho (Almeidão), João Pessoa, Paraíba, de 1975 (disponível em <<http://asmilcamisas.wordpress.com/tag/juarez-correa/>>).

A estrutura formal dos edifícios, então, termina adquirindo certa homogeneidade entre os vários exemplares nacionais. Prevalencia, assim, o aspecto de que o edifício era composto quase que apenas de seus elementos de suporte, com poucas vedações, pois além do campo, destacavam-se as estruturas de concreto aparente de sustentação inferior das arquibancadas – linhas horizontais e verticais do conjunto estrutural (as arquibancadas são normalmente em concreto aparente, sem revestimento ou qualquer tipo de assento, distribuídas em dois ou até três níveis de tribunas e sem numeração ou individualização de cadeiras), com poucos elementos de fechamento e poucas estruturas exclusivas para as circulações. Em última análise, quando os componentes estruturais estavam finalizados, o estádio também estaria (FIGs. 61, 62, 63 e 64).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Deste modo, o aspecto de edifícios mais abertos, sem fechamentos laterais e superiores, e planta elipsoidal ou ovalar se generaliza – eventualmente, com alguma variação em um dos arcos da elipse ou da oval (normalmente um dos maiores, e aquele que volta as costas para a orientação de maior incidência solar), verifica-se uma diferenciação formal por conta da presença da coberta.

Sendo assim, as particularidades entre um e outro exemplares são derivações do campo arquitetônico propriamente dito, utilizando-se de elementos construtivos característicos, como a própria estrutura, como elemento formal passível de personalização. As diversas soluções dadas ao problema de projeto são exercícios arquitetônicos que buscam certo grau de eficiência e um desenho mais autoral com o uso mais expressivo possível do material disponível – o concreto armado. Porém, a noção de identidade local é vaga e os estádios brasileiros terminam por parecerem muito semelhantes (DE LA CORTE, 2009).

Além disso, a falta de gestores profissionais (os estádios brasileiros tradicionalmente são patrimônio dos próprios clubes ou dos governos) termina por provocar o desgaste das estruturas físicas, sendo que muitos apresentam graves problemas de segurança – relativos ao uso (largura de escadas e corredores, rotas de fuga) e à própria integridade física dos edifícios quando desgastados pelo tempo e pela manutenção precária. As condições físicas somam-se ao comportamento do torcedor. Edifícios com pouca definição espacial tendem a permitir um comportamento menos controlado. É comum que torcedores, na busca por melhor visibilidade, ocupem áreas como marquises e alambrados ou que se sentem em guarda-corpos, potencializando as possibilidades de acidentes (DE LA CORTE, 2009).

Por outro lado, historicamente, o Brasil desenvolveu uma relação muito íntima entre o futebol e os mais variados aspectos da sua sociedade. Tal processo levou à construção não só de uma cultura futebolística hegemônica nacionalmente em relação outros esportes, mas de variadas maneiras de se relacionar com o futebol localmente – inclusive, sendo perceptíveis nos diversos “modos de torcer” do brasileiro (VELHO BARRETO; NASCIMENTO, 2011).

Como não havia padronização nas soluções arquitetônicas, distintas localidades desenvolveram estádios com características próprias. Tal variação, ao longo do tempo, termina por levar também

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

os torcedores a desenvolverem distintos padrões de comportamento, intimamente relacionados às particularidades das estruturas espaciais das suas respectivas praças desportivas tradicionais. Ou seja, para além das restrições técnicas, o que se percebe é que algumas torcidas terminaram por desenvolver certos tipos de comportamento dentro das condições permitidas pelos estádios (DAMO, 2007).

Para citar apenas um exemplo, mas que não deixa de ser paradigmático, pode-se lembrar a existências dos chamados “geraldinos” no Maracanã, isto é, os torcedores que assistiam às partidas de futebol em pé e quase no mesmo nível do gramado de jogo. Tais torcedores se notabilizavam por um comportamento diferenciado e sua condição econômica em função do baixíssimo valor dos ingressos de acesso àquelas dependências (MOURA, 1998).

Esta particularização do *habitus* do torcedor no espaço do estádio tendeu a ocorrer, no Brasil, nas cidades onde o futebol se iniciou há mais tempo e onde se construíram tradições locais ligadas à cultura clubística. Tal cultura, inevitavelmente, associa-se ao sucesso dos clubes e a capacidade de congregação que ele desenvolve com seus torcedores ao longo do tempo, tornando os laços mais fortes entre os indivíduos e a marca do time.

191

Seguindo a lógica da associação entre o desenvolvimento econômico e o sucesso do futebol, no Brasil, os clubes mais bem sucedidos nacional e internacionalmente se encontram nas regiões historicamente mais ricas no panorama nacional. Rio de Janeiro e São Paulo, seguidos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul concentram os clubes de maior torcida e os mais bem sucedidos (DAMO, 2007, p. 62).

O poder simbólico adquirido por tais clubes, dado o sucesso adquirido, é tão amplo que conquistam torcedores em outras regiões do país, como se vê no caso das grandes torcidas de clubes como Flamengo e Corinthians em todos os estados do Brasil, além de uma considerável permeabilidade dos clubes gaúchos no estado de Santa Catarina e de clubes paulistas no Paraná e no Mato Grosso do Sul⁶⁴ (DAMO, 2007).

⁶⁴ Há de se levar em conta que alguns estados contam com a presença de considerável número de migrantes de estados vizinhos, por variados motivos, o que pode levar a se constituírem certos núcleos de torcedores específicos - como seria o caso dos adeptos de clubes do Rio Grande do Sul em Santa Catarina. Também não

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Na condição específica da região Nordeste, zona de desenvolvimento econômico menos pujante em relação às regiões Sudeste e Sul, o futebol é também culturalmente enraizado. Contudo, a falta de campanhas expressivas dos seus clubes locais, principalmente os do interior – pois a tradição e o arraigamento por clubes locais são ainda evidentes nas capitais – termina permitindo a influência dos mesmos times citados no parágrafo anterior. Por exemplo, ainda que a rivalidade entre Vitória e Bahia, na cidade de Salvador seja perceptível, e o Bahia possua considerável número de torcedores, a torcida por clubes baianos não é a maior do estado, pois quando se considera o interior, os clubes do Rio de Janeiro e São Paulo preponderam. Mesmo o Ceará, com dois clubes de destaque em Fortaleza – o Fortaleza e o Ceará – percebe-se a tendência a se escolher um “segundo clube” com mais representação nacional, que termina por ser tão caro ao torcedor como o seu clube local (DAMO, 2007; IBOPE, 2003).

Tal tendência, por sua vez, consolida um círculo vicioso de desvalorização de alguns futebolis locais. Estados do Norte e do Centro-Oeste praticamente não têm representatividade de torcida, nem mesmo em seus estados. Mas, são exceções, as cidades de Belém do Pará e de Goiânia, que possuem torcidas tradicionais e expressivas de seus times locais (CBF, 2013; DAMO, 2007; IBOPE, 2003).

192

Mas, embora King (2003) se refira ao panorama europeu – quando a unificação econômica e política advinda da União Europeia, traz consigo, também, a busca por uma unidade cultural local em contraposição à continental – um paralelo poderia ser feito com os casos brasileiros, especialmente das cidades de Porto Alegre, Recife e Belém – tradicionais focos de povoação do território. Sendo capitais com histórias de desenvolvimento próprias, menos dependentes das demais capitais do Brasil, é natural que não haja a identificação com os representantes do futebol do Centro-Sul ou com clubes “nacionais”. Pelo contrário, exacerba-se a paixão pelos clubes locais, que se associa a essa noção de independência cultural.

é raro que certos clubes, em princípio sem apelo nacional, consigam angariar simpatizantes em períodos de maior sucesso, como o Sport Clube Recife em relação a torcedores de estados próximos, como Alagoas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Por isso merece destaque o caso de do estado Pernambuco, em que 75% da população torcedora é ligada clubes locais, e do Recife em si, com uma proporção ainda maior com relação aos seus clubes principais e sem papel destacado para o fenômeno do “segundo time” (DAMO, 2007).

Fora dos centros mais ricos e mais influentes do futebol brasileiro – nomeadamente, São Paulo e Rio de Janeiro, seguidos de Porto Alegre e Belo Horizonte – nos quais se encontram os times mais ricos⁶⁵ e bem sucedidos do Brasil, entende-se que o caso do Recife se mostra como um exemplo especialmente interessante para este momento específico do estudo – de entendimento de como funciona a cultura do futebol no Brasil – dada a variedade de clubes e de campos de jogo pertencentes a tais clubes, além de apresentar uma cultura futebolística que demonstra como os laços entre torcedor e futebol são construídos em associação com os espaços dos seus edifícios⁶⁶ (MASCARENHAS, 2002).

De tal modo, o Recife será utilizado, a seguir, para que se possa ilustrar as análises sobre vida social, vida espacial e padrões espaciais do futebol no Brasil com um caso conhecido.

193

5.1.1 Vida social do futebol no Recife

O estudo faz uso da cidade do Recife como caso exemplar para a discussão que se propõe a realizar porque se entende que o cenário da cultura do futebol na cidade apresenta alguns aspectos que o fazem particularmente eficiente para tratar do iminente processo de globalização do torcedor e da sua relação com a estrutura espacial dos estádios locais. Além disso, caso do Recife é abordado não só por meio de material histórico disponível, mas também pela possibilidade de se relatar observações nos próprios edifícios e locais de realização dos eventos de interesse, a partir da própria cultura futebolística observada pelo autor.

⁶⁵ Sendo de regiões mais industrializadas e com uma população de padrão socioeconômico mais alto, surgem mais patrocinadores e uma torcida mais adimplente com clubes.

⁶⁶ Trata-se de uma relação que transcende a qualidade técnica do futebol apresentado e o sucesso no ranking nacional dos clubes, mas, obviamente, também é um fenômeno verificável em torcidas de clubes mais bem sucedidos, como o caso do Grêmio Porto-alegrense e a manifestação da chamada “avalanche” na descida abrupta nas arquibancadas do seu tradicional estádio Olímpico, o caso do estádio “La Bombonera” com a torcida do Boca Juniors ou da íntima relação dos torcedores de clubes italianos e seus estádios, como mencionado no capítulo anterior.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Primeiramente, o Recife detém uma história particular relacionada à implantação e à adoção do futebol como elemento constituinte da sua identidade cultural. A prática competitiva e sistemática do futebol no Recife tem início ainda na primeira década do século XX, tendo produzido quatro clubes de expressão, em termos de presença de torcedores, tempo de existência e tradição: o Clube Náutico Capibaribe (fundado em 1901 e reconhecido apenas por “Náutico”), o Sport Club do Recife (1905 e reconhecido apenas por “Sport”), o Santa Cruz Futebol Clube e o América Futebol Clube (ambos de 1914 e reconhecidos, respectivamente, por “Santa Cruz” e “América”) (ALVES, 1998).

Tal particularidade é explicada pela noção de “trama simbólica” proposta por Damo (2007), que faz com que uma série de valores culturais locais se incorporem à vinculação emocional do sujeito com o clube. A identificação recifense com os seus clubes pode ser compreendida como o resultado de um passado em que, por vezes, a afirmação de certa importância regional se associava a conquistas esportivas. Títulos ou campanhas destacadas dos times ou da seleção estadual (quando esta ainda existia) em relação aos seus vizinhos regionais ou aos clubes e seleções do Sul e Sudeste fortaleceram a ligação da população ao futebol local. Antes de uma sequência de boas campanhas do Náutico no campeonato nacional na década de 1960 – a Taça Brasil – por exemplo, a seleção pernambucana, chamada “cacareco”, havia sido vice-campeã nacional em 1959 e chegou a representar o Brasil no Sul-americano Extra do Equador logo em seguida (GUEIROS; ARAGÃO, 2009).

194

Ainda, um certo bairrismo faz com que os torcedores deem considerável importância às rivalidades estabelecidas por seus feitos no campeonato estadual (ALVES, 2000), por exemplo – apesar das discrepâncias no cenário nacional, o maior número absoluto de conquistas estaduais do Sport, o hexacampeonato exclusivo do Náutico e os três “supercampeonatos”⁶⁷ do Santa Cruz ainda são motivo para provocações entre as torcidas dos três clubes no contexto local (CORDEIRO; CORDEIRO, 2001).

Curiosamente, dos quatro clubes principais, apenas o Sport detém títulos nacionais expressivos em sua categoria profissional principal, e, ainda assim, o título mais recente conquistado foi o da

⁶⁷ O “supercampeonato” dizia respeito a uma disputa final entre os três clubes que tivessem vencido, cada um, um dos três turnos do campeonato estadual, tendo ocorrido em Pernambuco nos anos de 1915, 1957, 1976, 1981 e 1983 (ALVES, 1998; GUEIROS & ARAGÃO, 2009).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Copa do Brasil, em 2008, de menor importância que o do campeonato nacional. Seu outro título nacional, de 1987⁶⁸, embora judicialmente reconhecido, é ainda alvo de controvérsias dado o caráter particular do campeonato daquele ano. Junto ao Náutico, não apresenta constância na participação na divisão de elite nacional nesta última década.

O América, que chegou a ser campeão estadual na primeira metade do século passado, praticamente faliu na década de 1980, só tendo retornado à ativa nos anos recentes⁶⁹.

E o Santa Cruz, time considerado “grande”, com reconhecido destaque nacional na década de 1970, viveu a experiência de descer de divisão no campeonato nacional por três anos consecutivos, estando, até o momento de conclusão desta tese, apenas na chamada Série C, a terceira divisão em importância nacional.

Mas, curiosamente, no Recife tudo se passa como se a rivalidade local tivesse mais peso que a projeção nacional das equipes. A adesão dos torcedores aos clubes parece se manter inabalada, caracterizando uma clara fidelidade clubística local. Sobre tal questão, inclusive, são comuns os comentários, entre os torcedores recifenses, independentemente do time, de que os adeptos dos clubes nacionais nos estados vizinhos não possuem times para os quais torcer, como, também, não é raro que sejam chamados, nos confrontos realizados no Recife, de “vergonha do Nordeste”⁷⁰.

A identificação com os times chega mesmo a extrapolar o limite clubístico e, em alguns momentos de confrontos decisivos com equipes de fora do estado, vê-se e ouve-se nas torcidas alusões a símbolos próprios a Pernambuco, como o hino e a bandeira do estado – como se o time contivesse a representação de um sentimento de territorialidade mais amplo.

⁶⁸ O Sport é o campeão legal de 1987, mas, em âmbito nacional, é comum se atribuir não-oficialmente este título ao Flamengo, do Rio de Janeiro, dado o desentendimento entre a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e uma emergente liga de clubes na organização do campeonato nacional daquele ano. O Náutico, embora nunca tenha sido campeão, possui um vice-campeonato nacional de 1967 que não sofre da mesma contestação.

⁶⁹ Mesmo tendo vendido a sua sede no Recife, a marca do clube, como um dos quatro tradicionais do Recife, ainda conseguiu se manter.

⁷⁰ O grito de manifestação da torcida do Náutico sobre tal questão pode ser ouvido em <http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=FcHeoMO72bo>

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Na cidade há, visivelmente, a construção de um perfil de cada grupo de torcedor, associado à história de cada clube. E, conforme afirma Damo (2007), a depender de como o sucesso dos clubes se associa às suas particularidades – modos de jogo, cores, uma personalidade clubística historicamente constituída – seria possível afirmar que a identificação com determinado clube é, também, a construção de uma distinção dentre os demais (BOURDIEU, 1979) – tal fator se fortalece dadas, ainda, as origens dos clubes: torcedores do Náutico são associados a uma antiga aristocracia local; do Sport, em oposição, à classe média burguesa e emergente; e, do Santa Cruz, às camadas mais populares.

Nos últimos anos, a importância local destes clubes tem sido confirmada por alguns fatos marcantes. O América, por exemplo, após décadas de inatividade, ao retornar à primeira divisão da competição estadual, não apenas contou com o retorno de antigos torcedores como também angariou uma considerável adesão de novos adeptos – até aqueles que não eram torcedores tradicionais, viram no ressurgimento do time uma possibilidade de se destacar perante os três outros maiores, numa evidente ação de necessidade de identificação dentro da cultura futebolística local, tão baseada na rivalidade tradicional.

196

Quantitativamente, as médias de público nos estádios locais dos três maiores clubes – Sport, Náutico e Santa Cruz – mesmo no torneio estadual, estão sempre entre as melhores do país. Ressalta-se, inclusive, que este último apresenta as melhores médias do ano de 2011 mesmo quando esteve atuando na quarta divisão do campeonato nacional de clubes⁷¹ (CBF, 2012).

Uma outra característica de destaque no caso do Recife é uma histórica e notável relação dos clubes – personificados nos seus torcedores – e seus aspectos urbanos e arquitetônicos. Esta espacialização da cultura do futebol recifense é tratada com maior detalhamento na sequência, ao

⁷¹ É preciso, entretanto, lembrar que existe um programa do Governo do Estado de Pernambuco (o “Todos com a Nota”) que permite a troca de notas fiscais de compras por ingressos para os jogos dos seus maiores clubes, garantindo um incentivo financeiro considerável a razoável percentual do público presente em tais médias. Por outro lado, agentes de comunicação especializados em futebol falam recentemente de um certo desgaste no formato dos campeonatos estaduais do Sul e Sudeste, quicá motivado pela presença representativa de seus clubes em competições nacionais e continentais de maior interesse. Sobre o caso específico do Santa Cruz, pode-se ver o relato do fenômeno na reportagem disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=OXvVy4nxF8>>

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

se discutir a vida espacial e os padrões espaciais correntes até antes da Copa de 2014 na cidade que serve de caso de estudo⁷².

5.1.2 Vida espacial e os espaços do futebol no Recife

A cultura futebolística no Recife é intimamente ligada a questões de ordem espacial, desde a escala urbana, até a relação da torcida com as idiossincrasias da arquitetura dos seus estádios. A cidade conta com três estádios dentro do seu núcleo urbano, cada um associado a um dos três maiores clubes e reconhecido pelo nome do bairro em que se situa: (a) o Eládio de Barros Carvalho, ou dos Aflitos, de 1939 (reformado em 2002), pertencente ao Náutico; (b) o José do Rego Maciel, ou do Arruda, de 1972 (ampliado em 1982), pertencente ao Santa Cruz; e (c) o Ademar da Costa Carvalho, ou da Ilha do Retiro, de 1937 (com última ampliação realizada em 1995), pertencente ao Sport.



197

Figura 65 – localização dos três principais estádios do Recife sobre imagem de satélite da cidade (desenho do autor sobre imagem GoogleMaps)

Antes de tudo, a própria localização das praças desportivas é um componente de identificação das torcidas com os seus clubes. Além das alcunhas dadas aos três estádios principais – Aflitos,

⁷² Ver casos como os registrados em < <http://www.youtube.com/watch?v=Sm6NWBKxtlo>> e < <http://www.youtube.com/watch?v=ien6sCN6hWM>>

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Arruda e Ilha – a história de formação dos perfis dos torcedores possui, também, um caráter locacional, diretamente associado à formação urbana da cidade e ao contexto histórico em que cada clube se estabeleceu (FIG. 65).

O Náutico – o mais antigo dentre os três – e o seu estádio situam-se em na região de mais alta qualidade de vida do Recife. Aflitos, Espinheiro e Jaqueira são os bairros com os mais altos IDH's da cidade (entre 0,93 e 0,97) (RECIFE, 2005). Além disso, é uma zona de alto grau de urbanidade (HOLANDA, 2002), ou seja, ruas de pouca extensão, muitas variações de direção, reduzidas dimensões de caixa e alta conectividade entre si, associada a uma considerável oferta de espaços públicos – praças, jardins, parques – e um padrão de uso e ocupação denso e diversificado (com equilíbrio entre uso residencial, comercial e de serviços). O estádio, enclausurado em meio à densa ocupação do solo, funciona praticamente como mais um equipamento do sistema urbano da região (FIG. 66).

A torcida do clube ainda é composta por considerável número de moradores desta mesma região. O acesso ao campo, em dias de jogo, é notavelmente realizado a pé. Uma característica própria, e decorrente desta condição, é de certa “pontualidade” do torcedor do Náutico – o estádio tende a permanecer pouco ocupado até os últimos minutos que precedem o início da partida, haja vista a facilidade de deslocamento até o estádio, que não demanda uma antecipação do horário de chegada.

Por outro lado, a chegada do adversário – torcedor ou equipe visitante – mesmo por meio de ônibus, inevitavelmente se dá pelas mesmas ruas locais, onde vive o torcedor do Náutico. A pressão sofrida por “invadir” o terreno do adversário, ainda no contexto urbano, é, também, uma particularidade locacional do clube (FIGs. 69)⁷³.

⁷³ Podem-se ver exemplos dos relatos relativos à relação da torcida do Náutico com o estádio dos Aflitos nos seguintes endereços da Internet: <<http://www.youtube.com/watch?v=-PE30r5Ho-M>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=IKogjlWFC-E>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=pz8H55ZHi-Q>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=Hevp8sn-tzc>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=60Lbf4JMaUs>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=NcoAKlgFLRk>> .

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 66 – destaque para a localização do estádio dos Aflitos no seu contexto urbano envolvente (desenho do autor sobre imagem GoogleMaps)

As dimensões restritas do estádio (vinte e duas mil pessoas) fizeram com que a distância entre as arquibancadas e o campo seja mínima. O torcedor se vê muito próximo aos participantes do jogo e a movimentação entre os degraus das arquibancadas e a beira do campo – colocando-se imediatamente junto ao alambrado – é constante e rápida. Tal intimidade, somada às dimensões reduzidas do campo e do próprio tipo de gramado, é tida como um fator potencializador do chamado “mando de campo” do clube – a proximidade favorece a pressão psicológica sobre o adversário.

199

O estádio do Santa Cruz, por sua vez, está localizado no Bairro do Arruda. Diferentemente do anterior, que se insere no meio de uma quadra densamente ocupada, este surge praticamente como um marco urbano monumental e referencial à região em que se insere, dado o seu porte (sessenta mil pessoas) e algumas características arquitetônicas marcantes – o seu anel superior de arquibancadas suspenso como se flutuasse sobre o inferior, após uma ampliação da edificação original, é apoiado sobre pilares de concreto que se montam por sobre uma via e um canal adjacente ao estádio, como se constituísse pórticos de passagem para aqueles que caminham na rua.

A região do próprio Arruda, e de seus bairros vizinhos, de Água Fria, Encruzilhada e Campo Grande, embora de alta densidade habitacional, é bem menos verticalizada – ou seja, é

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

constituído predominantemente por casas de dimensões modestas e não por edifícios de habitação multifamiliar. O estádio se situa na confluência de duas vias estruturantes do sistema viário da Zona Norte da cidade, localmente: Avenida Beberibe e Avenida Professor José dos Anjos (ao longo da qual corre o supracitado canal).

Embora haja também uma marcada territorialização da torcida, os deslocamentos até o estádio nos dias de jogo – praticamente passeatas ritualizadas – compõem o cenário que prepara os ânimos para os momentos das partidas (FIG. 67).



Figura 67 – destaque para a localização do estádio do Arruda no seu contexto urbano envolvente
(desenho do autor sobre imagem GoogleMaps)

As dimensões do estádio, que fazem com que o torcedor se localize mais distante do campo, obriga a uma programação de chegada – chegar mais cedo significa ocupar melhores lugares para assistir à partida.

Se a distância é maior, a capacidade do estádio também o é. A referida pressão psicológica sobre o adversário procura se realizar pela dimensão da massa de torcedores. A ocupação dos dois anéis de arquibancadas é uma demonstração de apoio ao time dono da casa, de verdadeira devoção e

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

identificação com toda a sua representatividade, ou seja, a torcida melhor se representa quando o estádio está cheio, e vice-versa (FIGs. 70)⁷⁴.

Já o estádio Adelmar da Costa Carvalho, pertencente ao Sport, no bairro da Ilha do Retiro está às margens de uma via radial do sistema viário principal da cidade, a Avenida Abdias de Carvalho, com uma importância, inclusive, metropolitana, pois é um dos eixos de entrada e saída do Recife que se liga a outra via estruturante da cidade, inclusive em termos de transporte público – a primeira perimetral, constituída pela Avenida Agamenon Magalhães – e às rodovias nacionais (BR's) 101 e 232 (FIG. 68).

O bairro possui uma ocupação bastante heterogênea, tanto do ponto de vista morfológico quanto no seu perfil econômico e social. Áreas de ocupação irregular e zonas de interesse social se localizam ao redor do estádio, enquanto que em um dos seus flancos, voltado para a margem do rio Capibaribe, principal rio do Recife, desenvolve-se, nos últimos anos, um intenso polo imobiliário para a classe média alta e alta da cidade.



Figura 68 – destaque para a localização do estádio da Ilha do Retiro no seu contexto urbano envolvente (desenho do autor sobre imagem GoogleMaps)

⁷⁴ Podem-se ver exemplos dos relatos relativos à relação da torcida do Santa Cruz com o estádio dos Arruda nos seguintes endereços da Internet: < <http://www.youtube.com/watch?v=OXvVy4nxF8> > ; < <http://www.youtube.com/watch?v=TdkesUFZVWw> > ; < <http://www.youtube.com/watch?v=nEDNYJrl584> > ; < <http://www.youtube.com/watch?v=G04L4Ogzkco> >

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Novas torres de alto gabarito têm suas janelas posteriores voltadas para o estádio. Seria até precipitado fazer uma comparação da condição do entorno com o próprio perfil do torcedor do Sport, que, por ter conquistado maior número de adeptos nas últimas décadas, é composta tanto por membros da classe média alta como por torcedores assumidamente ligados às comunidades de mais baixa renda da região, como o Coque.

Entretanto, outros espaços públicos locais detêm o caráter de congregação da torcida do Sport Clube do Recife, como é o caso Praça da Bandeira, um pequeno largo que dá acesso ao estádio, entre as avenidas Abdias de Carvalho e Prefeito Lima Castro e o complexo viário do túnel Chico Science e da ponte Professor Lima de Castilho. Nos dias de jogos, a concentração de torcedores nesse espaço, em frente aos portões de acesso, demarca o território pertencente ao clube ante os rivais.

O estádio, de dimensão média (trinta e sete mil torcedores) repete o modelo socioeconômico supracitado – se por um lado as cadeiras cativas e os camarotes se localizam nos pontos de melhor visibilidade e são parte do patrimônio dos sócios do clube, a arquibancada oposta, bastante inclinada, é o palco para massa das torcidas organizadas se apresentarem, inclusive às imagens de televisão (FIG. 71)⁷⁵.

202



⁷⁵ Podem-se ver exemplos dos relatos relativos à relação da torcida do Sport com o estádio da Ilha do Retiro nos seguintes endereços da Internet: <<http://www.youtube.com/watch?v=vuB8vPiYGA>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=Bb5QGnia-TM>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=vmH3miBaPxQ>> ; <<http://www.youtube.com/watch?v=fKleP5wp4pg>>

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 69– torcida do Clube Náutico Capibaribe nas arquibancadas do Estádio Eládio de Barros Carvalho (Aflitos) (disponível em < <http://dudabrama.wordpress.com/>>).



Figura 70– torcida do Santa Cruz Futebol Clube nas arquibancadas do Estádio José do Rego Maciel (Arruda) (disponível em < <http://www.coralnews.com.br>>).



Figura 71– torcida do Sport Club do Recife nas arquibancadas do Estádio Adelmar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro) (disponível em < <http://blog-das-torcidas.blogspot.com.br/>>).

A representatividade que os três clubes possuem, hoje, se deve à própria história de apropriação dos torcedores e da identificação com os seus lugares na cidade. Tal identificação – todos aqueles modos de torcer – é componente das idiossincrasias de cada clube, assim como suas cores ou seus gritos de guerra. Fazem parte do sistema de signos e de posturas que mantém a rivalidade local acirrada e a integra à própria identidade recifense.

203

Como dito acima, porém, nenhum dos três estádios existentes na cidade se enquadra nos modelos exigidos para uma Copa do Mundo.

Apresenta-se, então, a análise de um estádio do Recife diretamente ligado à sede social do seu clube e inserido em meio urbano já consolidado: nomeadamente, o estádio dos Aflitos, do Náutico⁷⁶. Neste caso, pode-se perceber o número restrito de acessos e a proximidade entre todos eles, mesmo quando são destinados a distintas categorias de usuários –sócios, imprensa e público em geral, apesar do privilégio da coberta e de assentos ser somente oferecido à primeira delas (FIGs. 72 e 73). O grafo justificado representa, simplificadamente, a configuração espacial da condição de uso encontrada pelo seu público torcedor (FIG. 74).

⁷⁶ Como dito, trata-se de um grafo simplificado. A intenção é representar o caso recifense a partir da sua organização espacial mais geral, como mostram as Figuras 73 e 74, e compará-la, diretamente, com o grau de complexidade da estrutura espacial atualmente exigida pela FIFA. Uma análise profunda da vida espacial e das configurações específicas dos três estádios tradicionais do Recife - e de vários outros do Brasil - é de suma importância como complementação posterior a este estudo e às pesquisas sobre futebol, sociedade e espaço como um todo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 72 – estádio dos Afilitos e entorno urbano imediato (fonte: imagem GoogleMaps)



Figura 73 – estádio dos Afilitos. Indicação dos setores: círculo branco sobre a sede social; localização assentos de sócios e cabines de imprensa em azul e zona perimetral em laranja. Seta verde indica o acesso dos jogadores e comissões técnicas; amarelas indicam os acessos dos sócios; e marrons o acesso do público geral. (desenho do autor sobre imagem GoogleMaps)

204

O sistema se caracteriza como raso e bastante anelarizado. Embora existam vários espaços de acesso – destinados a diferentes categorias de usuários, como sócios, torcedores comuns, imprensa e jogadores – fica nítida a possibilidade de encontros não programados entre os diversos públicos, ao menos no ritual de entrada nos estádios.

Um espaço que merece destaque é o que representa o acesso pela sede social do clube. Por ela, evidentemente, entram os sócios, mas também os convidados destes ou quaisquer outros representantes de categorias de públicos mais privilegiados.

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

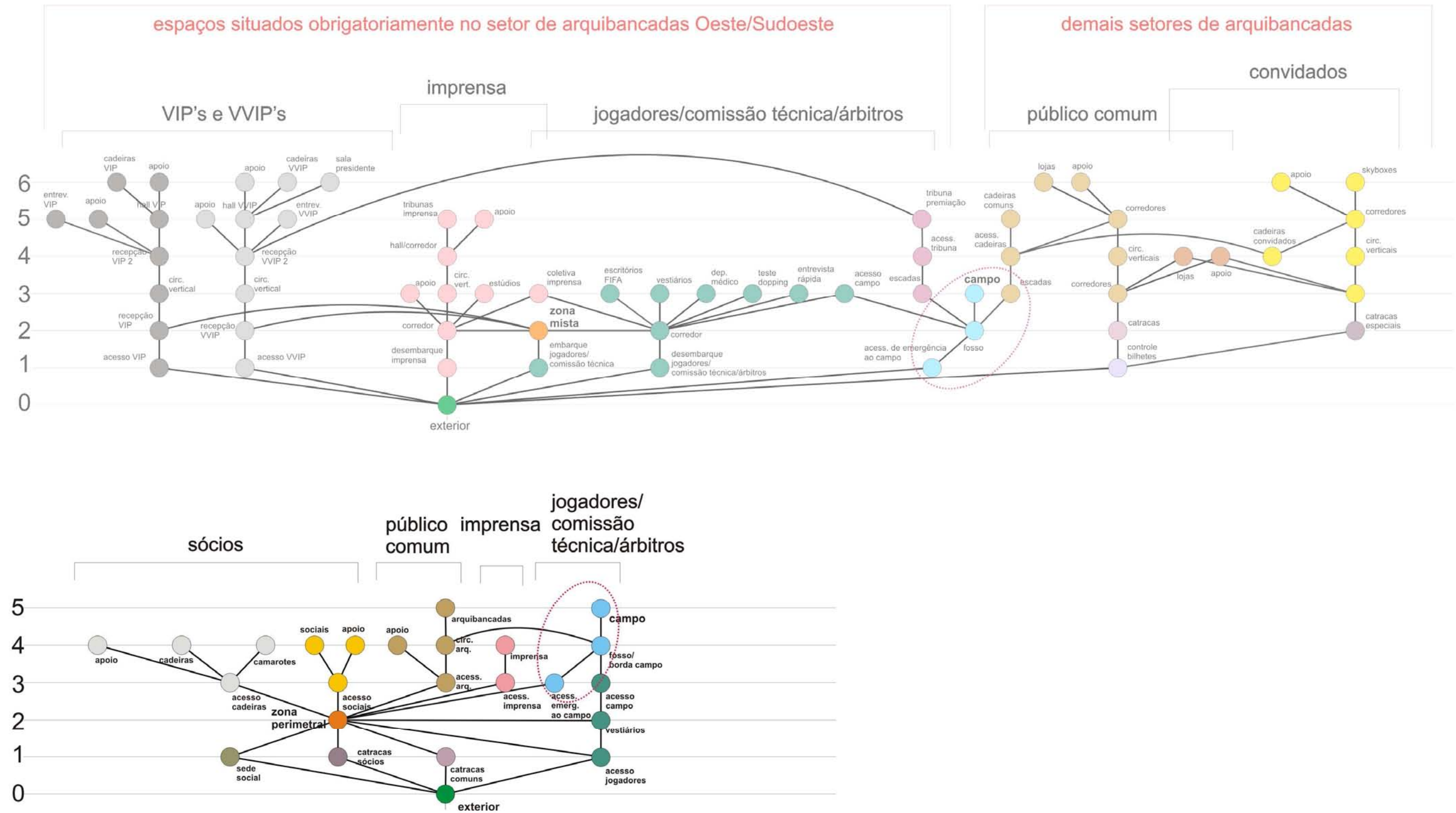


Figura 74 – grafo setorial da configuração espacial do estádio Eládio de Barros Carvalho (Aflitos) justificado a partir do exterior (abaixo, à esquerda) comparado ao grafo da configuração espacial de um estádio FIFA (acima) (desenho do autor)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A imprensa, culturalmente com privilégio de circulação, não tem um acesso exclusivo ao clube, embora tenha garantia de ocupar cabines próprias a ela destinadas. Mas não existe a zona mista, embora se saiba da existência de uma sala de entrevistas coletivas já disponibilizada⁷⁷.

Merece destaque a existência de um espaço que, na representação no grafo, convencionou-se chamar de “zona perimetral”, designando o espaço que circunda o estádio propriamente dito, mas que já está sob a posse e o controle do clube, separado da rua por muros ou grades.

A possibilidade de circular neste espaço e acessar outros que deveriam ser exclusivos – como o acesso às cadeiras de sócios ou mesmo aos vestiários – indica que o a estrutura de espaços não é suficiente para controlar e separar as diferentes categorias de indivíduos, levando, certamente, à necessidade do uso de sinalizações, barreiras, catracas, ou mesmo de agentes de segurança que complementem o funcionamento da instituição em um dia de jogo.

Por outro lado, cruzamentos de fluxos de distintos grupos, provocados pela pouca especialização do sistema, tendem a permitir um caráter mais generativo ao uso do edifício, trazendo uma maior proximidade entre as categorias de usuários e certa redução na noção de segregação ou diferenciação de status social. Sendo um sistema espacial menos restritivo, o processo de apropriação do conjunto edificado pelos seus usuários, ao longo da história do clube, termina por constituir um padrão de uso bastante particular, próprio da identidade do torcedor com o seu estádio.

206

No caso do estádio dos Aflitos, ainda, são vários os momentos em que a relação entre torcida e edifício – sociedade e espaço – se mostrou como manifestação desta construção de identidade. Não são raras as manifestações de desagrado de seus torcedores associadas a certas percepções de perseguição cultural ou preconceito do sistema central do futebol brasileiro com relação aos clubes pernambucanos, de menor força econômica. Considerando a centralização também das principais redes de televisão do Brasil nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, e o maior interesse dessas em concentrar seus investimentos na transmissão dos jogos dos clubes de maior

⁷⁷ Há de se levar em conta que uma série de adaptações e complementações vêm sendo feitas nos estádios tradicionais recifenses na tentativa de adequarem-se aos padrões mais recentes de utilização. A instalação de salas de entrevistas coletivas, por exemplo, um desses espaços não contemplados originalmente e adaptados mais recentemente.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

torcida nacional, existe uma desigual distribuição de cotas, mantendo a distância econômica entre os clubes maiores e os menores – garantindo a reprodução do status adquirido.

Nesse caso, parece que a identificação e o investimento simbólico é reforçado pela falta do capital financeiro. Alguns fatos recentes lembram tais questões. No campeonato brasileiro da série B de 2005, no dia 26 de novembro, a partida que ficou posteriormente conhecida como “A Batalha dos Aflitos” decidia a ascensão à série A no ano seguinte do Náutico ou do Grêmio, de Porto Alegre. Independentemente do resultado desfavorável ao Náutico, o jogo foi precedido de manifestações de natureza bairrista, como o hino do estado de Pernambuco sendo executado repetidas vezes e a associação da bandeira do clube à bandeira do estado – uma clara identificação do eventual sucesso do clube a uma afirmação cultural local ante um cenário nacional.

No campeonato brasileiro da Série A de 2008, após sofrer a punição de perda de mando de campo do estádio dos Aflitos por conta de uma conturbada expulsão de um jogador do time adversário no dia 14 de junho, o Náutico jogava contra o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, no estádio do Arruda. Considerando a punição exagerada e motivada por fatores de outra ordem – a presumida intenção de dificultar a campanha dos pernambucanos – a torcida local protestou usando narizes vermelhos postiços – em alusão a palhaços – e chegando até mesmo a vaia o hino nacional brasileiro quando executado antes do início da partida⁷⁸.

207

Mais recentemente, no campeonato brasileiro da Série A de 2012, após uma sequência de falhas de arbitragem que prejudicaram o clube em jogos precedentes, a torcida se manifestou no estádio dos Aflitos no dia 29 de setembro, na partida contra o Atlético Goianiense, utilizando uma faixa de tecido preto, com letras brancas de 40 m de comprimento com os dizeres “não irão nos derrubar no apito”, o que levou a uma atitude do árbitro da partida tida como autoritária: exigiu a retirada da faixa, recorrendo até à força policial, para dar início ao jogo, que se iniciou com atraso de vinte minutos. Além disso, houve a ameaça de nova punição, por parte do Supremo Tribunal de Justiça Desportiva, com sede no Rio de Janeiro (FIG. 75)⁷⁹.

⁷⁸ Tal fato é relatado em crônicas da época, como a de Milton Neto: “E este sentimento de revolta se fez presente no estádio (e em todo o Estado de Pernambuco). Infelizmente, sobrou até para o hino – que foi vaiado (lembro que o Sr. Procurador denunciou o timbu por atraso, por conta da execução do hino, na fatídica partida contra o Botafogo). Mas sobrou vontade da torcida para cantar ‘Ah, é Pernambuco’ e, principalmente, para gritar o ‘N-A-U-T-I-C-O’. Debaixo de muita chuva. Um dilúvio.” (NETO, 2012).

⁷⁹ Pode-se ver um registro de tal fato em < <http://www.youtube.com/watch?v=23S5MQXnzGE> >

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

No jogo seguinte, no dia 6 de outubro, o que se viu foi uma nova faixa onde se lia “liberdade de expressão”, só que, dessa vez, pendurada na fachada de um dos edifícios que circundam o estádio e que fica mais próximo de um dos lanços de arquibancada (FIG. 76).



Figura 75 – faixa de protesto na arquibancada frontal aos setores de imprensa no estádio dos Aflitos, em 29 de setembro de 2012. (fonte: Gazetnet/Simone Vilar)



Figura 76 – faixa de protesto em edifício vizinho ao estádio dos Aflitos, em 6 de outubro de 2012 (fonte: Lancepress/ Carneiro)

A falta de controle e mapeamento dos torcedores, o domínio no uso dos espaços com objetivos particulares e a própria relação com o seu contexto urbano imediato favoreceram tais ações. Em um estádio concebido como uma “arena panóptica”, como diria King (1998), tais eventos seriam menos espontâneos, menos prováveis de ser organizados ou facilmente coibidos. Em outras palavras, questões de ordem social que envolvem o futebol – mas que extrapolam o seu lado técnico, desportivo – talvez não tivessem acontecido e não comporiam a história emocional de luta e paixão dos adeptos ao clube.

Mas, diante da provocação advinda do mundial da FIFA, porém, o governo estadual decidiu pela construção de um novo estádio, independente dos três maiores clubes. Com mais de quarenta e seis mil lugares, está em fase final de execução no município de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife (RMR), totalmente à parte de qualquer bairro tradicional da cidade. Em verdade, é proposta uma nova zona urbana, advindo de um projeto urbanístico completo para o ordenamento da expansão territorial dos municípios da zona Norte da RMR⁸⁰ (BRANDÃO; MORIEL, FREIRE, 2012).

⁸⁰ O próprio autor desta tese participou da equipe formada no Núcleo Técnico de Operações Urbanas do Governo Estado de Pernambuco para desenvolver os estudos urbanísticos que viabilizariam a seleção do Recife como um dos palcos do torneio de 2014 ainda à época do processo de candidatura das cidades brasileiras a subsedes da Copa FIFA, entre 2007 e 2008.

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O Náutico, inclusive, até o momento da conclusão da tese, aponta para uma parceria com os investidores do novo estádio para a Copa de 2014 para mandar todos os seus jogos no novo edifício em troca de uma quantia fixa mensal decorrente da renda de público. Também se aventa uma possível troca do terreno do estádio dos Aflitos, localizado em uma área nobre do Recife, com interesse do mercado imobiliário de habitação da cidade, por novos edifícios com unidades que o clube poderia futuramente arrendar.

Tal decisão, pode-se dizer, levou à decisão do Sport em ter também a sua própria arena de padrão internacional, um outro edifício novo, substituindo o atual estádio. Muito provavelmente, esse novo estádio seguirá os mesmos moldes dos demais estádios para a Copa de 2014, sendo fiel ao caderno de encargos da FIFA, embora se mantenha localizado na sua mesma área urbana tradicional.

5.2 Os projetos para o Brasil

209

Entendendo-se já qual o cenário do futebol no Brasil, tal como vem se apresentando até os tempos atuais, imediatamente antes da Copa de 2014 e do seu torneio precedente – a Copa FIFA das Confederações, de 2013 – cabe, agora, apresentar quais os edifícios que serão entregues às subdesdes do país para receber tais eventos.

Para tal, cada um dos projetos de estádios será descrito e analisado, e, posteriormente, comparado com a condição brasileira – para se compreender como fatores de ordem social se relacionam com a arquitetura oferecida de modo a se constituírem as particularidades dos edifícios. Em particular, será observado como as suas propriedades de forma se relacionam com as propriedades espaciais impostas pelo modelo da FIFA apresentado acima, para construir o tipo estádio contemporâneo.

Como base para as descrições e análises, foi utilizado, preponderantemente, o material gráfico disponível em páginas de divulgação na Internet. Além do material oficial ser de difícil acesso – os autores e as construtoras normalmente possuem cláusulas de sigilo em seus contratos – há um interesse previamente declarado neste estudo de analisar as representações gráficas mais gerais de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

plantas e seções – uma vez que a tecnologia construtiva não é o foco – e imagéticas, representações de perspectivas com aplicação de cores e texturas, voltadas a simular os volumes e seus aspectos formais mais apelativos plasticamente.

Além disso, dadas as rígidas exigências da FIFA quanto ao funcionamento do estádio, a estrutura espacial já é definida em seu caderno-guia de projetos, tendo sido já caracterizada previamente nesta tese. Compreende-se, assim que a configuração espacial é utilizada genericamente pelo tipo, só variando, basicamente, nas suas dimensões (capacidade dos estádios).

A seguir, apresenta-se um resumo das condições e previsões dos exemplares brasileiros que deverão receber o evento da Copa e, a cada descrição de cada projeto, uma análise da relação que se estabelece entre as propriedades do tipo, conforme descritas acima, e as soluções de forma nos dois graus discutidos no Capítulo 3 – deverão se identificados aspectos tanto ligados ao arranjo geométrico mais primário dos edifícios como aspectos de sua percepção plástica gestaltica.

Os parâmetros de análise da forma deverão ser baseados na identificação de alguns elementos básicos e mínimos componentes da estrutura física edificada dos exemplares.

210

Como representação do primeiro grau da forma, serão sintetizados, graficamente, os arranjos planimétricos horizontais dos edifícios, ressaltando as relações de adjacência entre os conjuntos de arquibancadas e o campo de jogo, bem como a sua geometria. Genericamente, os arranjos básicos possíveis são poucos, permitindo, desde já, se definir uma coleção de subtipos da composição quando representados por uma planimetria horizontal esquemática. Isso é possível porque as opções de disposição dos elementos de arquibancada são definidas pela própria geometria do campo de jogo – retangular – e a regra do esporte, que prevê duas equipes defendendo uma meta em cada um dos menores lados do retângulo e atacando o adversário justamente no lado oposto – e a exigência básica ao texto-modelo do estádio que é permitir ao público a visualização da partida.

A primeira possibilidade de disposição é de distribuir as arquibancadas ao longo dos lados maiores do retângulo do campo de jogo – que permite visualização mais equiparada dos dois lados do campo. A segunda seria ocupar os lados menores – que seria opção secundária por não

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

permitir tanta equiparação de visualização, uma vez que um dos lados do campo fica bem mais próximo (na verdade, adjacente) que o outro.

A última opção possível, portanto, é ocupar as esquinas geradas pelas ocupações prévias, condição que permite uma visada do jogo em diagonal. Além desses arranjos outros elementos de potencial destaque em seu resultado estereotômico, como elemento a ser disposto de modo expressivo no conjunto são os blocos de circulação vertical, que podem estar encerrados ou não pelo envelope, mas que, quando se manifestam como volumes, tendem a se distribuir simetricamente ao redor do perímetro dos edifícios.

Os esquemas abaixo mostram como as soluções de arranjo se apresentam entre os projetos de estádios em geral, inclusive aqueles em acordo com o que é recomendado pela FIFA. A variação é quanto à quantidade de arquibancadas ou à geometria que o volume final adquire enquanto planimetria horizontal. As relações entre os elementos principais – campo, arquibancadas, espaços destinados a jogadores – se mantêm (FIG. 77).



Figura 77 – representação previsiva das possíveis variações na geometria da planimetria horizontal dos estádios contemporâneos a partir da organização dos setores de arquibancadas e das circulações verticais (círculos em vermelho, nos exemplos mais à direita) (desenhos do autor).

Além desses arranjos em si, cabe compreender como eles se acomodam ao terreno de implantação – pois, considerando que serão objetos edificadas para serem percebidos do exterior,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

o modo como se assentam sobre o piso pode ser determinante do seu aspecto final – e, diretamente, na altura perceptível e na disposição dos seus acessos.

O modo como os pontos de acesso podem ser atingidos é variável, podendo se dar diretamente do nível do terreno – quando o campo se encontra em uma cota mais baixa – ou podem ser criados embasamentos circundantes que já elevem o usuário ao nível da entrada, ou podem, ainda, ser utilizados elementos pontuais de circulação vertical, como escadas ou rampas – como já eram destacados na planimetria horizontal discutida acima.

Do mesmo modo que se previram alguns arranjos possíveis para a disposição das arquibancadas, também se pode antever alguns casos de implantação do edifício, conforme indicam os esquemas gráficos abaixo, exibindo as possíveis seções verticais do estádio (FIG.78)

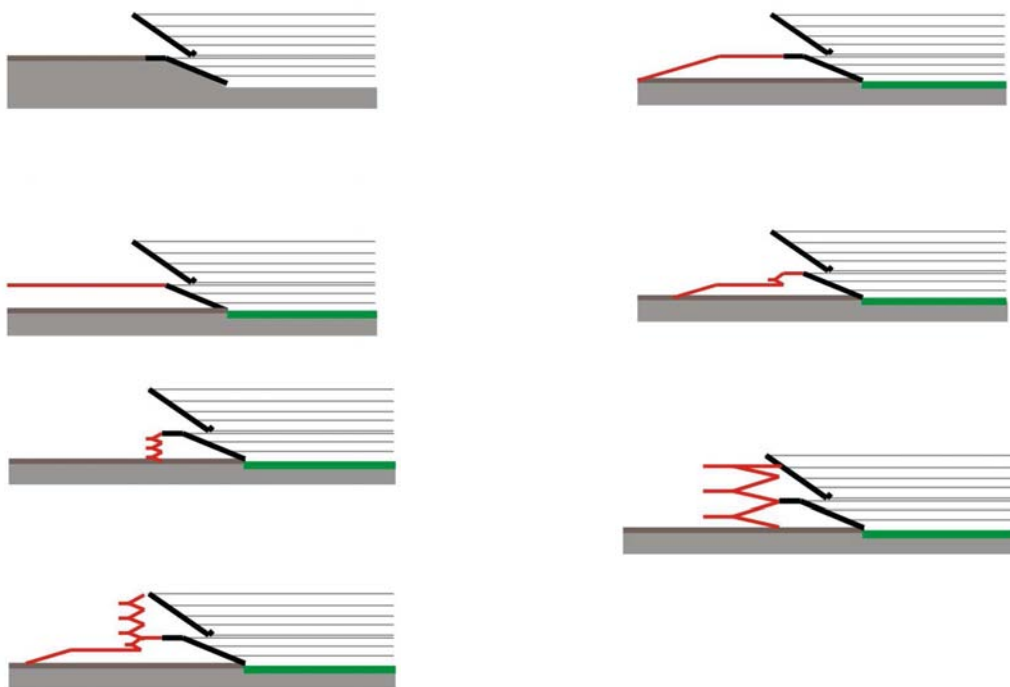


Figura 78 – representação previsiva de seções das possíveis variações na geometria da planimetria vertical dos estádios contemporâneos a partir da relação entre as arquibancadas e os seus possíveis meios de acesso (em vermelho) (desenhos do autor).

Também se descrevem a relação entre esse arranjo de primeiro grau e os elementos do segundo grau da forma, ou seja, a superfície envolvente, o envelope, representando também em

O edifício gadget

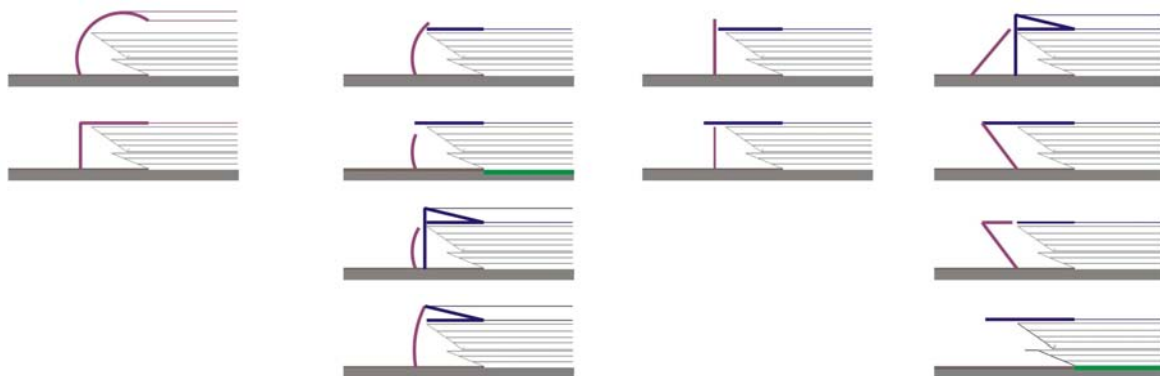
Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

planimetria vertical como os dois se sobrepõem – permite-se, assim, a compreensão de como a geometria do volume do edifício, conforme percebido a partir do exterior, relaciona-se com a geometria dos elementos estruturais centrais à composição, tornando possível perceber quais preponderantes são os elementos de primeiro e de segundo grau na definição da *gestalt* dos objetos.

Há ainda que se ressaltar, em cada caso, como as superfícies de fechamento vertical dos edifícios, dos seus envelopes, se relacionam com os planos horizontais de cobertura – se se percebem como elementos separados ou como uma superfície única e contínua. No primeiro caso, as relações de tectônica seriam prevalentes, enquanto que, no segundo, a percepção estereotômica se sobrepõe.

Também os arranjos básicos entre envelope e cobertura podem ser antecipados de modo esquemático pela representação gráfica proposta abaixo (FIG. 79).



213

Figura 79 – representação previsiva de seções das possíveis variações na geometria da planimetria vertical dos estádios contemporâneos a partir da relação entre os envelopes (em roxo) e as cobertas (em azul) (desenhos do autor).

Da combinação das representações esquemáticas das disposições planimétricas horizontais de arquibancadas e de envelopes e das seções verticais de implantação e acessos e da relação entre envelopes e cobertas, então, pode-se ter uma caracterização morfológica dos exemplares que permite uma posterior comparação sintética, a título de análise de suas características formais de modo objetivo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas, uma vez que se tratam de projetos, as análises serão baseadas essencialmente em imagens, as descrições discorrerão, complementarmente, também, sobre como se percebem os edifícios visualmente – propriedades plásticas como cor e textura, quando relevantes, serão apontadas.

Mas os projetos serão descritos não só como forma e plástica, mas também a partir de dados de origem contextual. São indicados a autoria e ano de concepção, a propriedade (pública ou privada), cidade ou região de localização, contexto do futebol no local de implantação – tradição, existência de campeonatos locais expressivos e número de clubes disputando uma das três divisões do campeonato nacional de acordo com dados estatísticos e informações recentes da Confederação Brasileira de Futebol (IBOPE, 2003; DAMO, 2007, p. 59; LANCENET, 2012; CBF, 2013) – e relação de uso ou propriedade dos edifícios com algum dos clubes locais.

E, por fim, procura-se identificar a relação da denominação dos exemplares com sua expressão simbólica. Serão identificadas eventuais associações de discurso e nomenclaturas dados aos edifícios com referências culturais visuais externas (como “ninho de pássaro”, por exemplo). Sempre que houver destaque para tal, se levará em conta o nome de batismo popular dado ao estádio e possíveis elementos utilizados para além das variáveis apontadas com intenção de construção de alguma referência ou imagem culturalmente reconhecível – cor, texto, materiais específicos, etc. e quando os edifícios adquirem prévia e deliberadamente uma função de símbolo cultural.

214

As descrições e análises dos doze estádios brasileiros, em cada estado selecionado, segundo os critérios apontados acima, seguem abaixo, separadas em dois grandes grupos, conforme o caso de terem sido produto de adaptações de edifícios existentes ou projetos originalmente novos:

5.2.1 Novos estádios a partir de adaptações de edifícios pré-existent

Ceará

Em Fortaleza (CE), será utilizado o estádio Governador Plácido Castelo (o “Castelão”), que possui, hoje, cinquenta e oito mil lugares. Para a Copa, este número será de sessenta e sete mil assentos numerados para torcedores no projeto de Vigliecca & Associados – Hector Vigliecca,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Luciene Quel, Ronald Fiedler, Neli Shimizu e Paulo Eduardo da Serra. As principais obras previstas para o estádio são a cobertura de todos os assentos, a construção de um estacionamento subterrâneo com 4.200 vagas e aproximação da arquibancada inferior, em 20 metros, em relação ao campo. Além disso, o projeto prevê uma nova área com shopping center, cinemas, restaurantes e hotel. O edifício contará ainda com camarotes climatizados, vestiários, camarins-suítes e bares panorâmicos, além de novas medidas de segurança e melhora na oferta de cabines para a imprensa (SINAENCO, 2010).

A cidade possui dois clubes tradicionais principais, com participação tanto em termos de representação de seus torcedores como em participação nos campeonatos nacionais, o Ceará Sporting Club e o Fortaleza Esporte Clube, mas o estádio é, originalmente, público.

Para a implantação no terreno, nota-se a inserção de embasamento no exterior para acomodação do estacionamento e permitir acesso de pedestres na cota intermediária das arquibancadas (FIG. 82). Tanto em planta como na leitura do volume do conjunto a partir do exterior, percebe-se a repetição da geometria típica do padrão FIFA, com a disposição das arquibancadas paralelamente aos lados do retângulo do campo e complementação das esquinas de modo abaulado (FIGs. 80 e 81).

215

As superfícies de fechamento vertical são independentes das circulações periféricas e da estrutura das arquibancadas. A coberta percebida visivelmente como um anel independente de superfície associada ao suporte de mastros verticais da estrutura aparente, dissociados da pele de revestimento vertical (FIG 82).

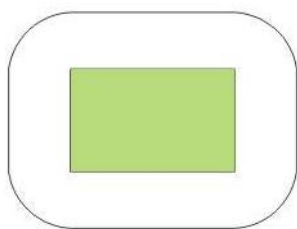


Figura 80– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Fortaleza

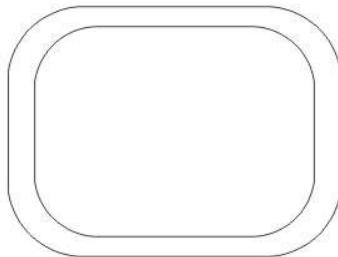


Figura 81– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Fortaleza

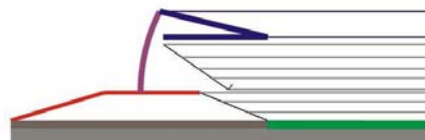


Figura 82– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Fortaleza

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Entretanto, há um destaque para as estruturas verticais em treliças metálicas que suportam a cobertura. Elas se apresentam em ritmo constante de disposição, chegando a remeter aos estádios brasileiros mais antigos com suas costelas de concreto aparente – embora agora sejam de um outro material e função estrutural e se prolonguem para além da altura do volume principal, indicando uma tentativa ressaltar linhas verticais delgadas em contraposição à grande massa compacta horizontal da “tigela” (FIG. 82).

Por conta disso, terminam ganhando destaque, também, os tirantes da cobertura que se fixam a tais pilares, gerando uma profusão de linhas oblíquas. A cobertura em si, por sua vez, é bem menos ressaltada.

A composição faz uso de dois revestimentos principais para o fechamento do volume do edifício – a pele de vidro e grelha metálica. Aquela se apresenta em paralelo àqueles que seriam os maiores lados do campo de jogo, como gomos que se encaixam entre os pilares metálicos da cobertura, ressaltando uma fragmentação em uma sequência de volumes espelhados.

216

Já esta, aparece mais recuada, posicionada posteriormente aos mesmos pilares, como se demarcassem um volume menos expandido que o outro (FIGs. 83, 84 e 85).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 83, Figura 84 e Figura 85– imagens do projeto de Fortaleza, Ceará, para o estádio Castelão, Vigliecca Associados (fonte: Vigliecca Associados, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

218

Distrito Federal

Em Brasília (DF) será utilizado o estádio Mané Garrincha, construído em 1974. Sendo mais recente, o edifício conta com um complexo esportivo com vestiários, sala de fisioterapia, central médica, alojamento, restaurante e academias. No entanto, após a reforma, apenas a arquibancada superior será mantida. O edifício deixará de ser do padrão “olímpico” para se tornar uma arena multiuso, terá suas arquibancadas inferiores substituídas e mudará o nome para Estádio Nacional de Brasília.

O projeto original podia acolher 45 mil pessoas, tendo cobertura apenas no setor de cadeiras. Na reforma programada, vai aumentar sua capacidade para mais de setenta e um mil lugares (sessenta mil lugares aos torcedores e onze mil à imprensa, personalidades, staff e convidados). Além de alterações no gramado e nas arquibancadas, o estádio ganhará a cobertura de todas as cadeiras e um setor para lojas e empreendimentos comerciais. Para o acesso, serão construídas doze rampas. Arquitetos: Eduardo e Vicente de Castro Mello (SINAENCO, 2010).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

O estádio é público e a cidade de Brasília só conta com um clube figurando em campeonatos nacionais – o Brasiliense Futebol Clube – mas sem expressão em termos de torcida.

Em planta, percebe-se a repetição da geometria típica do padrão FIFA, com a disposição das arquibancadas paralelamente aos lados do retângulo do campo e complementação das esquinas de modo abaulado (FIG. 86).

Na intervenção para 2014, percebe-se uma expansão do volume edificado, com a inserção de um anel externo ao conjunto original. O edifício será parcialmente enterrado, e o sistema de circulações verticais por rampas e os acessos fica suspenso em meio a um anel periférico definido por uma colunata circular de suporte, com pé-direito equivalente à altura total das arquibancadas e que gera um espaço hipostilo através do qual se permite o acesso de pedestres na cota intermediária das arquibancadas (FIG. 88).

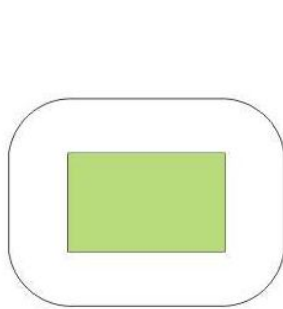


Figura 86 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Brasília

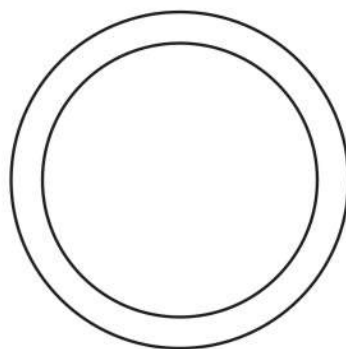


Figura 87 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Brasília

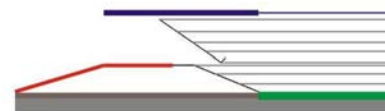


Figura 88 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar de Brasília

A nova cobertura do estádio que, como uma lâmina circular, cobre toda a sua ocupação, somente mantendo uma grande perfuração central sobre o campo de jogo como um anel translúcido, mostra-se de modo independente da estrutura das arquibancadas e também se apóia naquela colunata (FIG. 87).

Esse espaço sombreado exterior delimita o volume circular do edifício, cria uma fachada mais verticalizada ao nível do observador, ao mesmo tempo que remete a um tom monumental

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

compatível com a nova categoria de Estádio Nacional e à própria arquitetura dos edifícios governamentais da Capital Federal (CURI, 2012). Este perfil circular final, portanto, se percebe independentemente da conformação do arranjo de arquibancadas, como exigem as curvas de visibilidade do padrão FIFA (FIGs. 89, 90 e 91).



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

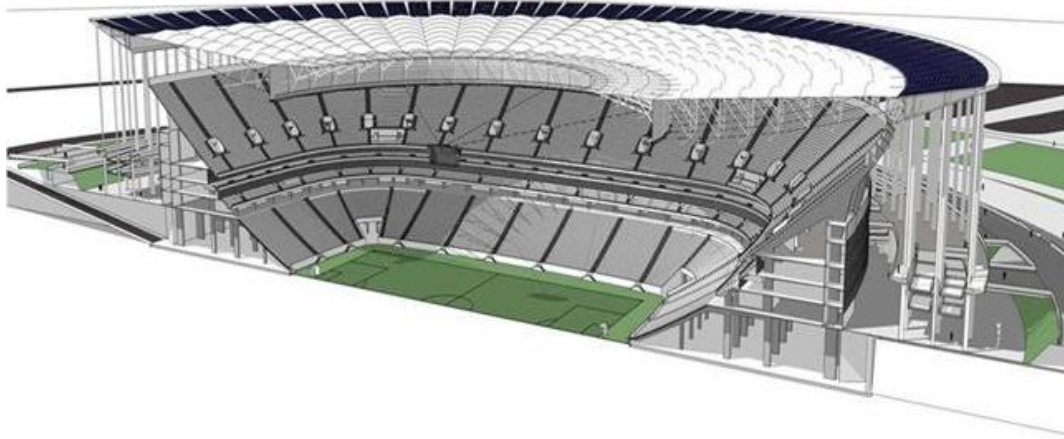


Figura 89, Figura 90 e Figura 91 – imagens do projeto de Brasília, Distrito Federal, para o estádio do Nacional Mané Garrincha, Castro Mello Arquitetura Esportiva (fonte: Castro Mello Arquitetura Esportiva, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Minas Gerais

Em Belo Horizonte (MG), será utilizado, o Estádio Governador Magalhães Pinto (o “Mineirão”), projeto originalmente dos arquitetos Eduardo Mendes Guimarães e Gaspar Barreto, foi construído em 1965 para ser o mais moderno possível e comportar cem mil pessoas. É ordenado formal e espacialmente segundo o padrão típico dos maiores estádios de futebol brasileiros – planimetria horizontal ovalar, composição determinada pelo ritmo constante de pilares de concreto armado como costelas em “L” deitadas suportando tanto as arquibancadas como a cobertura. A valorização da expressividade específica da maleabilidade plástica do concreto armado pode ser associada a sua proximidade locacional com o conjunto da Pampulha e cronológica com a conclusão de Brasília, ambos projetos de Oscar Niemeyer, arquiteto referencial à produção brasileira da época. Sua configuração formal externa é tombada pelo Conselho de Patrimônio Histórico de Belo Horizonte.

Belo Horizonte possui três clubes com torcida local representativa e participantes de campeonatos nacionais: o Cruzeiro Esporte Clube, o Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube. O estádio, entretanto, é originalmente público.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Após a reforma para a 2014, terá capacidade para mais de setenta e quatro mil pessoas. Além de mudanças nos acessos e nos padrões de conforto e visibilidade das arquibancadas, o estádio será transformado em um complexo cultural, esportivo e de lazer. No interior, intervenções como: rebaixamento do gramado em 3,5 metros, construção de camarotes e uma nova cobertura feita de metal e membranas de policarbonato para a arquibancada. O projeto ainda prevê pavimentos subterrâneos com espaço para shopping centers, centros comerciais, área de eventos, equipamentos culturais, hotéis e estacionamentos. Arquiteto: Gerkan Marg und Partner (GMP)/Gustavo Penna (SINAENCO, 2010).

É prevista a execução de uma ampla esplanada de 80 mil m² circundando o estádio – um embasamento no exterior para adaptação às variações de topografia do terreno – que, além de servir como zona de dispersão da multidão e funcionar com vários indutores de rota e pontos para filtragem dos diferentes públicos antes que estes cheguem às entradas do edifício na cota intermediária das arquibancadas, deverá ordenar o acesso a partir da rua e comportar sob si o estacionamento externo, em uma cota mais baixa que o terreno onde se assenta o estádio (FIG. 94).

222

O estádio, como volume edificado, visto do exterior, ao nível do observador humano, aparenta manter as características originais, como seria esperado, haja vista a manifestação de interesse de proteção oficial pública desta sua propriedade pelo tombamento.

Entretanto, em vistas de voo de pássaro, é possível perceber a inserção da nova coberta translúcida, não só como prolongação da anterior como também a sua inserção entre os segmentos horizontais das costelas de concreto armado, denotando uma substituição completa deste elemento pelo novo, visivelmente distinta da estrutura original de concreto aparente e, inclusive, independente estruturalmente, como se pode perceber nas seções transversais do projeto (FIG. 94).

Além disso, sofrerá transformações espaciais totais, pois as arquibancadas e os ambientes especializados – seja para transmissão dos jogos, seja para a realização das partidas em si, teriam que ser completamente novas para se adequarem às exigências dos encargos da FIFA, embora mantenham a geometria ovalar do edifício original (FIGs. 92 e 93).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

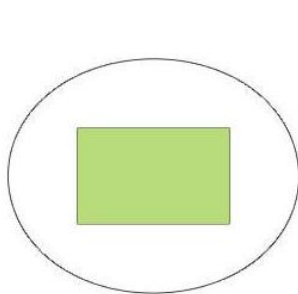


Figura 92 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Belo Horizonte

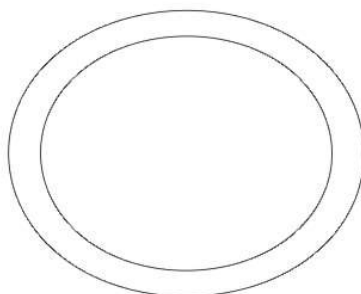


Figura 93 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Belo Horizonte

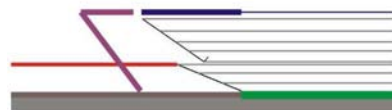


Figura 94 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Belo Horizonte

O envelope é constituído pela estrutura de concreto aparente original, que suporta os planos horizontais de circulação periférica. Enquanto que as arquibancadas inferiores se apresentam como estruturas novas, independentes, as superiores ainda se amarram às costelas de concreto originais, fazendo com que estas tenham agora uma função estrutural parcial, diferentemente do que ocorria antes, quando sua expressão formal estava associada ao destaque da sua função de suporte de todos os demais elementos (SINAENCO, 2012) (FIGs. 95, 96 e 97).

223



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 95, Figura 96 e Figura 97– imagens do projeto de Belo Horizonte, Minas Gerais, para o estádio do Mineirão, BCMF Arquitetos (fonte: BCMF Arquitetos, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Paraná

Em Curitiba (PR), será utilizado o Estádio Joaquim Américo Guimarães, do Clube Atlético Paranaense, único dos existentes que já que tem características multiuso. Apelidado de Arena da Baixada, o edifício foi construído em 1924, mas reinaugurado em 1997. Considerado o estádio mais moderno do Brasil até o aporte dos novos edifícios para 2014, o estádio receberá poucas

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

modificações para a Copa. Já possui vinte um mil assentos e é equipada com vestiários, camarotes, camarins para shows e sistema de segurança, com mais de 200 câmeras. Na reforma para a Copa, seus anéis receberão novos assentos, elevando a capacidade para quarenta e uma mil pessoas. Além disso, receberá melhorias devem ser feitas nas áreas VIP, salas de imprensa e estacionamentos além de alterações na cobertura, melhoria da iluminação, eliminação de pontos cegos e dos fossos e a abertura de novas saídas, nas esquinas do estádio. Arquiteto: Carlos Arcos – Vigliecca Associados (SINAENCO, 2010).

Tem a peculiaridade de ser um estádio pertencente a uma clube, o Clube Atlético Paranaense. Porém a cidade ainda conta com outros dois clubes participantes de campeonatos nacionais e com torcida: o Coritiba Football Club e o Paraná Clube.

Com relação à disposição das arquibancadas, o edifício seguirá estritamente o tipo FIFA, com os quatro lanços voltados a cada lado do campo de jogo e mais a ocupação das esquinas, arrematadas em planta com curvas onde seriam os vértices. Porém, como volume final, apresenta-se exteriormente prismático. Para tal solução, o projeto é resolvido como se fosse encaixado em outro volume prismático maior, com os espaços de circulação e de apoio ao programa desportivo são acomodados entre as arquibancadas e os planos verticais definidores das empenas. De tal modo, não se filia ao aspecto de tigela (o “bowl”) nem se vale da geometria irregular, pelo contrário, poderia ser confundido com um edifício institucional voltado a qualquer outro programa, dada a sobriedade. As seções verticais só reforçam tal entendimento (FIGs. 98 e 99).

225

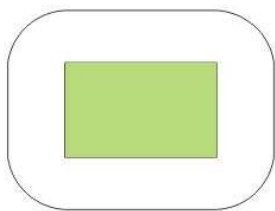


Figura 98 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Curitiba

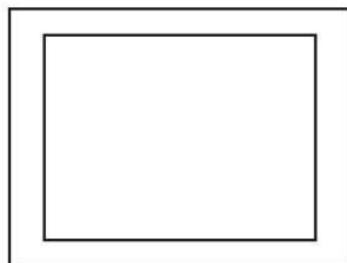


Figura 99 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Curitiba

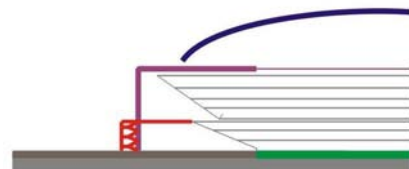


Figura 100 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Curitiba

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A modulação regular dos níveis só se diferencia de um edifício empresarial convencional pela inclinação exigida pelas arquibancadas, enquanto que a percepção é reforçada, inclusive, pela possibilidade de se identificar os volumes menores componentes do conjunto como um todo, seja o corpo de circulações verticais, como um prisma estreito e alto justaposto ao volume central das arquibancadas (FIG. 100). As linhas retas, os volumes simples e bem definidos e os extensos panos envidraçados poderiam ser facilmente associados a uma linguagem próxima ao modernismo.

Destacam-se como elementos distintos da tendência formal geral da composição do edifício os grandes arcos em treliças metálicas usados para vencer os vãos por sobre as arquibancadas e atirantar a cobertura – mesma solução utilizada vários outros projetos com características mais tipicamente denotadoras do edifício desportivo – e o volume de um anexo voltado a atividades comerciais, também prismático, mas com cobertura ondulada, contrastante com a sobriedade do volume principal (FIGs. 101, 102 e 103).



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

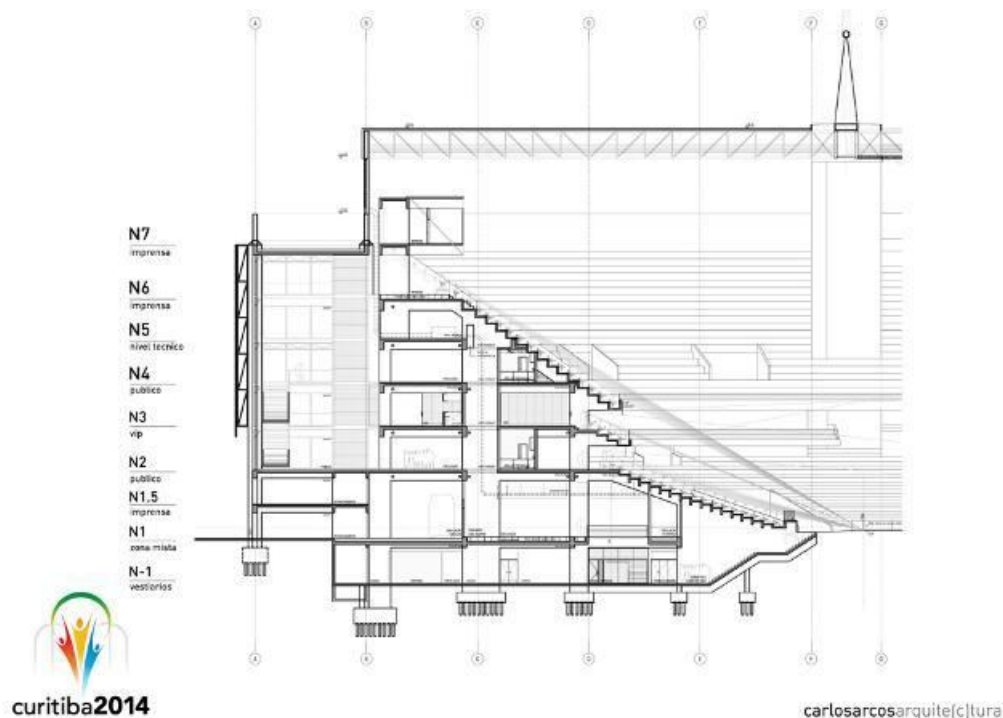


Figura 101, Figura 102 e Figura 103– imagens do projeto de Curitiba, Paraná, para o estádio da Arena da Baixada, Carlos Arcos Arquite(C)tura (fonte: Carlos Arcos Arquite(C)tura, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro (RJ) fará uso do estádio Jornalista Mario Filho, ou estádio do Maracanã. Embora já possuísse suas arquibancadas dotadas de cadeiras, foi necessário que fossem substituídas para enquadramento nos novos padrões internacionais, além de uma nova cobertura no estádio e construção de um estacionamento com três mil e quinhentas vagas. Ainda foi necessário corrigir as curvas de visibilidade prejudicadas nas primeiras fileiras atrás das cabines, refazer sistemas de acesso para portadores de necessidades especiais, e reformar os sanitários. A capacidade final será de setenta e seis mil torcedores. Arquiteto: Antônio Carlos Saraiva/Castro Mello (SINAENCO, 2010).

Exemplar paradigmático para a arquitetura dos estádios de futebol no Brasil, o projeto original definia um grande volume oval marcado verticalmente pelos tradicionais pilares em concreto aparente. O conjunto era complementado por longas passarelas que marcavam os percursos de acesso ao estádio – mantidas na intervenção. Internamente, era célebre por possuir um setor chamado “geral”, onde se assistia ao jogo de pé, pagando-se um menor preço.

228

Sendo um estádio originalmente público, atendia aos confrontos dos quatro principais clubes da cidade: o Clube de Regatas Flamengo, o Fluminense Football Club, o Club de regatas Vasco da Gama e o Botafogo de Futebol e Regatas. Entretanto, a cidade do Rio de Janeiro ainda conta com uma quinta equipe com participação recente em campeonatos nacionais, o Madureira Esporte Clube.

Tal qual o estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, o Maracanã é tombado como patrimônio histórico. O exemplar do Rio de Janeiro, porém, tem tal grau de proteção instituído a nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Com tal restrição, as suas características formais não deveriam ser alteradas. Entretanto, para que atingisse o padrão FIFA, as arquibancadas antigas, assim como a geral, tiveram de ser totalmente abolidas (embora a geometria ovalar original tenha sido repetida), e novas circulações externas acrescentadas (FIGs. 104 e 105).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

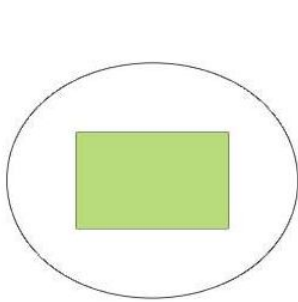


Figura 104– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar do Rio de Janeiro

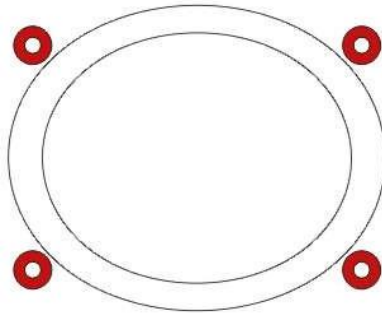


Figura 105 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar do Rio de Janeiro

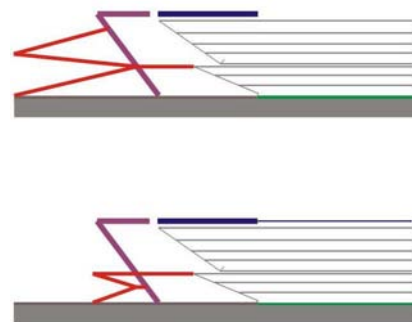


Figura 106– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar do Rio de Janeiro

A nova cobertura, suspensa por uma estrutura montada em anéis concêntricos – um projeto específico do escritório alemão Schlaich Bergermann und Partner (SBP) – é visivelmente distinta da estrutura original. No novo projeto para 2014, dos elementos de concreto aparente só sobraram, do projeto original, as estruturas de concreto armado periféricas e as longas rampas exteriores. Entretanto, não sendo mais constituintes do suporte às arquibancadas e, dado o novo sistema estrutural da cobertura, é um conjunto agora praticamente independente.

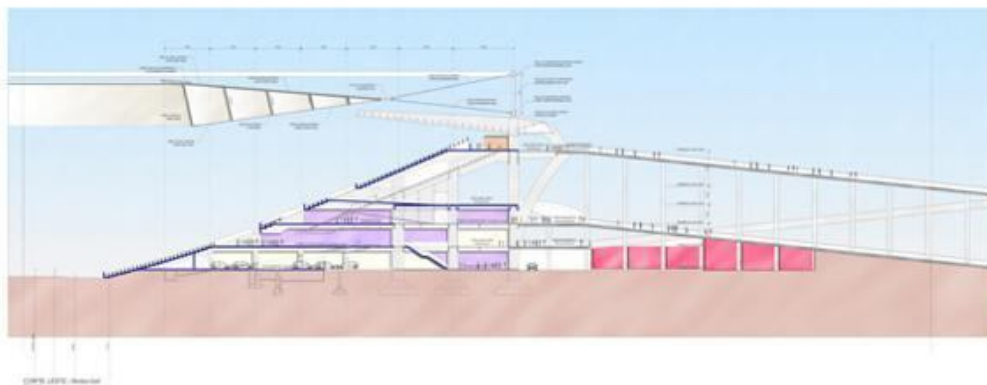
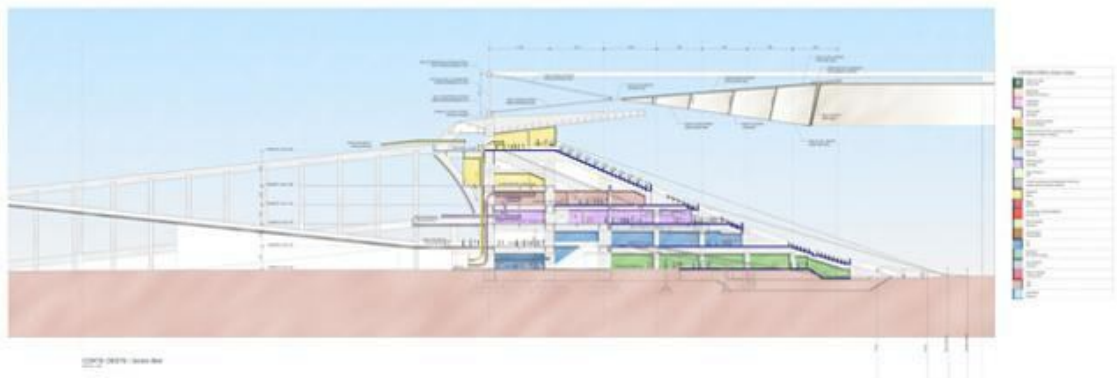
A estrutura de concreto armado do Maracanã termina por se tornar, assim, uma pele, a casca que dá unidade visual ao volume do edifício (FIG. 106). Para além do envelope, percebe-se o novo sistema de rampas complementares como elementos volumétricos agregados, fazendo com que o acesso de pedestres alcance a cota intermediária das arquibancadas (FIGs. 107, 108 e 109).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 107, Figura 108 e Figura 109– imagens do projeto do Rio de Janeiro para o estádio do Maracanã, Emop e Schlaich Bergermann und Partner (SBP) (fonte: Emop, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Rio Grande do Sul

Porto Alegre (RS) utilizará o estádio José Pinheiro Borda, conhecido como o Gigante da Beira-Rio, pertence ao Sport Club Internacional. O projeto de reforma procura aproveitar ao máximo a estrutura já existente do estádio. Entre as poucas intervenções, estão: qualificação dos acessos, construção de uma cobertura total para o complexo, a reforma e ampliação da arquibancada inferior com a adequação das curvas de visibilidade das arquibancadas, construção de camarotes e reformulação interna (administração, tribuna principal, restaurantes etc. e áreas melhor qualificadas para imprensa e convidados VIP). A capacidade será aumentada de cinquenta e seis mil para sessenta mil lugares. Arquitetos: Fernando Balvedi, Gabriel Garcia e Mauricio Santos (Hype Studio) (SINAENCO, 2010).

231

É outro estádio com a particularidade de ser pertencente a um clube, mas a cidade ainda possui outro representante, o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

O sistema de circulações verticais se posiciona entre as estruturas de arquibancadas e o envelope, fazendo o acesso de pedestres a partir do nível do chão (FIG. 112). Os sistemas de circulações verticais e horizontais e os espaços com programas de apoio ao campo de jogo são complementados de modo bastante parcimonioso em termos de arrojo formal e unificados pelo lançamento de um reguado ou pérgola horizontal circundando todo o volume oval do edifício (FIGs. 110 e 111).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

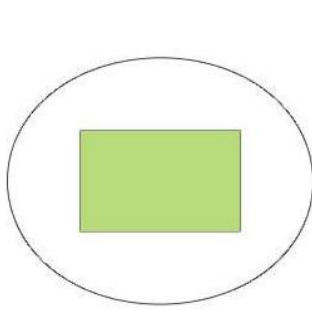


Figura 110– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Porto Alegre

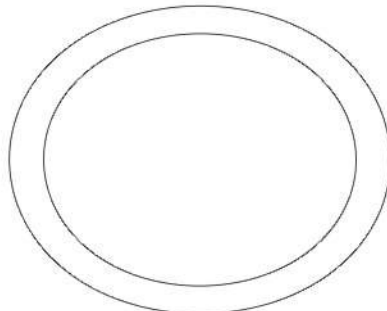


Figura 111– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Porto Alegre

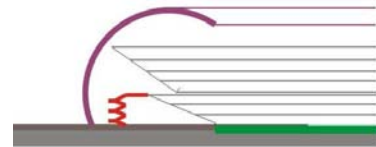


Figura 112– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar de Porto Alegre

Mais externamente, o projeto aposta na repetição intensa de um módulo estrutural – um pilar metálico curvo, que lembra uma pena – em torno de toda a periferia do edifício como elemento expressivo de sua nova fase. As superfícies de fechamento vertical, assim, são independentes das circulações e da estrutura das arquibancadas. Esses pilares, em suas extremidades, suportam, eles próprios, a nova cobertura e, entre eles e o topo das arquibancadas, um fechamento vertical permite a constituição de ambientes de cabines, como se essas estivessem encaixados nos interstícios das estruturas. Como a cobertura e fechamento vertical têm o mesmo tratamento visual, formam gomos que lembram plumas, que, percebidos em conjunto, dão a noção de uma homogeneidade plástica ao volume (FIGs. 113, 114 e 115).

232



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

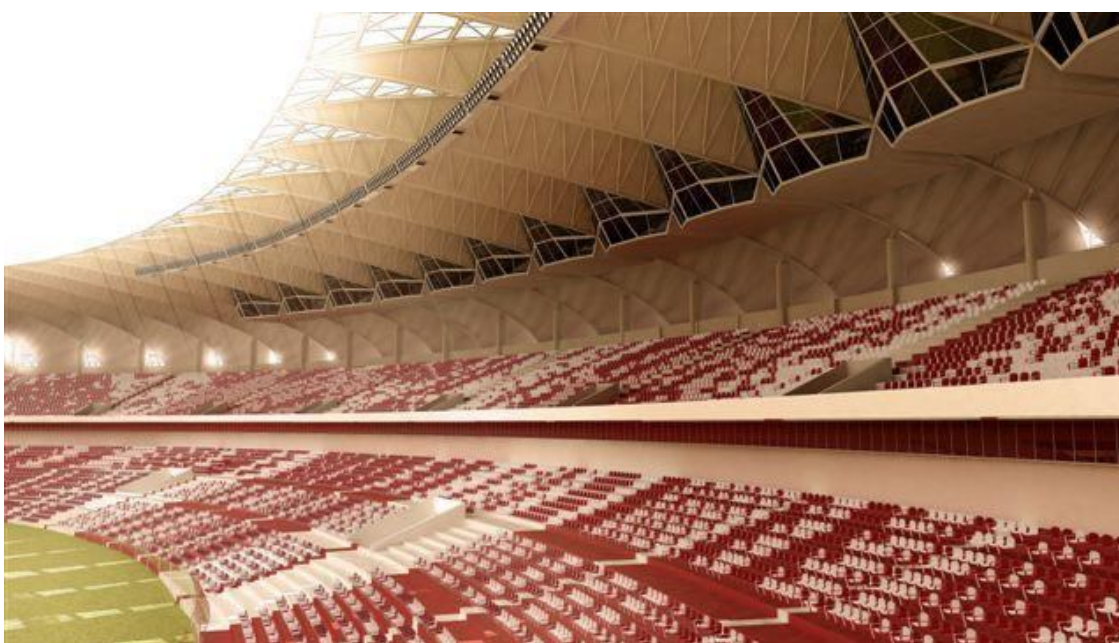


Figura 113, Figura 114 e Figura 115– imagens do projeto de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para o estádio Arena Beira-Rio, Hype Arquitetos (fonte: Hype Arquitetos, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

5.2.2 Novos edifícios para novos estádios

Amazonas

Em Manaus (AM), será demolido o atual Estádio Vivaldo Lima (o “Vivaldão”), hoje com quarenta e três mil lugares. Para a Copa de 2014, haverá a construção de um novo estádio com padrão de arena multiuso no seu lugar, com a capacidade chegando a quarenta e quatro mil assentos e onze mil vagas de estacionamento, no estádio e imediações (Sinaenco). O novo estádio terá a particularidade de contar com um teto retrátil, dados os altos índices pluviométricos da região. Arquiteto: Ralf Amann – Gerkan Marg und Partner (GMP) (SINAENCO, 2010).

A cidade Manaus não possui clubes de expressão, mas o estádio é originalmente público.

A sua inserção no terreno se dá pelo assentamento sobre um embasamento no exterior para acomodação do estacionamento e para o acesso de pedestres na cota intermediária das arquibancadas, sendo o campo parcialmente enterrado (FIG. 118).

234

Entretanto, seu volume é diretamente decorrente da disposição das arquibancadas segundo o modelo FIFA, com quatro lados abaulados ressaltados pela definição de um vinco contínuo e horizontal que circunda todo o objeto (FIGs. 116 e 117).

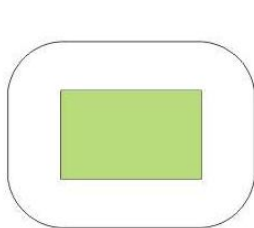


Figura 116– planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Manaus

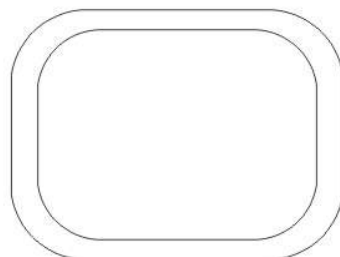


Figura 117– planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Manaus

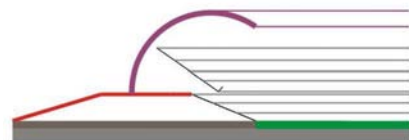


Figura 118– planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar de Manaus

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A superfície externa é demarcada por grandes elementos estruturais entrecruzados independentes da estrutura das arquibancadas, como se toda a casaca fosse montada como uma grande treliça. Chamado de Arena Amazônia, o estádio tem como premissa do seu projeto fazer referência à cultura, à fauna e à flora amazenses, e do aspecto do seu envelope que surge a associação com a cultura local, com o estádio lembrando, ao mesmo tempo, um enorme tramado de fibras ou palha que poderia ser encontrado no artesanato local ou a pele de algum animal.

Entretanto, a coberta e o fechamento vertical, com mesmo tratamento visual, formando uma superfície contínua, e uso de materiais que prezam pelo brilho e a transparência, terminam por tornar o exemplar mais próximo dos resultados formais dos estádios europeus e asiáticos das últimas competições desportivas internacionais desses continentes (FIGs. 119, 120 e 121).



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



236

Figura 119, Figura 120 e Figura 121– imagens do projeto de Manaus, Amazonas, para o estádio da Arena Amazônia, GMP (fonte: GMP, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Bahia

Salvador (BA) substituirá o Otávio Mangabeira (Fonte Nova), por um novo estádio. O projeto só vai manter a forma de ferradura do estádio, com a abertura que dá para o lado sul, para o dique do Tororó (FIGs. 122 e 123). Deverá ser um equipamento multiuso, com estrutura para receber

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

shows musicais e outros eventos culturais e contará com cinquenta mil lugares. Arquiteto: Marc Duwe e Claas Schulitz (Schulitz+Partner Architekten) (SINAENCO, 2010).

O estádio é originalmente público, tradicionalmente recebendo os dois clubes de Salvador de efetiva representação, o Esporte Clube Bahia e o Esporte Clube Vitória.

O maior destaque do projeto é a intenção de promover a conexão visual do seu interior – do campo de jogo, inclusive – com a paisagem exterior circundante. Como o estádio antigo, acomoda-se no terreno, sendo que um de seus acessos se dá em uma cota mais alta, no nível intermediário do lanço superior das arquibancadas, e outra, voltada para o dique, ao nível do chão, sendo complementado o acesso às cadeiras por circulações verticais dispostas entre o envelope e as estruturas das arquibancadas (FIG. 124).

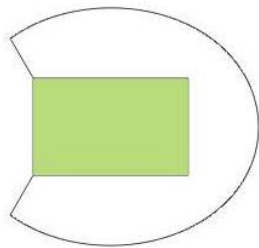


Figura 122 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Salvador

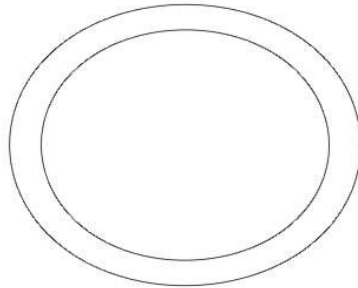


Figura 123 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Salvador

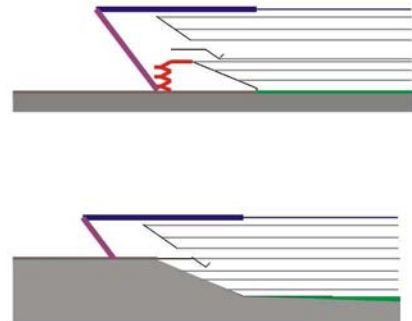


Figura 124 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar de Salvador

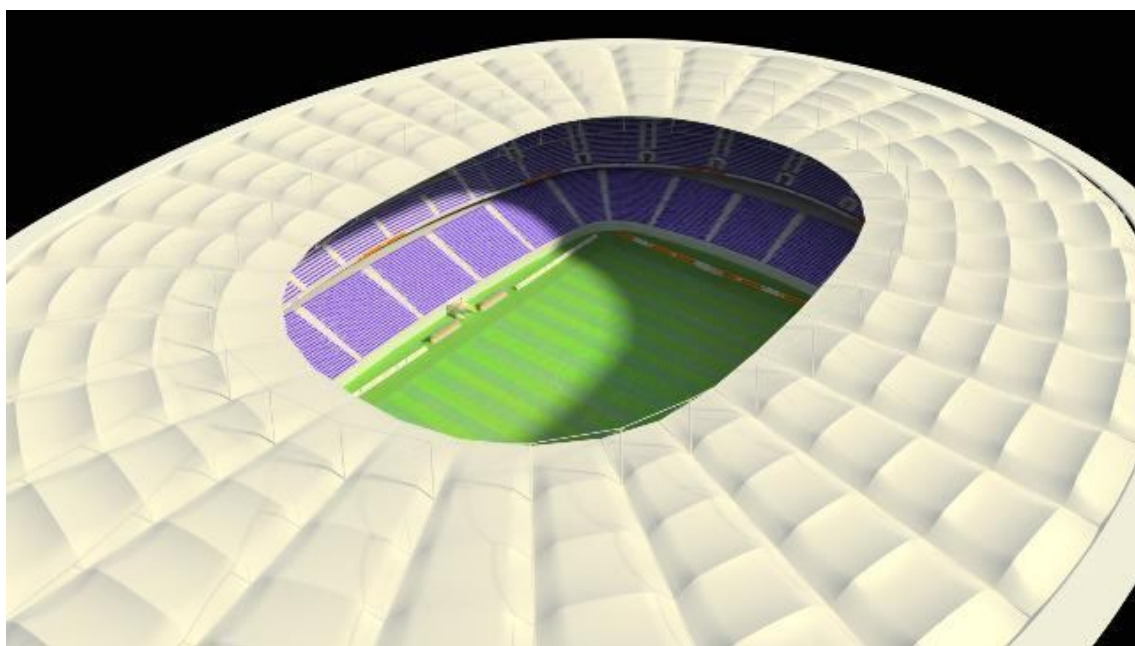
Sem contar com maiores variações plásticas, o envelope é constituído pela estrutura aparente que suporta os planos horizontais de circulação e apoia as arquibancadas, mas o projeto faz uso de uma estrutura mais delgada que do edifício anterior e apresenta uma cobertura têxtil suportada por cabos, percebida visivelmente como um anel independente da estrutura aparente do fechamento vertical (FIGs. 125, 126 e 127).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

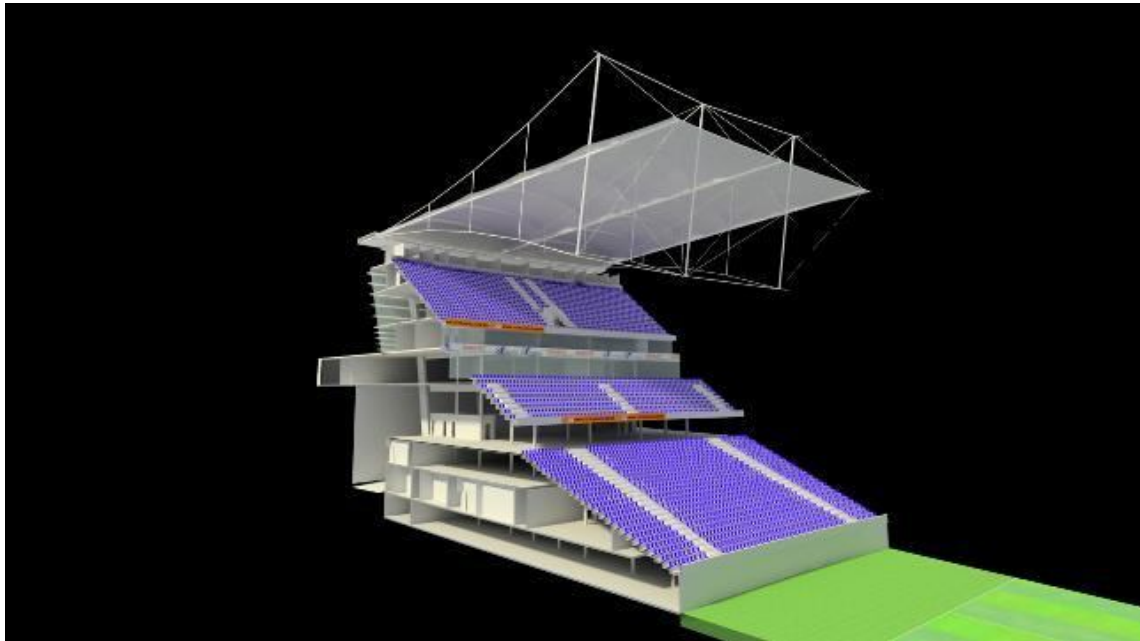


Figura 125, Figura 126 e Figura 127– imagens do projeto de Salvador para o estádio Arena Fonte Nova, Schultz+Partner Architekten (fonte: Schultz+Partner Architekten, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Mato Grosso

239

Em Cuiabá (MT), será realizado o projeto de substituição do Estádio Governador José Fragelli (o “Verdão”), o mais novo dentre os já existentes, de 1999. Com o novo projeto, se transformará em uma nova arena com capacidade para quarenta e três mil torcedores (diminuição da capacidade original). As principais intervenções serão a criação de um grande parque ao redor do estádio, com acréscimo de área com camarotes, tribuna de honra e gabinetes de imprensa. Arquitetos: Eduardo e Vicente de Castro Mello (SINAENCO, 2010).

O seu nome mudará para Arena Pantanal, aludindo ao bioma mais representativo da região brasileira em que se encontra o estádio. É originalmente público, mas Cuiabá não possui clubes com torcida expressiva, apesar de uma equipe local, o Cuiabá Esporte Clube, ter participado recentemente de edições do campeonato nacional.

O campo de jogo é parcialmente enterrado, e o embasamento exterior eleva a cota de acesso de pedestres ao nível intermediário das arquibancadas. O estádio só utiliza quatro lanços de arquibancadas, o que tenderia a uma conformação em planta retangular. As esquinas, que, em

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

curva, deveriam dar a conformação final ovalar, terminam por ser utilizadas para que sejam posicionados os pilares de suporte da coberta, circulações, acessos e jardins (FIGs. 128, 129 e 130).

O estádio de Cuiabá tem a proposta de trabalhar explicitamente com tecnologias de redução de gastos energéticos e responsabilidade ambiental. Dentre todas as propostas é das mais comedidas, uma vez que sua volumetria é mais compacta e não se utiliza do aspecto de “tigela”. Em verdade, seu aspecto exterior parece prezar pela fragmentação do volume, fazendo uso de uma série de superfícies de geometria irregular, sem concordância entre si e sobrepostas umas às outras, como se fossem aplicadas sobre o conjunto central de estruturas mais regulares de suporte às arquibancadas. Essas superfícies de fechamento vertical descontínuas são independentes da estrutura das arquibancadas. Do mesmo modo, os panos de cobertas são planos e suspensos por pórticos independentes das superfícies de fechamento verticais.

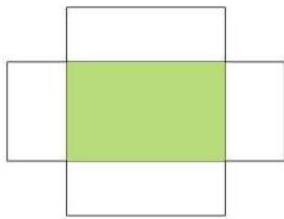


Figura 128 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Cuiabá

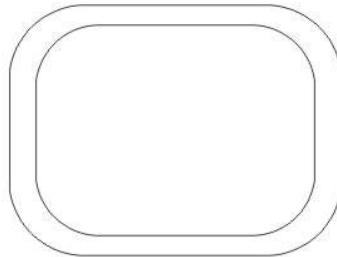


Figura 129 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Cuiabá

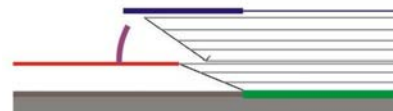


Figura 130 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de Cuiabá

A existência de jardins é um fator que destaca o exemplar, sendo que, nas imagens da proposta, a vegetação pode ser vista mesmo do seu exterior, caracterizando a tentativa de denotar aquela intenção de responsabilidade ambiental e de incorporação, talvez, de um espírito de lugar – fazendo jus, inclusive, a sua nomenclatura nova (FIGs. 131, 132 e 133).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

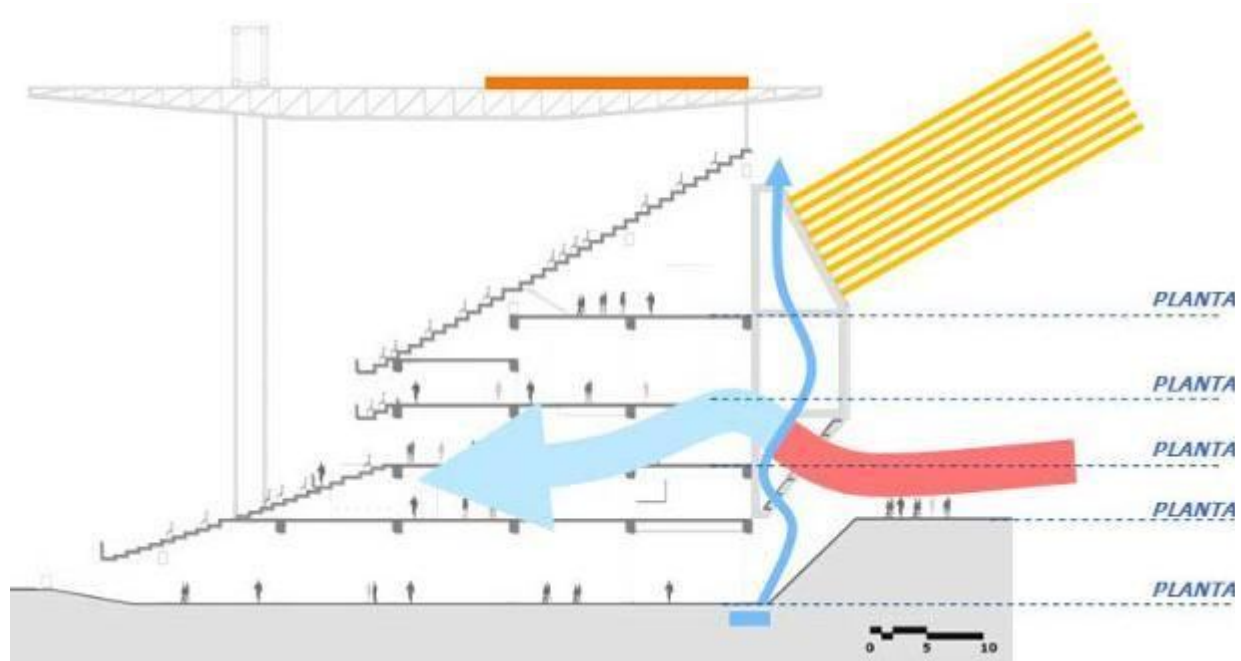


Figura 131, Figura 132 e Figura 133– imagens do projeto de Cuiabá, Mato Grosso, para o estádio arena Pantanal, GCP Arquitetos (fonte: GCP Arquitetos, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

Pernambuco

Recife (PE) construirá um novo estádio com quarenta e seis mil e cento e cinquenta e quatro lugares, chamada Arena Pernambuco. Arquitetos: Fernandes Arquitetos Associados (SINAENCO, 2010).

Em sua origem, o estádio já nasceria de uma parceria público-privada e não pertenceria nem serviria a nenhum clube em particular. Porém, no decorrer do seu processo de implantação, foi acertado o mando dos jogos do Clube Náutico Capibaribe, embora ainda possa receber qualquer outra equipe. Além do Náutico, o Recife ainda apresenta outros dois clubes com torcida representativa e participação recente em campeonatos nacionais, o Sport Club do Recife e o Santa Cruz Futebol Clube.

O campo é parcialmente enterrado, um sistema de rampas complementa a altura atingida pelo embasamento exterior para o acesso de pedestres na cota intermediária das arquibancadas e emergem do volume central como elementos volumétricos agregados às suas quinas. O volume principal é resultado da própria organização das arquibancadas FIFA, percebido, em planta,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

como um quadrilátero de lados e quinas abaulados. A cobertura é atirantada a partir de postes ou mastros verticais em concreto que trespassam a altura do corpo principal, gerando um aspecto de coroa periférica (FIGs.134, 135 e 136) .

Dentre todos, é aquele em que se verifica maior descolamento compositivo entre os espaços próprios do modelo FIFA – o padrão de arquibancadas, as circulações verticais bem definidas como volumes adjacentes, largos corredores de circulação horizontal circundando as arquibancadas externamente e definindo o volume central principal – e o envelope.

Em verdade, estrutura de arquibancadas e envelope aparecem como dois elementos sem maiores conexões formais, oriundos de duas linguagens distintas, como se a casca tivesse sido acoplada a posteriori a um outro edifício já existente e desenvolvido com uma outra concepção bem menos mimética (FIGs. 137, 138 e 139).

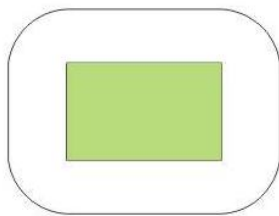


Figura 134 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar do Recife

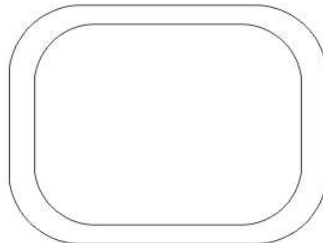


Figura 135 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar do Recife

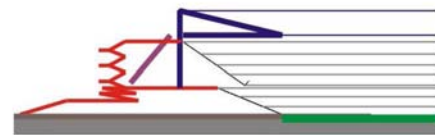


Figura 136 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar do Recife

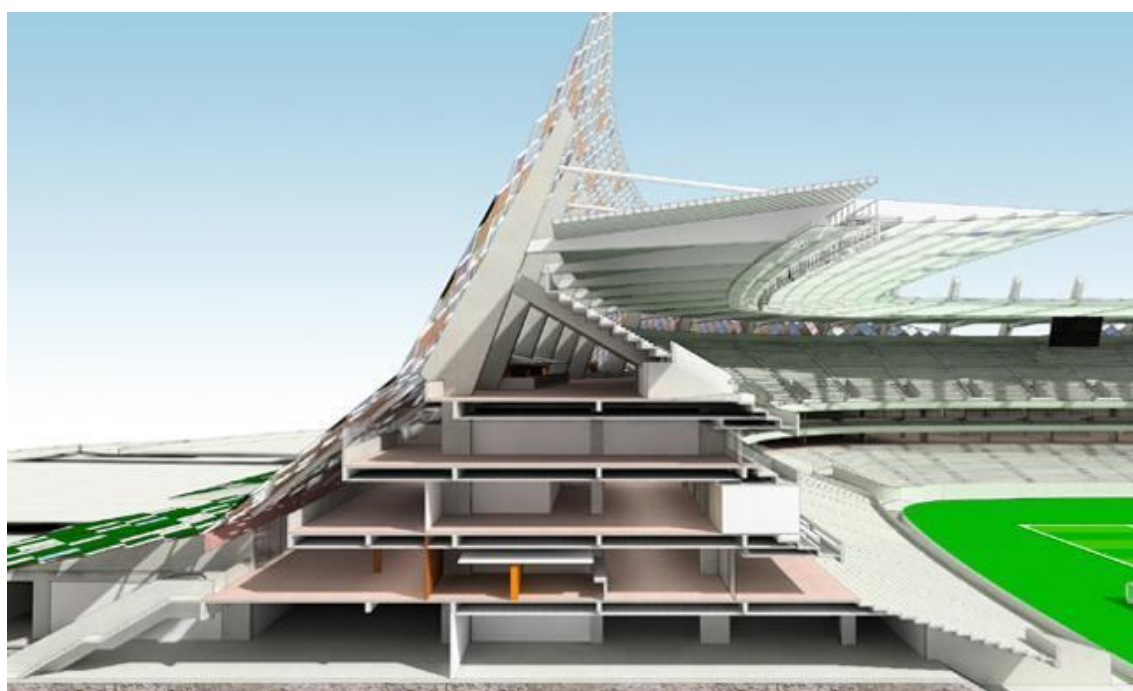
Inicialmente, a superfície de envelope da Arena Pernambuco tanto era entendida no seu discurso justificativo como a pele de um réptil como também alude a elementos visuais da cultura local, como as golas bordadas dos caboclos do maracatu. No decorrer da obra, mudou-se tal discurso, pois se optou por um outro revestimento, de menos apelo plástico inicial, mas de maior versatilidade expressiva – painéis dotados de iluminação especial que permitem ao envelope mudar de cor para atender a qualquer torcida de qualquer equipe..

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 137, Figura 138 e Figura 139– imagens do projeto do Recife, Pernambuco, para o estádio Arena Pernambuco, Fernandes Arquitetos (fonte: Fernandes Arquitetos, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

245

Rio Grande do Norte

Em Natal (RN) será utilizado um estádio completamente novo, denominado Estádio Arena das Dunas. Para dar lugar ao novo estádio, o atual Machadão e o Centro Administrativo serão demolidos.

O projeto da Arena das Dunas prevê a completa reurbanização do local, com a implantação do novo estádio para os jogos com quarenta e cinco mil lugares (que podem ser reduzidos após o torneio FIFA) e de um complexo formado por uma arena multiuso, hotéis, teatro, estacionamento para seis mil veículos, prédios comerciais e um shopping center, além dos novos Centros Administrativos do Estado e do município. Arquiteto: Antônio Paulo Cordeiro – Coutinho, Diegues e Cordeiro Arquitetos em parceria com o escritório inglês Populous (SINAENCO, 2010).

A Cidade do Natal não apresenta clubes com grande torcida, mas duas de suas equipes locais, o América Futebol Clube e o ABC Futebol Clube têm adeptos e participam de campeonatos nacionais.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Conta com a implantação de embasamento no exterior para inserção de estacionamento e permitir acesso de pedestres a escadas que os levam até a cota intermediária das arquibancadas. Em planta, segue o modelo FIFA, dispondo as arquibancadas em paralelo aos lados do campo e tendo quinas abauladas (FIGs. 140, 141 e 142).

Dentro do conjunto de projetos, é aquele que mais declaradamente se utiliza do seu nome para construir associações entre aspectos formais e apelo imagético com características locais. Em alusão aos volumes das dunas de areia, o estádio de Natal apresenta-se a partir do exterior como um objeto fatiado em vários gomos, bem definidos uns dos outros por interstícios translúcidos, de conformação variável e superfície de cor clara.

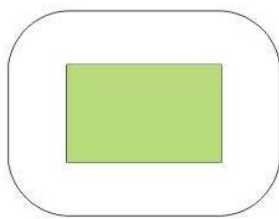


Figura 140 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de Natal

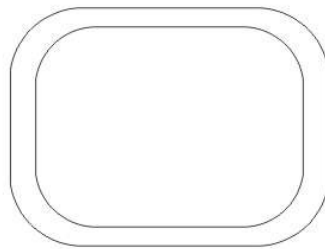


Figura 141 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de Natal

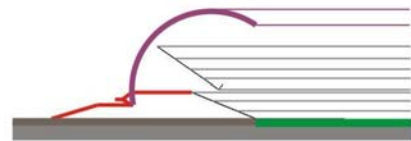


Figura 142 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, cobertura e arquibancadas para o exemplar de Natal

Cada um desses gomos é, ao mesmo tempo, elemento de fechamento lateral do edifício e cobertura sobre as cadeiras, pois adquirem, cada um, uma curvatura mais pronunciada à altura do final das arquibancadas (FIG. 142). Naqueles interstícios, entre um e outro gomo, encontram-se as escadas para circulação vertical, se pronunciado para além do limite exterior definido pelas superfícies de fechamento (FIGs. 143, 144 e 145).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 143, Figura 144, Figura 145– imagens do projeto de Natal, Rio Grande do Norte, para o estádio da Arena das Dunas, Populous Architects (fonte: Populous Architects, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

248

São Paulo

O novo estádio do Sport Club Corinthians Paulista foi escolhido como a opção de São Paulo para a Copa de 2014. O projeto do escritório carioca CDCA prevê sessenta e cinco mil lugares (sendo quarenta e oito mil fixos e dezessete mil provisórios) em área de 200 mil m² no bairro de Itaquera e estacionamento com três mil e quinhentas vagas (SINAENCO, 2010).

Além do Corinthians, o São Paulo Futebol Clube, a Sociedade Esportiva Palmeiras e a Associação Portuguesa de Desportos são clubes com torcidas representativas e participações efetivas em campeonatos nacionais.

O projeto do Corinthians opta pela utilização de linhas retas, como se o volume total do estádio fosse uma grande caixa com várias vazaduras e fragmentações (FIGs. 146 e 147). Uma vez que utiliza o desnível do terreno e tem as arquibancadas semienterradas (FIG. 148), com o acesso dos torcedores já no nível intermediário, a cobertura parece bastante alta e resolvida a partir de grandes vãos livres.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

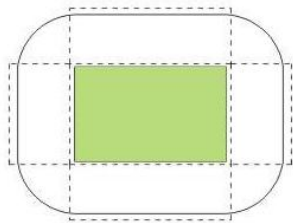


Figura 146 – planimetria horizontal das arquibancadas para o exemplar de São Paulo

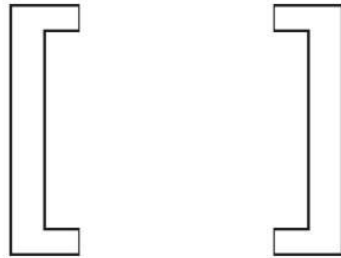


Figura 147 – planimetria horizontal do envelope para o exemplar de São Paulo

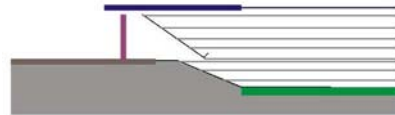


Figura 148 – planimetria vertical da relação entre implantação/acesso, envelope, coberta e arquibancadas para o exemplar de São Paulo

Externamente, tanto há superfícies contínuas e planos cegos, como superfícies translúcidas em vidro, demarcando o acesso principal como o hall de um grande *mall* (FIGs. 149, 150 e 151).



O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



250



Figura 149, Figura 150 e Figura 151– imagens do projeto de São Paulo para o estádio do Corinthians, CDCArquitetos (fonte: CDCA e Werber Sobek, disponível em <<http://www.portal2014.org.br>>).

5.3 Da definição da forma

O universo constituído pelo conjunto de edifícios utilizado para esta tese foi até então analisado sincronicamente. Mas, a organização das informações de modo mais sintético, associada a toda a variedade de dados contextuais de cada exemplar, permite uma segunda análise comparativa e diacrônica.

A série de análises, agora com tal abordagem, permitirá uma leitura das recorrências e variâncias da forma para posteriormente se chegar a conclusões específicas sobre como a função e o espaço dos exemplares se relacionam com as suas propriedades formais na constituição do tipo em sua manifestação contemporânea, tornando possível a construção de um entendimento mais amplo sobre como os múltiplos fatores incidentes sobre a arquitetura do tempo presente terminam por caracterizar um modo específico de se pensar a produção de edifícios institucionais complexos de caráter global, como são os estádios FIFA.

As seções a seguir apresentam justamente as referidas análises, e foram organizadas a partir das diferenças e similaridades identificadas entre um e outro exemplar e dizem respeito às múltiplas possibilidades de manifestação e estabelecimento de relações das variáveis da forma arquitetônica estabelecidos para a descrição dos exemplares neste capítulo: (a) as planimetrias horizontais dos arranjos de arquibancadas dos estádios – de geometria circular, ovalar, retangular, retangular com quinas abauladas – e a relação com o próprio tamanho – capacidade de público do estádio; (b) as planimetrias verticais para a geometria dos envelopes e as suas relações com as cobertas – de continuidade ou de independência geométrica ou plástica no seu aspecto visual – bem como a relação desses com as arquibancadas, conforme as conclusões do item anterior, inclusive; (c) as planimetrias verticais para representar a implantação no terreno e acessos – como o edifício se assenta no solo e como isso influi na geometria e posicionamento dos elementos de circulação em relação ao conjunto; e (d) os aspectos simbólicos – inclusive relativamente a dados discursivos e culturais, como os nomes dados aos edifícios – associados às propriedades plásticas das superfícies dos elementos anteriores.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A título de facilitação de uma segunda síntese, principalmente para se tratar dos tópicos (a), (b) e (c), estabelecem-se códigos de nomenclatura para rotular cada um dos subtipos de arranjos formais referidos acima, conforme indicados graficamente abaixo (FIGs. 152, 153, 154 e 155).



Figura 152 – indicação de codificação para os padrões de planimetria horizontal dos arranjos de arquibancada (desenhos do autor)

252

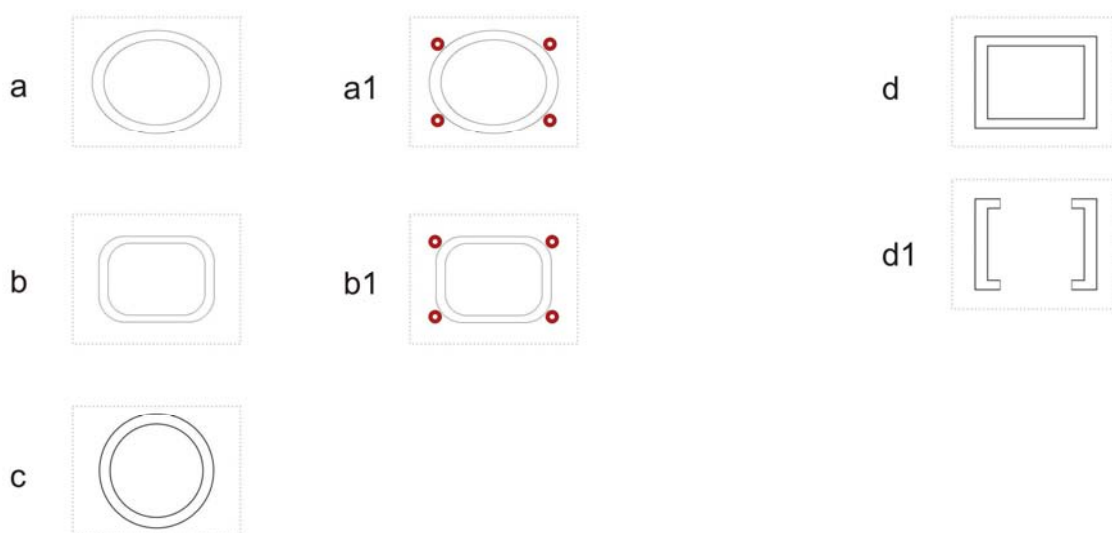


Figura 153 – indicação de codificação para os padrões de planimetria horizontal dos envelopes (desenhos do autor)

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

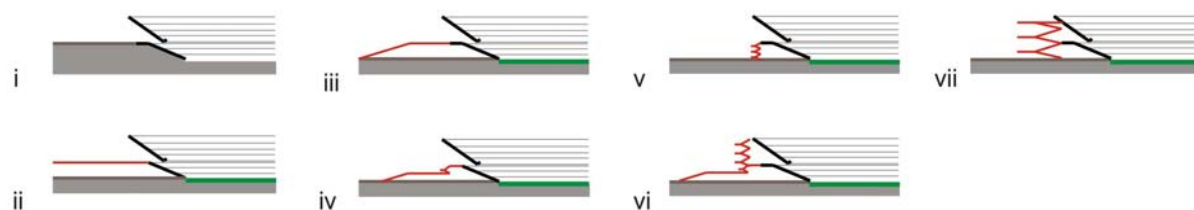


Figura 154 – indicação de codificação para os padrões de planimetria vertical das relações entre implantação/acesso às arquibancadas (desenhos do autor)

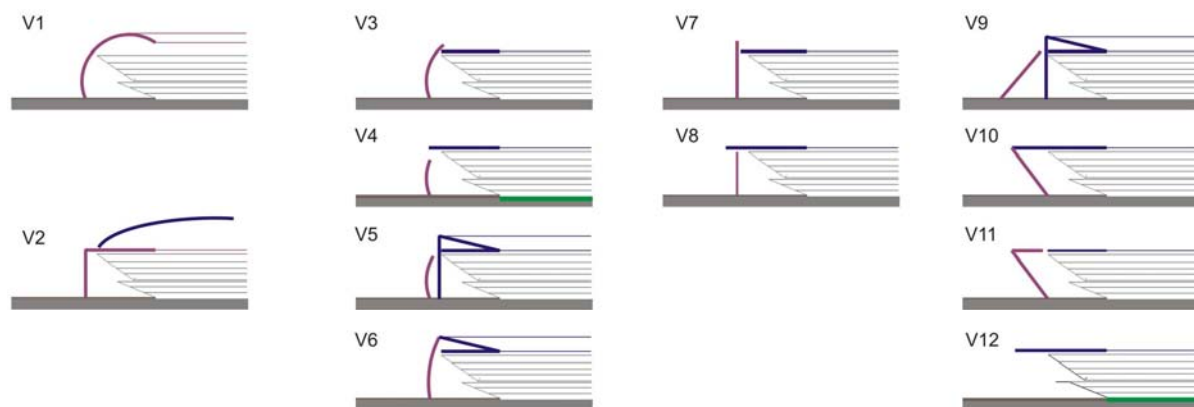


Figura 155– indicação de codificação para os padrões de planimetria vertical das relações entre envelopes e cobertas e arquibancadas (desenhos do autor)

253

Ao final das descrições, uma tipologia formal pode ser aplicada internamente ao universo estudado, considerando as manifestações das propriedades formais dos elementos destacados. Essas manifestações, combinadas caso a caso, permitem a obtenção de um código de concepção das propriedades formais do tipo. Listando finalmente os exemplares brasileiros com todos os seus dados contextuais e as propriedades da morfologia dos seus arranjos de composição – representados pelos códigos agora propostos – pode-se obter um quadro de síntese geral dos resultados que facilita a leitura comparativa dos casos (QUADRO 1):

A partir de tal panorama, conclusões e inferências mais gerais sobre o conjunto podem ser desenvolvidas, e são apresentados nas seções seguintes.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

5.3.1 Quanto às capacidades de público e arranjos das arquibancadas

Primeiro, seria possível estabelecer três grupos principais de estádios a partir da capacidade de torcedores: (a) um com capacidade em torno de quarenta mil pessoas; (b) outro com capacidade de cinquenta mil até sessenta mil; e (c) um último com aqueles para mais de sessenta mil torcedores até pouco mais de setenta mil.

No primeiro grupo estão os exemplares de Cuiabá, Curitiba, Manaus, Natal e Recife (41,6% do universo de análise). No segundo, os estádios de Porto Alegre e Salvador (16% do universo de análise). No terceiro estão os estádios de Belo Horizonte, Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro e São Paulo.

Entretanto, uma interpretação mais aprofundada das variáveis estabelecidas para a análise mostra que existem algumas recorrências e correlações em outros elementos também componentes da forma edificada, como o arranjo geométrico dos conjuntos de estruturas das arquibancadas – determinado de modo mais rigoroso pelo modelo FIFA – ou a relação entre o envelope e esta estrutura mais rígida dos assentos e das áreas diretamente ligadas ao evento “jogo de futebol”.

254

Considerando a tipologia secundária estabelecida para a geometria dos conjuntos de arquibancadas – ou seja, o volume construído central do edifício – todos os exemplares do primeiro grupo apresentam-se enquadrados no subtipo B, exceto o de Cuiabá (que tem arranjo do subtipo C). No segundo grupo, os dois exemplares estão enquadrados no subtipo A – pois mesmo considerando a variação apresentada pelo estádio de Salvador, este se constituiria em uma variante do subtipo.

No terceiro grupo, por sua vez, a variação é maior, pois, dos cinco exemplares, dois se apresentam no subtipo A (Belo Horizonte e Rio de Janeiro), dois no subtipo B (Brasília e Fortaleza) e um enquadrado como um subtipo híbrido, entre o B e C (o exemplar de São Paulo – todavia, sabe-se que existe a previsão de que sua capacidade seja reduzida após o mundial, perdendo as arquibancadas superiores e se tornando um subtipo B com capacidade em torno dos quarenta mil lugares, ou seja, aproximando-o do primeiro grupo).

QUADRO 1
Síntese comparativa entre os dados e as características dos projetos de estádios FIFA para a Copa do Mundo de Futebol de 2014

cidades-sede dos exemplares	contexto			contexto na cultura do futebol				dados discursivos				propriedades físicas/morfológicas				
	ano de início do projeto	propriedade original	caráter da obra	clube proprietário	clube com direito de mando de campo contratado	tradição de futebol local	peso futebol local	nome oficial	alcinha tradicional	nova alcinha após reforma/substituição	associações a elementos visuais e apelo simbólico	capacidade (x1000)	planimetria da estrutura de arquibancadas	geometria do envelope	implantação para acesso de público	composição do envelope - relação entre fechamento vertical e coberta (enquanto elementos de composição)
Belo Horizonte	2008	público	adaptação do existente	n/a	não definido	3	3	Estádio Governador Magalhães Pinto	Mineirão	n/a	mantém o aspecto do edifício original, estrutura de concreto aparente	64	A	a	ii	V11
Brasília	2007	público	adaptação (pouco aproveitamento do original)	n/a	não definido	0	1	Estádio Nacional	Mané Garrincha	n/a	rampas e colunata, arquitetura moderna de Brasília	70	B	c	iii	V12
Cuiabá	2009	público	novo/substituição	n/a	não definido	0	1	Estádio José Fragelli	Verdão	Arena Pantanal	vegetação, natureza	43	C	b	ii	V4
Curitiba	2008	privado	adaptação do existente	Atlético Paranaense	Atlético Paranaense	3	3	Estádio Joaquim Américo Guimarães	Arena da Baixada	n/a	n/a	41	B	d	v	V2
Fortaleza	2008	público	adaptação do existente	n/a	não definido	2	2	Estádio Governador Plácido Castelo	Castelão	n/a	n/a	67	B	a	iii	V6
Manaus	2008	público	novo/substituição	n/a	não definido	0	0	Estádio Vivaldo Lima	Vivaldão	Arena da Amazônia	cesto, trama	44	B	b	iii	V1
Natal	2008	público	novo/substituição	n/a	não definido	0	2	Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado	Machadão	Arena das Dunas	dunas	43	B	b	iv	V1
Porto Alegre	2006	privado	adaptação do existente	Internacional	Internacional	2	2	Estádio José Pinheiro Borda	Beira Rio	n/a	cada gomo lembra uma pena ou pluma	52	A	a	v	V1
Recife	2009	privado	novo	n/a	Náutico	3	3	Arena Pernambuco	n/a	n/a	pele, manto, muda de cor com iluminação	46	B	b1	vi	V9
Rio de Janeiro	2009	público	adaptação do existente	n/a	não definido	4	5	Estádio Mário Filho	Maracanã	n/a	mantém o aspecto do edifício original, estrutura de concreto aparente	79	A	a1	vii	V11
Salvador	2008	público	novo/substituição	n/a	não definido	2	2	Estádio Otávio Mangabeira	Fonte Nova	n/a	repete formato de ferradura do estádio anterior, muda de cor	50	A1	a	i + v	V10
São Paulo	2010	privado	novo	Corinthians	Corinthians	4	4	Arena de Itaquera	n/a	Itaquarão	apelo a linguagem "modernista"	65	BC	c1	i	V8

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

De tal avaliação, é possível inferir que a relação entre as dimensões do estádio quanto a sua capacidade de abrigar torcedores e a geometria da planimetria de sua estrutura de arquibancadas não é direta ou condicional. As coincidências e repetições aparecem prioritariamente ligadas às necessidades de acomodação de assentos com a intenção de atender às exigências da FIFA por plena visibilidade do campo de jogo.

O subtipo B e o subtipo C, inclusive, podem ser entendidos como resultado de um mesmo raciocínio – privilegiar a dotação de fileiras de assentos paralelas aos lados do retângulo do campo. No subtipo C, esta determinação se basta. No subtipo B, percebe-se o preenchimento das esquinas geradas em oposição aos vértices do retângulo do campo – evidentemente, a solução mais imediata de aproveitamento. Se se considera que os cinco estádios com capacidade em torno dos quarenta mil lugares, mais o estádio de Brasília, e mesmo o de São Paulo, seguem tal lógica, chega-se a 58% do universo de análise, denotando uma tendência comum de geração da forma.

Sobre os demais quatro estádios – Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador – mesmo com a presença de subtipos, chega-se a uma composição geométrica de tendência ovalar. Uma conclusão imediata e superficial levaria a crer que tal coincidência é fruto da maior quantidade de cadeiras a serem dispostas. Todavia, se se compreende que quatro desses cinco exemplares são adaptações de edifícios pré-existentes – de contorno também ovalar – chega-se à conclusão que se trata de uma necessidade de adequação, mais do que uma escolha de partida de projeto. Além disso, o exemplar de Fortaleza, de grande capacidade, opta pelo subtipo B, e não o ovalar.

Mesmo o exemplar de Salvador – que é novo, e não uma adaptação – se visto com mais cuidado, justifica a conclusão: sabe-se que o novo estádio da Fonte Nova foi concebido para se assemelhar ao antigo, guardando a lembrança e a identidade que já se tinha com o edifício anterior – sendo esse ovalar, e com uma das extremidades menores vazada e aberta à paisagem circundante, foi natural que o seu substituto tenha seguido a mesma perfilatura.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A reprodução de um modelo formal básico de disposição e arranjo dos elementos de arquibancada – conjunto volumétrico nuclear aos edifícios – é, portanto, patente, e diretamente ligada às exigências espaciais trazidas pela FIFA.

5.3.2 Quanto aos fechamentos – envelopes e cobertas

De modo geral, o que se percebe é a confirmação da expectativa de se ter uma considerável variedade formal dentre os exemplares no que toca aos seus aspectos visuais percebidos a partir do exterior do edifício.

Essa percepção está relacionada à plástica dos invólucros do edifício, aqui chamados “envelopes” – geometria, continuidade ou descontinuidade das superfícies, suas características plásticas visuais de cor, textura, opacidade, volumetria unitária – monolítica – ou fragmentária – agregação e justaposição de volumes identificáveis.

Sobre os envelopes e arquibancadas:

257

Quanto à relação entre o envelope – o invólucro, superfícies ou elementos que delimitam o contorno externo dos exemplares – e a estrutura edificada das arquibancadas, a variação é bem menor. Apenas em três exemplares (25% do universo de análise) o invólucro e a estrutura se mostram solidárias do ponto de vista compositivo, ou seja, o que se percebe a partir do exterior é uma exposição do mesmo elemento que suporta as arquibancadas no interior.

Dois desses casos são resultado do aproveitamento de estruturas pré-existentes – e, diga-se de passagem, protegidas legalmente de alterações: os exemplares do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte (subtipos *a1* e *a*, respectivamente). O invólucro destes dois casos é a própria sucessão de pilares em concreto aparente dos edifícios originais. Nos mesmos estão apoiados os planos de circulação e se encostam as estruturas das novas arquibancadas. O terceiro caso é de Salvador (subtipo *a*) que, conforme dito anteriormente, procura se assemelhar ao edifício anterior, substituído. Sendo esse edifício anterior também composto conforme a prática tradicional dos estádios brasileiros – como nos dois casos anteriores – a estrutura de suporte aflora na superfície visível do exterior, dando a unidade plástica do objeto.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Os demais nove exemplares (75%) apresentam o invólucro com geometria repetindo a geometria de contorno das arquibancadas (subtipos *b* e *b1*). Porém, plasticamente, são dissociados dessa estrutura nuclear – ou seja, o envelope é constituído por elementos ou superfícies que guardam uma unidade plástica própria, percebida como um elemento independente da massa edificada das arquibancadas e demais elementos que a ela se associam. Em sete desses edifícios são utilizadas panos de superfícies contínuas como elemento de fechamento vertical. Nos casos de Fortaleza, Cuiabá e Natal esses panos são fragmentados – mais de um plano, dispostos em sucessão. Em Manaus e Recife o pano é único, envolvendo continuamente todo o objeto (ainda que no caso do Recife, no subtipo *b1*, se percebam interrupções, como rasgos, para a inserção dos volumes das circulações verticais).

Já os casos de Curitiba (subtipo *d*) e São Paulo (subtipo *d1*) apresentam outra linguagem, apostando no fechamento por superfícies mais regulares, compondo um aspecto geral mais prismático ou formado pela agregação de vários prismas. Respectivamente, o estádio de Curitiba se mostra como um grande caixa retangular, com recortes e aberturas; o caso de São Paulo se constitui por várias caixas.

258

Apenas os exemplares de Brasília e de Porto Alegre são constituído por um envelope composto por elementos diferentes das superfícies contínuas. O primeiro caso é envolvido por um anel periférico (subtipo *c*) montado sobre uma colunata – geometricamente distinto da geometria do contorno das arquibancadas. O resultado é um elemento envolvente transparente, através do qual se vê o volume maciço das arquibancadas no interior. O caso de Porto Alegre, um envelope ovalar (subtipo *a*) é constituído por uma sucessão de objetos idênticos que lembram plumas, mas que, também, através dos interstícios entre eles, se percebe a massa construída nuclear de modo independente, mesmo que as geometrias dos contornos de um e de outro sejam coincidentes.

Com exceção dos exemplares protegidos por leis de preservação, portanto, verifica-se uma liberdade de escolha projetiva com relação a como proceder ao fechamento do edifício – seguindo ou não a geometria do arranjo de arquibancadas, dando caráter plástico unitário, fragmentado, opaco ou transparente. E, mesmo naqueles em que o envelope atual é a estrutura portante anterior – servindo essa a sua destinação original ou não, no caso de se tornar apenas

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

elemento de fechamento – a noção de liberdade se mantém. Guardadas as exigências da estrutura nuclear das arquibancadas e demais setores de permanência dos usuários, são muitas as decisões possíveis para os envelopes.

Sobre os envelopes e as cobertas:

Embora somente três exemplares apresentem uma relação de continuidade entre o envelope e a coberta, enquanto que os demais (75%) apresentam os dois como elementos de percepção independente, não é uma situação de se constituir uma regra.

Os três casos em que se opta pela composição unitária (subtipo V1) – aproximando-os do consagrado aspecto de tigela de alguns exemplos de outros países – apresentam condições distintas. O estádio de Porto Alegre é uma adaptação de um edifício anterior e está na faixa daqueles com capacidade para cerca de cinquenta mil pessoas, enquanto que os de Natal e Manaus são completamente novos e estão na faixa de capacidade para quarenta mil. Ou seja, a decisão é mesma para situações distintas.

259

A outra única recorrência dentro do universo, neste caso, só se percebe nos casos de Rio de Janeiro e Belo Horizonte, dada a particularidade de estarem sob proteção legal para a preservação das suas estruturas de concreto (repetem o subtipo V11). Os demais exemplares, mesmo com algumas semelhanças, não repetem as suas classificações.

Se comparadas com aqueles que seriam seus pares por critérios variados – o caso de Porto Alegre em relação aos de Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador (seja pela planta oval, seja pela natureza da intervenção por adaptação) e os de Natal e Manaus em relação aos de Recife, Curitiba e Cuiabá – nota-se que qualquer solução seria aplicável.

Os casos de Curitiba e São Paulo (subtipos V2 e V8, respectivamente), mais uma vez, ainda servem para caracterizar outro extremo. Com fechamentos de geometria tendendo à regularidade (prismas de bases retangulares), os dois apresentam cobertas completamente dissociadas – São Paulo opta por elementos de geometria irregular, enquanto que Curitiba lança um arco para o atirantamento da coberta.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

De modo equivalente, os casos de Fortaleza e do Recife (subtipos V5 e V9, respectivamente) – situados em tipologias distintas tanto para a capacidade como para a geometria das estruturas de arquibancada e para a natureza do envelope – optam por cobertas suspensas através de mastros dispostos na periferia do edifício.

A relação entre os elementos de fechamento vertical e horizontal dos edifícios, então, apresenta-se como fator notável de diferenciação formal – no seu segundo grau de manifestação – entre os exemplares do tipo.

Sobre os fechamentos e as arquibancadas:

Os projetos de Salvador e São Paulo, dadas certas variações na organização do arranjo das arquibancadas – com aberturas para o exterior – ou de Cuiabá – pela inserção de vegetação junto aos lanços dos assentos – apresentam um visível grau de particularização no que concerne a uma identidade expressiva perceptível dos seus espaços interiores principais – ou seja, nas arquibancadas e demais espaços para visualização do jogo em si.

260

Em outros casos, é a coberta que vem a desempenhar um segundo papel na constituição da identidade dos edifícios – garantir algum grau de individualidade aos estádios quando o observador se encontra em seu interior. Cobertas expressivas, formal e plasticamente, aparecem como bordas, elementos de contorno da abertura superior do edifício. No projeto do estádio Beira Rio, de Porto Alegre, a sucessão dos módulos estruturais de aspecto escultórico e a integração de cabines envidraçadas sob suas superfícies são um exemplo claro dessa preocupação. Mas a presença dos arcos estruturais da Arena da Baixada, de Curitiba, também cumpre com esse papel.

Mas é verdade que há, também, aqueles projetos em que se percebe um grau de indiferença pela construção de alguma identidade visual a partir do interior, optando por soluções de coberta pouco expressivas e minimizando a capacidade de se ter uma borda reconhecível. Se se observam os projetos para Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro, Recife e Fortaleza, essa característica fica evidente.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Embora seja uma relação potencialmente expressiva plasticamente, os resultados gerados pelos fechamentos verticais e horizontais – envelopes e cobertas – em associação ao ambiente interno dos estádios – arquibancadas mais campo de jogo – não são constantes no universo analisado. Um maior apelo à expressividade da coberta, quando vista de dentro do edifício, pode, ou não, ser um recurso utilizado.

Mais ainda, é uma decisão que também não apresenta ligação direta com as posturas adotadas para os demais elementos do segundo grau da forma, sem que se perceba qualquer regra de coerência entre a expressividade plástica dos exteriores com a dos interiores dos edifícios.

5.3.3 Sobre a implantação e os acessos

Pode-se falar de certa previsibilidade quanto às condições de implantação dos edifícios no terreno e as condições de acesso oferecidas relativamente às origens dos projetos.

Edifícios já existentes e concebidos, originalmente, segundo princípios tradicionais, tendem a exigir que o acesso se dê a partir da implantação de circulações verticais que conectem, diretamente, o solo ao nível de acesso das arquibancadas (caracterizado como subtipo *v* na codificação proposta para esse aspecto), pois sua implantação não contava com rebaixamento da cota do campo de jogo ou não se pensava na inserção de embasamentos elevados circundantes para acomodar tantas funções e separações de fluxos como exigido, agora, pela FIFA.

Encontram-se nesse grupo os projetos de Porto Alegre, Curitiba e Rio de Janeiro. A variação entre eles se dá na disposição dos sistemas de circulação vertical em relação ao envelope. Em Porto Alegre, as rampas de acesso são dispostas no interstício entre o envelope e as estruturas das arquibancadas. Em Curitiba, as escadas são incorporadas à linguagem formal dominante no edifício como um todo, como volumes prismáticos menores que se elevam à altura necessária agregados ao corpo principal.

Salvador apresenta um caso híbrido, uma vez que possui em parte a mesma condição do subtipo acima (*v*) e parte na condição do acesso direto, em nível, a partir do terreno, no nível

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

intermediário do lance de arquibancadas superior (subtipo *i*), pois a sua acomodação à topografia assim o permite, como já ocorria com o edifício antigo que precedia o novo estádio da Fonte Nova. O outro único caso em que se manifesta essa possibilidade de acesso em nível, ou seja, com o edifício parcialmente enterrado no solo, é no projeto de São Paulo.

A opção por incorporar plataformas de embasamento ao redor dos edifícios ocorre para os demais exemplares, mesmo quando são já existentes, como nos casos de Belo Horizonte, Fortaleza e Brasília. A diferença consiste no caso de Belo Horizonte (subtipo *ii*), que ajusta o embasamento ao terreno de modo a criar uma esplanada que aproveita o próprio terreno para ir gradativamente atingindo o nível desejado, enquanto que nos outros dois casos (subtipo *iii*), o embasamento surge como uma plataforma acessível por rampas. Dentre os edifícios novos, Cuiabá se assemelha à solução de Belo Horizonte, enquanto que Manaus repete a solução dos outros dois casos acima.

Natal, porém, assume uma outra solução (subtipo *iv*), embora o embasamento também esteja presente. Provavelmente por não ter conseguido o rebaixamento suficiente do campo de jogo, além do embasamento acessível por rampas a partir do terreno, entre o nível superior deste e a cota de acesso às arquibancadas ainda se faz necessária a instalação de circulações verticais complementares – escadas nos interstícios entre um e outro gomo do seu envelope.

262

No caso do Recife, as condições são semelhantes, mas ainda existem grandes volumes de rampas nas esquinas do edifício, além das escadas, como ocorre em Natal – condição única no universo analisado, sendo enquadrado no subtipo *vi*.

No Rio de Janeiro, novas rampas complementam as funções das já existentes e também surgem como volumes a serem agregados à superfície externa no edifício, mas, nesse caso, pela implantação original do estádio antigo, não há o embasamento circundante – o que faz com que seja, também um subtipo isolado no universo de análise (*vii*).

Pode-se apreender, portanto, que, a depender de como se operam tais variáveis – implantação e acessos – criam-se mais ou menos condicionantes para o resultado formal dos edifícios. Mas essa é uma circunstância que tanto pode ser resultante de uma decisão de projeto autônoma como, até

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

certo ponto, ser dependente de fatores externos às intenções compositivas: quanto maior a capacidade de acomodação do volume edificado ao terreno – ou do seu enterramento – mais independente se torna o volume visível do estádio – a sua porção superior que sobra acima da altura média das arquibancadas estará menos sujeito à interferência de outros volumes, que não a perfilatura escolhida para o envelope, podendo adquirir facilmente o aspecto de volume unitário.

Por outro lado, quanto menos acomodável for o volume edificado ao terreno, mais elementos de circulação periféricos tendem a ser agregados à superfície exterior – a não ser que se crie artificialmente o embasamento circundante a ponto de compensar totalmente o desnível entre o solo e altura média das arquibancadas.

5.3.4 Palavras, plástica e símbolos

Outro ponto que se destaca como dado complementar aos elementos da forma em si são os discursos – e as ideias – associados a alguns dos edifícios.

263

Em oito dos doze casos (66% do universo), a associação é pouco direta. Aqueles estádios pertencentes a clubes – Beira Rio, do Internacional de Porto Alegre; Arena da Baixada, do Atlético Paranaense de Curitiba; e Itaquerão, do Corinthians, de São Paulo – repetem os nomes tradicionais ou, na falta desses, associam-se à nova localidade (Itaquera). Também é caso de permanência dos nomes tradicionais em estádios de propriedade originalmente pública: o Estádio Nacional Mané Garrincha, em Brasília; o Maracanã, no Rio de Janeiro; o Mineirão, em Belo Horizonte; o Fonte Nova, em Salvador; e o Castelão, em Fortaleza.

Curioso perceber como, mesmo com a mudança em aspectos formais – e imagéticos, uma vez que novas propriedades plásticas também são agregadas – a associação com o passado ou com o lugar continua como a tônica de tais projetos. Mesmo no caso de Salvador, com um estádio completamente novo, mas situado no mesmo local do antecessor, opta-se pela permanência da alcunha previamente conhecida.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Os outros quatro casos restantes, porém, apresentam condições peculiares. Cuiabá troca de estádio e de alcunha. O Estádio José Frangelli, antes conhecido por Verdão, agora passará a se chamar de Arena Pantanal. O Vivaldo Lima, ou Vivaldão, de Manaus, agora será a Arena da Amazônia. Os antigos nomes de reconhecimento, seguindo a tradição de batismo dos estádios brasileiros (inclusive fazendo uso do superlativo), certamente de cunho muito locais, são trocados pelos ecossistemas dominantes em cada região. Essa estratégia das alcunhas, nos dois casos em particular, inverte a lógica até então dominante nos projetos de apropriação de dados locais. Nesses casos, o estritamente local é substituído por uma denotação que se poderia chamar de regional – mais famosos do que as cidades de Manaus e Cuiabá e os seus clubes são as imagens de suas florestas.

Certamente, é uma opção por ter mais apelo para um público internacional – potenciais turistas. E também é curioso como dados plásticos e imagéticos dos projetos, declaradamente se associam às palavras, pois o uso de vegetação, no caso de Cuiabá – sendo também aquele que mais diretamente faz uso da ideia de sustentabilidade – e da imagem do artesanato amazonense em Manaus – complementam o sentido desejado. Também Natal, que tem a substituição do antigo estádio Machado pela nova Arena das Dunas, reproduz o mesmo princípio, em todos os aspectos. A diferença é a carga simbólica que o antigo estádio possuía para o futebol local, que, parece, deseja-se apagar.

O caso do Recife, por sua vez, surge de modo isolado. Trata-se de um novo estádio sem nenhuma associação com os campos tradicionais da cidade e sem um clube proprietário, apesar de ser privado. Sabe-se que, de início, outros nomes foram cogitados para o batismo do estádio – como Arena Maracatu, em homenagem ao folguedo popular local – mas optou-se, por fim, por se utilizar o nome do próprio estado, tornando-se a Arena Pernambuco. É pitoresco lembrar que, também no início, quando se pensava na associação com o maracatu, falava-se que o envelope do estádio representaria algo semelhante à gola da indumentária dos personagens componentes do folguedo. Com o tempo, porém, a ideia foi substituída pela possibilidade de mudança de cores pelo uso de iluminação, tornando a imagem do edifício tão genérica quanto a sua alcunha.

Por fim, cabe ressaltar uma tendência constante a todos os casos – a utilização do termo “arena” para preceder as suas denominações. Antes um termo vago na cultura futebolística brasileira – era

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

mais comum se chamarem os estádios de “campo” – todos os novos projetos agora são apresentados como arenas, certamente uma associação com aqueles títulos dados a estádios europeus ligados a marcas de empresas (como citado no Capítulo 4) e na tentativa de construir um imaginário sobre o novo padrão de praças esportivas a serem, agora, utilizadas.

5.4 Quanto às combinações dos elementos da forma

Já se sabe que a variação no primeiro grau da forma – aspectos percebidos nas planimetrias e volumetrias definidas do arranjo de seus setores manifestos na geometria dos edifícios – é condicionada diretamente pelo arranjo espacial e suas limitações, sendo, portanto, mais restrita.

Mas a prevalência da planimetria dos conjuntos de arquibancadas – o núcleo básico do edifício – em um primeiro momento da definição do arranjo não implica em uma regra para determinar a geometria da planimetria dos edifícios como um todo. Se os princípios geradores da forma das arquibancadas se mostram mais repetitivos e amarrados às regras impostas pelo modelo FIFA, as possibilidades de variação com relação à geometria dos objetos vistos do exterior denotam mais uma ampla possibilidade de escolhas ao projeto do que uma regra associativa direta. Portanto, e nesse caso, confirmam a máxima da liberdade e da pluralidade formal no que toca ao aspecto exterior dos edifícios, apesar do rigor de seus elementos tipológicos de ordem socioespacial.

265

É verdade que nos casos do Cuiabá, Manaus, Natal e Recife a coincidência parece fazer sentido. Também, nos casos dos exemplares ovulares, a geometria do conjunto de arquibancadas aparentemente determinou o volume final. Mas não se pode dizer o mesmo dos demais casos. O exemplar de Brasília, por exemplo, se apresenta circular em sua planimetria geral. Já o exemplar de Curitiba se apresenta retangular, e o de São Paulo fragmenta qualquer leitura unitária.

Os esquemas indicados nas figuras 156, 157, 158 e 159 apresentam as soluções de planta dos projetos para as cidades de Curitiba, de Cuiabá, de Brasília e do Recife (arquibancadas representadas em azul claro e lilás; envelopes em linhas vermelho-escuras).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

As análises demonstram como se generaliza a prática de concepção dos envelopes de modo independente da configuração espacial básica e rígida do edifício, seja em novos edifícios ou nas reformas dos já existentes. Se há uma condicionante, como apontado na seção anterior, ela se restringe às condições de implantação e de dotação de acessos ao edifício, mas, mesmo assim, as opções de concepção dos envelopes – e das cobertas – permanecem múltiplas.

Na verdade, se se organiza as representações esquemáticas dos arranjos planimétricos verticais de todos os exemplares analisados, chega-se a um quadro em que percebe, graficamente, a variedade de soluções dada a quantidade de combinações possíveis entre os elementos e suas formas, além da relação com os acessos aos edifícios, conforme ilustra a figura 160.

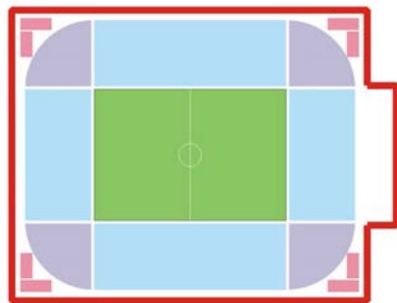


Figura 156 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena da Baixada, de Curitiba (desenho do autor).

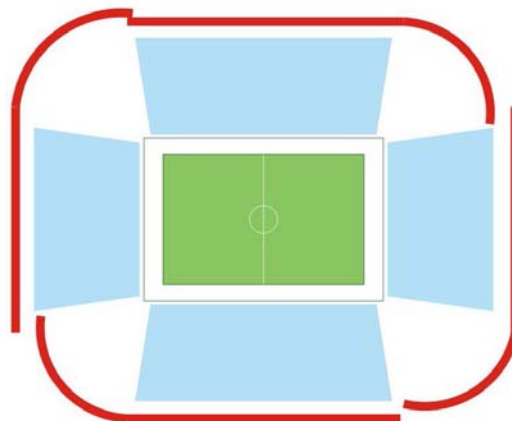


Figura 157 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena Pantanal, de Cuiabá (desenho do autor).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

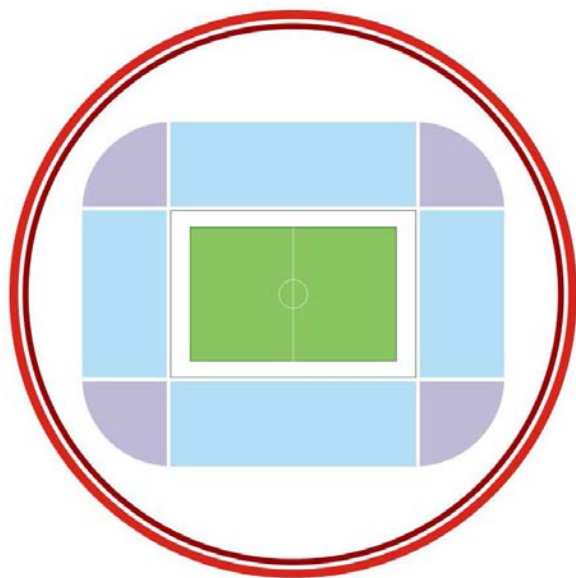


Figura 158– esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope do Estádio Nacional Mané Garrincha, de Brasília (desenho do autor).

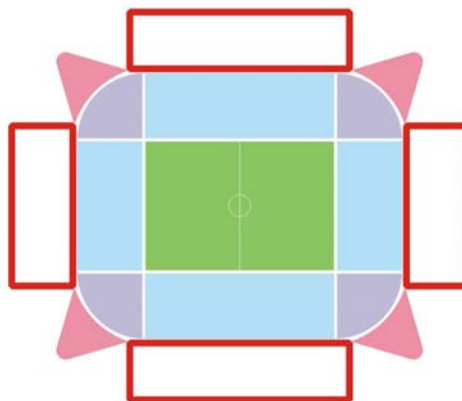


Figura 159 – esquema gráfico sobre a relação entre a geometria da planta e a conformação do envelope da Arena Pernambuco, do Recife (desenho do autor).

Ou, a partir da codificação utilizada para representação de cada possibilidade de conformação de cada elemento na seção anterior – arquibancadas, planimetrias horizontal e vertical dos envelopes e a relação destes com as possibilidades de cobertas e mais os acessos – obtém-se a seguinte resultante de combinações para cada exemplar de cada subsede (QUADRO 2):

Nota-se, portanto, que não há repetição de uma combinação sequer, em sua totalidade. Ou seja, não há uma associação direta entre as escolhas relativas a como compor o envelope e como se inserir a coberta ou como esses elementos se associam aos esquemas de acesso. As variações entre os exemplares, tanto para a intenção de dar continuidade plástica e leitura visual unitária entre um e outro – aproximando os objetos do aspecto de tigela – como de se explicitar a independência visual entre eles, denota uma liberdade compositiva evidente e dissociada da rigidez da estrutura espacial impostas pelo modelo FIFA e diretamente definidor do conjunto edificado das arquibancadas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

QUADRO 2

Combinatória das codificações dos elementos de morfologia nos estádios FIFA para a Copa do Mundo de 2014 (na sequência, a codificação indica, respectivamente: capacidade de público aproximada em mil pessoas, planimetria horizontal do arranjo de arquibancadas, planimetria horizontal do envelope, planimetria vertical da implantação/acessos, planimetria vertical da relação envelope-coberta-arquibancadas)

Cidades-sede dos exemplares	Código da combinatória morfológica resultante
Belo Horizonte	74 (A, a, ii, V11)
Brasília	70 (B, c, iii, V12)
Cuiabá	43 (C, b, ii, V4)
Curitiba	41 (B, d, v, V2)
Fortaleza	67 (B, a, iii, V6)
Manaus	44 (B, b, iii, V1)
Natal	45 (B, b, iv, V1)
Porto Alegre	60 (A, a, v, V1)
Recife	46 (B, b1, vi, V9)
Rio de Janeiro	76 (A, a1, vii, V11)
Salvador	50 (A1, a, i + v, V10)
São Paulo	65 (BC, c1, i, V8)

268

Compreende-se, desta feita, que o envelope (TSCHUMI, 2003) e a coberta são os componentes arquitetônicos passíveis de maior variação – uma vez que as estruturas espaciais internas, ao menos em um primeiro momento, não permitem maior flexibilidade de soluções. Se forem analisados os casos brasileiros entre si – concebidos dentro de um mesmo contexto histórico – percebe-se como o argumento se verifica.

As combinações, enfim, são várias, denotando já a independência soluções do segundo grau da forma do tipo – representado pelo envelope e pela coberta – e de demais propriedades plásticas de sua superfície, confirmando, assim, a possibilidade de liberdade de escolha suposta para o tipo edilício e sua condição contemporânea. Se se acrescenta, ainda, as propriedades plásticas que podem ser aplicadas sobre esse suporte – como cores, texturas e transparências – as possibilidades de combinação e multiplicidade de aparências atingirão uma gama de arranjos ainda muito maior.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Depreende-se que o estádio contemporâneo, conceitualmente, oferece, mesmo como um princípio, a *possibilidade de variação* da sua imagem apesar de certo condicionamento exigido pela pragmática de questões relativas ao acesso – mediação entre o exterior e os espaços de arquibancada – e da rigidez imposta pela permanência e restrição da configuração dos seus espaços.

Conclui-se, assim, que os estádios FIFA, quanto às suas manifestações formais, apresenta certa gradação de variação de possibilidades de arranjo se se considera a sua concepção a partir do grau mais restritivo ao mais livre, na seguinte sequência: (1) a configuração de espaços (pois é uma exigência, como discutido no Capítulo 4); (2) arranjo básico das arquibancadas (pois segue a lógica da visibilidade, restringindo muitas variações de possibilidades); (3) possibilidades de implantação e acessos (pois ainda sofre influência da própria configuração de espaços e das condições de acomodação do edifício no terreno); (4) envelopes e cobertas (embora formado por poucos elementos, não há restrição a como se pode variar as suas posições relativas ou as aplicações tecnológico-construtivas envolvidas); e (5) expressão plástica – materiais, cores, texturas, transparências, fragmentação ou unidade visual – das superfícies externas dos envelopes.

269

Se os motivos para as restrições são conhecidos ainda de início e apresentados no capítulo anterior, o sentido para se desenvolver tal variação, seus princípios, sua justificativa e seu papel na caracterização do tipo serão explicados no capítulo seguinte.

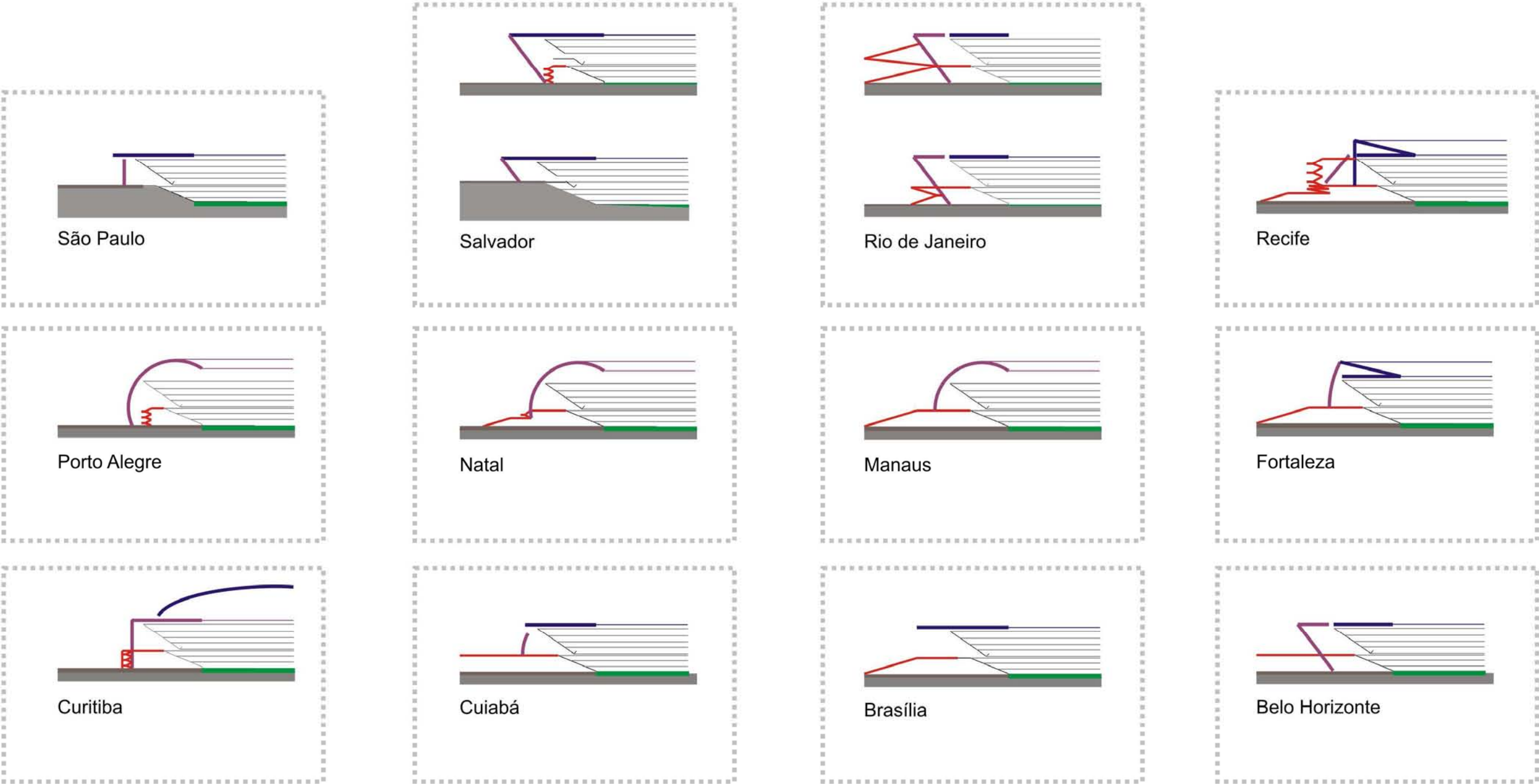


Figura 160 – esquemas gráficos das planimetrias verticais de cada estádio FIFA para a Copa do Mundo de 2014 com a representação das combinações entre as implantações/acessos (linhas vermelhas), envelopes (linhas roxas) e cobertas (linhas azuis) (desenho do autor)

6 O ESTÁDIO CONTEMPORÂNEO COMO DISPOSITIVO E COMO PRODUTO – O EDIFÍCIO GADGET

Neste capítulo, será apresentada uma abordagem discursiva sobre os aspectos da forma dos estádios FIFA já foram previamente compreendidos e relacionados com o conhecimento sobre a cultura em que se inserem – tanto num contexto mais amplo como do futebol em específico. Também se discorrerá sobre essas relações na tentativa de explicar por que as possibilidades de variação dos aspectos formais do tipo se transformam em necessidade projetiva e estão intimamente relacionadas à rigidez do seu sistema espacial.

Caracteriza-se o tipo, por fim, como um fenômeno ligado ao contexto econômico internacional em que se enquadram os grandes eventos desportivos (especialmente os torneios continentais e as copas do mundo de futebol) em que tanto a atividade produtiva da construção de novos edifícios como toda a publicidade envolvida motivam a produção dos novos exemplares como objetos de consumo, mais do que como equipamentos realmente necessários aos grupos sociais que cultivam o futebol – assim como se daria com grandes *gadgets* urbanos.

6.2 Entre a função, o espaço, a forma e a imagem

À luz do referencial teórico adotado, é possível provocar uma discussão acerca das propriedades mais gerais da forma dos projetos dos estádios brasileiros a partir do conhecimento já adquirido sobre as propriedades socioespaciais do tipo. A partir da discussão sobre o conjunto como um todo e sobre alguns dos casos individuais de maior destaque, procura-se estabelecer uma série de pontos de interesse, considerados como fundamentais para explicitar as características do tipo estádio quando entendido como resultado da relação entre função, espaço e forma contemporaneamente.

Sobre as prescrições de uso dos estádios, pode-se afirmar que se tratam de edifícios desportivos que surgem de um processo de especialização das atividades de lazer, ainda no século XIX. A tipologia proposta por Markus (1993), portanto, poderia ser preliminarmente adequada a estes edifícios. Uma vez que é fortemente baseado no texto-modelo precedente do edifício, estes

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

seriam, então, edifícios (dispositivos) que operariam a relação entre pessoas e pessoas, e estariam identificados como edifícios de recreação (*recreation*).

Trazendo esta constatação para a compreensão de Hillier e Hanson – que versa sobre a posição relativa dos usuários dos edifícios em seu sistema de espaços – seria possível inferir que edifícios desportivos possuem uma classe de habitantes (gestores, comissários, seguranças e toda sorte de funcionários da FIFA ou da instituição que controlar o acontecimento do evento desportivo, conforme sua programação específica) e algumas classes de visitantes, sendo elas, no mínimo, as seguintes: o público espectador, os atletas, as comissões técnicas, os árbitros e a imprensa.

A classe dos habitantes (seja ela de organizadores, seguranças, etc.) tende a entrar em contato com todas as outras classes de visitantes. Entretanto, os encontros dos habitantes com as outras classes deverão se dar em situações espaciais distintas, a depender das classes de visitantes controladas, e ainda que aconteçam ao mesmo tempo e no mesmo edifício, constituindo-se como eventos isolados entre si.

Sobre a vida espacial dos estádios, é possível, ainda, distinguir, logo de imediato, que as duas principais classes de usuários, público e atletas, tendem a ficar separados em termos de co-presença em espaços distintos – arquibancadas X campo de jogo – embora guardem uma evidente relação de co-ciência, uma vez que faz parte da própria destinação do edifício permitir que as movimentações dos atletas sejam vistas adequadamente pelo público.

A imprensa, por sua vez, embora tenda a ter reservados certos espaços específicos (as cabines de transmissão, salas de imprensa, etc.) têm a possibilidade de, de modo organizado e com certo grau de controle, ter acesso, também, aos espaços dos atletas, seja no próprio campo de atuação (no caso de fotógrafos e da empresa geradora de imagens oficial e exclusiva) ou na sala de imprensa (na concessão de entrevistas coletivas oficiais para a imprensa em geral) ou na zona mista (espaço intermediário entre os vestiários, a sala de imprensa e o exterior).

Os atletas, por sua vez, embora sejam o objetivo principal do edifício, e gozem de permissão exclusiva para certos ambientes, têm sua capacidade de circulação limitada pela equipe habitante

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

do edifício. Seus percursos são programados e limitados, principalmente por questões de segurança.

Por outro lado, há um evento secundário: o de acesso e circulação de usuários antes e depois do desenvolvimento do jogo. A mediação destes dois eventos dá ao tipo uma complexidade própria e por si só distintiva – é uma característica que já distingue os edifícios contemporâneos do seu padrão original.

Em outras palavras, os estádios contemporâneos são dispositivos com mecanismos que promovem, em um primeiro momento, a interface entre os espectadores e o campo de jogo (KALTENBACH, 2005), onde se desenvolve o evento principal. Entretanto, também desenvolveram estruturas especializadas no controle de sua utilização, para que o desempenho das funções de segurança, conforto e a viabilidade institucional, como um todo, pudessem ser cada vez mais, potencializados.

Entretanto, interessa principalmente a este estudo, além da caracterização socioespacial dos exemplares, a compreensão da relação destes com possíveis padrões de forma.

273

Mas é verdade que a repetição formal não acontece do mesmo modo que a programática – ou, ao menos, não parece ser um produto direto e tão previsível. Quanto a esta propriedade, é intrigante como tal padronização do programa, da vida espacial e da configuração espacial convive aparentemente bem com os anseios de construção de identidades e símbolos locais, também mencionados e valorizados nas recomendações da federação internacional (FIFA, 2007; GERAINT, SHEARD, VICKERY, 2007; KALTENBACH, 2005; NIXDORF, 2005).

A tendência, iniciada ainda pelos exemplares da Copa da Alemanha, de 2006, da “arena multiuso”, formalmente resultante em estádios completamente fechados e com aspecto de bloco compacto, semelhante a grandes “pneus” ou “tigelas”, é bem diferentes dos exemplares mais antigos, formalmente reconhecíveis pela imagem dos planos e elementos lineares das suas estruturas construtivas – praticamente toda aparente (NIXDORF, 2005; THOMPSON; TOLLOCZKO; CLARKE, 2005). De fato, exemplares de estádios contemporâneos, principalmente os produzidos para os eventos internacionais mais recentes (Copas europeias de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

2004, 2008 e 2012 e Copas do Mundo de 2006 e 2010, dentre aqueles apresentados nas fontes de pesquisa que vêm sendo trabalhadas), de modo geral, tendem a tal conformação.

Alguns estádios adotam a solução de uma base de entablamento do volume da tigela onde estacionamentos, acessos e demais espaços destinados ao apoio ao funcionamento do edifício são localizados. Como tal base pode ser enterrada ou semienterrada, o volume escultórico é ressaltado e utilizado para que se desenvolvam as variações formais visualmente perceptíveis do envelope.

Em alguns casos – como os de Natal, Manaus, Cuiabá, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza, no Brasil – o que se percebe, inclusive, é uma tendência a isolar este conjunto volumétrico correspondente aos setores de arquibancadas, envoltos pelos envelopes, de todos os demais componentes que possam interferir na leitura da “tigela” como elemento escultórico autônomo e uniforme.

Tal tendência se repete em outros contextos como, por exemplo, em estádios bastante recentes e com notável apelo visual utilizados no Campeonato Europeu de Seleções de 2012, como é o caso do PGE Arena de Gdansk, na Polônia (projeto de RKW Rhode Kellermann Wawrowsky) (FIGs. 161 e 162) e a Donbass Arena em Donetsk, na Ucrânia (projeto da Arup Sport) (FIGs. 163 e 164).

274

Como é costume, certas intenções simbólicas são manifestas também como discurso, além da forma. Enquanto o primeiro é concebido para lembrar uma peça de o âmbar extraído do mar Báltico, o segundo possui em seu envelope uma profusão de lâmpadas de alto desempenho que mantêm o estádio funcionando como um painel luminoso à noite, piscando as cores dos clubes, das seleções que nele se encontram ou passando qualquer outra mensagem visual que as luzes possam ser suficientes para transmitir.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 161 – RKW Rhode Kellermann Wawrowsky, PGE Arena de Gdansk, Polônia, 2011 (disponível em <<http://www.businessinsider.com/euro-2012-stadiums-2012-6?op=1>>).



Figura 162– RKW Rhode Kellermann Wawrowsky, PGE Arena de Gdansk, Polônia, 2011 (disponível em <<http://www.grohe.com/lv/19738/about-grohe/company-news/euro-2012/>>).



Figura 163– Donbass Arena, Arup Sport, Donetsk, Ucrânia, 2011 (disponível em <<http://www.grohe.com/br/19812/referencias/desporto-e-lazer/donbass-arena/>>).



Figura 164 –, Donbass Arena com iluminação noturna, Arup Sport, Donetsk, Ucrânia ,2011 (disponível em <http://www.troxtechnik.com/en/company/references/showcases/arena/em_donezk_arena_donbass/index.html>).

275

A semelhança entre os dois europeus e aqueles casos brasileiros acima citados está justamente na exacerbação da importância compositiva dada ao volume da tigela, posto como um objeto autônomo sobre um *podium* a ser visualizado à distância e percebido quase como um totem de adoração, ressaltando um caráter sacralizado do edifício.

Interessante observar como, no caso dos novos exemplares europeus, a escolha entre a abstração geométrica e o apelo simbólico é uma tendência perceptível, fazendo lembrar aqueles paradigmas formais sugeridos no Capítulo 4 oriundos dos projetos da Allianz Arena de Munique de 2006 e do Estádio Olímpico de Pequim (o “ninho de pássaro”) de 2008, ambos do escritório Herzog & de Meuron.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas, a análise realizada sobre os exemplares brasileiros para 2014 somada a uma rápida comparação com outros exemplares de considerável popularidade internacional e intenções autorais mais evidentes mostra que essa tendência é notável, mas não é necessariamente prevalente.

Tomando, por exemplo, três exemplares atuais, e próximos aos padrões internacionais exigidos pela FIF:A, fica patente a variação formal. Escolhem-se dois projetos europeus e um brasileiro – a própria Allianz Arena de Munique, na Alemanha (do escritório suíço Herzog & Meuron); o estádio municipal de Braga, em Portugal (do arquiteto Eduardo Souto Moura); e o projeto para a nova Arena da Baixada, em Curitiba (FIGs. 165, 166 e 167).



Figura 165– Allianz Arena
(disponível em
<stadiums.football.co.uk>).



Figura 166– Estádio Municipal de
Braga (disponível em
<<http://lvirionpigs.wordpress.com/2011/03/11/portugals-football-quarry/>>).



Figura 167– Nova Arena da
Baixada (fonte: Carlos Arcos
Arquite(C)tura, disponível em
<<http://www.portal2014.org.br>>)

276

Enquanto que os exemplares da Alemanha e do Brasil adquirem um aspecto de objeto completamente fechado e monolítico, o exemplo português aparece com o fechamento apenas parcial, em dois lanços de arquibancadas. Por outro lado, a Allianz Arena possui a conformação típica da “tigela” (*bowl*), e a nova Arena da Baixada se apresenta com o aspecto de uma caixa prismática (arestas bem definidas).

O exemplar português repete, aparentemente, a solução tradicional – lembra até mesmo os exemplares brasileiros tradicionais – em que a estrutura portante define a perfilatura do edifício, sendo que a cobertura aparece como um elemento autônomo no conjunto – com o aspecto de um pano esticado entre as estruturas das arquibancadas. Já o exemplar brasileiro apresenta uma coberta de geometria diferente da do perímetro do edifício (as quinas são abauladas,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

diferentemente das arestas do volume exterior), ressaltando a sua independência como elemento da composição.

Por outro lado, é notável a semelhança entre os arranjos dos conjuntos de arquibancadas nos três casos. De modo resumido, entre cada plano inclinado de assentos, inserem-se as tribunas VIP e de imprensa; por trás dos conjuntos (tendo o campo como referência), aparecem volumes correspondentes aos espaços dos ambientes de apoio ao evento em si. Tal arranjo se consolida como uma regra geral aos projetos, levando a se concentrar uma série de compartimentos – e, conseqüentemente, volumes e fechamentos não necessariamente em atendimento a alguma lógica de composição – sob os lanços de arquibancadas.

Quanto mais complexo e variado o arranjo desses espaços/compartimentos/volumes, menos unitário se torna a volumetria final. O envelope, portanto, aparece como elemento unificador da leitura visual do edifício, justificando a predileção pelas superfícies de mascaramento contínuas que se discutiu acima.

As decisões projetivas sobre as coberturas são outro ponto que manifestam variância evidente – a

277

O estádio FIFA, portanto, é tipicamente concebido como um objeto particular quando se vê de fora. Quando acontece o jogo, o evento que lhe dá sentido de existência, é sempre possível que a sua percepção volte a ser de um palco genérico. Quando isso não dá, então, o que resta é a utilização de propriedades plásticas nos elementos internos do estádio, como a variação de cores nas cadeiras ou nas superfícies expostas, mas não é um dado que se possa discutir a partir do material disponível para a análise. Embora não se note em nenhum dos projetos tal definição, é um recurso relativamente comum em outros exemplares, como no caso do Estádio José Alvalade, do clube Sporting de Lisboa, Portugal (FIGs.168 e 169).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 168 e Figura 169 – cadeiras do estádio José Alvalade, Lisboa, Portugal (fotos do autor)

Como dito na seção 5.3.2 do capítulo anterior, inclusive, é curioso observar como essa máscara unificante muitas vezes repercute pouco visualmente para o indivíduo torcedor ou expectador, que faz uso do conjunto de espaços primordiais do estádio – as circulações internas, as arquibancadas e o campo de jogo. Para quem circula pelos corredores posteriores, entre o envelope e as arquibancadas, a visão tende a ser apenas do verso da máscara. Para os que estão nas arquibancadas, em grande parte dos casos, fica visível somente a borda da coberta, com suas estruturas portantes evidentes. Nesses casos, contraditoriamente ao princípio do recobrimento de elementos indesejáveis visualmente no exterior dos edifícios, se existe alguma expressividade plástica, esta será um retorno a algo próximo à verdade estrutural, à manifestação da mecânica e da tectônica.

278

É fato que em alguns casos tal carência é minimizada – elementos de coberta podem ser associadas às poucas variações possíveis no arranjo de arquibancadas – como a supressão de um de seus setores, como no caso do exemplar de Salvador – para que se atinja uma mais notável identidade ao edifício.

Alguns outros exemplares internacionais, anteriores aos projetos brasileiros, como o Moses Mabhida, em Durban, África do Sul – com um grande arco de uma extremidade a outra do estádio – ou o Estádio Olímpico de Berlim – em que a nova coberta foi elemento marcante na intervenção que o adequou ao torneio de 2006 – reafirmam tal afirmação em escala mais ampla, denotando o esforço empreendido pelos projetistas em buscar a diferenciação dos edifícios pela escolha de diferentes combinações de elementos com apelo plástico visual a pequenas variações nas arquibancadas (FIGs. 170 e 171).

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 170 – Moses Mabhida, em Durban, África do Sul, 2010 (disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:FIFA_World_Cup_2010_Germany_Australia.jpg)



Figura 171 – Estádio Olímpico de Berlim, 2002 (disponível em <http://www.worldstadiumdatabase.com/images/stadiums/europe/germany/berlin/olympic-stadium.jpg>)

Mas, se fosse o caso de estabelecer uma recorrência dominante para caracterizar as soluções, poderia se dizer que, na prática, as superfícies externas de fechamento e a cobertura é que tendem a ser os elementos utilizados para a variação formal, do ponto de vista do seu segundo grau de manifestação da forma. No máximo, são acompanhados, tão somente, por variações do posicionamento e da geometria dos volumes das circulações verticais, elementos essenciais a estádios com mais de um nível de acesso aos usuários.

279

Sendo elementos mais livres de exigências – implantação, envelope e cobertura – seria possível proceder a uma análise combinatória entre as suas possibilidades. E se se consideram também os recursos plásticos aplicáveis às superfícies visíveis, a variação poderia até ser mais ampla do que o identificado dentro do conjunto analisado. Denota-se, então, que é por isso que existe um grau ainda mais exterior de variação formal, com mais possibilidades, porque o número de variáveis é maior – ligados à superfície envolvente dos elementos definidos no segundo grau, ou seja, elementos da tectônica que não são definidos pelas prescrições do tipo, como cor, textura e transparência da cobertura e da superfície envolvente.

Entretanto, tal princípio de projeto – a variação na combinação de elementos básicos para a geração da forma – estaria mais próximo daquilo que Zarzar (2000; 2003a; 2003b; 2004) identificou como um processo mecânico de produção do edifício – pois ocorrem como

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

alterações significativas só no segundo grau da forma e nas suas propriedades plásticas, mas não influem no tipo em si: na sua definição socioespacial.

Por sua vez, essas outras propriedades, os dados socioespaciais do tipo, definidos pelas exigências da FIFA, constituem uma condição extremamente oposta: são tão repetidos que tendem, como conjunto, a se tornarem um modelo fixo, perdendo a capacidade de adaptação e invenção que caracterizariam o princípio tipológico em seu aspecto mais abrangente, como discutido no Capítulo 3. Contrariando a defesa de Hillier (1996) – para que o tipo sirva de referência, mas não de prisão – os exemplares estudados denotam mais uma coleção de escolhas de soluções dentro de um dado repertório que tentativas de invenção ou desenvolvimento de novas soluções.

Por tais fatores, o momento atual do tipo é quando se verifica uma notável inflexão na tendência histórica dos seus padrões morfológicos – a disjunção, cada vez mais evidente entre a estrutura espacial e os aspectos imagéticos manifestados pela conformação dos invólucros dos edifícios.

Enquanto a primeira é regida por rígidas normas internacionais – que padronizam o programa, as soluções espaciais (circulações, zonas de permanência, padrão de encontro entre usuários e mesmo critérios de visibilidade) e as próprias expectativas do público que utiliza os edifícios e suas possibilidades – a segunda, a forma exterior, torna-se cada vez mais pautada pela aplicação de elementos independentes da estrutura espacial (cada vez mais a-tectônicos) e mais direcionada pela associação com símbolos da cultura visual de cada contexto em que se inserem os edifícios.

O que se pode concluir, em uma visão mais superficial, é que o funcionamento padrão do estádio FIFA já estaria plenamente garantido mesmo sem a variação formal identificada (NIXDORF, 2005). Esta seria, então, mera decoração ou tentativa de construção de certas identidades visuais ou de expressão de cunho mais artístico ou assinatura de uma linguagem de autor. Mesmo que aparentemente, contraditório, portanto, conclui-se que a variação pela combinatória dos elementos do segundo grau da forma e dos seus recursos plásticos aplicáveis se manifestam como uma característica fixa e intrínseca ao tipo.

Tal interpretação, porém, precisa ser relativizada segundo uma análise mais aprofundada do papel que o tipo, como dispositivo e como produto, desempenha na economia global contemporânea.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Ao se correlacionar essa completa independência dos aspectos mais exteriores e visuais da forma com certas demandas da sociedade contemporânea, compreende-se que a forma e a imagem dos estádios não são a parcela inocente dos empreendimentos. Pelo contrário, elas são componentes de uma estratégia de mercado igual e coerentemente pragmática e direcionada à produção e reprodução de ciclos de consumo, como se explica a seguir.

6.2.1 Edifícios de consumo: produção e reprodução de estádios como objetos de desejo

Autores como Deyan Sudjic (2005), Keller Easterling (2005) e Pedro Fiori Arantes (2012) afirmam que edifícios institucionais contemporâneos de caráter global nunca são elaborados de modo indiferente ou inocente. As intenções de arquitetura são precedidas por fatores bastante objetivos, seja pela capacidade de se governos ou empresas se utilizarem deles como símbolos de poder político ou econômico, como produtos para viabilizar ciclos do capital financeiro internacional, ou mesmo de reprodução de estruturas de *status* econômico e social, seja pelo seu uso ou mesmo pelo processo de produção.

281

Easterling (2005), inclusive, ao se referir a “produtos espaciais”, complementa a noção já desenvolvida por Markus (1987; 1993), de que as estruturas espaciais de edifícios de alta complexidade são desenvolvidas como grandes dispositivos para a realização de eventos rigidamente programados pelas instituições que os possuem, pois enquadra essa noção de poder à de venda e de mercado de programas de uso – ou funções – globais, tão poderosas que transcendem até mesmo as legislações dos sítios em que se instalam.

Já Sudjic (2005) e Arantes (2012), mais ligados aos aspectos da forma, confluem ao afirmar que formas inusitadas e visualmente apelativas são utilizadas de modo deliberado pelos projetistas para expressar a distinção das instituições e aquele poder referido Por Markus (1993) e Easterling (2005) nos seus escritos. Mas Arantes (2012) ainda identifica no rebuscamento formal de certos arquitetos-estrela (MCNEILL, 2009) a escolha intencional de soluções formais e tecnologias variadas e de acesso restrito – um meio de se destinar os fluxos do capital financeiro internacional à viabilização de edifícios de alta complexidade e grande capacidade de publicidade – tanto para o público leigo como dentro do próprio círculo profissional dos arquitetos.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Por outro lado, do aprofundamento dos estudos sobre a sociologia do futebol em paralelo aos do próprio tipo arquitetônico do estádio FIFA, chegou-se à conclusão de que a arquitetura imposta pela instituição mundial do futebol tem sido produto e instrumento de um ciclo produtivo global, envolvido profunda e diretamente nos fluxos de capital financeiro das indústrias de construção civil, comunicação, entretenimento e turismo, além de suportar indiretamente vários outros mercados, produtos e marcas (HARVEY, 1992; 2005; MASCARENHAS In: MASCARENHAS, BIENESTEIN; SÁNCHEZ, 2011, p. 25 -82)..

Sendo assim, entendeu-se que o estádio de futebol contemporâneo é um produto da economia global, tendo que cumprir, para tal finalidade, com um rígido padrão de expectativas de uso e desempenho que terminam por, também, padronizar considerável leque de propriedades de sua arquitetura. Assim, as exigências da FIFA para seus torneios internacionais – que precisam de um padrão que responda homogeneamente a questões centrais como rentabilidade, conforto e segurança – chegam a definir as próprias plantas dos edifícios mais recentes, exigindo um modelo global de edifício (NIXDORF, 2005).

282

De imediato, portanto, é possível compreender que a pluralidade formal, apesar da rigidez espacial, nos estádios estudados, é um fenômeno perfeitamente coerente com um modelo de prática de arquitetura voltada a um mercado internacional que não é nem mesmo exclusivo ao futebol, mas das corporações globais (EASTERLING, 2005), sendo a FIFA mais uma delas. Mas, em verdade, pode ser entendido como fenômeno ainda mais amplo.

A necessidade socioeconômica de se produzir e reproduzir o desejo de consumo é complementar à ideia de personalização defendida por Baudrillard (1970), e confluenta com a noção de distinção por acúmulo de capital simbólico de Bourdieu (1989; 2009), em que os sujeitos, ou grupos de sujeitos, procuram constituir identidades fortes e vendáveis, na necessidade de aparecer em meio aos demais, como personagens com valor próprio exclusivo em um mundo competitivo: em que exibir aos demais que se possui determinado objeto pode significar inclusão e diferenciação, ao mesmo tempo (BAUDRILLARD, 1970).

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas, se Baudrillard diz que a cultura contemporânea é caracterizada por uma sociedade do consumo, Martine Joly (1994), no campo da comunicação, fala em uma civilização de consumidores de imagens, dada a importância que assumem atualmente a veiculação imagética e o seu papel para construir o imaginário contemporâneo e os ciclos de consumo de produtos.

Sendo assim, no caso dos estádios FIFA, a pluralidade formal pode parecer, em um primeiro momento, superficial do ponto de vista da materialidade do objeto. Mas, em uma segunda análise, mais profunda, pode ser entendida como central no processo de concepção, como um próprio dado de projeto, considerando que o edifício desempenha mais do que somente servir ao evento futebol – ele vende uma ideia de evento a uma cidade que precisa, também, competir internacionalmente (HARVEY, 1992; 2005; KUPER; SZYMANSKI, 2009).

Tal questionamento, como já apontado acima, é típico aos grandes empreendimentos edilícios de caráter internacional que esta tese aponta como constituintes de novos tipos globais. Em síntese, estádios são tanto produtos como dispositivos espaciais contemporâneos – servem para a operação de eventos de modo bastante pragmático ao mesmo tempo que vendem a cultura do consumo desses mesmos eventos.

283

6.2.2 Objetos de uma economia de trocas simbólicas

Em termos da pragmática político-econômica, sabe-se que a intenção – muitas vezes não declarada – de se implantar um novo estádio – para além dos requisitos do futebol – está na inserção de quem o recebe – a cidade sede do evento – no competitivo ciclo econômico do capital financeiro global, que está menos interessado no futebol em si do que em tudo que, a ele relacionado, puder gerar lucros (HARVEY, 2005).

Também existe o interesse de um mercado de construção civil global – e de fornecedores de materiais e equipamentos altamente especializado – em se sustentar e manter o fluxo de vendas. Quando se acaba uma copa do Mundo em um dado país, é preciso criar a demanda pela construção de mais novos estádios em outro. Daí o interesse mais recente da FIFA em realizar suas copas em países ainda em desenvolvimento e com pouca infraestrutura instalada, como será na Rússia e no Catar, depois do Brasil (MASCARENHAS In: MASCARENHAS,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

BIENESTEIN; SÁNCHEZ, 2011, p. 25 -82). De novo, nesses países, é preciso criar a ideia da necessidade do consumo de novos edifícios.

E quando isso se faz necessário, o que sobra aos arquitetos como meio de exprimir esse discurso de convencimento é a superfície do edifício, e a possibilidade de se construir objetos de desejo com suas propriedades simbólicas plásticas. É o que Baudrillard (1968; 1991) chama de “estética da simulação”, quando há a reprodução da imagem de objetos previamente conhecidos em escalas diferentes das suas naturais, além do uso de materiais distintos dos originais em caráter de imitação, seguindo uma dada moda de dado momento. Conforme Adrian Forty – em um trabalho sobre a relação entre o design e a sociedade moderna, ainda em 1986 – essa estética funciona para traduzir aspirações de determinada classe para uma outra superior, usando-se, para isso, a associação a uma posse de um objeto de desejo em uma dada cultura.

Transfere-se para o edifício, portanto, uma prática que já se conhece no campo do desenho industrial, por exemplo. Os estádios contemporâneos são concebidos para serem vendidos, mas a venda depende da construção de um imaginário em torno do ente, de fazer com que o potencial público consumidor acredite que é necessário obter o produto, desejar o objeto (FORTY, 1986).

284

Quando se fala em conquista de público, duas situações devem ser consideradas: (a) convencer o público local, potencial utilizador do estádio, a se sentir atraído ou identificado com o objeto em alguma dimensão – se o estádio é genérico do ponto de vista espacial, ao menos em sua imagem ele pode ser apelativo a aspectos mais locais; e (b) provocar certo orgulho na cidade dona do estádio em exibi-lo ao mundo, mostrar às cidades concorrentes que ali existe um edifício novo e alinhado com toda uma economia de centro, mas com características que o tornam único – no mínimo, externamente – por estar naquele lugar.

Um recurso recorrente a esse processo de construção de um desejo de consumo estaria embasado na reprodução de certas práticas de *status* social já culturalmente validadas e legitimadas historicamente dentro de um dado contexto de sociedade. Quanto mais identificado for um dado grupo social com essas práticas, mais legitimadas socialmente elas serão. Também, haverá a tendência a certos símbolos ou sistemas simbólicos passarem a ser associados a tais práticas. Quanto mais diretamente relacionadas estiverem as práticas aos símbolos, e estes a determinados

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

grupos sociais, mais crédito social tais símbolos ou sistemas simbólicos representarão para os seus demais membros. É esse poder que Bourdieu (1989; 2009) denomina de capital simbólico.

Historicamente, para Bourdieu (2009), os sistemas simbólicos dominantes expressam a visão de mundo das classes hegemônicas, sendo que a escolha da sociedade por uma representação de conjunto, dada a relação com o status de dada classe, tenderá a se concentrar justamente nessa associação, definindo uma economia de trocas simbólicas entranhada na própria viabilização das estruturas sociais.

Tal importância do símbolo explica por que a sua utilização se relaciona com a intenção de viabilizar ou justificar todo o investimento que um edifício tão complexo quanto um estádio FIFA virá a demandar. Para Bourdieu (2009), seriam bens simbólicos – mesmo sendo também bens materiais. A posse de objetos de desejo, bens simbólicos, por sua vez, participa do processo de aquisição e acúmulo de capital social – mais do que de capital cultural – essências para uma economia de trocas simbólicas, como defende o autor.

Essas obras, portanto, atendem às expectativas de clientes interessados em anunciar e demarcar o seu poder (SEDJUC, 2005) – e a sua distinção (BOURDIEU apud HARVEY, 1992, p. 80; HARVEY, 2005) em determinado setor de atuação, sejam eles governos, empresas ou particulares, corroborando para reproduzir uma tendência histórica à consolidação de carreiras profissionais dos arquitetos já mais bem posicionados nos seus mercados específicos – com mais capital simbólico – dentro do seu próprio campo (STEVENSON, 2003) – dando como exemplo desde os zigurates e pirâmides até o edifício do World Trade Center de Manhattan, e passando pelo Versailles de Luís XIV ou as intenções monumentais de Albert Speer a serviço de Adolf Hitler.

Sendo assim, a economia de símbolos de Bourdieu (2009) termina confluindo com o que Baudrillard (1968) chama de um sistema de objetos – a dotação desse valor simbólico de natureza social sobre os entes físicos. Para além das suas funções práticas de objetos – de facas, isqueiros, carros, casas ou estádios – a sociedades atribui, por meio de associações de suas propriedades visuais – valores simbólicos que ampliam a importância dos tais entes – objetos – na cadeia de funcionamento da sociedade. Sendo uma sociedade de consumo, o consumo de objetos e de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

símbolos se torna um sistema só, que precisa ser alimentado intencionalmente para se manter viável e extrapolar sua importância para a economia do capital real.

Para tal, edifícios de grande valor – econômico, simbólico, social – são dependentes da construção de uma imagem de objetos autônomos muito bem definida, quase totêmica, para terem, também, validação entre seus usuários-consumidores. Portanto, agora, para serem comprados e consumidos, para que se atinja o convencimento da necessidade de se ter o edifício para além da mera viabilização do torneio internacional, os exemplares assumem o papel de “edifícios objeto” (GHIRARDO, 1996). São concebidos para serem percebidos visualmente a partir do exterior, do ponto de vista característico das publicações publicitárias e transmissões dos meios de comunicação (BAUDRILLARD, 1982).

E esta é justamente a tendência que é avaliada nos doze projetos para as arenas da Copa do Mundo de Futebol de 2014, no Brasil.

Essa busca pela eficiência econômica associada ao consumo simbólico leva a uma ruptura com uma certa expectativa tradicional – e, diga-se de passagem, já sem rebatimento na realidade analisada – de uma interpretação mais poética dada pela semiologia da arquitetura, em que teóricos e críticos costumavam se basear, como esta, de Décio Pignatari:

Diferentemente da grande maioria dos signos icônicos, mas semelhantemente à signagem dos sistemas de objetos (Desenho Industrial), o signo arquitetônico, funcional ou simbólico, tem a característica de não distinguir entre a representação e a coisa representada. Quando a distinção se dá, tende ele a compartilhar da natureza da escultura, ainda que em escala monumental. (PIGNATARI, 2004, p. 154)

De fato, o estádio de futebol tradicional de linguagem modernista, no Brasil, como visto no capítulo anterior, procurava ser somente um edifício que tivesse feições de estádio – ver as arquibancadas em concreto aparente fazia parte da ideia de “edifício para o futebol”. O estádio contemporâneo, agora, procura representar algo além do edifício, da tecnologia construtiva ou da identificação de elementos diretamente ligados ao seu uso – como os degraus das arquibancadas. Como a venda do evento e a venda da ideia do edifício são tão importantes, a construção de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

imagens apelativas, em um aspecto culturalmente mais amplo, é algo que passa a ser mais um dado recorrente de projeto.

Mas, também, numa leitura inicial, seria fácil enquadrar essa concepção pragmática do uso da forma exterior para a construção de imagens nos discursos de autores mais recentes, como Robert Venturi, Aldo Rossi ou Rem Koolhaas, como se discorreu no Capítulo 2 desta tese. Se assim fosse, os estádios seriam imediatamente compreendidos como os “edifícios icônicos” propostos por Charles Jencks.

Todavia, edifícios icônicos são encomendados a escritórios de arquitetura com alto *status* simbólico (são vanguarda, ou referenciais) no campo da profissão (STEVENS, 2003; MCNEILL, 2009), aqueles comandados pelos arquitetos-estrela, porque a distinção dada pela imagem materializada pela forma e pelas propriedades plásticas visuais dos edifícios se agrega ao respaldo do profissional, à sua assinatura, à sua grife. É verdade que alguns exemplares de estádios terminam sendo tratados como ícones, deliberadamente, sendo objeto de projeto de escritórios de arquitetos-estrela. Neste ponto vale lembrar até mesmo dos casos referenciais dos conceitualmente antípodas: Estádio Olímpico de Pequim e Allianz Arena de Munique.

287

Mas a estratégia projetiva, no caso dos estádios de competições mais recentes – África do Sul e especialmente, neste trabalho, Brasil – aparece menos como concepção teórica e mais como solução de mercado – eles nem necessitam da assinatura do arquitetos-estrela. Sendo um exemplar que já nasce com um nome de batismo e vem de uma imposição de um mercado global mais amplo, a *grife* arquitetônica é algo opcional.

Em verdade, a maior parte dos projetos é realizada por escritórios especializados no programa determinado, sem necessariamente serem produtores e algum discurso teórico mais profundo – no caso dos estádios de futebol, se torna bastante evidente – sendo os mesmos escritórios também responsáveis pela utilização pragmática da forma sem a preocupação de registrar as suas assinaturas – são escritórios mais generalistas, sem a preocupação com a construção de uma ideologia consistente e, muito menos, com a sua validação pela coerência na sua produção.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Também, a indiferença pela coerência entre discurso e produto expressivo é notável, e é tal que um mesmo escritório apresenta soluções de envelopamento dos estádios bem distintas, a depender da condição local encontrada – um público mais ligado ao estádio ou não.

Pode-se tomar, por exemplo, os casos de Manaus, Belo Horizonte e Brasília. As concepções de forma são totalmente distintas e se tratam de projetos acompanhados escritórios locais associados distintos, mas um mesmo escritório global GMP – Architekten Von Gerkan Marg und Partner – assina as três propostas – sendo o mesmo escritório responsável por projetos igualmente tão distintos entre si como dos novos estádios de Kiev, na Ucrânia e da Cidade do Cabo, Durban e Port Elizabeth na África do Sul.

Existe ainda outra diferença entre o que seriam os “edifícios icônicos” de Jencks e o que apresentam os exemplares de estádios estudados. Enquanto os primeiros são concebidos como marcos culturais mais perenes – ou seja, advém do chamado “complexo do edifício” de Sudjic (2005) – os estádios são concebidos para se viabilizarem para um evento específico, com prazo de conclusão de obras e de início de uso bem definido. Quer dizer que se trata de um produto apresentado em tom de urgência, com todas as excepcionalidades que tal urgência acarreta, inclusive pouca preocupação com o seu caráter futuro.

288

A falta de uma linha comum de projeto, de uma assinatura de autor, seria impensável para Venturi, Rossi ou Koolhaas, ou mesmo aos seus seguidores posteriores. Já no caso de uma empresa que desenvolve produtos, e é, portanto, menos autoral, essa é uma questão secundária, contanto que a relação com os seus clientes – as cidades contratantes dos projetos – tenham seus objetivos de convencimento de público e distinção globais atendidos e sua participação no mercado se mantenha garantida.

Resta entender, porém, por que se fazem escolhas formais tão específicas ou arrojadas em certos casos e, em outros, se opta por soluções mais genéricas ou plasticamente parcimoniosas – ou por que, em determinados momentos, o caráter apelativo é mais evidente que em outros.

6.2.3 Substituição do *habitus*, compensação pela imagem

Os elementos relativos à forma, nos projetos brasileiros analisados, terminam por constituir um aspecto imagético de modo não necessariamente icônico – porque o ícone é uma representação reduzida de outro ente referencial (DONDIS, 2007) – e a liberdade de utilização da plástica verificada entre os exemplares nacionais não indica estar diretamente relacionada a essa preocupação. Ser ou não icônico, no caso dos estádios, é uma escolha circunstancial a cada caso, não uma exigência do tipo ou uma regra geral de mercado.

Sem direta e necessariamente “parecerem ser alguma outra coisa”, a maioria dos exemplares estudados apontam, na verdade, para a construção de imagens que se associam com aspectos culturais locais a cada subsede do torneio – as associações vão desde as dunas de areia do litoral do estado do Rio Grande do Norte ao uso de vegetação viva no projeto de Cuiabá, cidade da região do Pantanal. O fenômeno gera ainda casos paradoxais, como dos estádios do Maracanã, no Rio de Janeiro, e Mineirão, em Belo Horizonte: a estrutura de concreto original – protegida como patrimônio histórico – é mantida como envelope do edifício reformado, embora sejam estruturalmente independentes de partes das novas arquibancadas.

Sobre tal questão, o arquiteto alemão Burkhard Pick da empresa Architekten Von Gerkan Marg und Partner (GMP) – responsável pelas propostas dos novos estádios em Belo Horizonte, Brasília e Manaus – fala em uma “indigienização” da forma, uma vez que pouca variação é permitida em outras propriedades dos edifícios. Ou seja, confirma que é mais importante o público a ser conquistado do que a autoria do projeto, conforme uma entrevista concedida a Martin Curi (2012):

O arquiteto continuou me explicando que a empresa GMP, de fato, busca um modelo único para seus esboços de estádios, inclusive como exigência da FIFA, que considera a oferta do mesmo serviço em todos os estádios parte do seu padrão de qualidade. Por isso, por exemplo, os camarotes VIP precisam ter absolutamente o mesmo tamanho, design e objetos interiores. Mas o GMP quer considerar fatores locais para adaptar o design para a estética do lugar de construção. Por isso, a cobertura do estádio em Manaus lembra o desenho da pele de uma cobra, considerada um animal típico da região amazonense. O

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

estádio de Brasília foi adaptado à estética modernista dos arquitetos brasileiros Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Finalmente, a fachada do estádio de Belo Horizonte foi preservada e apenas introduzida uma nova cobertura. Isso tudo são exemplos da indigenização. (CURI, 2012)

Ora, se estádios novos apresentam títulos apelativos e formas pretensamente associadas a aspectos das culturas locais de modo tão idiossincrático, fica evidente a tentativa de “customizar” o objeto genérico para aproximá-lo de um público local com identidade tão bem constituída e perceptível. Portanto, é a forma que é deliberadamente utilizada como um elemento de comunicação, mas do ponto de vista mercadológico, publicitário, e não como tentativa de humanização, atendimento a necessidades subjetivas ou inovações, especulações semióticas.

Mas também se sabe que o tipo estádio FIFA é extremamente rígido espacialmente para servir o melhor possível a regras muito precisas de funcionamento. Por outro lado, é um grande investimento econômico, que traz uma série de impactos ao meio em que se insere e precisa, em dadas conjecturas sociais, políticas e econômicas, ser justificado para vir a existir.

290

Dessa necessidade de justificativas, um dos questionamentos mais críticos que se coloca é: uma vez que todo este contexto será transformado pelos novos estádios, será implantado um espaço genérico e alienígena para o desempenho dos eventos sociais do futebol desassociado do *habitus espacializado* operante nos torcedores da cidade. Ainda mais, dado o sempre presente risco de insucesso dos clubes ou seleções, como deve ser concebido o novo edifício para venha a ser aceito, comprado e consumido por um público que pode ser bem distante daquele que o seu texto prescreve – e para que a paixão, a devoção e a identificação do torcedor seja conquistada?

É claro que o gosto pela novidade e a sensação de entrada em um cenário “modernizante” é um fator favorável a provocar o apoio popular, mesmo aos estádios sem clube definido. Entretanto, considerando o modo tradicional de se torcer no Brasil, é natural que toda a estranheza e austeridade trazidas pelo modelo do estádio FIFA – a própria mudança do *habitus* e do *ethos* do futebol brasileiro – tende a exigir um convencimento, ou formação de um novo público de modo mais apelativo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Antes de tentar responder à pergunta, cabe lembrar que o processo de mudança do *habitus* futebolístico brasileiro – considerando que assim o exigirá o novo padrão FIFA de estádios e de gestão dos eventos de futebol – ocorrerá de modo distinto de como se processou na Inglaterra na década de 1990, conforme relatado por King (1998), por exemplo.

Enquanto na Inglaterra se verificava uma política de governo voltada à transformação, com linhas de ação bastante nítidas, o caminho brasileiro segue uma lógica essencialmente de mercado. Esse mercado, porém, não está ligado às estruturas econômicas do futebol brasileiro em si, mas sim à viabilização do evento lucrativo global – porém pontual – que é a Copa do Mundo.

A despeito de uma série de inadequações claras nos estádios brasileiros no que concerne, ao menos, à segurança dos torcedores⁸¹, a imposição do novo modelo espacial atende ao interesse de entrada do Brasil – e várias de suas capitais – em um circuito mundial de fluxo financeiro, não apenas do turismo nem da publicidade, mas também de um mercado imobiliário altamente especializado que opera no segmento dos megaeventos esportivos (MASCARENHAS In: MASCARENHAS; BIENESTEIN; SÁNCHEZ, 2011, p. 25 -82). Tal intenção não é restrita à Copa do Mundo de Futebol, pois é preciso ter em conta que esta é imediatamente precedida pela Copa das Confederações de 2013 (também da FIFA) e sucedida pelos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro.

Além disso, a responsabilidade pela implantação dos novos estádios não é delegada diretamente aos clubes, como se deu na Inglaterra. No processo de candidatura das cidades à Copa do Mundo de 2014, estabeleceu-se a lógica da livre iniciativa e da livre concorrência, tanto no pleito das cidades candidatas a sede como nas propostas de projetos de estádios.

Sendo assim, poucos foram os clubes que se apresentaram com disposição e confiança como candidatos a bancar um estádio. Apenas os clubes de São Paulo (São Paulo, Corinthians e Palmeiras), Porto Alegre (Grêmio e Internacional) e Paraná (Atlético Paranaense) arriscaram

⁸¹ Lembrando, por exemplo, de casos ainda da primeira década dos anos 2000 em praças como o antigo estádio da Fonte Nova, em Salvador, 2007 - quando a queda de parte de uma arquibancada ocasionou a morte de sete torcedores e precipitou a sua demolição.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

apresentar propostas de estádios próprios e, mesmo assim, o fizeram com a expectativa de receberem incentivos ou financiamentos públicos.

Os demais estádios vieram de iniciativas governamentais – principalmente quando havia estádios públicos já existentes e passíveis de adaptação, como nos casos de Brasília, Rio de Janeiro, Fortaleza, Manaus e Salvador – ou foram apresentadas propostas montadas a partir de parcerias público-privadas desde sua origem (como no caso do Recife).

Este aporte de um novo modelo de estrutura espacial essencialmente alienígena – não ligado, em sua maior parte, por qualquer pacto entre clube e torcedor, e sim pela corrida em direção ao mercado mundial das cidades – leva a uma inevitável condição de distanciamento do público com os equipamentos⁸² (MASCARENHAS; BIENESTEIN; SÁNCHEZ, 2011).

Considerando todas as idiosincrasias da cultura clubística discutidas neste trabalho, seria de se esperar que os projetos de arquitetura de estádios de futebol devessem prezar por atender a demandas também bastante específicas de seus clientes. O normal seria que o estádio novo fosse eficiente ao clube na sua busca por capital futebolístico – ou seja, vitórias e títulos – constituindo-se em um ambiente que, apesar de respeitar as normas gerais exigidas ao esporte – pudesse atender a algumas condições locais que propiciassem mais capacidade de participação dos torcedores nos esforços da equipe quando em campo.

Todavia, dentre os doze projetos escolhidos para 2014, apenas três são concebidos já com a destinação de servir a algum clube: o Estádio da Baixada, do clube Atlético Paranaense; o Beira Rio, do Internacional de Porto Alegre; e o Itaquerão, do Sport Club Corinthians Paulista.

Os três estádios que já possuem um clube a eles associados em suas concepções (pertencem aos clubes) – o Atlético Paranaense com a Arena da Baixada, o Internacional com o Beira Rio e o Corinthians com o Itaquerão – apresentam projetos que não prezam pela associação a imagens culturalmente apelativas. Mesmo o projeto do Internacional, de maior proximidade com o

⁸² É o que se nota, ainda hoje, com relação ao estádio Olímpico João Havelange, conhecido por Engenhão, no Rio de Janeiro. Concebido sem a participação de nenhum clube para os Jogos Pan-americanos de 2007. Depois mesmo sendo alugado pelo Botafogo, nunca chegou a ser aceito pela torcida, além de apresentar recorrentes baixas médias de público.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

aspecto de tigela, faz uso de elementos estruturais repetitivos, sem maiores associações com outros símbolos reconhecíveis localmente. É de se deduzir que a ligação direta com o clube, sendo estádios concebidos para o torcedor, até mesmo com a promessa de adaptações futuras às suas necessidades particulares fazem com que os edifícios prescindam de maior apelo visual.

Isso quer dizer que, quando o futebol é suficiente para que determinado grupo compre a ideia de fazer um grande investimento de esforços pelo estádio, esse trabalho de convencimento é menor, e a noção de dispositivo se basta – o que prevalece é o programa e as qualidades de uso prometidas – e o clubismo é, de novo, determinante.

Outros oito exemplares possuem um caráter de estádio público, ou seja servirão indiferentemente aos clubes de suas cidades. É verdade que quatro desses são adaptações ou substituições de edifícios existentes, mas mantêm a mesma localização e o mesmo nome, a cultura de uso já é consolidada, sendo os edifícios em suas condições anteriores referenciais às culturas futebolísticas locais, casos do: Castelão em Fortaleza, da Fonte Nova em Salvador, do Mineirão em Belo Horizonte e do Maracanã no Rio de Janeiro. Embora não se liguem a um clube em específico, guardam o mesmo local de situação, o mesmo nome e, de algum modo, a antiga relação com a tradição do futebol local.

293

De maneira semelhante, os estádios públicos em cidades com uma cultura clubística forte – e que procuram se manter próximos dos edifícios anteriores – seja pela repetição da forma e do nome (Fonte Nova) ou pela manutenção de suas estruturas envolventes originais (Maracanã e Mineirão) – parecem menos preocupados com a associação a demais imagens exteriores – ou seja, de cumprir a função de ícone, a não ser a de serem ícones deles mesmos, ou de um passado ainda muito recente.

É verdade que se poderia afirmar que o Maracanã e o Mineirão, especificamente, subvertem esse raciocínio imediato no momento em que as costelas de concreto aparente originais são mantidas sem que a lógica estrutural original, que justificava a verdade dos materiais, ainda seja a mesma. Com as exigências de preservação do aspecto exterior dos edifícios, mas não das suas estruturas internas, a verdade estrutural do concreto armado, nos dois casos, passa a ser uma imagem de rememoração do passado – pois os dois edifícios, com seus espaços interiores tão transformados,

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

na verdade, são como novos. Nesses casos, termina se tratando menos de preservação patrimonial, e a forma deixa de seguir a função para se apresentar como uma imagem de apelo historicista – quiçá, alinhando-se a uma tendência contemporânea de culto ao *retro* ou ao *vintage* (SUDJIC, 2010).

Dos quatro outros estádios públicos, três estão em cidades com pouca tradição clubística: Manaus, Cuiabá e Brasília. Tal independência é discutida, inclusive, como sendo uma ameaça à capacidade dos edifícios de se manterem sustentáveis após o final da Copa do Mundo de 2014, pois não conseguiriam ter uma frequência de jogos satisfatória nem nenhum fator de identificação entre edifício e público. Por isso, cidades com menor cultura clubística nitidamente, assumem um maior apelo a imagens externas. É o caso de Manaus, com seu edifício de quer aludir um cesto indígena ou a profusão de vegetação para se associar à ideia de verde do estádio de Cuiabá.

O último dos quatro estádios públicos é o novo exemplar da Cidade do Natal. Este, embora se localize no mesmo sítio do edifício anterior – que tinha adesão à cultura clubística local – termina por ser identificado de modo independente, como algo completamente novo, pois muda até mesmo de nome, passando a ser reconhecido por Arena das Dunas – significando que, diferentemente do que ocorre em Salvador (que substitui o edifício, mas mantém o seu nome), o edifício antigo, nem como referência, definitivamente, não existe mais.

294

O último caso é do exemplar da Cidade do Recife, que, coincidentemente, torna-se um dado que se soma à discussão anteriormente feita sobre a cultura do futebol nessa cidade. Considerando que nesta mesma tese já foi utilizado o caso particular da capital pernambucana – e seus clubes – como exemplo emblemático de como a cultura do futebol se especializa e, ao mesmo tempo, se torna constituinte da própria identidade de uma dada sociedade, convém manter o mesmo caso como referência para algumas reflexões a respeito do processo por que passa o seu estádio em relação ao seu contexto futebolístico.

Localizada em São Lourenço da Mata, município vizinho à capital, a Arena Pernambuco é componente de um projeto urbanístico detalhado. O tal edifício é executado, em princípio, por iniciativa privada, pertencendo a um consórcio de empresas que firmou parceria com o poder

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

público local (Governo do Estado de Pernambuco) para um projeto mais amplo, que, além do estádio, contempla um novo bairro, com habitação, comércio e uma universidade estadual. Em teoria, deve servir para o ordenamento da expansão da Região Metropolitana do Recife (BRANDÃO, 2012).

Apesar de ser uma iniciativa de empresas privadas, a Arena Pernambuco não é um projeto que nasce com a chancela de nenhum dos clubes locais. Entretanto, é completamente dependente deles para a sua sustentabilidade futura, fazendo-se necessária uma aproximação, com várias tentativas de convencimento dos clubes de aderir ao novo edifício e abandonar os seus antigos. Diante do interesse em fazer parte do ciclo de fluxos de capital trazidos pelo evento da Copa, até o momento de produção desta tese, a empresa gestora da Arena Pernambuco havia conseguido a adesão do Clube Náutico Capibaribe como futuro time utente do estádio, embora os empreendedores continuem manifestando o interesse de poder contar, também, com os outros dois rivais – Sport e Santa Cruz.

O caso do Recife apresenta o seguinte problema ao projeto do novo estádio: seus clubes gozam, hoje, de estreita relação com a população da cidade, tanto do ponto de vista espacial como cultural, montada sobre uma série de idiossincrasias locais, de modo tão coeso que, apesar dos insucessos nos cenários nacional e internacional, terminam por manter e ampliar as suas importâncias. Isto ocorre pela identificação plena do torcedor com o contexto do clube.

295

Portanto, abandonar os campos tradicionais significa também se afastar dos seus bairros de origem e de uma série de propriedades socioespaciais historicamente agregadas às culturas dos clubes, individualmente e em relação às rivalidades entre eles. Lembrando das características do *habitus* especializado do Recife, atender à nova arena significaria que o vai-e-vem de torcedores nas arquibancadas dos Aflitos, entre pontos mais altos e o alambrado, se tornaria impossível. A construção de palco para a apresentação da bandeira da Ilha do Retiro pode não ser permitida, uma vez que todos torcem sentados e a compra de ingressos é identificada. O ritual de ocupação dos melhores lugares dos anéis do estádio do Arruda deixam de fazer sentido, uma vez que a distribuição das cadeiras busca a homogeneidade das condições de visibilidade ao campo.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Um outro ponto que tende a ser definidor de um novo perfil de torcedor é o próprio preço dos ingressos. Considerando que todos os assentos são cadeiras, deverá haver uma substituição do torcedor de menor poder aquisitivo por uma elite mais próxima ao perfil dos sócios e detentores de camarotes nos atuais estádios. Porém, considerando o perfil socioeconômico do Recife, põe-se em dúvida se possível manter as médias de público hoje observadas no estádio do Arruda, por exemplo, em um estádio elitizado.

A mudança do público e do seu comportamento pode levar ao afastamento do torcedor mais aguerrido, que dá suporte à clássica rivalidade local (FIGs. 172 e 173). Entende-se que, em um cenário como o do Recife, onde a técnica e o *status* nacional dos clubes são menos importantes do que a tradição, o fenômeno pode vir a desencadear uma fragilização das estruturas do futebol da cidade.

Entretanto, o projeto continua na sua genericidade original, só garantindo como elemento de identificação com o clube – ou com todos os clubes da cidade – a possibilidade da fachada de mudar de cor a partir do seu sistema de iluminação. Certamente, isso se liga ao fato do Recife ser uma cidade em que futebol, lugar e cor são muito associados. Uma vez que as cores dos clubes são símbolos fundamentais na cultura futebolística – e tão caras aos torcedores da cidade – a escolha (só citada em mais um dos exemplares brasileiros, o de Salvador) apresenta-se como uma evidente estratégia de adaptação aos potenciais clientes locais, garantido que ele pode se adaptar a outro clube, caso convenha. Quer dizer, na ausência de identidade com o espaço ou com a forma, em sua dimensão mais superficial, o edifício pode servir a qualquer torcedor local – considerando que, na cidade, a associação às cores dos três times principais é uma constante cultural⁸³.

296

⁸³ Além de tudo, as cadeiras das arquibancadas são vermelhas - a única cor presente às bandeiras dos três times da cidade.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento



Figura 172 e Figura 173 – público de partidas FIFA da Suécia e no Brasil (fonte: www.esportesuol.com.br)

A superfície como imagem exterior, assim, é elemento com a propriedade de compensação da falta de identidade para se suprir a necessidade de convencimento de público que é parte do processo de venda.

O caso do Recife aparece como condição máxima da associação entre o rigor, a previsibilidade do texto-modelo prescritivo do seu uso e a genericidade em certas propriedades do edifício – seu padrão espacial – em paralelo a uma tentativa de se atingir a flexibilidade máxima em termos de expressão imagética. O clubismo, então, é, de novo, determinante – mas, agora, pela sua ausência. O tipo enquanto espaço e forma não é suficiente, pois o uso tende a ser genérico e não indenitário. Além de não ter um clube agregado ao projeto em sua origem – ele nasce genérico – há a concorrência com os estádios e locais tradicionais do futebol da cidade, com grande adesão de seus torcedores. Mas essa concorrência tenta ser vencida com a possibilidade de o estádio mudar as suas cores – ao menos na superfície – para atender qualquer que seja o time mandante.

O caso do Recife explica, portanto, por que quando o edifício vem dissociado da tradição ou da relação emocional clubística – um público alvo específico e participante do processo – ele precisa ser vendido como algo valioso e necessário ao progresso de dado lugar, de dado público genérico. E é o que acontece também em Manaus, nitidamente, e em Cuiabá. O exemplo manauara representa a intenção clara do apelo ao ícone, e o de Cuiabá á agregação de valores exteriores ao futebol. Também é semelhante em Natal, quando se negam valores culturais e se tenta constituir um novo produto a partir de um novo referencial simbólico – em princípio, até mais apelativo do antes.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

A depender do contexto essa necessidade pode ser mais ou menos aguda. Sintetizando, existiria uma escala de construção de imagem dentre os exemplares – ou de um apelo mais evidente às propriedades plásticas da superfície. Se se estabelece uma correlação entre o contexto e a construção de uma imagem apelativa, vai se perceber que quanto mais difícil o contexto, mais apelativo se torna o papel da superfície. Mais valores são agregados a partir das propriedades imagéticas de percepção visual. Em ordem, os exemplares se apresentariam assim:

1º) Recife

Envelope tão genérico que é variável, adaptável, à dificuldade de aceitação dos clubes locais e à falta de identidade e tradição do edifício;

2º) Natal e Manaus

Envelopes que constituem imagens de caráter com tendência ao icônico, por representar elementos culturais reconhecíveis – dunas e cesto indígena, respectivamente – com a necessidade de se associar mais imediatamente ao imaginário cultural local dado o descolamento com o futebol – pela substituição do estádio tradicional, no caso de Natal e pela falta de clubes competitivos em Manaus;

298

3º) Rio de Janeiro e Belo Horizonte

Casos em que os atuais envelopes são as antigas estruturas portantes, não são significativamente alterados porque se faz uso da sua familiaridade e reconhecimento já consolidados – não atendem a clubes específicos, mas são públicos – constituindo, ao final, uma transposição semântica – os elementos de concreto continuam expressivos como plástica, mas essa expressão não é mais referente à “verdade estrutural” modernista do edifício, mas passa a representar somente o atendimento às exigências de preservação como patrimônio histórico;

4º) São Paulo e Curitiba

Praticamente não se configuram envelopes, mas os edifícios atendem a uma composição que os aproxima de edifícios modernos convencionais, pois são projetos desenvolvidos para clubes específicos – o estádio de Curitiba, inclusive, já existe e será pouco alterado – contando com a

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

expectativa dos sócios e torcedores para o ganho de capital cultural futebolístico ao erem seus estádios como sedes de jogos da Copa do Mundo;

5º) Salvador, Fortaleza e Porto Alegre

São enquadrados conjuntamente pelas soluções formais adotadas: os envelopes são utilizados mais para dar unidade compositiva exterior aos volumes do que para representar ou constituir imagens de maior apelo simbólico, pois os dois primeiros são públicos e consagrados pelas torcidas locais – e mesmo sendo um estádio novo, o exemplar de Salvador se remete diretamente ao seu anterior, inclusive mantendo o nome. Fortaleza, de novo, e Porto Alegre apresentam estádios pré-existentes e já consagrados localmente, embora só o segundo tenha um clube agregado;

6º) Brasília e Cuiabá

Também não adotam exatamente o envelope como superfície única, mas se cercam de elementos volumétricos – ou mesmo vivos, como no caso da vegetação de Cuiabá – para ter a unidade plástica do conjunto; embora não tenham tradição clubística, o fato de serem estádios públicos surgidos de adaptações de outros pré-existentes oferecem menos necessidade de um apelo imagético mais direto, sendo preferível associações mais sutis – as colunas de Brasília e o verde de Cuiabá.

299

6.3 O edifício gadget

Combinando todas as constatações anteriores, fica evidente que o estádio de futebol contemporâneo é um tipo concebido para atingir a máxima eficiência arquitetônica – servir como um dispositivo espacial que, precisa e rigidamente, permite a realização de eventos sociais previamente programados – tanto quanto ser um produto altamente convincente quando necessário, ao representar, simbolicamente, anseios e desejos dos agentes que deverão participar desses eventos.

É, assim, algo planejado mais para viabilizar os fluxos de ciclos produtivos do capital financeiro global do que para atender a uma efetiva necessidade local, levantando frequentes contestações

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

até sobre a utilidade do edifício após o evento da Copa em cidade com cultura futebolística mais frágil.

Aspectos de forma são mais apelativos a referências culturais quando falta ao exemplar do tipo uma identificação natural. Em um primeiro momento, a forma, como construtora de imagem, é uma compensação, um artifício amenizador do caráter autoritário que é da natureza das propriedades socioespaciais do tipo (KING, 1998).

Entretanto, em uma segunda análise, a forma é, em verdade, também um elemento desse autoritarismo, uma vez que é intencionalmente utilizada como estratégia de venda/convencimento/imposição de um produto/dispositivo espacial, que não é naturalmente, ou espontaneamente, requerido pela sociedade que virá a recebê-lo.

É verdade que existem as empresas dedicadas à gestão dos edifícios, e que os utilizarão depois do evento. O múltiplo uso, além do futebol, inclusive, é algo previsto desde a concepção dos projetos. Mas o questionamento tem fundamento, pois tanto a estrutura espacial exigida pela FIFA se restringe às suas exigências diretamente ligadas ao evento Copa como alguns recursos utilizados para a produção da forma são também absolutamente pontuais temporalmente.

300

Enquanto que os estádios brasileiros tradicionais, na concepção modernista da expressividade do concreto, prezavam pela permanência do objeto no tempo, sua duração e atemporalidade, os projetos recentes fazendo uso de materiais de fácil instalação e montagem, para seus envelopes e cobertas, mas de difícil manutenção – painéis de vidro e plásticos, cabos, etc. – tendem a ganhar um aspecto mais efêmero. A duração da integridade da forma e da plástica definidas para estarem expressas à época do evento de 2014 não é garantida.

Tal efemeridade – como resposta imediata a uma demanda pontual e urgente – os distingue de obras concebidas para resistir ao tempo e imprimir uma marca forte que se perpetua.

Se as cobertas e os envelopes são modificados, a identidade daquele momento de concepção se perde, permanecendo a estrutura mais monolítica dos elementos do primeiro grau da forma – o núcleo duro do edifício, definido, essencialmente, pelas arquibancadas, longarinas, circulações e demais ambientes que se ajustam sob e entre tais elementos principais – porém todos esses são

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

concebidos sem a preocupação com a sua expressividade, apenas como resultado direto do modelo exigido pela FIFA e de modo diferente da concepção modernista dos estádios tradicionais do país.

Entende-se, portanto, que, no projeto do edifício, o uso e variação dos elementos plásticos da forma sobre a permanência das propriedades do tipo constrói um último do fenômeno da personalização (customização) do objeto construído, que é o apelo último às imagens como validação da importância/relevância do edifício para a sociedade que o consome, inclusive, para satisfazer anseios muito particulares à cultura futebolística de cada lugar.

O tipo estádio, sendo quase imutável nas suas propriedades socioespaciais e exigindo mudanças, muitas vezes profundas, da vida espacial dos seus usuários, só adquire valor social quando se utiliza de outros recursos, para se tornar mais um objeto de desejo do que um lugar. Isso ocorre do mesmo modo que a construção de objetos de consumo globais que são internamente basicamente iguais, mas são diferenciados ou identificados por seus proprietários por aspectos puramente visuais dos seus exteriores – cascas ou apliques – fazendo com que a sua posse seja mais importante do que todas as múltiplas funções “oficiais” e programadas que ele pode desempenhar.

301

Mas o fenômeno da relação entre forma, função e espaço do tipo estádio não é facilmente explicável por caracterizações tipológicas anteriores. Por exemplo, o estádio contemporâneo, como manifestação mais ampla, não se enquadra na proposição de Venturi (1966) – nem é um “pato” nem um galpão decorado. O pato é uma inserção da arquitetura em outro objeto. As especificidades espaciais do estádio e as suas dimensões não comportam esse recurso. Pelo mesmo motivo, o estádio também não é um galpão decorado, pois a precisão programática e espacial é rígida, não é isenta, como a ideia de galpão pressupõe.

Sob outra perspectiva, poderia ser tentador afirmar que o estádio seria a vitória da noção do *bigness*, de Koolhaas(1995). Mas a adaptabilidade da relação entre a estrutura de arquibancadas e compartimentos e a aplicação do envelope é ainda mais complexa do que a simples noção de uma membrana de interface que envolve a série de eventos – ligados ou não ao futebol – que se encaixam no interior da edificação. Os exemplares brasileiros demonstram como a escolha da

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

relação entre os elementos pragmáticos e semânticos do tipo estádio são variáveis e estrategicamente intencionais, ao ponto de se tornarem complementares para a sua viabilização como produto.

Na verdade, o tipo estádio pressupõe ainda mais sobreposições e inter-relações entre semântica e pragmática, caracterizando a sua possibilidade de ser ao mesmo tempo objeto, dispositivo (MARKUS, 1987) e produto (EASTERLING, 2005) e servindo, quando conveniente ou necessário, ao complexo do edifício (SUDJIC, 2005). Ele serve a funções necessárias e desejáveis a certo grupo que o utiliza segundo o seu próprio programa funcional ao mesmo tempo em que se torna um meio de viabilização de um modelo global de economia para outros. Em todos os casos, há pouca, ou nenhuma, ideologia sobre o projeto.

Inevitável, portanto, lembrar o que acontece com outros objetos/bens de consumo contemporâneos. Um primeiro exemplo seriam os mais variados modelos de carros que, mantendo a mesma plataforma mecânica, diferenciam o público-alvo pela alteração das formas de suas carrocerias e seus nomes de fantasia, como também se verificam a alcunhas utilizadas aos estádios para a sua identificação com o seu local.

302

Outro seriam os aparelhos eletrônicos portáteis – telefones celulares ou *tablets* – montados sobre uma tecnologia semelhante, com componentes produzidos por poucas empresas globais que sempre se repetem nas configurações de diferentes fabricantes. Como os estádios multiuso, compartilham entre os vários modelos uma estrutura programática comum – ou, nos eletrônicos, sistemas operacionais e aplicativos bastante genéricos – e concentram inúmeras funções. Os eletrônicos se utilizam de carcaças plásticas com variação de cor ou oferecem uma variada gama de opções de customização da interface visual dos seus sistemas operacionais, assim como os estádios fazem uso dos seus envelopes.

Esses equipamentos multiuso, aparentemente, são vendidos com mais usos do que o necessário até então – sempre se viveu sem eles, ou sempre se viveu sem a sobreposição de tantas funções em um só objeto. E o mercado desenvolve estratégias de convencimento da necessidade da aquisição e posse desse tipo de objeto por meio de todas as mesmas estratégias de construção da cultura do consumo do futebol e dos seus edifícios.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Sobre a produção de aparelhos eletrônicos contemporâneos, dependentes de alta tecnologia distante do domínio do design em si, Deyan Sudjic diz que:

Até que ponto o conhecimento básico das leis da termodinâmica favorecerá o projeto de um produto eletrônico para o consumidor moderno? O que sobra para um designer lidar é superfície, a aparência e as nuances semânticas do significado que nos permitem interpretar e entender o que um objeto está tentando nos dizer sobre si mesmo. (SUDJIC, 2010, p. 34)

Essa noção do elemento que “sobra”, usando expressão semelhante a Neutelings (1999) é comum à arquitetura dos estádios FIFA no que toca ao uso do envelope como recurso expressivo final – lembrando, principalmente, do caso do estádio do Recife, que muda de cor.

Para Baudrillard (1968), esse é um passo para a constituição da paródia tecnológica que seria o *gadget*, como esses objetos são conhecidos popularmente na cultura contemporânea, ou uma engenhoca de inutilidade potencial, mas com um valor combinatório de suas múltiplas funções em um caráter lúdico. O autor diz que,

A máquina foi o emblema da sociedade industrial. O *gadget* constitui o emblema da sociedade pós-industrial. [...] Se se aceitar a definição do objeto de consumo pelo desaparecimento relativo da sua função objetiva (utensílio) em proveito da função de signos, se se admitir que o objeto de consumo se caracteriza por uma espécie de *inutilidade funcional* (o que se consome é inteiramente diferente do ‘útil’), então *a engenhoca revela-se como a verdade do objeto na sociedade de consumo*. (BAUDRILLARD, 2007, p.117). (itálicos originais)

E completa dizendo que tudo pode se transformar em *gadget* e que, ao final, a inutilidade não é completa porque os *gadget* possuem certa utilidade em relação ao prestígio social, confluindo, de novo, com a noção de capital simbólico trazido por Bourdieu (2009) e discutido quando se discutiu o papel do tipo estádio no mercado econômico global.

Por isso que o aspecto superficial é tão importante ao *gadget* e ao tipo edifício global exigido pela FIFA. Se todos que têm condições de possuir um exemplar-objeto efetivamente o possuem, todos têm o mesmo status que ele lhe traz. E a diferenciação para garantir a personalização do objeto termina, enfim, recaindo em outros apostos à sua primeira superfície.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

E se o resultado inicial do design, em termos de superfície, ainda não for suficiente, poderão até mesmo existir complementações. Elas poderão ser de ordem funcional e pragmática, caso seja necessária uma proteção suplementar – como capas e películas de proteção nos *gadgets* e elementos construtivos de alto desempenho nos envelopes dos edifícios. Mas se a pragmática da proteção ainda for genérica a ponto de não garantir a personalização do objeto, também podem ser de ordem simbólica, sobrepondo mais elementos plásticos aos anteriores – existem capas de proteção com cor, com adendos bastante representativos, simulando outros objetos (alguns de apelo *retrô* ou *vintage*), como câmeras, rádios, gravadores, fitas cassete ou mesmo personagens de desenhos animados, quadrinhos e etc. Todas podem ser trocadas quando se desgastarem ou quando assim se desejar – quando mudar a moda ou o símbolo não mais fizer sentido (FIG.174).



Figura 174 – capas (envelopes) para aparelhos de celular (fonte: www.facebook.com)

A necessidade de venda e o uso da imagem a primazia da imagem como antecipação de uma experiência de lugar está relacionada com a condição de hiperrealidade contemporânea. É válido observar, portanto, que essa flexibilidade do tipo estádio FIFA, como se manifesta contemporaneamente, é essencialmente assemelhada ao que se pratica em desenho industrial de *gadgets* e ao seu uso popular – com a personalização transitória por meio de capas, ou envelopes.

Do ponto vista socioespacial, enfim, esse *edifício gadget* é um produto mundial, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente do contexto social pré-existente, pois se pauta

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

por regras de utilização de caráter global. Complementarmente, então, o objetivo da diferenciação imagética que pode lhe ser aplicada é de atrair e favorecer o convencimento de um potencial público consumidor dos serviços ofertados pela instituição, funcionando como um artifício de compensação àqueles modelos de estruturas espaciais padronizados que essas mesmas instituições impõem aos seus clientes ou contratantes.

Como *edifícios gadget*, portanto, os estádios FIFA seriam tanto “produtos espaciais”, conforme Easterling (2005), como “dispositivos de classificação e de poder” segundo Markus (1987; 1993) – tão autoritariamente eficientes (KING, 1998) quanto eram emersos nos séculos XVIII e XIX (FOUCAULT, 1975). E, ao mesmo tempo, a aparente liberdade formal que se expressa em suas superfícies os transforma em objetos de desejo de um público consumidor genérico, criando imagens que, menos do que assinaturas de estilo de autor, são um artifício de compensação de tal autoritarismo e distanciamento globalizado de eventuais exigências mais locais.

Ou seja o edifício institucional complexo global – o *gadget* – para se adaptar ao contexto local em que se instala, não é só icônico, não é só genérico – mas é, em verdade, um produto com finalidades bem específicas voltadas ao consumo de massa a partir da construção de imagens e marcas apelativas visualmente e de uma cultura de ganho de *status* e distinção social advindas da sua posse em escala urbana.

305

6.3.1 Função, espaço e forma do estádio FIFA como edifício gadget: uma síntese e algumas novas questões

Defende-se, assim, que o *gadget* é a analogia que melhor define o tipo estádio FIFA. Tal analogia está, por fim, diretamente associada ao entendimento que se construiu para responder à questão geral sobre o objeto de estudo da tese: como se estabelece a relação entre a forma e a função e o espaço em edifícios complexos contemporâneos.

Em uma assertiva final, como resposta à questão, poderia ser dito que o uso da forma é uma estratégia de validação social do edifício por meio do apelo simbólico quando o exemplar assim o necessita. Argumenta-se, então, que o uso livre e variável da imagem, na concepção destes

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

edifícios, manifesta-se como um dado intrínseco ao próprio tipo, e se deve, sinteticamente, a três motivações principais:

(a) uma ligada ao contexto econômico internacional em que se inserem os grandes eventos desportivos (especialmente os torneios continentais e as copas do mundo de futebol) em que tanto a atividade produtiva da construção de novos edifícios como toda a publicidade envolvida motiva a produção dos novos exemplares.

(b) outra estaria ligada às políticas locais das cidades que recebem os novos edifícios – que se utilizam do apelo simbólico dos edifícios para adquirir representatividade naquele mesmo mercado internacional sem maiores preocupações com a inserção do equipamento no contexto socioeconômico local.

(c) e ainda uma outra, ligado a aspectos intrínsecos à cultura do futebol e à identificação do público torcedor (seja da equipe, seja da seleção nacional) com o palco do esporte.

Entretanto, considerando que o papel da forma está menos relacionado a discursos ideológicos – como se haveria de supor após uma revisão das discussões contemporâneas sobre o caráter expressivo da arquitetura – e muito mais a intenções pragmáticas de um mercado de produção de edifícios muito claras, uma série de considerações e questões podem ser apresentadas e abertas ao final dessa discussão.

306

Apesar dessa pluralidade e heterogeneidade permitida e desejada pela prática contemporânea, edifícios de grande apelo imagético como os novos estádios FIFA escondem uma padronização extrema de outras propriedades da arquitetura. E tal pluralidade – diretamente ligada à condição contemporânea da arquitetura, em que se promove uma plena liberdade expressiva quanto a escolhas formais – faz de cada um deles um exemplar único apenas aparentemente.

O espaço – e o seu uso – deixa de ser plural e heterogêneo e se torna contraditoriamente genérico. Em outras palavras, a distinção e a identidade são superficiais, a reprodução do tipo é que é profunda. Por conta de tais características, deve-se notar, também, que esta postura, aqui identificada, distingue-se de processos de adaptação de discursos, ideologias ou linguagens oriundas de países centrais à produção da arquitetura a realidades locais, como seriam os casos de

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

“regionalismo crítico”, conforme definido por Frampton (2000). É um caso menos de adaptação e transformação e mais de justaposição ou combinatória.

Já as consequências do aporte dos novos estádios às cidades trazem à tona uma discussão quanto ao impacto urbanístico das prováveis novas condições urbanas que serão impostas às subseqüentes.

Se forem considerados mesmo os projetos descolados da tabela de jogos da Copa, como o proposto pelo Sport Club do Recife, por exemplo, uma primeira questão se apresenta: que repercussões uma arena multiuso, dotada não só do campo de jogo, mas toda uma nova oferta de serviços, poderá acarretar à sua zona de inserção? É sabido que grandes investimentos no setor de comércio e serviços, quando centralizados em um “modelo shopping center”, tendem a modificar a dinâmica do pequeno comércio e dos pequenos prestadores de serviços da região. Não tendo condições de oferecer a mesma densidade de concorrência que um equipamento de grande porte oferece, termina por se processar um declínio, com posterior esvaziamento da área. Tal fenômeno, muito comum em áreas centrais – e inclusive já verificado no Centro do Recife após a implantação de alguns outros shopping centers – pode ser agravado pela proximidade que a arena-shopping do Sport tem sobre o bairro do Derby, imediatamente contíguo e complementar ao centro tradicional da cidade.

307

Este fenômeno, inevitavelmente virá atrelado a um outro – o apelo ao mercado imobiliário residencial nas suas proximidades. Tal pressão de mercado tenderá a dar continuidade ao processo de especulação sobre o solo urbano que já acontece na região de beira-rio imediatamente contígua ao terreno da Ilha do Retiro. Considerando que em outras áreas próximas existem, hoje, comunidades de baixa renda, sem serviços de infra-estrutura, pode-se supor que uma substituição tipológica e socioeconômica tende a se desenvolver.

Entretanto, dado o histórico em eventos de tal tipo na cidade, estima-se que se desenvolverá um adensamento rápido e em descompasso com a capacidade infra-estutural instalada, além de um posterior problema de migração intra-urbana não planejada da população de baixa renda original – todo um processo desencadeado pela construção do desejo de consumir um novo estádio.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Quanto ao futebol em si, afinal, a reflexão crítica se desenvolve de modo ainda mais instigante. A ligação entre o brasileiro torcedor o seu estádio tradicional comparava-se à sensação de entrar e sair de casa. O campo de jogo e sua relação com a estrutura físico-espacial circundante – as arquibancadas, vestiários, cadeiras – era particular a cada equipe e, principalmente, a cada torcida.

Estas usavam as arquibancadas do estádio como um baluarte, destinado a defender princípios e características que ele entendia como partes suas. Menos do que o culto a uma imagem ou uma relação mimética com os edifícios – os estádios brasileiros nunca foram, em termos gerais, objetos de contemplação – o que se manifestava era a catarse, a identificação pela imersão no ambiente particular do lugar.

Além de tudo, eram os clubes donos dos estádios que sabiam como melhor utilizá-los – onde se posicionar para insultar ou ovacionar um ou outro, para aparecer melhor na foto ou na imagem da televisão ou para que o técnico do seu time tivesse mais probabilidades de escutar os seus apelos, conselhos ou ralhás. Além da técnica do futebol, existia a pressão psicológica que impelia à superação e oprimia o adversário.

308

Mas, o futebol no Brasil, agora, será consumido como um espetáculo confortável e seguro, e não mais como catarse espontânea. Estádios novos são concebidos para um futebol que se vende, e não para um futebol que se vivencia. As estruturas de espaços dos novos estádios serão tão genéricas quanto aeroportos internacionais, para que jogadores e equipes técnicas entrem e saiam de todos eles sem sentirem nenhum estranhamento de um para outro – assim como torcedores da casa ou torcedores de fora também não sentirão. O mais importante não serão mais os resultados das partidas, mas como elas dinamizarão investimentos e venderão produtos.

Para os torcedores que agora assistem no local, por mais próximo que fiquem do campo de jogo, a relação entre eles e o jogador é menos interativa e mais contemplativa, ressaltando um culto às personalidades do futebol. Os lugares são marcados e não se pode circular à vontade entre as arquibancadas. Daqui por diante, ir a uma partida de futebol será um espetáculo formalmente ordenado, seguindo um ritual que tende a se tornar padrão, seja para um time de Manaus ou de Kiev.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Em verdade, sabe-se de alguns projetos de novos estádios que, apesar de seguirem as determinações da FIFA ligadas a conforto e segurança, procuram se voltar, também, para as especificidades dos clubes ou dos contextos locais. As próprias arena do Corinthians Paulista, em Itaquera, São Paulo, e a Arena do Pantanal, de Cuiabá, destinadas inicialmente à Copa de 2014, tem a previsão de reduzir a sua quantidade de arquibancadas após a competição, ajustando-se à realidade dos clubes – no caso do Corinthians – e da cidade – no caso de Cuiabá.

Há o caso, também, de estádios brasileiros que já seguem o padrão FIFA mesmo sem virem a ser utilizados na Copa de 2014. O edifício recém-inaugurado pelo Grêmio Portoalegrense, por exemplo, permitiu a remoção das cadeiras de um dos seus setores de arquibancadas para que a sua torcida organizada possa realizar um movimento orquestrado coletivo conhecido por “avalanche”, que a diferencia das demais do país.

Entretanto, sendo uma manifestação oriunda nas arquibancadas tradicionais do seu antigo estádio, em que a inclinação era menor, a concessão termina por se tornar mais perigosa do que em seu princípio, já que agora, atendendo às exigências de inclinação para a ideal visibilidade a velocidade dos torcedores na descida dos degraus termina sendo bem maior.

309

Na partida realizada no dia 30 de janeiro de 2012, na realização da “avalanche”, a grade que separa as arquibancadas do fosso de contorno do campo de jogo cedeu e fez com que sete torcedores caíssem e se ferissem seriamente (FIG. 176). Em contrapartida, o clube se compromete em instalar barras anti-esmagamento, numa nítida tentativa de se manter fiel às solicitações da torcida – solução não acatada pelos órgãos governamentais responsáveis pela segurança: o Corpo de Bombeiros e a Conmenbol exigem o fim da permissão e a instalação de cadeiras, como seria o previsto, o que reduziria a capacidade do setor em quatro mil pessoas.

O que se entenderia de imediato, então, é que o estádio contemporâneo no padrão FIFA realmente dificulta o uso não planejado do espaço em termos de movimentação – a manifestação dos torcedores é prevista como sendo estática, sob o risco dos recursos de conforto e segurança se tornarem ainda mais perigosos do que no estádio tradicional – pois nele já se tinha consolidado um padrão de uso e de movimento baseado na experiência da sua permissividade natural.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Outro fenômeno curioso foi percebido logo na inauguração do estádio Mineirão, em Belo Horizonte, com o clássico local disputado entre Cruzeiro e Atlético Mineiro. Os torcedores, exaltados pela disputa clubística e incomodados com o calor – provavelmente amplificado pelo fechamento total das laterais do edifício e pela nova cobertura – colocaram-se, em sua maioria, de pé, renegando o conforto das cadeiras, mesmo quando obrigados a se manterem fixos em seus postos numerados. Neste caso, o público ainda não aceitou as regras sociais e as estruturas espaciais impostas, resultando em algumas subversões na previsão de uso – do texto-modelo prescritivo do tipo (FIG. 175).



Figura 175 – torcida do Cruzeiro na inauguração do novo estádio Mineirão (fonte: www.cruzeiro.com.br)



Figura 176 – Guarda-corpo quebrado pela torcida na Arena do Grêmio (fonte: www.esporte.uol.com.br)

310

Questiona-se, enfim, o que se poderá esperar quando houver a quebra definitiva do *habitus* especializado brasileiro e os clubes não tiverem condições de compensar a perda tecnicamente, nos resultados dentro do campo.

Há de se considerar, de fato, que, talvez, em centros de futebol com alto capital simbólico e econômico – como Porto Alegre, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo – será possível que o sucesso dos clubes venha a compensar as perdas e adaptações necessárias ao modo de se frequentar os espaços do futebol.

Mas, como se dará em cidades como o Recife ou Belém do Pará – onde o desempenho do futebol nos rankings nacional ou internacional é menos importante do que os laços locais com a cultura de ir aos estádios próprios – e exclusivos – de cada clube? No momento em que tais laços

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

– muito dependentes do espaço, passam a ser rompidos – como se viabilizará a identificação do público com o clube se, durante o jogo, tudo se torna agora muito mais distante?

E como será construída, efetivamente, a identificação dos torcedores dos times tradicionais dessas cidades com os seus novos estádios se o futebol neles apresentado não tiver a capacidade de se vender tão eficazmente quanto os envelopes dos seus *gadgets*?

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

IDENTIFICAÇÃO DE LIMITES E POSSÍVEIS AMPLIAÇÕES

A analogia dos estádios de futebol FIFA contemporâneos aos *gadgets*, por fim, foi a resposta encontrada para atender ao interesse central da tese, que era de realizar um estudo sobre a relação entre função, espaço e forma em edifícios complexos contemporâneos, com o objetivo de caracterizar, especificamente, qual o papel desempenhado por aquela última – tida como componente de maior grau de liberdade na atual produção de arquitetura – para a constituição de tipos edilícios que eram previamente definidos por suas propriedades socioespaciais.

E, uma vez que, para se estudar a produção de arquitetura contemporânea, foi exigido um recorte preciso – dada a extensão do universo de análise – era pertinentemente possível escolher um tipo edilício particular que se apresentasse como relevante e eficiente para a discussão. Por seu destaque no cenário mundial contemporâneo, foi utilizado como estudo de caso, enfim, o tipo estádio de futebol, representado pelos exemplares mais recentes voltados a competições internacionais oficiais da FIFA, ou seja, regidos pelas mesmas regras de funcionamento e produção independentemente das fronteiras geopolíticas entre países e cidades. Particularmente, os doze edifícios propostos para uma competição ainda por se realizar – a Copa do Mundo de Futebol de 2014, no Brasil – foram escolhidos como universo para a análise proposta.

Contudo, antes de se proceder à abordagem dos exemplares, era preciso compreender o que se entendia por arquitetura contemporânea e como ela se manifestava – principalmente no que se referia à expressão formal, dado o interesse da pesquisa. Do mesmo modo, foi preciso estabelecer qual a concepção de tipo edilício que serviria ao estudo e como ela funcionaria enquanto base analítica. Para tanto, os dois capítulos iniciais da tese – 2 e 3 – trataram da revisão da bibliografia e da situação dos referenciais teórico-metodológicos que seriam utilizados para abordar os exemplares.

Uma vez delimitada a concepção de arquitetura contemporânea e de tipo edilício, pôde-se discutir a relação entre os dois sobre o caso escolhido – os estádios FIFA, representados pelos casos brasileiros para 2014. A caracterização do tipo socioespacialmente, como fenômeno de natureza

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

global, foi realizada no Capítulo 4, recorrendo-se a estudos na sociologia do futebol e nas noções de *habitus* e distinção social – além de dados conhecidos da cultura do futebol como fenômeno global em si.

Já as particularidades da cultura do futebol no Brasil – usando-se como exemplo o caso sintomático da Cidade do Recife – e os aspectos da forma, na sua relação com os dados de função e espaço, foram desenvolvidos e compreendidos no Capítulo 5, ao descrever e analisar aqueles exemplares escolhidos um a um e em conjunto.

De tal abordagem, chegou-se a duas conclusões:

(a) a noção de tipo com uma base socioespacial era, de fato, a mais adequada, pois o modelo global da FIFA é evidentemente determinante de todos os novos projetos, de modo que não requereria descrições de suas propriedades configuracionais individualmente, ou seja, conhecendo-se o modelo FIFA, conhece-se o tipo socioespacial, que se manifesta quase como um modelo em todos os projetos de modo rígido, apesar das variações dimensionais entre eles;

(b) a variação nas propriedades formais dos edifícios é nítida e constante, sendo essa variação um dado constituinte do próprio tipo, contemporaneamente. De tal modo, as descrições e análises baseadas em elementos próprios ao tipo – como geometria da planta, cobertura, envelope, acessos e construção de imagens – atenderam de modo sensível às peculiaridades do estudo, permitindo, ainda, entender plenamente a manifestação da propriedade forma como sempre se pretendia, além de aproximar a abordagem a uma linguagem diretamente ligada à arquitetura.

Conhecido o objeto segundo os critérios propostos, o Capítulo 6 tratou das conclusões sobre as informações apresentadas anteriormente, que avaliadas à luz de várias discussões sobre a relação da sociedade contemporânea com o capital simbólico e o consumo levaram à construção do argumento central da tese: de que a produção de edifícios institucionais complexos contemporâneos tende ao estabelecimento de exemplares concebidos como grandes *gadgets* – um processo que se dá, em síntese, pela rígida reprodução de uma estrutura espacial que, pretensamente, atende a exigências de uso genéricas e globais, enquanto que, por outro lado, formalmente, constituem-se linguagens plásticas de alta variação, cujo compromisso é menos

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

ideológico e muito mais pragmático, pois é sobre elas que recaem as expectativas de construção da identidade local do edifício e sua comunicação com o seu público-alvo consumidor.

Defendeu-se, por fim, que os estádios estudados são exemplos de uma produção de arquitetura que busca a máxima eficiência – enquanto dispositivo concebido para viabilizar eventos – e não a especulação formal como exploração artística. E mais, que a tal eficiência é menos importante para o evento isoladamente do que a sua inserção como componente de uma cadeia mundial de eventos que viabilizam uma instituição global – mesmo que tal viabilização não esteja em acordo com uma cultura mais tradicional do futebol.

Agora, já posta tal revisão dos passos que levaram à conclusão da tese, algumas considerações podem ser apresentadas, de modo a situar o estudo em um cenário mais abrangente, com o reconhecimento de algumas limitações e lançamento de possibilidades de ampliações futuras.

Considera-se que o material de análise utilizado foi suficiente para que proposta fosse alcançada. Porém, é verdade que alguns pontos de interesse surgem no desenvolvimento do trabalho e não podem ser discutidos ou atendidos, dada a limitação própria a um estudo dessa natureza. Uma análise aprofundada das estruturas espaciais de cada um dos doze exemplares seria certamente desejável – embora restrições ao acesso ao material gráfico técnico tenham impedido tal ação.

Paralelamente, teria sido enriquecedor à pesquisa se pudesse ter se realizado, com a mesma profundidade sugerida acima, análises das estruturas espaciais de mais exemplares de estádios tradicionais brasileiros ainda em uso, bem como de uma descrição extensiva de suas vidas espaciais - ou mesmo se se dispusesse de material etnográfico detalhado sobre o comportamento dos torcedores brasileiros em seus campos de jogo. Dada a necessidade de se ater ao escopo mais limitado do trabalho para o atendimento ao seu prazo de conclusão, tais complementações não foram realizadas ou incorporadas, ficando em aberto para futuras incursões.

Também um maior aprofundamento em aspectos da tecnologia aplicada para a execução dos edifícios seria de importância e interesse. Mas, pelos mesmos motivos expostos acima, compreende-se que será uma ampliação a ser realizada posteriormente, quando todos os novos edifícios já estiverem construídos. Do mesmo modo, avaliações sobre o funcionamento efetivo

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

dos exemplares depois de executados e uma possível comparação com o que ocorre em outros países surgem como uma perspectiva plenamente válida, embora não coubesse no escopo deste trabalho, inclusive, por questões de ordem temporal – até a sua conclusão, apenas dois edifícios já se encontram em uso, em Belo Horizonte e Fortaleza.

Sabe-se, inclusive, de alguns estudos sobre a relação entre os edifícios dos estádios da Copa de 2014 e o contexto urbano brasileiro – alguns foram referências para esta tese. Dada a complexidade do tema, certamente também deverá ser um caminho a ser aprofundado e enriquecido com as contribuições pretendidas pela construção da ideia do estádio como *edifício gadget*.

Ainda cabe uma ressalva ao conteúdo apresentado: o cenário brasileiro foi caracterizado por projetos realizados por parcerias entre escritórios internacionais especializados e firmas locais que permitiram a interface com questões legais específicas do país e das subsedes. Nenhum deles apresenta a grife de um dos arquitetos-autores ou de algum dos arquitetos-estrela que, por várias vezes, são citados no trabalho (e especialmente no Capítulo 2).

315

Tal fato é explicável. Mais do que fruto de teorias – concepções efetivamente montadas em um sistema de ideias articuladas e pautadas em deduções e construções lógicas ou em argumentos baseados em estatísticas suportadas pelas evidências – as concepções de como se deve, ou se pode, fazer a arquitetura dos estádios FIFA, hoje, têm uma forte base no mercado da construção civil internacional e do fornecimento de materiais a ele relacionado.

O mercado é aquele mesmo discutido ainda no Capítulo 2, que traz uma série de limitações aos autores, tanto de ordem programática, como espacial, como técnica, aproximando os dois mundos. A falta de oportunidade de invenção técnica e programas e plantas já previamente consagrados leva os autores à construção de uma prática de sobrevivência – a defesa de que arquitetura é essencialmente imagem, e que a construção dessas imagens sobre o esqueleto pragmático e técnico dos edifícios é o território que sobra para o desenvolvimento de qualquer propriedade que possa vir a ser associada a algum “talento” do seu autor.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

É um modo de se produzir arquitetura que rompe com a sequência tradicional da escolha da tecnologia como condicionante de um partido arquitetônico, ou do partido que é determinado por um discurso ideológico onde espaço e expressão formal e plástica procuram se fundir em busca da coerência autoral. Na ausência de uma ideologia, as soluções formais se justificam por uma intenção de venda e se viabilizam por tecnologias muitas vezes novas, mas sempre se enquadram, na verdade, em fluxos socioeconômicos globais, muito mais amplos. Enfim, constituem-se novos resultados – objetos, edifícios – a partir do estabelecimento de um processo de escala mundial.

Também é preciso reconhecer que o tipo escolhido reúne características particulares que favorecem especialmente a análise tal como proposta e a construção da argumentação que se desenvolveu. O fato de servir a uma prática muito popular globalmente – o futebol – potencializa a busca pelo apelo imagético, e, realmente, a existência de uma corporação global tão abrangente quanto a FIFA – que impõe a padronização socioespacial – é uma condição muito peculiar – se não única, pois se trata de uma instituição com mais filiados que as Nações Unidas.

Mas é necessário que se observe que uma série de fatores típicos da contemporaneidade influencia essa condição própria aos estádios FIFA, mesmo que de modo não tão abrangente em termos de distribuição territorial no mundo. Esses fatores também regulam outras instituições e seus edifícios – voltados à viabilização de grandes empreendimentos oriundos de investimentos muitas vezes maiores do que se costumava ter décadas atrás.

Aeroportos, shopping centers, cinemas, museus, indústrias e firmas especializadas, lojas multinacionais, hospitais e grandes equipamentos desportivos e demais edifícios que lidam com hábitos, tecnologias e marcas internacionais são exemplos de programas que tendem, também, à internacionalização. E, quanto mais globalizados são os programas de uso dos edifícios, menos variantes são os seus sistemas espaciais. Modelos de programação de interações sociais complexos — levam a configurações de espaços mais restritivos. Uma vez que para programas de alta complexidade, pautados por normas e padrões internacionais de segurança ou de identificação de marca e produto, geradores de edifícios e hábitos de utilização desses edifícios cada vez mais homogeneizados, a tendência é que se tenha a consolidação de estruturas espaciais cada vez mais generalizadas e mais rígidas ao redor do mundo. As superfícies, os envelopes,

O edifício *gadget*

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

portanto, são o recurso último de construção de imagens individualizadas a uma série de outros programas – e de tipos – para além do estádio FIFA.

Por tal enquadramento, então, defende-se que o se observa de *gadget* no tipo “estádio de futebol FIFA” é um fenômeno representativo de uma tendência cada vez mais evidente na própria produção contemporânea de edifícios institucionais complexos. Cabe, então, propor a ampliação de tal concepção para a produção contemporânea de arquitetura de natureza semelhante – a noção de *edifício gadget* pode ser mais abrangente em suas conclusões e ir além do tipo em si, passando-se a discutir a própria produção da arquitetura contemporânea.

Todas essas concepções, somadas às anteriores, formam a base para que a arquitetura contemporânea de edifícios complexos de caráter corporativo ou institucional atraiam escritórios que se especializam na produção de *edifícios gadget*, sem maiores pretensões de contribuição para revisões, inovações ou revoluções nos discursos que poderiam justificar as suas práticas.

Ainda, o que não fica imediatamente às vistas é que tal produção de arquitetura é tão complexa quanto as obras das grandes estrelas internacionais do ponto de vista programático e tecnológico – e tão multifacetada plasticamente quanto as suas tendências de expressão formal. Na verdade, responde a uma linha de produção de arquitetura, de caráter global-mundial bastante peculiar.

Paradoxalmente a tal tendência generalizante, as companhias internacionais contemporâneas, muitas vezes, para se viabilizarem, diversificam suas ofertas de serviços e produtos, associam imagens de astros de cinema ou dos esportes e se confundem com as suas próprias marcas publicitárias – de modo que o design gráfico, como produção imagética fundamental à publicidade e à venda no mercado global contemporâneo, termina por influenciar sobremaneira a arquitetura, na sua necessidade de representar e vender um discurso.

Essas restrições, por vezes, parecem afastar os escritórios tidos como “de vanguarda”, que, historicamente, procuram se ocupar de projetos para concursos ou atender a convites que honrem as suas características exclusivas.

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Mas sabe-se que a crise da economia internacional, deflagrada em 2008, afetou sobremaneira as escolhas de atuação de mercado dos grandes escritórios internacionais de modo geral. Então, o que acontece quando arquitetos-estrela assumem a prática de produzir *edifícios gadget*? Poderia se afirmar que se constrói uma teorização das leis impostas pelo mercado de projetos institucionais para justificar a sua utilização como estratégia de construção de suas assinaturas autorais?

Alguns estádios contemporâneos, inclusive, são alvos recentes de projetos de arquitetos-estrela, como o estádio de Kaohsiung, em Taiwan (dotado de um revestimento de painéis solares) (FIG. 177), projeto de Toyo Ito – último vencedor do prêmio Pritzker, até a presente data, 2013 – assim como a proposta destinada ao novo estádio do FC Barcelona, na Espanha, com projeto do escritório de Norman Foster (e inspiração nos mosaicos de Gaudí) (FIG. 178) e o estádio nacional de Tóquio, com projeto vencido em concurso internacional por Zaha Hadid (superando tanto escritórios especializados em estádios, como Populous como outros arquitetos-estrela, como o SANAA) (FIG. 179).

Os três estádios demonstram que, por vezes, o tema é também do interesse dos grandes escritórios internacionais mais ligados ao desenvolvimento de uma assinatura de autor e ao domínio daquelas tecnologias e daqueles processos de produção tão exclusivos discutidos ainda no Capítulo 2.

318



Figura 177 – estádio de Kaohsiung, em Taiwan, Toyo Ito, 2009 (disponível em <www.escapeintolife.com>)



Figura 178 – projeto para o novo estádio Camp Nou, do FC Barcelona, Foster + Partners, 2007 (disponível em <<http://abduzeedo.com/>>)



Figura 179– projeto do novo Estádio Nacional de Tóquio, Zaha Hadid Architects, 2012 (disponível em <<http://funguidetofootballculture.com/>>)

O edifício gadget

*Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais
O caso dos estádios de futebol*

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Entretanto, há de se destacar que se tratam de casos incomuns, convites especiais (no caso do projeto de Foster, têm-se um dos mais bem sucedidos clubes do século XXI, portanto, uma marca associada muito forte) ou concursos de grande envergadura para capitais mundiais. E é verdade que o projeto de Ito demonstra certa intenção de trabalhar com variações formais mesmo nas estruturas de arquibancadas (lembrando as soluções dos estádios de inspiração modernista em concreto aparente).

Mas, os outros dois casos, assim como nos casos dos exemplares projetados por Herzog & De Meuron (Allianz Arena e o Ninho de Pássaro), a assinatura formal e o domínio tecnológico dos arquitetos se manifesta, basicamente, naquele mesmo conjunto de envelope e coberta, como verificado nos demais estádio FIFA analisados até aqui. Ou seja, o princípio do *gadget* ainda se mantém, mesmo diante da abordagem dos grandes autores.

Em última análise, seria como ter um aparelho celular cuja capa protetora fosse assinada por um designer de renome internacional, ou mesmo que fosse personalizada por algum artista ou estilista em tecido ou metais e pedras preciosas – garantindo ainda mais distinção superficial ao seu proprietário, embora o dispositivo, em si, fosse tão banal como tantos outros.

319

De tal modo, é verdade que o mercado de arquitetos especializados nos tipos globais, à parte desses escritórios de uma suposta vanguarda contemporânea, consolida uma prática de arquitetura que seria menos artística – na concepção clássica do termo – do que se esperaria ao se deparar com qualquer discurso autoral hoje vigente. Mas, se os edifícios são observados objetivamente, a partir de uma comparação dessa postura com os resultados obtidos por escritórios de arquitetos-estrela, notam-se resultados de morfologia essencialmente equiparáveis.

O que se conclui é que, mesmo que por outros motivos, todos parecem ter chegado à mesma estratégia projetiva, ainda que alguns o tenham feito sem ter necessitado do lançamento de manifestos ou de pesquisas mais aprofundadas.

Sendo assim, propõe-se que a produção contemporânea da arquitetura de edifícios complexos institucionais é amplamente caracterizável por uma motivação social de tendência globalizante, que se aplica em paralelo ao apelo à construção de identidades imagéticas ligadas a

O edifício gadget

Da relação entre função, espaço e forma em tipos arquitetônicos contemporâneos globais

O caso dos estádios de futebol

Cristiano Felipe Borba do Nascimento

particularidades locais, mesmo que com sensível interesse publicitário – culminando, enfim, com a consolidação de tipos edilícios que adquirem identidade apenas superficialmente.

Ou, ainda, pode-se afirmar que as livres e plurais formas da arquitetura contemporânea de edifícios complexos globais não são um dado suficiente para constituir novos tipos propriamente ditos. Em verdade, a grande variação superficial é, ela própria, um componente que está sempre disponível à aplicação quando parecer necessária ao projetista, ou é, afinal, uma postura que perpassa tipos e tipologias. Uma vez que se estabelece como uma resposta projetiva muitas vezes inevitável, passa a ser prática intrínseca a um modo contemporâneo de se compreender a arquitetura de exemplares institucionais – ou de se aceitar a derrota dos ideais e da personalidade do arquiteto perante os ciclos do capital financeiro global.

REFERÊNCIAS

- AAZAM, Ziad. The social logic of the mosque: a study in building typology. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6TH, 2007, Istanbul. **Proceedings**, Istanbul: ITU, 2007. 058.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In: _____. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.
- ALEXANDER, Christopher et al. **A pattern language: towns, building, construction**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALVES, Givanildo. **85 anos de bola rolando**: Federação Pernambucana de Futebol 1915-1999. Recife: Bagaço, 2000.
- ALVES, Givanildo. **História do Futebol em Pernambuco**. Recife: Bagaço, 1998.
- AMORIM, Luiz Manuel do Eirado. **The sectors' paradigm**: a study of the spatial and functional nature of modernist housing in Northeast Brazil. Tese. (PhD em Advanced architectural studies) – Faculty of the Built Environment, The Bartlett School of Graduate Studies, University College London, Londres, 1999.
- ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura na era digital-financeira**: desenho, canteiro e renda da forma. São Paulo: Editora 34, 2012.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Progetto e destino**. Milano: Il Saggiatore, 1965.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Storia dell'arte come storia della città**. Roma: Editori Riuniti, 1983.
- BAFNA, Sonit; SHAH, Sudha. The evolution of orthogonality in built space: an argument from space syntax. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 6th, 2007, Istanbul. **Proceedings**, Istanbul: ITU, 2007. 054.
- BAFNA, Sonit; et al. The Analysis of Visual Functioning in Buildings. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM 7th, 2009, Stockholm. **Proceedings**. Stockholm: KTH, 2009.
- BALE, John. **Sport, space and the city**. London: Routledge, 1993.
- BANHAM, Reyner. **Theory design in the first machine age**. Westport: Praeger, 1960.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília**: rumos da arquitetura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil**: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **Le système des objets**. Paris: Éditions Gallimard, 1968.

BAUDRILLARD, Jean. **La société de consommation**, ses mythes, ses structures. Paris: Éditions Denöel, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. **A l'ombre des majorités silencieuses on la fin du social**; l'extase du socialisme. Paris: Éditions Denöel/Gonthier, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Antropos - Relógio D'água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998a.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1998b.

BENEVOLO, Leonardo. **O último capítulo da arquitetura moderna**. Lisboa; São Paulo: Edições 70, 2009.

BERMAN, Marshall. **All that is solid melts into air** - the experience of modernity. New York: Simon & Schuster, 1982.

BIENNALE DI VENEZIA. **Biennale architettura 2012** - common ground 29.08 - 25.11 Venezia. Mestre: Marsilio Editori, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du judgement. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. **Le pouvoir symbolique**. Paris: Éditions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção** - crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRANDÃO, Zeca; MORIEL, Luís; FREIRE, Vera. Copa. In: BRANDÃO, Zeca. (Org.) **Núcleo técnico de operações urbanas**: estudos 2007-2010. Recife: CEPE, 2012. p. 139-167.

BURE, Gilles de. **Talk about contemporary architecture**. Paris: Flammarion, 2010.

CAI, Hui; ZIMRING, Craig. Out of sight, out of reach: correlating spatial metrics of nurse station typology with nurses' communication and co-awareness in an intensive care unit. INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM 8th, 2012, Santiago de Chile. **Proceedings**. Santiago de Chile: PUC, 2012. PAPER REF # 8039

CANIGGIA, G.; MAFFEI, G. **Composizione architettonica e tipologia edilizia**. v. 1: II Lettura dell'edilizia di base. Venezia: Marsilio, 1979.

CARL, Peter. Type, field, culture, praxis. **Architectural Design** - Typological Urbanism, London, n. 209, p. 38-45, jan.-fev. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CATALDI, G.; MAFFEI, G. L.; VACCARO, P. **Urban Morphology**. Saverio Muratori and the Italian school of planning typology. Birmingham, v. 6, n. 1, p. 3-14, 2002.

CBF – Confederação Brasileira de Futebol. **Competições**. Disponível em <<http://www.cbf.com.br/competicoes>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

CBF - Confederação Brasileira de Futebol. **Ranking nacional de clubes temporada 2013**. Disponível em <<http://www.cbf.com.br/Not%C3%ADcias/Todas/2013/01/11/Ranking%20Nacional%20de%20Clubes>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

CENIQUEL, M. **A Prática arquitetônica como forma de elaboração de uma crítica arquitetônica**: o estudo operacional de uma metateoria. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

COLQUHOUN, Alan. Typology and design method. In: JENCKS, Charles; BAIRD, George. (Eds.). **Meaning in Architecture**. London: Barrie e Jenkins, 1977. p. 266-277

COLQUHOUN, Alan. **Modernity and the classical tradition**. Cambridge: The MIT Press, 1989.

COLQUHOUN, Alan. **Modernidade e tradição clássica**: ensaios sobre arquitetura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. **Campeonato pernambucano 1915 a 1970**. Recife: 2001. Mimeo.

CURI, Martin. A Copa do Mundo 2014 como torneio de valor globalizado. **Coletiva**, Recife, n. 8, abr/maio/jun 2012. Disponível em: <http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=101&Itemid=76>. Acesso em: 20 fev. 2012.

CURL, J. S. **Classical architecture**: an introduction to its vocabulary and essentials, with a selected glossary of terms. New York/London: W. W. Norton e Company, 2003.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. São Paulo: Bookman Companhia Editora, 2008.

DAMO, Arlei, Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothchild Editores, 2007.

DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte**: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Edusp-Odysseus, 2010.

DE LA CORTE, C. **Estádios Brasileiros**: Os desafios para 2014 e o Legado da Copa. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009.

DE MASI, Domenico. **Ozio creativo**: conversazione con Maria Serena Palieri. Roma: Ediesse, 1995. v. 1.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DURAND, J.-N.-L. **Précis des leçons d'architecture données à l'école polytechnique**. Paris: Chez l'Auteur, 1802.

DURAND, J.-N.-L. **Précis of the lectures on architecture**. Los Angeles: Texts e Documents – The Getty Research Institute Publications Program, 2000.

DURSUN, Pelin. Space syntax in architectural design. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM 6th, 2007, Istanbul. **Proceedings**. Istanbul: ITU, 2007. 056

EASTERLING, Keller. **Enduring innocence**: global architecture and its political masquerades. Cambridge/London: The MIT Press, 2005.

ECO, Umberto. **Trattato di semiotica generale**. Milano: Bompiani, 1975.

EISENMAN, Peter; et al. **Five architects**: Eisenman, Graves, Gwathmey, Hejduk, Meier. New York: Oxford University Press USA, 1975.

EISENMAN, Peter. O fim do clássico: o fim do começo, o fim do fim. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006a. p. 233-252.

EISENMAN, Peter. Visões que se desdobram: a arquitetura na era da mídia eletrônica. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006b. p. 600-608.

EISENMAN, Peter. Em terror firma: na trilha dos grotextos. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006c. p. 612-617.

ELIAS, Norbert; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola**: alguns aspectos da globalização no futebol. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERREIRA, J. F.. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FIFA. **Football Stadiums** - Technical recommendations and requirements. Zurich: Fédération Internationale de Football Association, 2007.

FIFA. **Football Stadiums** - Technical recommendations and requirements. Zurich: Fédération Internationale de Football Association, 2011.

FLEGG, H. G. **From geometry to topology**. Mineola: Dover Publications, 2001.

FORTY, A. **Words and buildings**: a vocabulary of modern architecture. New York: Thames and Hudson, 2000.

FORTY, Adrian. **Objects of desire**: design and society since 1750. Dumfriesshire: Cameron Books, 1986.

FOUCAULT, Michel . **Surveiller et punir**: naissance de la prison. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

FRAMPTON, Kenneth. **Studies in tectonic culture**: the poetics of construction in nineteenth and twentieth century architecture. Cambridge/London: The MIT Press, 1995.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GARCÍA, Mark (Ed.). **The diagrams of architecture**. AD Reader. West Sussex: John Wiley & Sons, 2010.

GEHRY, Frank. In: **Sketches of Frank Gehry**. Direção, Fotografia e Produção Executiva: Sidney Pollack; Produção e Fotografia: Ultan Guilfoyle; Edição: Karen Schmeer. São Paulo: Imagem Filmes, 2005. 1 DVD.

GELERTER, Mark. **Sources of architectural form**: critical history of Western design theory. Manchester: Manchester University Press, 1995.

GERAINT, J.; SHEARD, R.; VICKERY, B. **Stadia**: a design and development guide. London: Architectural Press- Elsevier, 2007.

GHIRARDO, Diane. **Architecture after modernism**. New York: Thames and Hudson, 1996.

GHIRARDO, Diane. A arquitetura da fraude. 1984 In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006. P. 416-422.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIEDION, Sigfried. **Space, time and architecture**. Massachusetss: Harvard University Press, 1969.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **Glocalization, globalization and migration**: the case of Scottish football supporters in North America. *International Sociology* Mar 2006 v. 21, n. 2. London: 2006. p. 171–198.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GREGOTTI, Vitorio. **Território da arquitetura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Perspectiva, 1975.

GRIZ, Cristiana Maria Sobral. **Poder, hierarquia e controle**: o espaço da justiça em Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

GUEIROS, Fábio; ARAGÃO, Lenivaldo (Org.). Paixão traduzida em cores. **Diário de Pernambuco**, Recife, 2009: Suplemento Especial em 20 fascículos.

HANSON, Julianne. **Decoding homes and houses**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Anablume, 2005.

HEITOR, T.; DUARTE, J. P.; PINTO, R. M. Combinig grammars and Space Syntax: Formulating, evaluating, and generating designs. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 4th, 2003, London. **Proceedings** London: UCL, 2003.

HENSEL, Michael. Type? What type? Further reflections on the extended threshold. In: **Architectural Design** - Typological Urbanism, London, n. 209, p. 56-65, jan.-fev. 2011.

HERBERT, Daniel M. **Architectural Study Drawings**. West Sussex: John Wiley and Sons, 1993. p. 67.

HERNÁNDEZ, Felipe. **Beyond modernist masters**: contemporary architecture in Latin America. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser, 2010.

HILLIER, Bill.; HANSON, Julianne. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill.; HANSON, Julianne et al. Ideas are in things: an application of the space syntax method to discovering house genotypes. **Environment and Planning B: Planning and Design**, London, v. 14, n. 4, p. 385-393, 1987.

HILLIER, Bill. The architecture of the urban object. **Ekistics London**, n. 334-335, p. 5-21, jan./abr. 1989.

HILLIER, Bill.; PENN, Allan. Visible Colleges: structure and randomness in the place of discovery. **Science in Context**, London, v.: 4, n. 1, p. 23-49, 1991.

HILLIER, Bill. et al. Natural movement: or configuration and attraction in urban pedestrian movement. In: **Environment and planning: Planning and Design**, London, v. 20, n.1, p. 29-66, 1993.

HILLIER, Bill. **Space is the machine: a configurational theory of architecture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HILLIER, Bill. A theory of the city as object: or how spatial laws mediate the social construction of urban space. **Urban Design International**, v. 7, n. 3-4, p. 153-179, 2002.

HOLANDA, Frederico de. Arquitetura sociológica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 115-129, maio 2007.

HOLANDA, Frederico. **Espaço de exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

HORNBY, Nick. **Fever Pitch**. London: Penguin Books, 1992.

IBOPE. **IBOPE Opinião**: pesquisa de opinião pública sobre torcidas. Brasil. OPP231. [s. l. : s. n.], 2003.

JACQUES, Paola Berenstein . Breve histórico da Internacional Situacionista: IS. **Vitruvius**. Arqtextos, São Paulo, 035.05, ano 03, abr 2003. Disponível em: <<http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/03.035/696>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

JENCKS, Charles; KOOLHAAS, Rem. Radical post-modernism and content: debate the issue. Entrevista transcrita por Eva Branscome, 2009. **Architectural Design**. Radical post-modernism, London,. p. 32-45, Sep./oct., 2011.

JENCKS, Charles. **Iconic building**. London: Frances Lincoln, 2005.

JENCKS, Charles. **The language of post-modern architecture**. New York: Rizzoli, 1977.

JENCKS, Charles. **The story of post-modernism**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2011.

JENCKS, Charles; FAT (Ed.) Radical post-modernism. **Architectural Design**, London, no 213, Sep./oct., 2011.

JOHNSON, Paul-Allan. **The theory of architecture: concepts, themes e practices.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1994.

JOLY, Martine. **Introduction à l'analyse de l'image.** Paris: Éditions Nathan, 1994.

KALTENBACH, Frank. "...Our Stadiums Are Perceptual Mechanisms Between Spectators and the Playing Field" Discussion with Herzog & De Meuron. **Detail** - Zeitschrift für Architektur und Baudetail «Konzept Stadiums». München, p. 900-906, sep. 2005.

KING, Anthony. **The end of terraces** - the transformation of English football in the 1990's. London: Leicester University Press, 1998.

KING, Anthony. **The european ritual** - football in the new Europe. Aldershot: Ashgate, 2003.

KOOLHAAS, Rem. **Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan.** London: Academy Editons, 1978.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. **S, M, L, XL.** New York: Monacelli Press, 1995.

KOOLHAAS, Rem; OBRIST, Hans Ulrich. **Project Japan** - metabolism talks... Köln: OMA/AMO - Taschen, 2011.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna** - novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

KUPER, Simon; SZYMANSKI, Stefan. **Soccernomics.** New York: Nation Books, 2009.

LANCEPRESS Cinco maiores torcidas do Brasil representam 47% do total. **Lance!net**, 20 mar 2012. Disponível em < http://www.lancenet.com.br/minuto/maiores-torcidas-Brasil-representam-total_0_667133350.html> Acesso em 20 fev. 2013.

LARSON, Magali. **Behind the postmodern facade: architectural change in late twentieth-century America.** Berkeley: University of California Press, 1993.

LATHOURI, Marina. The city as a Project: types, typical objects and typologies. **Architectural Design** - Typological Urbanism. London, n. 209, p. 24-31, jan./fev, 2011.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** São Paulo: Editora 34, 2011.

LAVIN, Sylvia. **Quatremère de Quincy and the invention of a modern language of architecture.** Cambridge; London: The MIT Press, 1992.

LEACH, Neil. Swarm Tectonics: a manifesto for an emergent architecture In: LEACH, Neil; TURNBULL, David; Williams, Chris (Ed.), **Digital Tectonics.** London: Wiley, 2004. p. 70-77.

LEACH, Neil. Digital Morphogenesis **Architectural Design: Theoretical Meltdown.** London: v. 79, n. 1, Jan./Feb. 2009.

LE CORBUSIER, **Vers une architecture**. Paris: Editions G. Crès et Cie, 1923.

LOUREIRO, Claudia. **Classe, controle, encontro**: o espaço escolar. 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MAAS, Winy; RIJS, Jacob van. **FARMAX**: excursions on density. Rotterdam: 010 Publishers, 1998.

MALHANO, C. E. S. M. B.; MALHANO, H. B. **Memória social dos esportes**: São Januário – arquitetura e história. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2002.

MARCH, Lionel. **Architectonics of humanism**: essays on number in architecture. West Sussex: Academy Editions, 1998.

MARKUS, Thomas. A. **Buildings and power**: freedom e control in the origin of modern building types. London: Routledge, 1993.

MARKUS, Thomas. Buildings as classifying devices. **Environment and Planning B: Planning and Design**, London, n. 14, p. 467-484, 1987.

MARKUS, Thomas.; CAMERON, D. **The words between the spaces** – buildings and language. London; New York: Routledge, Architect Series, 2002.

MARZOT, N. The Study of urban form in Italy. **Urban Morphology**, Birmingham, v. 6 n. 2, p. 59-72, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**. UERJ. Rio de Janeiro: N°. 19-20, p. 61-70, jan./dez, 2005.

MASCARENHAS, Gilmar. Futebol, globalização e identidade local no Brasil. In: ENCUESTRO DEPORTE Y CIENCIAS SOCIALES, BUENOS AIRES, 4, 2002, **Ponencias**. Buenos Aires, 2002.

MASCARENHAS, Gilmar; BIENESTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Org.). **O jogo continua**: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: Edurej, 2011.

MCDONOUGH, William. Projeto, ecologia, ética e a produção das coisas. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosas Naify, 2006. p. 428-438.

MCNEILL, Donald. **The global architect**: firms, fame and urban form. New York: Routledge, 2009.

MITCHELL, William J. **A lógica da arquitetura**. Campinas: Unicamp, 2008.

MONEO, Rafael. **Theoretical anxiety and design strategies in the work of eight contemporary architects**. Cambridge; London: The MIT Press, 2004.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**: arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001a.

MONTANER, Josep Maria. **A modernidade superada**: arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2001b.

MOUDON, A. V. Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. **Urban Morphology**, Birmingham, v. 1, p. 3-10, 1997.

MOURA, G. de A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

MURATORI, Saverio. **Studi per una operante storia urbana di Venezia**. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato, stampa 1960.

NASCIMENTO, Cristiano Felipe Borba do. **Até os limites do tipo**: emergência, adequação e permanência das propriedades sócio-espaciais dos edifícios de re-formação. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**: antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NETO, Milton. Pedalando na chuva. **Timblog do alvirrubro do Recife**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/pe-torcedor-nautico/2008/06/15/pedalando-na-chuva/>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

NEUTELINGS, W. Jan. On laziness, recycling, sculptural mathematics and ingenuity. **El Croquis**, Madrid, n. 94, p. 6-11, 1999.

NIXDORF, Stefan. The Composition of Stadiums: between multifunctionality and reduction. **Detail - Zeitschrift für Architektur und Baudetail Konzept Stadiums**, München, p. 916 – 925, sep. 2005.

OAKESHOTT, Michael. Sobre a história. In: _____. **Sobre a história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 43-190.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. **Formes urbaines**: de l'îlot à la barre. Marseille: Ed. Parenthèses, 1997.

PEPONIS, John. The spatial culture of factories. **Human Relations**, London, v.38, n.4, p.357 – 390, 1985.

PEVSNER, Nikolaus. **A history of building types**. Princeton: Thames and Hudson, 1997.

PEVSNER, Nikolaus. **Origens da arquitetura moderna e do design**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da arte e da arquitetura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

PORTO FILHO, Gentil Alfredo Magalhães Duque. Além da linguagem, além do objeto: ordem e experimentação na metodologia projetual de Rem Koolhaas. PROJETAR 2005 – SEMINÁRIO SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA, 2, 2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, 2005. pag. 64-65.

PORTO FILHO, Gentil Alfredo Magalhães Duque. O diagrama e a matemática da arquitetura. **Parc**: Pesquisa em Arquitetura e Construção. out. 2006. Disponível em: <http://www.fec.unicamp.br/~parc>. Acesso em: 20 fev. 2013.

PORTOGHESI, Paolo. **Depois da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PORTOGHESI, Paolo. **Dopo l'architettura moderna**. Roma - Bari: Laterza & Figli Spa, 1981.

QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoin.Christostôme. Type. In: _____. **Dictionnaire historique d'architecture**. Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et C.ie, 1832, Tomo II. p. 629.

RATTON, José Luiz; MORAIS, Jorge Ventura de. Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das ciências sociais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, p. 8-10, jan./jun. 2011.

RECIFE, Prefeitura. **Atlas de Desenvolvimento Humano da Cidade do Recife**. Recife, 2005.

REN, Xuefei. **Building Globalization**: Transnational Architecture Production in China. Chicago: University of Chicago Press 2011.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROSSI, Aldo. **L'architettura della città**. Padova: Marsilio, 1966.

ROWE, C. **Maneirismo y arquitectura moderna y otros ensayos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RYKWERT, J. **A casa de Adão no paraíso**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RYKWERT, J. **A sedução do lugar**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SABBAG, Haifa Y. Técnica como espetáculo. **AU: Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, ano 13, n. 78, p. 36 -43, jun./jul. 1998.

SCOLARI, Massimo. L'impegno tipologico. **Casabella**, Milano, n.: 509-510, p. 42-45, jan./fev. 1985.

SEGAWA, Hugo. **Arquitectura Latinoamericana Contemporánea**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900 - 1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SHEARD, R. **The stadium**: the architecture for the new global culture. Singapore: Periplus, 2005.

SILVA, Robson Canuto da. **Urbanismo paramétrico**: parametrizando urbanidade. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SINAENCO – Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva. **Cidades sede** – Portal 2014. Disponível em < <http://www.copa2014.org.br/> > Acesso em: 15 maio 2010.

SOBREIRA, Fabiano. Arquitetura e Sustentabilidade: os riscos da onda verde: reflexões sobre a retórica ambiental nos concursos de arquitetura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS, 19, 2010, Recife. **Anais**. Recife: IAB, 2010.

SOUZA, Fábio Augusto Pera de. **Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros**. Dissertação (Mestrado. Programa de pós-graduação em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2004.

STEADMAN, Philip. **Architectural morphology**. London: Pion Ltd., 1983.

STEADMAN, Philip. Sketch for an archetypal building. **Environment and planning B: planning and design**, London, p. 92-105, 1998. (Anniversary Issue)

STEADMAN, Philip. How day-lighting constrains access. In: INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 4th, 2003, London. **Proceedings**. London: UCL, 2003. 05.01 0518

STEADMAN, Philip. The Contradictions of Jeremy Bentham's Panopticon Penitentiary. **Journal of Bentham Studies**, London, n. 9, p. 1-31 , 2007.

STEADMAN, Philip. **The evolution of designs**: biological analogy in architecture and the applied arts. London: Routledge, 2008.

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado**: fundamentos principais da distinção arquitetônica. Brasília: Editora UnB, 2003.

STINY, G.; GIPS, J. Shape Grammars and the Generative Specification of Painting and Sculpture. **Information Processing**, Amsterdam, n. 71, p. 1460-1465, 1972.

STRAPPA, G. **Unità dell'organismo architettonico**. Bari: Dedalo, 1995.

SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

SUDJIC, Deyan. **The edifice complex** - the Architecture of power. London: Penguin books, 2005.

SZACKA, Léa-Chaterine. Historicism versus communication: the basic debate of the 1980 Biennale. **Architectural Design: Radical post-modernism**. London, profile 213, p. 98-105, Sep./Oct., 2011.

SZUCS, A.; MOREAU, S.; ALLARD, F. Spectators' aerothermal comfort assessment method in stadia. **Building and Environment**, v. 42, Issue 6, p. 2227-2240, June 2007.

THOMPSON, P.; TOLLOCZKO, J. J. A.; CLARKE, J. N. (Ed.) **Stadia, arenas & grandstands: design, construction and operation**. New York: Routledge, 2005.

TSCHUMI, B. Vectors and Envelops. In: **The State of Architecture at the Beginning of the 21st Century**. New York: Bernard Tschumi + Irene Cheng; The Monacelli Press - Columbia Books of Architecture, 2003. p. 64-65.

TURNER, Alasdair.; PENN, Allan. Depthmap: a program to perform visibility graph analysis. INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 3rd, 2001, Atlanta. **Proceedings**. Atlanta: GeorgiaTech, 2001.

TURNER, Alasdair.; PENN, Allan. Making isovists syntactic: isovist integration analysis. INTERNATIONAL SPACE SYNTAX SYMPOSIUM, 2ND, 1999, Brasília. **Proceedings**. Brasília, UnB, 1999.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VENTURI, Robert. **Complexity and contradiction in architecture**. New York: Museum of Modern Art, 1966.

VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Seteven. **Learning from Las Vegas**. Cambridge: The MIT Press, 1977.

VIDLER, Anthony. Architecture's expanded field: finding inspiration in jellyfish and geopolitics, architects today are working within radically new frames of reference. **Artforum International Magazine**, New York, p. 142-147, April 2004.

VIDLER, Anthony. Diagrams of diagrams - architectural abstraction and modern representation. Representations. In: GARCÍA, Mark (Ed.). **The diagrams of architecture**. AD Reader. West Sussex: John Wiley & Sons, 2010.p . 54-63.

VIDLER, Anthony. Uma teoria sobre o estranhamente familiar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** - antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosas Naify, 2006. p. 619-622.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.

ZARZAR, Karina. Reusig architectural precedents in evolutionary design. In: EAAE ARCC CONFERENCE, 2nd, 2000, Paris. **Proceedings**. Paris: 2000.

ZARZAR, Karina. **Use & adaptation of precedents in architectural design**: toward an evolutionary design model. Delft: Delft University Press, 2003a.

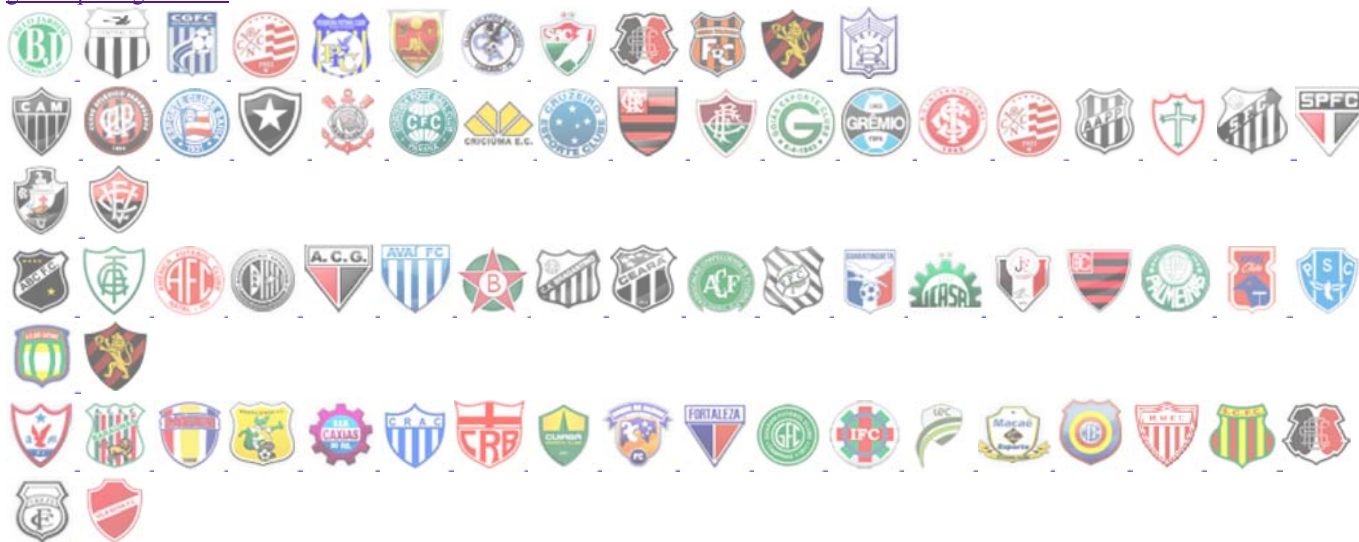
ZARZAR, Karina. Breaking the Type. GA, 2003, Milano. **Procedures**. Milano: 2003b.

ZARZAR, Karina. Design Precedents and Identity. GA, 2004, Milano. **Procedures**. Milano: 2004.

ZEVI, Bruno. **Saper vedere l'architettura**: saggio sull'interpretazione spaziale dell'architettura. Torino: Giulio Einaudi editori, 1948.

ZIMRING, C.; PEATROSS, D. Cultural aspects of workplace organization and space. In: MOORE, G. T.; MARANS, R. W. (Ed.) **Advances in environment, behavior and design**: towards the integration of theory, methods, research and utilization, v. 4. New York: Plenum Press, 1997.

ANEXOS

globoesporte.globo.com

[PE](#)

- [PE](#)
- [Série A](#)
- [Série B](#)
- [Série C](#)

17/12/2012 13h59 - Atualizado em 17/12/2012 14h01

Arena PE terá revestimento que permite personalização da fachada

Material utilizado no moderno estádio pernambucano possibilitará a mudança de cor da arena como acontece na Allianz Arena, na Alemanha

Por GLOBOESPORTE.COM Recife

Recomendar 1,1 mil
 Tweter 138

652 comentários



Os três times de PE têm vermelho e a cor será usada na arena (Foto: Divulgação)

A Arena Pernambuco quer fazer bonito dentro e fora de campo. O moderno estádio, construído na cidade de São Lourenço da Mata, a 19 km do Recife, terá uma fachada diferente dos outros estádios que abrigarão a Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo em 2014 no Brasil. A arena será a única no Brasil a usar um revestimento de ETFE (Etileno Tetrafluoretileno) combinado com LED, que permitirá a mudança de cor de acordo com a operação.

Com o revestimento personalizado, a Arena Pernambuco poderá mudar a cor da fachada de acordo com os clubes mandantes dos jogos ou com temas de outros eventos já que o estádio é multiuso e também irá abrigar shows musicais no futuro. A instalação dos materiais da fachada terá início no próximo ano.

saiba mais

- [Balanço das obras de todas as arenas](#)

[Página especial da Copa das Confederações](#)

[Em janeiro, começa licitação para a Copa das Confederações em PE](#)

O material do revestimento foi alterado para atender ao plano de antecipação da obra para a Copa das Confederações. A mudança traz uma leve adaptação na perspectiva original da arena, que teria um fechamento de vidro. Pelo novo projeto, a volumetria passa a ser mais arredondada, semelhante a uma almofada, e adota um contorno ainda mais arredondado.

O estádio fechou novembro com 77% da edificação pronta, num avanço forçado pelo Plano de Antecipação. De acordo com o consórcio que realiza a obra, a ação foi resultado da necessidade exercida pelo Comitê Organizador para sediar a evento teste da Copa do Mundo de 2014. A expectativa é que as obras alcancem 85% de conclusão até o final deste ano.

A Arena Pernambuco sediará três jogos da Copa das Confederações, que será realizada em junho de 2013: Espanha e Uruguai, Japão e Itália, além de Uruguai e Taiti. Já para a Copa do Mundo, cinco partidas estão agendadas, sendo quatro da primeira fase e uma das oitavas de finais. Depois do Mundial, o Náutico passa a mandar seus jogos na Arena Pernambuco.



Além de jogos, Arena Pernambuco receberá shows musicais (Foto: Divulgação/Odebrecht Infraestrutura)

publicidade

- 
- 
- 
- 
- 

• Link

Seu nome

Seu e-mail

- Sport (Leão, Rubro-negro) (link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/sport)

06 de Novembro de 2012•22h40 • atualizado às 22h42

Arena Pernambuco poderá ganhar cores de Sport, Santa Cruz e do Náutico



Estrutura no estádio poderá mudar de cor de acordo com equipe que joga no local

Foto: Divulgação

0

Tweetar

0

Curtir

Eduardo Amorim

Direto de Recife

Presidente da Sociedade de Propósito Específico Arena Pernambuco, Marcos Lessa confirmou nesta terça-feira uma mudança no projeto do estádio, que deve ser inaugurado no próximo dia 14 de abril. A arena terá na sua parte externa estruturas em ETFE, membranas em formato de almofadas que serão usadas nos revestimentos laterais do estádio, idênticas às usadas na Allianz Arena, do Bayer de Munique. A fachada da Arena Pernambuco, inclusive, vai poder trocar suas cores, acompanhando sempre às do time anfitrião.

» Tatu, gaúcho e cachorrinho; veja evolução dos mascotes das Copas (link:terra.com.br http://esportes.terra.com.br/futebol/copa/2014/fotos/0,,OI222942-EI18776,00-Tatu+gaúcho+e+cachorrinho+veja+evolucao+dos+mascotes+das+Copas.html)

O material já começou a chegar a Pernambuco, em sete contêineres enviados pela empresa alemã Vector Foiltec. Marcos Lessa fez questão de ressaltar também que as cadeiras serão vermelhas, cor que está presente nos padrões dos três grandes clubes pernambucanos: Sport, Santa Cruz e Náutico.

O Náutico é o único que já aceitou as condições e tem contrato para utilizar o estádio em São Lourenço da Mata a partir do segundo semestre de 2013. O presidente da SPE também já adiantou que o Náutico irá poder disponibilizar para seus jogos na Arena Pernambuco 15 mil ingressos através do programa Todos com a Nota, pelo qual os torcedores trocam notas fiscais por ingressos e o Governo do Estado arca com as despesas pagando um valor previamente combinado com a Federação e os clubes.

Em audiência pública na Assembléia Legislativa, Marcos Lessa fez questão de afirmar que ainda espera contar com os outros dois grandes times recifenses e até mesmo com a possibilidade de alguma outra equipe de menor porte também levar suas partidas para São Lourenço da Mata.



Qual
estádio
brasileiro
ficará
mais
bonito?

<

- 20 de fevereiro de 2013
- 17 de janeiro de 2013
- 13 de março de 2012
- 15 de outubro de 2012
- 15 de outubro de 2012
- 2 de outubro de 2012
- 2 de outubro de 2012
- 13 de setembro de 2012
- 13 de setembro de 2012

>

- Veja a festa nas arquibancadas pelo Brasil em 2013 (link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/sport/veja-a-festa-nas-arquibancadas-pelo-brasil-em-2013,00b738ec8b22d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html)
- Flu assume liderança, e Palmeiras despenca no ranking da CBF (link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/sport/flu-assume-lideranca-e-palmeiras-despenca-no-ranking-da-cbf,f1ab0f5c5debb310VgnVCM3000009acce0aRCRD.html)
- Náutico vence clássico e rebaixa rival Sport nos Afritos (link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/sport/nautico-vence-classico-e-rebaixa-rival-sport-nos-afritos,97ca004a49d5b310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html)



Talvez você também curta



Romário vê CBF nas mãos de "quadrilha" e pede prisão de Marin
361 pessoas curtiram isso.



Jornal: Neymar recusa renovação com Santos e quer Barcelona

Conecte-se e compartilhe



><

20 de fevereiro de 2013: Construtora responsável anuncia conclusão das arquibancadas da Arena Pernambuco, que encerra o mês com 90,10% das obras concluídas

Foto: Rafael Bandeira / Divulgação

Brisa Comunicação e Arte – Especial para o Terra

Comentar

1



Tweeter



Curtir

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

Links relacionados

- Aldo Rebelo e Felipão lançam nova edição do Programa Segundo Tempo ([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/aldo-rebelo-e-felipao-lancam-nova-edicao-do-programa-segundo-tempo,b03816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/aldo-rebelo-e-felipao-lancam-nova-edicao-do-programa-segundo-tempo,b03816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))
- Arena Pernambuco deve ultrapassar Maracanã no percentual da obra ([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/arena-pernambuco-deve-ultrapassar-maracana-no-percentual-da-obra,613816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/arena-pernambuco-deve-ultrapassar-maracana-no-percentual-da-obra,613816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))
- Arena Fonte Nova chega a 80% de conclusão da obra ([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/arena-fonte-nova-chega-a-80-de-conclusao-da-obra,813816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/arena-fonte-nova-chega-a-80-de-conclusao-da-obra,813816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))
- Arena Corinthians: obra em Itaquera chega a 55% de conclusão ([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/corinthians/arena-corinthians-obra-em-itaquera-chega-a-55-de-conclusao,3c18bed62c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/corinthians/arena-corinthians-obra-em-itaquera-chega-a-55-de-conclusao,3c18bed62c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))
- Anticorrupção, indenizações e ruas fechadas: veja contrato entre Fifa e sedes ([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/anticorrupcao-indenizacoes-e-ruas-fechadas-veja-contrato-entre-fifa-e-sedes,843816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/anticorrupcao-indenizacoes-e-ruas-fechadas-veja-contrato-entre-fifa-e-sedes,843816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))



([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/com-f-santos-e-arouca-mano-convoca-selecao-para-amistoso,3b0816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/com-f-santos-e-arouca-mano-convoca-selecao-para-amistoso,3b0816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html)) **Galeria: Com F. Santos e Arouca, Mano convoca Seleção para amistoso**
([link:terra.com.brhttp://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/com-f-santos-e-arouca-mano-convoca-selecao-para-amistoso,3b0816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html](http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/com-f-santos-e-arouca-mano-convoca-selecao-para-amistoso,3b0816b19c6fa310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html))

